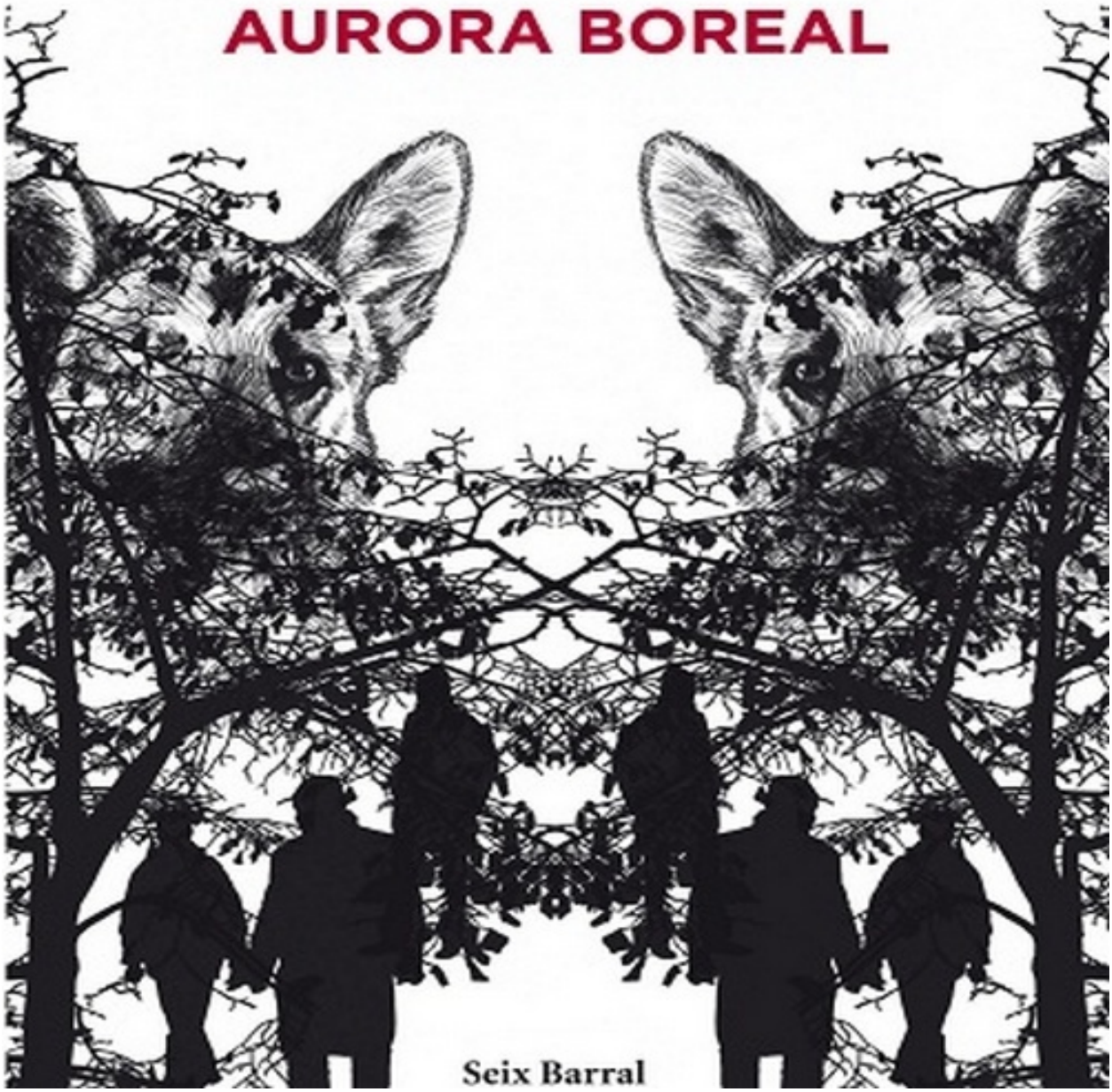
ÅSA LARSSON

AURORA BOREAL



Seix Barral

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

TÍTULO

ASA LARSSON

AURORA BOREAL

(Solstorm - 2003)

Advogada Rebecka Martinsson #01

Prêmio da Associação de Escritores Suecos de Novelas Policiais em 2003 para a melhor primeira obra.
Pluma de Plata da Feira do Livro de Bilbao 2010.

Cresce como uma árvore
atrás da minha testa
com folhas vermelhas, deslumbrantes folhas, azuis, brancas!
Uma árvore
que ainda treme no vento.

E vou derrubar
a sua casa, e não
será alienígena,
nem sequer
humano.

Como uma árvore que de dentro
rompe para fora
e arrebenta

o crânio.

E brilha como um farol no bosque
dentro da escuridão.
GÖRAN SONNEVI

* * *

ÍNDICE

Capa
Título
Índice
A Autora
Série
Resumo
Entardecer e Amanhecer: Primeiro Dia
Segunda-feira, 17 de Fevereiro
Entardecer e Amanhecer: Segundo Dia
Terça-feira, 18 de Fevereiro
Entardecer e Amanhecer: Terceiro Dia
Quarta-feira, 19 de Fevereiro
Entardecer e Amanhecer: Quarto Dia
Quinta-feira, 20 de Fevereiro
Entardecer e Amanhecer: Quinto Dia
Sexta-feira, 21 de Fevereiro
Entardecer e Amanhecer: Sexto Dia
Sábado, 22 de Fevereiro
Entardecer e Amanhecer: Sétimo Dia

* * *

A AUTORA

ÅSA ELENA LARSSON nasceu em Uppsala, no dia 28 de junho de 1966. É uma escritora sueca de novela policial, criadora da advogada Rebecka Martinsson, protagonista de suas obras. Ainda que tenha nascido em Uppsala, foi educada em Kiruna e atualmente vive em Mariefred. Estudou Direito na Universidade de Uppsala e exerceu a sua profissão no campo das leis tributárias antes de se dedicar a escrever.

Confessa ter descoberto como era pobre a sua vida durante a licença maternal: "Procurava a diversão dentro da minha cabeça", explicou em Bilbao, adicionando que se encontrou na literatura, tanto como leitora quanto como escritora. A protagonista de suas histórias, Rebecka Martinsson, também estudou leis em Uppsala, e as histórias transcorrem no povoado minero de Kiruna, próximo do Círculo Polar Ártico. Foi educada num movimento luterano conservador, e acredita que seu afã para escrever novela policial vem de suas leituras infantis da Bíblia, que afirma, "está cheia de historias violentas". Seu pai, bibliotecário e de ideais comunistas, foi quem a guiou para a literatura.

Em 2007 o diretor sueco Leif Lindblom filmou Aurora Boreal, a primeira novela de Larsson, que tinha sido publicada quatro anos antes.

* * *

LIVROS DA SÉRIE ADVOGADA REBECKA MARTINSSON

1. *2003; Solstorm; Sun Storm;*
2. *2004; Det blod som spillts; The Blood Spilt;*
3. *2006; Svart stig; The Black Path;*
4. *2008; Till dess din vrede upphör; Until Thy Wrath be Past;*
5. *2009; Guds starka arm;*
6. *2011; Till offer åt Molok;*

* * *

RESUMO

ESTE THRILLER começa com a morte do pastor Viktor, cujo corpo é encontrado no altar de sua igreja, desencadeando um enigma com requintes sobrenaturais que vai prender o leitor do começo ao fim do livro. Rebecka Martinsson, uma sobrecarregada advogada de um escritório de advocacia em Estocolmo, oriunda da remota Kiruna, extremo norte da Suécia, onde tivera envolvimento com uma igreja fundamentalista. Agora, o carismático líder dessa igreja foi morto, brutalmente assassinado. Depois de receber uma ligação da irmã da vítima, Sana, Rebecka imediatamente retorna à Kiruna para ajudá-la. Ao chegar, ela descobre que Sana será detida pelo assassinato e Rebecka se descobre tentando provar a sua inocência enquanto toma conta de suas duas filhas. O livro envolve questões espinhosas como religião, política e a ganância humana numa trama cheia de surpresas e cenas fortes.

* * *

Entardecer e Amanhecer: Primeiro Dia

QUANDO VIKTOR STRANDGÅRD morreu, na realidade não foi a primeira vez que aconteceu. Está deitado de costas na igreja da Fonte de Nossa Fortaleza e olha para cima através dos enormes janelões do teto. É como se não existisse nada entre ele e o escuro céu de inverno. "Não se pode estar mais próximo", pensa. Quando o levam até a igreja que fica em uma montanha no fim do mundo, "o céu está tão próximo que quase se pode tocá-lo se esticar a mão".

A aurora boreal se retorce como um dragão através da noite. As estrelas e os planetas precisam se render ao grande milagre de luz resplandecente que, sem pressa, abre passagem pela abóboda celeste. Viktor Strandgård segue o caminho com o olhar. "Me pergunto se a aurora boreal pode cantar", pensa. "Como uma baleia solitária canta sob o mar".

E, como se seu pensamento a alcançasse, a aurora boreal para um segundo. Interrompe a sua interminável viajem. Observa Viktor Strandgård com seus olhos frios de inverno. Porque, ali deitado, é belo como um ícone. O sangue escuro parece uma auréola ao redor de seu cabelo longo, ruivo. Já não sente as pernas. Estão dormentes. Não sente dor. Curiosamente, ali deitado pensa em sua primeira morte e olha dentro do olho do dragão. Naquela vez estava de bicicleta. Era entre o inverno e a primavera. Descia a longa encosta entre a interseção da Adolf Hedin e Hjalmar Lundbohm. Contente e cheio de fé, com a guitarra às costas. Lembra que a roda da bicicleta escorregou sobre o gelo quando, desesperado, tentou frear. Que viu vindo pela direita à mulher do Fiat Uno vermelho. Que se olharam um ao outro. Os dois entenderam o que ia acontecer, e então aconteceu. Foi como um tobogã de gelo até a morte.

Com essa imagem na retina morre Viktor Strandgård pela segunda vez em sua vida. Os passos se aproximam, mas ele não escuta. Seus olhos não precisam ver de novo a faca brilhante. Como um capacho, seu corpo continua deitado sobre o solo da igreja; é esfaqueado mais uma e outra vez. E o dragão recomeça impassível, o seu caminho através da abóboda celeste.

* * *

Segunda-feira, 17 de Fevereiro

REBECKA MARTINSSON acordou com a respiração alterada quando a inquietação percorreu o seu corpo. Abriu os olhos na escuridão. Justo no espaço entre o sono e a realidade, teve a forte sensação de que havia alguém no aposento. Ficou quieta, deitada, escutando, mas a única coisa que podia ouvir era o som de seu próprio coração, que batia no peito como uma lebre assustada. Procurou o despertador na mesinha-de-cabeceira e encontrou o pequeno botão que o iluminava. Quinze para as quatro. Deitara-se há quatro horas e era a segunda vez que acordava. "É o trabalho", pensou. "Trabalho muito. Por isso, de noite, a cabeça gira como a barulhenta roda de um hamster". Doía a cabeça e a nuca. Com certeza estivera apertando as mandíbulas enquanto dormia. O melhor era se levantar. Tirou o edredom de cima e foi até a cozinha. Os pés encontraram o caminho sem acender a luz. Ligou a cafeteira e o rádio. A conhecida sintonia que indicava o final da programação se repetia uma e outra vez, como uma monótona chamada à oração enquanto o café aprontava e ela tomava banho.

O longo cabelo teria que se secar sozinho. Bebeu o café enquanto se vestia. No fim de semana passara a roupa e a colocara no armário. Hoje era segunda-feira. No cabide da segunda-feira pendia uma blusa cor de osso e um traje de casaco azul marinho de Marela. Cheirou as meias do dia anterior. Serviam. Na altura dos calcanhares estava um pouco desfiada, mas se esticasse e dobrasse não se notaria. Não poderia retirar os sapatos durante o dia, mas não importava. Uma pessoa cuida da roupa interior e das meias se tem motivos para acreditar que alguém vai vê-la tirar a roupa. Atualmente, a sua roupa interior já havia sido lavada muitas vezes e tinha uma cor acinzentada.

* * *

Uma hora mais tarde, estava sentada no escritório, ante o computador. O texto fluía como uma torrente desde a sua cabeça até os dedos, que voavam sobre o teclado. O trabalho acalmava a sua cabeça. O mal-estar da manhã desaparecera. "É curioso", pensou. Não paro de me queixar com os meus colegas, os outros advogados jovens, de que o trabalho me faz sentir infeliz. Mas sinto paz quando trabalho. Quase alegria. É quando não trabalho que me aparece a intranquilidade.

* * *

A luz da rua entrava penosamente através dos vidros quadrados da janela. Podia se ouvir um que outro automóvel, mas dentro de pouco começaria o surdo troar do trânsito. Rebecka se ajeitou em sua cadeira e apertou a tecla de imprimir. No corredor escuro a impressora despertou e se encarregou da primeira ordem do dia. A porta da recepção se voltou a abrir. Ela suspirou e olhou o relógio. Dez para as seis. Acabara o sossego. Não podia ouvir quem havia chegado. O carpete do corredor amortecia os passos, mas ao fim de um momento a porta de sua sala se abriu.

— Atrapalho?

Era Maria Taube. Havia aberto a porta com o quadril enquanto equilibrava uma xícara de café em cada mão. Tinha o escrito o nome de Rebecka sob o braço direito. As duas mulheres trabalhavam como advogadas recém-formadas em direito fiscal na firma de advogados Meijer & Ditzinger. Os escritórios ficavam no último andar de um bonito edifício de finais do século XIX, na Rua Birger Jarl. Ao longo do corredor se viam tapetes persas bastante antigos, sofás e cadeiras de pele velha e agradável. Tudo transpirava experiência, influência, competência e dinheiro. Era um escritório que satisfazia aos clientes com uma perfeita mescla de segurança e atenção.

— Quando morrermos nós estaremos tão cansadas que desejaremos que não exista outra vida depois desta, disse Maria colocando uma xícara de café sobre a mesa de Rebecka. — Claro que não me refiro a você, Maggie Thatcher. A que horas chegou? Se é que foi para casa, claro.

As duas ficaram trabalhando no escritório domingo até tarde. Maria foi

a primeira em ir para casa.

— Acabo de chegar, mentiu Rebecka, apanhando o trabalho impresso que Maria oferecia. Maria afundou na cadeira das visitas, retirou com um chute seus caríssimos sapatos de pele, recolheu as pernas no assento e se sentou sobre seus pés.

— Que tempo! Exclamou.

Rebecka olhou surpresa através da janela. Uma chuva fria caía sobre os janelões. Não havia notado antes. Não se recordava se chovia quando fora para o trabalho. O fato era que não se lembrava se fora andando ou de metrô. Seu olhar ficou fixo, como que hipnotizada, sobre a água que tamborilava e caía ao longo dos vidros. "Inverno de Estocolmo", pensou. "Não é difícil perder o sentido das coisas quando se está ao ar livre. Na minha terra é diferente. Com o constante anoitecer azul do inverno e o ranger da neve. No principio da primavera, quando ia esquiando pelo rio desde a casa da avó em Kurravaara até a cabana em Jiekajärvi, fazia uma parada no caminho e se sentava no primeiro pedaço de terra que aparecia entre a neve, debaixo de um pinheiro. A casca da árvore brilhava como o cobre ao sol. A neve suspirava de cansaço quando se desfazia no calor. E na mochila, café, laranjas e um pedaço de pão". A voz de Maria a trouxe de volta. Sua mente queria encerrar a interrupção e se deixar levar, mas se esforçou e encontrou as interrogadoras sobrancelhas de sua colega.

— Ei! Perguntei se queria ouvir as notícias.

— Claro que sim. Rebecka se inclinou para trás na cadeira e esticou o braço para ligar o rádio que estava no parapeito.

"Meu Deus, está mais magra que um assovio", pensou Maria observando a caixa torácica de sua colega que sobressaía na camisa; as costelas marcadas como se fossem ripas da quilha de um barco. Rebecka aumentou o volume do rádio e as duas mulheres ficaram com as xícaras na mão e as cabeças abaixadas como se estivessem rezando. Maria piscou. Tinha os olhos cansados. Hoje devia acabar o recurso do caso Stenman para o tribunal provincial. Måns a mataria se pedisse mais tempo. Sentiu que o estômago queimava. "Acabou-se o café até depois de almoçar".

“Aqui alguém fica sentado como uma princesa em uma torre, dias e noites, tardes e festas, neste encantador escritório com suas malditas tradições, que poderiam ir para o lixo, o mesmo para os sócios que atravessam a sua blusa com o olhar, enquanto a vida simplesmente passa lá fora. Não sei se é para começar a chorar ou para fazer uma revolução. Depois, a única coisa para que alguém serve é ir para casa ver a televisão e ficar como um tronco diante da tela”. São seis horas e o rádio está sintonizado n’O Eco Matinal.

“Um conhecido dirigente religioso, de trinta anos de idade, foi encontrado assassinado esta manhã na igreja da Fonte de Nossa Fortaleza de Kiruna. A polícia, entretanto, não quis falar sobre o assassinato, mas ao longo da manhã comentou que ninguém foi detido como suspeito e que tampouco foi localizada a arma assassina… Segundo um novo estudo, cada vez mais municípios deixam de lado as suas obrigações derivadas da Lei de Dependência…”. Rebecka girou a cadeira com tanto ímpeto que bateu com a mão no parapeito da janela. Desligou o rádio de golpe, salpicando de café o joelho.

— Viktor! Exclamou. — Não pode ser outro. Maria a olhava surpresa.
— Viktor Strandgård? O Menino do Paraíso? Você o conhecia?

Rebecka afastou a vista de Maria e ficou olhando fixamente a mancha de café da saia. Tinha o rosto pálido e inexpressivo e os delgados lábios muito apertados.

— Claro que havia ouvido falar dele. Mas há anos que não vou a Kiruna. Já não conheço mais ninguém dali. Maria se levantou da cadeira e foi até Rebecka para retirar a xícara de café de entre as suas mãos rígidas.
— Se diz que não o conhecia, eu não falo mais nada, mas que você vai desmaiar dentro de trinta segundos, vai. Está completamente pálida. Ponha a cabeça entre os joelhos.

Rebecka obedeceu como um escolar enquanto Maria ia ao banheiro apanhar papel para tentar limpar a mancha de café da roupa de Rebecka. Quando voltou, esta se havia reclinado na cadeira onde estava sentada.

— Melhorou? Perguntou Maria.

— Sim, respondeu Rebecka ausente. Sem forças, olhava para Maria enquanto esta limpava a saia com papel húmido. — Conhecia, disse depois.

— Mmm, faz falta um detector de mentiras aqui, disse Maria sem afastar a vista da mancha. — Ficou triste?

— Triste? Não sei. Não, quem sabe seja medo.

— Medo? Maria parou de esfregar a saia. — Medo de quê?

— Não sei. De que alguém vá…

Rebecka não chegou a terminar a frase porque o telefone começou a emitir seu estridente som. Deu um profundo suspiro e ficou olhando, sem levantar o fone. Após o terceiro toque, Maria atendeu. Colocou a mão tapando o receptor para que a pessoa ao outro lado da linha não a ouvisse sussurrar:

— É para você e deve ser de Kiruna, pois quem liga tem voz de desenho animado.

* * *

Quando o telefone tocou em casa da inspetora-chefe Ana-Maria Mela, ela estava acordada. A lua de inverno enchia o aposento com sua intensa e branca luz. Os vidoeiros da montanha, do outro lado da janela, formavam na parede imagens azuis com seus retorcidos corpos. Logo que o telefone começou a tocar, levantou o fone.

— Sven-Erik. Já está acordada?

— Sim, mas estou na cama. O que aconteceu? Ouviu que Robert suspirava e o olhou. Teria despertado? Não, a respiração voltou a ser regular e profunda. Bem.

— Possível assassinato na igreja da Fonte de Nossa Fortaleza, disse Sven-Erik.

— E? Eu passei para o trabalho administrativo na sexta-feira, se esqueceu?

— Já sei, disse Sven-Erik com voz aflita, — Mas, Ana-Maria, isso é algo especial. Poderia vir e olhar, simplesmente. Os técnicos acabarão dentro de pouco tempo, então poderemos entrar. Quem está lá dentro é Viktor Strandgård e aquilo parece um autêntico matadouro. Imagino que teremos

uma hora antes que as televisões cheguem com as câmeras e toda a parafernália.

— Estarei lá dentro de vinte minutos. "Merda", pensou. "Chamou-me para pedir ajuda. Mudou".

Sven-Erik não respondeu, mas Ana-Maria ouviu um contido suspiro de alívio antes de acabar a conversa. Virou-se para Robert e deixou descansar os olhos sobre seu rosto adormecido. O queixo repousava sobre o dorso da mão e seus lábios, vermelhos, se entreabriram. Estava irresistivelmente sexy e começara a ficar grisalho o emaranhado bigode e a lateral do cabelo. Ele se inquietava diante do espelho do banheiro estudando o avanço das entradas na fronte. "O deserto está se espalhando", costumava dizer. Deu-lhe um beijo na boca. A barriga se interpunha, mas conseguiu. Duas vezes. "Amo-a", afirmou ele, ainda adormecido. Sua mão procurou-a debaixo do edredom para atrai-la para si, mas ela já havia se sentado na borda da cama. Imediatamente teve vontade de urinar. Como sempre. Aquela noite já havia se levantado duas vezes para ir ao banheiro.

* * *

Um quarto de hora mais tarde, Ana-Maria saltava de seu Ford Escort no estacionamento da igreja da Fonte de Nossa Fortaleza. Ainda fazia um frio dos demônios. O ar beliscava e mordia as faces. Se respirasse pela boca, doíam a garganta e os pulmões. Se respirasse pelo nariz, os delgados pelos das fossas nasais congelavam. Tapou a boca e o nariz com o cachecol e olhou o relógio. No máximo meia hora, depois o carro não ligaria mais. Era um grande estacionamento, com capacidade para quatrocentos carros, no mínimo. Seu Escort, vermelho pálido, parecia pequeno e miserável ao lado do Volvo 740 de Sven-Erik Stålnacke. Havia um carro-patrulha ao lado do Volvo. No restante, só mais uns dez carros no estacionamento, completamente cobertos pela neve. Os técnicos já deviam ter ido embora. Pôs-se a subir a estreita encosta de Sandstensberget até a igreja. A geada congelara as bétulas, e por cima de tudo se levantava a imponente Igreja de Cristal até o escuro céu da noite, rodeada de estrelas e planetas. Era como um enorme cubo de gelo brilhando na luz da aurora boreal. "Que presuntuosa construção de merda", pensou enquanto se esforçava em subir a encosta. "Seria melhor que esta rica congregação enviasse um pouco de dinheiro para

as Aldeias Infantis. Mas com certeza é mais divertido cantar salmos numa igreja moderna do que cavar poços na África".

Ao longe viu o seu colega, Sven-Erik Stålnacke, o policial Tommy Rantakyrö e o inspetor Fred Olsson, diante da entrada da igreja. Sven-Erik, com a cabeça descoberta, como sempre, estava completamente quieto e um pouco para trás, com as mãos enfiadas nos quentes bolsos do seu anoraque. Os dois homens mais jovens se moviam a seu lado, intranquilos, como cachorros inquietos. Não podia ouvi-los, mas, pelo vapor que saía de suas bocas como brancas borbulhas, parecia que Rantakyrö e Olsson conversavam entusiasmados. Os cachorros a saudaram com latidos alegres quando a viram.

— Olá, falou Tommy Rantakyrö. — Como está?

— Bem, respondeu de bom humor.

— Primero nós cumprimentamos a barriga e um quarto de hora mais tarde você chega, adicionou Fred Olsson. Ana-Maria começou a rir. Encontrou-se com o olhar sério de Sven-Erik. Em seu grande bigode de morsa haviam se formado pequenos pingentes de gelo.

— Agradeço por vir, disse. — Espero que já tenha tomado o café-da-manhã, porque isso não será muito agradável de se ver. Entramos?

— Querem que esperemos?

Fred Olsson pisoteava a neve uma e outra vez. Seu olhar ia constantemente de Sven-Erik a Ana-Maria. Sven-Erik ia substituir Ana-Maria, de maneira que formalmente agora ele era o chefe, mas quando Ana-Maria estava presente não se sabia bem quem comandava. Ana-Maria ficou com a boca fechada e fixou o olhar em Sven-Erik. Ela estava ali só na qualidade de acompanhante.

— Seria bom que ficassem aqui, respondeu Sven-Erik, — Para que não entre ninguém antes que retirem o corpo. Mas podem entrar se estiverem com frio.

— Não, ficaremos aqui fora. Só queria saber, afirmou Fred Olsson.

— Claro, sorriu Tommy Rantakyrö com os lábios azuis. — Somos homens e os homens não sentem frio.

Sven-Erik entrou atrás de Ana-Maria, fechando o pesado portão da

igreja. Passaram pela entrada que estava a meia luz. As longas filas de pingentes vazios soavam como campainhas átonas, tocadas pelo movimento que se produzia, quando o frio se encontrava com o calor de dentro do edifício. Duas portas giratórias davam para a nave da igreja. Inconscientemente, Sven-Erik baixou a voz quando entraram.

— Foi a irmã de Viktor Strandgård quem ligou para a delegacia antes das três. Encontrou-o morto e ligou do telefone que fica no escritório da congregação.

— Onde está? Na delegacia?

— Não. Não temos ideia. Disse na delegacia que a trouxessem. Na igreja não havia ninguém quando Tommy e Fred chegaram aqui.

— O que disseram os técnicos?

— Olhar, mas não tocar. O corpo estava no meio do corredor que ia para o altar. Ana-Maria ficou parada um momento antes de ir até ali.

— Meu Deus…! Disse sem se controlar.

— Já tinha lhe avisado, respondeu Sven-Erik, que estava bem atrás dela.

Ana-Maria apanhou uma pequena gravadora do bolso interior de seu anoraque. Pensou um momento. Tinha o costume de falar em lugar de tomar apontamentos. Mas não era seu trabalho. Quem sabe deveria ficar calada e simplesmente fazer companhia a Sven-Erik. "Vamos lá e pare de complicar as coisas", ordenou a si mesma, ligando a gravadora sem olhar para seu colega.

— Cinco horas e trinta e cinco minutos, falou no microfone. — Em dezesseis de fevereiro, não... Dezessete. Estou na igreja da Fonte de Nossa Fortaleza, olhando para alguém que, pelo que eu sei até o momento, é Viktor Strandgård, também chamado de Garoto do Paraíso. O morto está deitado no corredor central da igreja. Parece ter sido esfaqueado, porque cheira a inferno e a tapete que fica debaixo do corpo está molhado. Provavelmente a mancha é de sangue, mas é um pouco difícil saber, porque está sobre um tapete vermelho. A roupa também está ensanguentada e não se pode ver muito das feridas no ventre, ainda que uma pequena parte do intestino me parece que está a ponto de sair, mas que o médico-legista explique depois. Está de jeans e camisa. Os sapatos estão secos na parte inferior e a tapete não está molhado debaixo dos sapatos. Retiraram os olhos…

Ana-Maria se interrompeu e desligou a gravadora. Caminhou ao redor do corpo e se inclinou sobre o rosto. Esteve a ponto de dizer que era um belo cadáver, mas havia limites para o que podia dizer em voz alta diante de Sven-Erik. O rosto do morto a fez pensar no rei Édipo. Havia visto uma representação em vídeo quando estava na escola. Havia-a afetado especialmente a cena em que ele retirava os olhos, e agora aquela imagem aparecia com uma força especial. Voltou a ter vontade de urinar. E não podia se esquecer do carro. O melhor seria se apressar. Ligou novamente a gravadora.

— Retiraram os olhos e tem o cabelo ensanguentado. Deve ter uma ferida na cabeça. Ferida de corte na parte direita do pescoço, mas não tem sangue, faltam as mãos… Ana-Maria se voltou com gesto interrogador para Sven-Erik, que apontava para entre duas fileiras de cadeiras. Ela se agachou trabalhosamente e olhou ao longo do chão entre as cadeiras.

— Uma mão está a três metros entre as cadeiras. Mas e a outra? Sven-Erik encolheu os ombros. — Não se veem cadeiras viradas, continuou. — Não existem sinais de luta. O que você acha, Sven-Erik?

— Nada, respondeu, ainda que não gostasse que gravassem a sua voz.

— Qual o técnico que veio?

— Simon Larsson.

"Bem", ela pensou. "Terão boas imagens.".

— No restante, a igreja está em ordem, continuou. — É a primeira vez que venho aqui dentro. Centenas de lâmpadas nas paredes que não são de vidro. A que altura deve ficar o teto? Com certeza a mais de dez metros. Enormes claraboias. As cadeiras azuis estão perfeitamente alinhadas. Quantas pessoas deverão caber aqui? Duas mil?

— Além do coro, respondeu Sven-Erik. Andava pela nave, passando as mãos pelas superfícies como se usasse um aspirador.

Ana-Maria se voltou e observou o coro que se levantava atrás dela. Os canos do órgão se levantavam até as alturas, se refletindo nas claraboias. Era uma vista impressionante.

— Não temos muito mais a dizer. Ana-Maria demorou a prosseguir,

como se um pensamento quisesse sair de seu inconsciente através de algum buraco entre as sílabas de suas palavras. — Alguma coisa… Algo faz que me sinta frustrada quando vejo tudo isto. Além de ser o cadáver mais maltratado que já vi…

— Ei! O promotor-chefe está subindo a encosta, disse Tommy Rantakyrö colocando a cabeça pelo buraco da porta.

— E quem diabo o chamou? Perguntou Sven-Erik com ressentimento, mas Tommy já desaparecera.

Ana-Maria olhou para ele. Há quatro anos, quando a promoveram a chefa do grupo, Sven-Erik só voltou a falar com ela após seis meses. Havia se sentido profundamente ofendido quando deram a ela o posto que ele havia se candidatado. E agora que se sentia a gosto, sendo a sua mão direita, não queria dar o passo definitivo. Lembrou a si mesma que deveria animá-lo em outra ocasião, mas agora ele tinha que lidar sozinho. No mesmo momento em que o promotor-chefe, Carl Von Post, atravessava as portas da igreja como uma tormenta, ela deu um olhar de ânimo para Sven-Erik.

— Que diabo significa tudo isto? Gritou Von Post.

Retirou bruscamente o gorro de pele e colocou a mão, um antigo costume, na cabeça do leão. Caminhava com enérgicas passadas. A marcha curta desde o estacionamento, fora suficiente para que os pés gelassem dentro dos seus bonitos sapatos da Church's. Deu uns passos até Ana-Maria e Sven-Erik, mas retrocedeu quando viu o corpo sobre o chão.

— Merda! Gritou olhando intranquilo para os sapatos, verificando se os havia manchado. — Por que ninguém me chamou? Continuou se dirigindo para Sven-Erik. — A partir deste momento assumo o comando da investigação preliminar e pode contar com uma séria conversa com o delegado sobre o porquê de ter me colocado à margem.

— Ninguém o colocou à margem. Não sabíamos o que tinha acontecido e na realidade ainda não sabemos, tentou responder Sven-Erik.

— Absurdo! Cortou o fiscal. — E você, o que faz aqui? A última frase fora dirigida a Ana-Maria, que tinha o olhar fixo nos braços mutilados de Viktor Strandgård.

— Fui eu quem a chamou, esclareceu Sven-Erik.

— Ah! Disse Von Post entre dentes. — Então a chamou, mas a mim não.

Sven-Erik ficou calado e Carl Von Post olhou para Ana-Maria, que levantou a vista e fez frente tranquilamente ao olhar dele. Carl Von Post apertou os dentes até que doeram as mandíbulas. Sempre tivera dificuldades com aquela policial anã. Parecia ter os seus colegas do departamento de investigação presos pelas bolas e ele não sabia por que. E o aspecto que tinha! Como muito, um metro e cinquenta, quando descalça, com um rosto de cavalo que ia aproximadamente até a metade do corpo. E por cima, agora estava com aquela enorme barriga. Parecia um cubo ridículo, tão largo quanto alto. O resultado inevitável de gerações de endogamia nos pequenos povoados das isoladas terras laponas. Sacudiu a mão como para reforçar suas duras palavras e começou outro tema.

— E você Ana-Maria, como está? Perguntou com um sorriso doce.

— Bem, respondeu ela, inexpressiva. — E você?

— Imagino que terei a imprensa nos calcanhares dentro de uma hora, mais ou menos. Vai ser uma bomba, então me digam o que sabem até o momento, tanto do assassinato quanto do morto. No principio, eu só sei que era um famoso religioso. Carl Von Post se sentou em uma das cadeiras azuis e começou a retirar as luvas.

— Sven-Erik pode lhe explicar, respondeu Ana-Maria, seca, mas não desagradável. — Eu estou fazendo trabalho de escritório no momento. Acompanhei Sven-Erik porque ele me pediu e porque quatro olhos veem mais do que dois… Bem, já sabe. E agora tenho que ir mijar. Se me permitem...

Notou satisfeita o sorriso forçado no rosto de Von Post, quando se dirigia para o serviço. Era curioso que a palavra "mijar" o ofendesse. Apostava que a sua mulher dirigia o fluxo da mijada para a porcelana do sanitário para que o ruído do jato não chegasse até as rosadas orelhas do pobre promotor. Merda de tio.

— Bom, disse Sven-Erik quando Ana-Maria saiu, — Pode ver por si mesmo, porque muito mais nós não sabemos. Alguém o matou. E muito bem matado, se poderia dizer. O assassinado é Viktor Strandgård, o Garoto

do Paraíso, como o chamavam. Era a atração principal desta grande congregação. Há nove anos sofreu um terrível acidente. Morreu no hospital. Parada cardíaca. Mas conseguiram reanimá-lo e então ele detalhou o que havia ocorrido durante a operação e a reanimação. Coisas tais como, que o médico havia perdido os óculos, e outras pelo estilo. Disse que estivera no céu. Que havia visto anjos e Jesus. Bom, depois que uma das enfermeiras que estava na operação e a mulher que o havia atropelado, se redimiram, rapidamente toda Kiruna se converteu em um encontro parecido aos da Igreja Maranata. As três igrejas livres mais importantes se uniram em uma nova igreja, a Fonte de Nossa Fortaleza. A congregação cresceu e nos últimos anos construíram esta igreja e inauguraram uma escola, uma creche além de realizarem grandes encontros de renovação religiosa. O dinheiro entra a rodo e vem gente de todo o mundo. Viktor Strandgård trabalha, bem, trabalhava quero dizer, em tempo integral na congregação e havia publicado um best-seller…

— O Céu, ida e volta.

— Era a sua mina de ouro. Escreveram sobre ele tanto no Expressen como no Aftonbladet, e, com certeza, agora voltarão a escrever. E a televisão.

— Exato, concordou Von Post se levantando com expressão impaciente. — Não quero que digam nada à imprensa. Encarregarei-me dos contatos com eles e quero que regularmente me informe do que surja nos interrogatórios. Entendeu? Deve me informar de tudo. Quando os jornalistas comecem a ligar, pode dizer que eu farei uma coletiva de imprensa na escadaria da igreja hoje, ao meio-dia. Qual é a próxima etapa em sua agenda?

— Teremos que convocar a irmã, foi ela que o encontrou, e depois deveremos falar com os três pastores. O legista vem em carro desde Luleå, então deve estar chegando.

— Bem. Quero um relatório do motivo da morte, e um possível prosseguimento dos acontecimentos às onze e meia. Nessa hora deverá ficar disponível para atender ao telefone. Isso é tudo. Se vocês já acabaram, vou dar uma volta por aí.

— Vamos, se anime, disse Ana-Maria Mela a Sven-Erik Stålnacke. — De qualquer maneira, é melhor isso do que ficar interrogando motoristas.

Seu Ford Escort não havia ligado e Sven-Erik a levava até a sua casa. “Assim eu aproveito”, pensou. “Precisa que o animem para não perder a ilusão pelo trabalho.”.

— É esse rato fedido, respondeu Sven-Erik com cara fechada. — Quando tenho algo a ver com ele, fico com vontade de jogar tudo para o alto e desaparecer o dia inteiro, até a hora de ir para casa.

— Então não pense nele. Pense em Viktor Strandgård. O louco de merda que o matou está solto e você vai encontrá-lo. Deixe que ele faça o barulho que quiser. De qualquer maneira, os demais sabem quem é que realmente faz o trabalho.

— E como paro de pensar nele? Está sempre em cima de mim.

— Eu sei.

Olhou através da janela do carro. Ao longo das ruas, as casas ainda estavam submersas na escuridão. Só em alguma que outra janela a luz estava acesa. Aqui e ali continuavam penduradas as estrelas de Natal feitas com papel alaranjado. Esse ano ninguém morrera queimado em casa. Naturalmente, aconteceram brigas e outras desgraças, mas não mais do que o normal. Sentia-se um pouco indisposta. Não era estranho. Estava levantada há mais de uma hora e ainda não comera nada. Deu-se conta de que estava perdendo a concentração no que Sven-Erik explicava e tentou se esforçar para não perder o fio da meada. Ele havia perguntado como ela conseguia trabalhar com Von Post.

— O certo é que nunca tivemos muito a ver, respondeu.

— Merda, Ana-Maria, eu preciso que me ajude. Vai haver muita pressão sobre os que trabalharem neste caso e ainda por cima de tudo temos esse palhaço. É agora que eu mais preciso do apoio de um colega.

— Isso é chantagem, respondeu Ana-Maria, e não pode deixar de rir.

— Farei o que precisar. Chantagear e ameaçar. Além disso, é bom que se movimente um pouco. Pelo menos poderia falar com a irmã quando a encontrarmos. Só me ajude a começar.

— Claro que sim. Ligue quando encontrá-la. Sven-Erik se inclinou até o volante e deu uma olhada para o céu.

— Olhe a lua! Exclamou com satisfação. — É um bom momento para caçar coelhos.

* * *

No escritório de advogados Meijer & Ditzinger, Rebecka Martinsson apanhou o fone que Maria Taube lhe entregava. A "voz de desenhos animados", dissera Maria; em sua vida só havia uma pessoa assim. Veio à mente a imagem do rosto de um boneco.

— Rebecka Martinsson, respondeu.

— Olá, é Sana. Não sei se já ouviu as notícias, mas Viktor morreu.

— Sim, acabo de ouvir. Sinto muito. Inconscientemente, Rebecka apanhou um lápis da mesa e escreveu: "Diga não! NÃO!" em um post-it amarelo. No outro lado da linha, Sana Strandgård inspirou profundamente.

— Já sei que não temos muito contato, mas ainda é a minha melhor amiga. Não sabia a quem recorrer. Fui eu quem encontrou Viktor na igreja e… Mas talvez esteja ocupada.

"Ocupada?", pensou Rebecka, sentindo aumentar a sua confusão da mesma maneira que sobe o mercúrio em um termômetro aquecido. "Que pergunta era essa?". E Sana pensaria que ela responderia a isso afirmativamente?

— Claro que não estou ocupada, se me ligou por isso, respondeu suavemente, cobrindo os olhos com a mão. — Então foi você que o encontrou?

— Foi horrível, a voz de Sana era baixa e uniforme. — Fui à igreja às três da manhã. Aquela noite ele viria à minha casa jantar comigo e as meninas, mas não apareceu e eu pensei que tinha esquecido. Já sabe como ele é quando está sozinho na igreja, se esquece do tempo e do espaço. Só posso dizer que só se pode ser um cristão assim, se você for jovem, homem e não tiver a responsabilidade dos filhos. Eu, para rezar, tenho que aproveitar quando vou ao banheiro.

Ficou em silêncio um momento e Rebecka se perguntou se Sana decidira falar de Viktor como se este ainda estivesse vivo.

— Mas, acordei à meia-noite e senti dentro de mim que acontecera algo. Se interrompeu e começou a cantarolar um salmo. "O Senhor protege…".

Rebecka fixou o olhar no texto da tela que tinha adiante, mas as letras se separavam, reagrupavam e criavam uma imagem do rosto angelical de Viktor Strandgård coberta de sangue. Sana Strandgård voltou a falar. Sua voz era tão débil como um galho em setembro. Rebecka reconhecia aquela voz. A água fria e negra rodopiava debaixo da superfície plana.

— Haviam cortado as mãos dele. E os olhos… Era tudo tão estranho… Quando o virei tinha a parte de trás da cabeça totalmente… Acho que estou ficando maluca. E a polícia está me procurando. Veio aqui em casa esta manhã, bem cedo, mas disse às meninas que ficassem caladas e não abrimos. A polícia com certeza acredita que fui eu quem matou o próprio irmão. Depois apanhei as meninas e saí dali. Tenho medo de desmoronar. Mas isso não é o pior.

— Não? Perguntou Rebecka.

— Sara estava comigo quando o encontrei. Bem, Lova também, mas estava dormindo no trenó, fora da igreja. E Sara está em choque. Não fala. Tento conversar com ela, mas não faz outra coisa além olhar pela janela e colocar o cabelo atrás das orelhas. Rebecka sentiu cólicas na barriga.

— Por Deus, Sana. Procure ajuda. Ligue para a atenção psicológica e peça que a atendam de urgência. Tanto você como as meninas podem precisar apoio justo agora. Sei que pode parecer dramático, mas…

— Não posso e você sabe disso, gemeu Sana. — Meus pais vão dizer que estou louca e tentarão me tirar as meninas. Você sabe como eles são. E a congregação é completamente contra psicólogos, hospitais e todas essas coisas. Não entenderiam nunca. Não me atrevo a falar com a polícia, só vão piorar tudo. E não quero atender ao telefone porque pode ser um jornalista. Já foi muito pesado o princípio da renovação de fé, quando todo o mundo dizia que Viktor alucinava e que estava ficando maluco.

— Mas deve compreender que não pode se esconder, suplicou Rebecka.

— Não posso mais, não posso mais, disse Sana como para si mesma. — Perdoe-me por ter ligado, Rebecka. Continue trabalhando. Rebecka disse para si: “Foda-se.”.

— Vou para aí, suspirou. — Precisa se apresentar à polícia. Vou para aí e a acompanharei. De acordo?

— Está bem, sussurrou Sana.

— Consegue dirigir? Pode ir até a casa de minha avó, em Kurravaara?

— Posso pedir a um amigo que me leve.

— Bem. Ali não tem ninguém no inverno. Leve a Sara e a Lova. Já sabe onde fica a chave. Acenda o fogo. Chegarei à tarde. Aguentará até lá?

Rebecka ficou olhando fixamente o telefone depois de ter pousado o fone. Sentia-se vazia e confusa.

— Merda, é incrível, disse, rendida, a Maria Taube. — Nem sequer precisou me pedir.

Rebecka olhou o relógio de pulso e fechou os olhos. Respirou profundamente enquanto levantava a cabeça, expulsava o ar pela boca e baixava os ombros. Maria dissera que fizesse isso. Antes de negociações e de reuniões importantes. Ou quando estivesse trabalhando à noite com um deadline para cumprir.

— Como está? Perguntou Maria.

— Acho que não quero me fazer essa pergunta. Rebecka sacudiu a cabeça e levou a vista para a janela procurando fugir dos preocupados olhos de Maria. Mordia os lábios por dentro. Parara de chover.

— Não deveria trabalhar tão duro, disse Maria suavemente. — Às vezes é bom afrouxar as rédeas e gritar um pouco. Rebecka apertou os joelhos com as mãos.

"Afrouxar as rédeas", ela pensou. O que acontece se alguém descobre que nunca vai parar de cair? E o que acontece se alguém não pode parar de gritar? De repente têm cinquenta anos. Até as sobrancelhas de remédios. Internada em um manicômio. E com um grito que não cala nunca dentro da cabeça.

— Era a irmã de Viktor Strandgård, disse, se surpreendendo de como estava calma. — Pelo visto, foi ela que o encontrou na igreja. Parece que ela e suas filhas precisam de ajuda imediatamente, assim vou me ausentar tirar uns dias e irei para lá. Levarei o computador e trabalharei dali.

— Esse Viktor Strandgård era bastante importante em Kiruna, não é? Perguntou Maria. Rebecka concordou com a cabeça.

— Teve uma experiência próxima da morte e, depois disso, houve uma explosão religiosa lá em cima.

— Me lembro, respondeu Maria. — Escreveram sobre isso nos jornais sensacionalistas da tarde. Esteve no céu e explicou que ninguém se machucava se se caía, por exemplo, porque o solo acolhia como em um abraço. Pareceu-me formidável.

— Mmm, continuou Rebecka. — E disse que o haviam enviado de novo a Terra para explicar que Deus tinha grandes planos para os cristãos de Kiruna. Ia haver uma grande renovação religiosa que se estenderia do norte para o mundo todo. Se as congregações se unissem e acreditassem, aconteceriam milagres e prodígios.

— Acreditassem em quê?

— Na força de Deus. Nas visões. No fim, o que aconteceu foi que os que acreditaram nisso se uniram e formaram uma nova congregação, a Igreja da Fonte de Nossa Fortaleza. E a partir daí, a vermelha Kiruna se converteu em uma comunidade religiosa. Viktor escreveu um livro que foi traduzido para um monte de idiomas. Parou de estudar e se pôs a pregar. A congregação construiu uma nova igreja, a Igreja de Vidro, que deveria lembrar ao templo, as esculturas de gelo que se constroem em Jukkasjärvi a cada inverno. Sobretudo não deveria lembrar a igreja de Kiruna, cujo interior é muito escuro.

— E você? Como se posiciona nisso tudo?

— Eu pertencia à Igreja da Missão antes do acidente de Viktor. Assim fiquei com ele desde o princípio.

— E agora? Perguntou Maria.

— Agora sou uma infiel, sorriu Rebecka sem alegria. — Os pastores e o Conselho de Anciãos me convidaram para que deixasse a congregação.

— Por quê?

— É uma longa história.

— Está bem, aceitou Maria. — O que você acha que Måns vai dizer, quando você avisar com tão pouco tempo de antecipação que vai se ausentar uns dias?

— Nada. Só me matará, esquartejará e jogará o meu corpo como comida aos peixes da baía de Nybro. Tenho que falar com ele assim que chegar, mas primeiro vou ligar para a polícia de Kiruna para que não detenham Sana, porque ela não superaria.

* * *

O promotor-chefe, Carl Von Post, estava na porta da igreja, observando as pessoas que recolhiam o corpo de Viktor Strandgård. O legista e médico-chefe, Lars Pohjanen, como era habitual, fumava um cigarro enquanto murmurava umas palavras para a sua assistente, Ana Granlund, e aos dois homens da maca.

— Tente prender o cabelo para que não se enrede no zíper. Coloque plástico ao redor de toda a maca e tenha cuidado quando levantá-la para que os intestinos fiquem dentro do corpo. Ana procure uma bolsa de papel para levar a mão.

"Um assassinato", Von Post pensou. "E um assassinato do diabo. Não a triste história de um bêbado que no final mata a mulher, mais ou menos por acaso, após uma semana de embriaguez. Não. Uma morte horripilante. Ainda melhor. O horripilante assassinato de alguém famoso.".

E todo seu. Pertencia-lhe. Era só uma questão de segurar o timão, deixar que o mundo inteiro acendesse os focos e… Navegar para a fama. Depois poderia ir embora daquele buraco. Nunca pensou em ficar, mas, ao finalizar os estudos, as notas só o levaram para um posto nos juizados de Gälivare. Em seguida saiu o trabalho na promotoria. Havia pedido Estocolmo um montão de vezes, mas nunca haviam concedido. Sem se dar conta, os anos haviam corrido. Deu um passo para um lado e deixou os rapazes que levavam a maca, com o corpo na bolsa negra perfeitamente fechada passarem. O médico-chefe, Lars Pohjanen, ia atrás, arrastando os pés, com os ombros um pouco encolhidos, como se tivesse frio, e olhando para o chão. O cigarro pendia ainda da comissura dos lábios. O cabelo, como sempre, penteado sobre a calva brilhante, caía por trás das orelhas. Sua assistente, Ana Granlund, o seguia. Apertou os lábios quando viu Von Post. Este os cumprimentou quando saíam.

— E? Perguntou em tom exigente. Pohjanen parecia que não entendia nada. — O que pode dizer até o momento? Perguntou Von Post com impaciência. Pohjanen apanhou o cigarro entre o polegar e o indicador, deu uma boa tragada antes de permitir que abandonasse os seus magros lábios.

— Bom, ainda não fiz a autópsia, respondeu lentamente. Carl Von Post sentiu que o pulso se acelerava. Não ia permitir que alguém pusesse travas.

— Mas já deve ter observado algo. Quero informação imediata, completa e constante.

Estalou os dedos como para ilustrar a rapidez com a que a informação deveria lhe ser entregue. Ana Granlund olhou-o e pensou que ela fazia o mesmo gesto para os seus cachorros. Pohjanen estava quieto, olhando para o chão. Sua respiração, sonora e rápida, só diminuía quando levava o cigarro aos lábios e se concentrava em tragar. Carl Von Post se encontrou com o olhar de Ana Granlund. "Olhe-me bem", pensou. "Há um ano na festa de Natal o olhar que me deu era bem diferente. Meu Deus, eu estou rodeado de idiotas. Pohjanen está pior agora que antes da operação e da convalescência.".

— E? Exclamou quando achou que o legista já estivera calado o suficiente. Lars Pohjanen voltou o rosto e se encontrou com as sobrancelhas levantadas do promotor.

— O que sei por agora, disse com a sua voz baixa, que não era muito mais que um sussurro com som ampliado, — É, em primeiro lugar, que está morto; e, em segundo lugar, que a morte provavelmente foi ocasionada por violência externa. É tudo o que sei no momento, então já pode nos deixar passar.

O promotor viu que a comissura dos lábios de Ana Granlund se movia para baixo em uma tentativa de dominar um sorriso quando passavam diante dele.

— E quando me dará o relatório da autópsia? Bufou Von Post, que ia pisando os calcanhares enquanto o outro se dirigia para a saída.

— Quando tivermos acabado, respondeu Pohjanen, deixando que a porta da igreja se fechasse na cara do promotor-chefe.

Von Post esticou a mão direita e parou a porta giratória, enquanto se viu forçado a apanhar o celular, que havia começado a vibrar, com a esquerda. Era a moça da central de polícia.

— Tenho a uma tal de Rebecka Martinsson na linha e ela disse que sabe onde está a irmã de Viktor Strandgård e que quer marcar hora para um interrogatório. Tommy Rantakyrö e Fred Olsson estão procurando-a, assim

não sabia se transferiria para eles ou para você.

— Fez bem, transfira para mim.

Von Post deu uma olhada à entrada da igreja enquanto esperava que transferissem a ligação. Era óbvio que o arquiteto tivera uma ideia muito clara na cabeça: o tapete vermelho, feito a mão, cobria todo o caminho até o altar e o coro; em ambos os lados se alinhavam cadeiras azuis com um desenho nas costas em forma de onda. Um símbolo que fazia pensar no relato bíblico que narrava como o mar Vermelho se abrira para Moisés. Começou a passear por aquele caminho.

— Alô, disse uma mulher ao telefone. Ele respondeu com seu cargo e nome, e ela continuou: — Sou Rebecka Martinsson. Ligo em nome de Sana Strandgård. Entendi que queriam falar com ela em relação ao assassinato.

— Sim, e você tem informação sobre onde a podemos encontrar.

— Não exatamente, continuou a amável e quase demasiado bem articulada voz. — Já que Sana Strandgård quer que a acompanhe durante o interrogatório e no momento eu estou em Estocolmo, pensei em consultar quem dirige a investigação preliminar para saber se vamos esta noite ou se é melhor manhã.

— Não.

— Desculpe?

— Não, repetiu Von Post sem se importar em demostrar a sua irritação. — Nem esta noite nem tampouco manhã. Não sei se entende Rebecka, ou seja lá como se chame, mas o certo é que estamos levando a cabo aqui, a investigação de um assassinato, da qual eu sou o responsável e quero falar com Sana Strandgård agora. Aconselharia a sua amiga que não se esconda; estou disposto a declará-la fugitiva e emitir uma ordem de busca e captura. E quanto a você, saiba que ajudar a um fugitivo da Lei é crime. Se a julgarem por isso, pode acabar na cadeia. Assim agora quero que me diga onde se encontra Sana Strandoård.

Do outro lado da linha se fez um silêncio que durou alguns segundos. Depois se ouviu de novo a voz da jovem. Agora falava lentamente, quase adormecida e com um claro autocontrole.

— Sinto que tenha havido um mal-entendido. Não estou ligando para

pedir permissão para ir com Sana Strandgård a um interrogatório, mas sim para informar de que ela tem a intenção de ir prestar declaração na polícia e que isso poderá ser tanto esta noite quanto amanhã. Sana Strandgård e eu não somos amigas. Eu sou advogada do escritório de Meijer & Ditzinger, se é que o nome é conhecido aí…

— Claro que sim, o certo é que eu nasci…

— E iria com muito cuidado antes de ameaçar alguém, interrompeu a mulher. — Tentar me assustar para que diga onde se encontra Sana Strandgård raia a prevaricação e se a colocam em busca e captura sem ser suspeita de algum crime, porque está esperando que chegue o seu representante jurídico, para ir ser interrogada, garanto que haverá uma denúncia contra você na Defensoria Pública.

Antes que Von Post tivesse tempo de responder, Rebecka Martinsson continuou em um tom que de repente voltara a ser amistoso.

— Meijer & Ditzinger não tem nenhum interesse em causar problemas ou brigar. Damo-nos muito bem com a promotoria. Pelo menos na experiência que temos aqui em Estocolmo. Apresento-me como aval para garantir que Sana Strandgård irá ser interrogada segundo o acordado. Digamos esta noite, às oito, na delegacia. E desligou.

— Merda! Gritou Carl Von Post quando se deu conta de que havia pisado em sangue ou algo pegajoso que preferia não saber o que era.

Esfregou os sapatos no tapete que cobria o caminho da porta que dava ao exterior. Daquela maluca se ocuparia quando aparecesse esta noite. Mas agora era o momento de se preparar para a reunião com a imprensa. Passou a mão pelo rosto. Precisava fazer a barba. Dentro de três dias enfrentaria a imprensa com a barba incipiente para ter o aspecto do homem cansado que se doa todo na caça ao assassino. Mas hoje deveria chegar com a barba feita e um pouco despenteado. Adorariam. Não podia ser de outra maneira.

* * *

O advogado Måns Wengren, sócio de Meijer & Ditzinger, estava sentado em sua mesa olhando irritado para Rebecka Martinsson. Irritava-o a sua atitude. Rebecka não tinha uma postura na defensiva, com os braços

cruzados sobre o peito. Pelo contrário, os braços pendiam dos lados. Havia explicado o que acontecia e esperava a resposta. Tinha o olhar fixo nas gravações de madeira japonesa com motivos eróticos que pendiam da parede. Um homem jovem, tão jovem que ainda tinha o cabelo longo, de joelhos diante de uma prostituta, os dois fazendo sexo. Outras mulheres evitavam olhar aquela gravação que já tinha duzentos anos. A miúdo, Måns Wengrem via que seus olhos procuravam inconscientemente o quadro como cachorros. Mas nunca olhavam por muito tempo. A vista imediatamente descia ou se dirigia até outro lugar da sala.

— Quantos dias você ficará fora? Perguntou. — Tem direito a dois dias de licença com salário por questões familiares. É suficiente?

— Não, respondeu Rebecka Martinsson. — Não é a minha família. Pode se dizer que sou uma velha amiga. Pela sua forma de falar, Måns Wengrem tinha a sensação de que mentia. — Não posso dizer com certeza o tempo que ficarei ausente. Sinto muito, adicionou Rebecka olhando-o tranquilamente nos olhos. — Todavia me restam alguns dias de férias e… Interrompeu-se.

— … E? Completou o seu chefe. — Espero que não vá dizer que têm horas extras, Rebecka, porque então ficarei decepcionado. Já disse antes e volto a dizer, que se vocês, os assessores, se dão conta de que não tem tempo para fazer o trabalho no horário normal, podem trocar alguns casos. Todas as horas extras são voluntárias e sem remuneração. Do contrário, poderia deixar que ficasse fora um ano inteiro e com salário. Esta última frase ele adicionou com um conciliador riso, mas, quando não recebeu por resposta nem sequer a insinuação de um sorriso, recuperou de imediato a sua expressão de desagrado.

Rebecka observou o seu chefe em silêncio antes de responder. Este havia começado a folhear uns papéis que tinha em sua mesa para indicar que a conversa terminara. A correspondência do dia estava arrumada em um belo monte. Havia algumas coisas do desenhista dinamarquês Georg Jensen expostas ao longo da sala. Não havia fotos. Ela sabia que ele fora casado e que tinha dois filhos adultos. Mas isso era tudo. Nunca falava neles. Tampouco ninguém falava deles. No escritório iam se sabendo as coisas pouco a pouco. Os sócios e os advogados mais antigos certamente adorariam contar, mas eram suficientemente sábios para conversar entre eles, não com os advogados

mais jovens. As secretárias eram tão cuidadosas que nunca revelariam nada que fosse segredo. Mas de vez em quando acontecia de se embebedarem em alguma festa e falavam o que não deviam e, pouco a pouco, alguém ia se iniciando. Sabia que Måns bebia muito, mas isso quase todo o mundo sabia quando cruzava com ele na rua. O certo era que tinha bom aspecto, com o cabelo escuro e riscado, e os olhos azuis como os de um husky siberiano. Começara a ficar um tanto enrugado, com bolsas sob os olhos e um pouco de sobrepeso, mas ainda era um dos melhores advogados do país em litígios. Tanto em fraudes fiscais quanto em delitos administrativos. E enquanto entrasse dinheiro, seus sócios o deixavam beber o quanto quisesse. O que contava era o dinheiro. Fazer com que alguém parasse de beber custaria muito ao escritório. Clínicas de desintoxicação e afastamento por doença. Isso significava, antes de mais nada, faturamento perdido. Provavelmente acontecia com ele a mesma coisa que a muitos outros: a vida particular era a primeira que se desmanchava quando alguém bebia demasiado.

Ainda se sentia humilhada quando pensava na penúltima festa de Natal do escritório. Måns havia dançado e flertado com todas as advogadas ao longo da noite. No final da festa se dirigiu até ela. Esgotado, bêbado e cheio de autocompaixão, pôs uma mão em sua nuca e começou um incoerente discurso que terminou numa patética tentativa de levá-la para casa, ou quem sabe simplesmente ao escritório. De qualquer maneira, a partir desse momento ela descobriu o que significava para ele. O último assalto. O último empurrão quando está a meio milímetro de cair inconsciente. Desde então, a relação entre ela e Måns era fria. Ele já não ria e falava sem reservas com ela como fazia com as outras. Ela se comunicava com ele principalmente através do correio eletrônico e bilhetes que deixava sobre a mesa quando ele não estava. E nesse ano não fora à festa de Natal.

— Então diremos que são férias, adicionou sem levantar a comissura dos lábios. — E levarei o computador para trabalhar dali tudo o que possa.

— Bom, para mim dá no mesmo, disse Måns com notável fastio na voz. — São as suas colegas que terão mais trabalho. Passarei Wickman Indústria de Montagens AB a outro.

Rebecka se forçou a não cruzar as mãos. Que bastardo de merda. Estava-a castigando. Wickman era seu cliente. Ela os localizara, havia

conseguido uma boa relação com eles e, quando a declaração de impostos paralela estivesse resolvida, começaria a preparar a troca gerencial da empresa. Além disso, apreciavam-na.

— Faça o que achar melhor, Måns, respondeu com um imperceptível encolhimento de ombros percorrendo com os olhos as franjas desgastadas do tapete keshan. — Sabe o meu correio eletrônico se precisar.

Måns Wengrem sentiu o impulso de ir até ela, segurá-la dos cabelos, puxar a nuca para trás e obrigá-la a que o olhasse. Ou simplesmente lhe dar um tapa. Ela se virou para sair da sala.

— E como vai para lá? Perguntou antes que ela tivesse tempo de cruzar a porta. — Por avião até Kiruna ou com algum rebanho de renas desde Umeå?

— Por avião, respondeu com um tom de voz neutro, como se ele tivesse feito a pergunta a sério.

* * *

A inspetora-chefe Ana-Maria Mela se reclinou em sua cadeira olhando com apatia os relatórios que tinha espalhados diante dela. Roupa velha. Investigações que sempre estiveram ali. Roubos de carros e assaltos de lojas sem resolver há anos. Puxou o relatório que tinha mais próximo. Briga doméstica grave, mas a mulher retirou a denúncia afirmando que havia caído na escada. "Foi um caso de merda", pensou Ana-Maria, se lembrando das desagradáveis fotos que tirou no hospital. Apanhou outra pasta. Roubo de rodas em uma empresa do polígono industrial. Uma testemunha viu alguém cortando a tela metálica e colocando as rodas em uma Toyota Hilux, mas num posterior interrogatório a testemunha, de repente, não se lembrou de mais nada. Ficou claro que fora ameaçada. Ana-Maria suspirou. Não havia dinheiro para a proteção de testemunhas ou outros reforços pelo roubo de umas quantas rodas. Digitou Toyota Hilux no computador e memorizou o nome do proprietário. Gangues de bairro que apanham o que querem. A probabilidade de que, em um futuro próximo, topasse com ele por alguma razão era grande. Fez uma pergunta combinada sobre o proprietário. Julgado por abuso e posse ilegal de armas. Uns quantos resultados encontrados no

registro de suspeitos. “Venha, vamos”, ordenou a si mesma. “Pare já de navegar e de abrir e fechar pastas.”.

Largou para um lado o processo do roubo de rodas. Não a levaria a nenhum lugar. O promotor faria bem em fechar o caso. Ouviu o som de um copo de plástico ao ser colocado na máquina de café e o ruidoso barulho do aparelho o enchendo de café instantâneo. Por um momento achou que era Sven-Erik e que entraria em sua sala com alguma notícia sobre Viktor Strandgård, mas, como os passos se afastavam pelo corredor, intuiu que se tratava de outra pessoa.

“Não pense nisso”, se disse quase em voz alta, apanhando outra pasta do monte. Levantou imediatamente a vista do texto e sem querer a passeou pelo escritório. Deu um olhar lânguido à xícara com chá frio. Atualmente, só de pensar em café tinha náuseas, mas tampouco gostava muito de chá. Sempre ficava frio. E coca-cola lhe dava gases. Quando tocou o telefone levantou o fone. Pensou que poderia ser Sven-Erik, mas era Lars Pohjanen, o médico-legista.

— Já estou com o relatório preliminar da autópsia, disse com a sua voz rouca. — Quer vir?

— É Sven-Erik quem está com o caso, respondeu indecisa. — E Von Post. Pohjanen disse com certa brusquidão na voz:

— Bom, não penso ir atrás de Sven-Erik por toda a cidade e o senhor promotor pode ler o relatório quando quiser. Assim vou arrumar as malas e voltar para Luleå.

— Não, merda! Já vou, disse Ana-Maria quando ouviu que a conversa terminava ao outro lado do fio com um clique. “Espero que esse velho rabugento tenha ouvido o que eu disse” pensou enquanto colocava as botas de pele acabadas em ponta, típicas do local. “Com certeza que já terá saído quando eu chegar ao hospital”.

Encontrou Lars Pohjanen na sala de fumantes do pessoal da portaria. Estava afundado em um manchado sofá verde dos anos setenta. Tinha os olhos fechados e só o cigarro aceso em sua mão indicava que estava acordado, ou, pelo menos, com vida.

— Então, disse sem abrir os olhos. — Não interessa o falecido Viktor Strandgård. Acreditaria o contrário de você, Mela.

— Até o parto eu só vou ficar mudando os papéis de lugar, disse da porta. — Mas será melhor que fale com você antes que se vá, se ninguém mais o fizer.

Ele riu com vontade e em seguida começou a tossir. Quando parou, olhou-a fixamente com seus penetrantes olhos azuis.

— Vai sonhar com ele às noites, Mela. Venha e falemos disso. Se não, terá que ir com o carrinho de bebê interrogar suspeitos durante toda a sua licença-maternidade. Vamos? Fez um exagerado gesto convidando-a para que fosse com ele até a sala de autópsias.

Era uma sala muito bonita. Chão de piso vitrificado, três mesas de aço inoxidável, caixas vermelhos de plástico classificadas por ordem de tamanho debaixo da bancada de trabalho, dois banheiros onde Ana viu que as toalhas eram imaculadas. A mesa de dissecção estava limpa e seca. Em outro aposento funcionava uma máquina de lavar louça. A única coisa que recordava a morte era a longa linha de frascos de plástico transparente, com etiquetas de identificação que continham pedaços cinza e marrons de cérebro e órgãos internos em formol, com os quais posteriormente se fariam testes. E o corpo de Viktor Strandgård. Estava deitado de costas em uma das mesas de autópsia. Um corte abria a cabeça de orelha a orelha e o couro cabeludo havia sido puxado para frente, deixando à vista o crânio. Tinha duas grandes feridas no abdome que estavam costuradas com suturas grossas. Uma a fizera a assistente, para explorar os órgãos internos. Também havia umas quantas pequenas feridas que Ana-Maria já havia visto outras vezes. Feridas de esfaqueamento. O corpo estava limpo, costurado e enxaguado, pálido à luz fluorescente. Afetava Ana-Maria ver aquele esbelto corpo nu sobre a fria bancada de aço.

Lars Pohjanen colocou uma bata verde de operações, pôs os pés em seus gastos chinelos com restos da cor branca original e colocou umas delgadas e flexíveis luvas de látex.

— Como estão os filhos? Perguntou.

— Jeny e Petter estão bem. Marcus está apaixonado e passa o dia na cama com os fones colocados, que provavelmente no futuro vai lhe provocar surdez.

— Pobre, disse Pohjanen com sinceridade e se virou para Viktor Strandgård. Ana-Maria se perguntou se se referiria a Marcus ou a Viktor Strandgård.

— Posso? Perguntou apanhando a gravadora da bolsa. — Assim os outros poderão ouvi-lo.

Pohjanen encolheu os ombros, mas permitiu. Ana-Maria ligou o aparelho.

— Cronologicamente, ele começou. — Primero violência com algo rombudo na parte posterior da cabeça. Você e eu não estamos em condições de virá-lo, mas aqui pode se ver.

Apanhou uma imagem feita com escâner e prendeu-a a uma tela de radiografias. Ana-Maria olhou-a em silêncio, pensando na ecografia em branco e preto que havia visto de seu filho.

— Aqui pode ver a ferida no crânio. E o hematoma subdural. Aqui.

O médico-chefe apontou com o dedo a zona escura da imagem.

— É possível que pudessem salvar a sua vida se só tivesse recebido o golpe na cabeça, disse. — O assassino é provavelmente destro, continuou Pohjanen. — Bom, depois que lhe deram o golpe na cabeça, esfaquearam o ventre e o peito, disse apontando as duas feridas no corpo de Viktor Strandgård. — É impossível dizer algo sobre a altura do assassino levando em conta o golpe na cabeça e, lamentavelmente, tampouco as facadas dão alguma pista. Foram feitas de cima, assim eu acho que Viktor Strandgård estava de joelhos quando as recebeu. Isso ou o assassino era um gigante, como um jogador de basquete americano. Mas provavelmente o que aconteceu, foi que primeiro Strandgård recebeu o golpe na cabeça. Zás! O médico-chefe se deu uma palmada na cabeça calva para ilustrar o impacto. — O golpe o faz cair de joelhos, ainda que não existam arranhões nem hematomas porque o tapete era bastante macio. Depois, o assassino cravou a faca duas vezes, que entrou

inclinada. Portanto, é difícil definir a altura do assassino.

— Então morreu do golpe e das duas facadas? Perguntou Ana-Maria.

— Exato, continuou Pohjanen, abafando a tosse. — Esta ferida de faca passa através da caixa torácica, divide a sétima costela pela parte esquerda, abre o pericárdio…

— Em cristão.

— … a envoltura do coração e o ventrículo direito, quer dizer, a câmara intraventricular. Produziu uma hemorragia na envoltura do coração e na pleura do pulmão direito. A outra facada atravessou o fígado, o que deu lugar a uma hemorragia na cavidade abdominal e no peritônio.

— Morreu no ato? Pohjanen encolheu os ombros. — E o resto das feridas? Perguntou Ana-Maria.

— Foram feitas depois da morte. Olhe toda esta crosta nas feridas. Os cortes foram feitos desde diante e depois do momento da morte. Acho que Viktor Strandgård estava deitado de costas quando as fizeram. Aqui têm este corte longo que abriu o abdômen, disse apontando a longa e rosada ferida no ventre, que agora estava costurada com pontos descuidados.

— E os olhos? Perguntou Ana-Maria, observando os buracos abertos no rosto de Viktor Strandgård.

— Olhe isto, disse Pohjanen colocando outra radiografia na tela. — Aqui. Vê a lasca que se desprendeu do crânio bem na cavidade ocular? E aqui. Apenas se via nas imagens, mas depois limpei os buracos dos olhos um pouco e olhei o crânio. Há marcas de facadas no crânio, vinda dos cantos das cavidades oculares. O assassino enfiou a faca nos olhos e a fez rodar. Pode-se dizer que os perfurou até retirá-los.

— Por que diabo terá feito isso? Escapou de Ana-Maria. — E as mãos?

— Também separadas do corpo depois de ocorrer a morte. Uma foi encontrada no lugar do crime.

— Impressões?

— Quem sabe nos cotos, mas Linköping vai dizer. Ainda que eu não tenha muitas esperanças. Um par de boas marcas nos pulsos, mas, pelo que eu sei, não existem impressões. Acho que Linköping dirá que quem cortou as mãos usava luvas.

Ana-Maria sentiu que desanimava. Dentro de si notou um forte desejo de prender o assassino. De repente se deu conta de que se ela não estivesse na investigação preliminar, dentro de uns anos o caso passaria ao arquivo por

falta de resultados. Pohjanen tinha razão. Acabaria sonhando com Viktor Strandgård.

— O que tipo de faca foi utilizada? Perguntou.

— Uma grande, de caça. Demasiada larga para ser uma faca de cozinha. Sem serra.

— E o objeto rombudo com o qual bateram na parte de trás da cabeça?

— Pode ser qualquer coisa, respondeu Pohjanen. — Uma pá, uma pedra grande…

— Não é estranho que lhe bateram por trás com algo e que depois o esfaquearam na frente? Perguntou Ana-Maria.

— Sim, mas você é a policial, respondeu Lars Pohjanen.

— Quem sabe foram mais de um, pensou Ana-Maria em voz alta. — Algo mais?

— Não no momento. Nada de drogas. Nada de álcool. E não comia há dias.

— O quê? Há dias? Ana-Maria pensou que ela tinha que comer uma vez a cada duas horas.

— Não estava desidratado, assim não tinha gastroenterite nem anorexia, mas parece que só havia ingerido alimentos líquidos. O laboratório dirá o que tinha no estômago. Já pode desligar a gravadora.

Entregou uma cópia do relatório da autópsia preliminar. Ana-Maria desligou o aparelho.

— Não gosto de adivinhar, disse Pohjanen tossindo. — Não quando se pode documentar. Apontou com a cabeça a gravadora que, de imediato, desapareceu na bolsa de Ana-Maria. — Mas os cortes nos pulsos estavam muito bem feitos, adicionou. — Quem sabe esteja procurando um caçador, Mela.

— Tem um que está aqui, se ouviu dizer uma voz desde a porta. Era Sven-Erik Stålnacke.

— Sim, respondeu Ana-Maria, descobrindo como lhe incomodava o medo que seu colega achasse que agia nas suas costas. — Pohjanen ligou e estava a ponto de ir, assim eu… Ficou calada, irritada por começar a dar explicações e a se escusar.

— Não tem problema, disse Sven-Erik, contente. — Já me explicará no

carro. Teremos problemas com os pastores. Merda, eu procurei-a por todo o lado. No final perguntei a Sonja da telefonia, quem havia ligado. Tive de vir.

Ana-Maria olhou para Pohjanen com gesto interrogador, e ele encolheu os ombros, enquanto levantava as sobrancelhas como para dizer que eles já estavam informados.

— Luleå deu uma boa surra nos de Färjestad, disse sorrindo Sven-Erik a modo de cumprimento ao chefe médico, aficionado do hockey sobre gelo, enquanto tirava Ana-Maria dali.

— Isso, sim, me lembre e não se esqueça, suspirou Lars Pohjanen, procurando o maço de cigarros no bolso.

* * *

O avião para Kiruna estava quase cheio. Grupos de turistas estrangeiros que iriam viajar em trenós puxados por cachorros e dormiriam em cabanas feitas de pele de rena, no hotel de gelo de Jukkasjärvi, se apertavam junto a cansados homens de negócios que voltavam para casa com frutas e jornais conseguidos gratuitamente. Rebecka afundou em seu assento e apertou o cinto de segurança. O murmúrio das vozes, o som das lâmpadas que se acendiam e apagavam na parte superior e o rugir dos motores a levaram a um sono intranquilo, mas dormiu toda a viagem.

No sonho se viu correndo por um campo cheio de amoras dos pântanos. Era um quente dia de agosto. O calor do sol fazia com que colocasse a humidade para fora. O suor misturado com o óleo antimosquitos lhe caía pela testa, até os olhos. Os olhos se encheram de lágrimas. Uma escura nuvem que coçava ia entrando no nariz e nos ouvidos. Não conseguia enxergar. Havia alguém atrás dela. Muito próximo. E como sempre em seus sonhos, as pernas não a conseguiam sustentar. Não tinha força alguma e estava dentro do lodo. Os pés afundavam cada vez mais e alguém, ou algo, perseguia-a. Já não podia levantar os pés. Afundava cada vez mais. Tentava chamar a sua mãe, mas de sua garganta só saía um débil gemido. E então sentiu uma mão pesada que pousava sobre o seu ombro.

— Desculpe, assustei-a? Rebecka abriu os olhos e viu a uma aeromoça

inclinada sobre ela. A aeromoça sorriu um tanto insegura e afastou a mão de seu ombro. — Estamos nos preparando para aterrissar no aeroporto de Kiruna. Precisa colocar reto o encosto do assento.

Rebecka levou a mão à boca. Teria babado? Ou ainda pior, teria gritado? Não se atrevia a olhar para a pessoa que tinha ao lado, assim virou a cabeça para a escuridão da janela. E a viu lá em baixo. A cidade. Como uma joia brilhante no fundo de um poço, resplandecia com as suas luzes, rodeada do escuro mundo das montanhas. O estômago e o coração encolheram. "Minha cidade", ela pensou com uma estranha combinação de nostalgia, alegria, raiva e medo ao voltá-la a ver.

Vinte minutos mais tarde dirigia um Audi alugado para Kurravaara. A cidadezinha ficava a quinze quilômetros de Kiruna. Quando criança, muitas vezes fizera o caminho de trenó desde Kiruna até lá. Era um trenó que se dava impulso com o pé. Recordava disso com alegria. Especialmente o final do inverno, quando o caminho ficava coberto de um gelo grosso e brilhante que ninguém conseguia eliminar com areia, sal ou cascalho. Ao seu ao redor, a lua brilhava por cima do bosque todo branco, e a neve amontoada formava uma vala ao longo de toda a estrada. "Não estava certo", pensou. Não deveria ter permitido que me tirassem tudo isto. Antes de voltar, juro que voltarei a andar de trenó. "Deveria ter agido de forma diferente?", se perguntou enquanto o carro avançava pelo bosque. E se pudesse voltar a aquele tempo, até o primeiro verão? Ou ainda mais para trás? Então teria de ser até a primavera. Quando conhecera Thomas Söderberg. Quando ele veio ao instituto Hjalmar Lundbohm. Então já deveria ter agido de forma diferente. Deveria tê-lo descoberto. Não ter sido uma inocente de merda. As outras moças da minha turma foram muito mais espertas. Por que ele não convenceu a elas?

— Bom dia a todos. Quero apresentar Thomas Söderberg. É o novo pastor da Igreja da Missão. Convidei-o como representante das igrejas livres. Quem falava era Margareta Fransson. A professora de religião.

"Sempre sorrindo", pensa Rebecka. "Por que sorria? Não era um sorriso alegre, mas sim submisso e manso. Comprava toda a sua roupa em **UMA MÃO QUE AJUDA**, uma loja sem intenção de lucro que vendia produtos

coletivos de mulheres de países subdesenvolvidos.”.

— Já estiveram aqui Evert Aronsson, pastor da Igreja Sueca, e Andreas Gault, sacerdote da Igreja Católica, adicionou Margareta Fransson.

— Eu acho que também deveria vir um budista e um muçulmano, ou algo assim, replica Nina Eriksson. — Por que só vêm os cristãos? Nina Eriksson era a porta-voz e líder da turma. Sua voz forte e dura se ouve em toda a sala. Muitos apoiaram o que dissera, assentindo com um som gutural.

— A oferta em Kiruna não é muito grande, se desculpa Margareta Fransson debilmente. E depois cede a palavra ao pastor Thomas Söderberg.

Ele é bonito. Tem o cabelo encaracolado e castanho, e as pestanas longas e escuras. Ri e graceja, mas de vez em quando fica sério. É muito jovem para ser sacerdote, ou pastor, como ele diz. E está vestido com jeans e camisa. Desenha na lousa. Desenha um poente. Diz que Jesus deu a vida por eles. Construiu uma ponte até Deus. Já que Deus amava ao mundo, entregou o seu único filho. Dirige-se à turma dizendo “tu”, ainda que falasse com vinte e quatro pessoas ao mesmo tempo. Quer que escolham a vida. Que digam “sim”. E tem resposta para todas as perguntas que lhe fizeram no final. Algumas perguntas fazem que fique calado um momento. Levanta as sobrancelhas e concorda pensativo. Como se fosse a primeira vez que alguém as fez. Como se fosse algo que o fizesse pensar. Algum tempo depois, Rebecka descobriu que estava longe muito de ser a primeira vez que ouvia aquelas perguntas. Que as respostas há muito já estavam preparadas. Mas desse modo quem pergunta se sente especial. Acabou a visita com um convite para o curso de verão da igreja da Missão de Gälivare. Três semanas de trabalho e estudos da Bíblia, sem salário, mas com a estadia grátis e pensão completa.

— Atreva-se a ser curioso, anima-as. — Não pode saber que a fé cristã não é para você se antes não se informa do que ela na verdade significa. Rebecka acha que ele a olha diretamente para ela quando fala. Ela também o olha diretamente. Pode sentir o fogo.

O caminho para a casa da avó estava cheio de neve. Havia luz no primeiro andar. Rebecka apanhou a sua bagagem e a bolsa de plástico da Konsum com comida. De passagem, comprou-a. Talvez não fizesse falta, mas nunca se sabe. Fechou o carro com chave. “Agora sou assim”, pensou. “Fecho

tudo.”.

— Olá, gritou quando chegou à porta. Não recebeu resposta, mas provavelmente Sana e as meninas haviam fechado a porta da escada e por isso não a ouviam.

Largou o que trazia nas mãos e deu uma volta pelo andar de baixo sem acender as luzes. Cheirava a casa velha e fechada. Chão de linóleo e humidade. Sem ventilar. Os móveis pareciam fantasmas cansados apoiados contra a parede, na escuridão, cobertos com os lençóis brancos da avó, feitos a mão. Subiu com cuidado as escadas, com medo de cair, já que a neve desfeita debaixo das solas fazia com que os sapatos escorregassem.

— Olá, gritou olhando para cima, sem receber resposta também desta vez.

Rebecka abriu a porta do andar de cima e entrou no estreito e escuro corredor. Quando se agachou para descer o zíper das botas, algo negro foi diretamente até o seu rosto. Deu um grito e caiu para atrás. Um par de latidos e uns olhos negros e alegres deram forma à bonita cabeça de uma cadela. A língua rosada aproveitou a ocasião para se familiarizar com seu rosto. Dois latidos mais e a cadela a voltou a lamber.

— Chapi, venha cá!

Uma menina de uns quatro anos apareceu no vão da porta. A cadela fez uma pequena pirueta em cima de Rebecka, foi correndo até a menina, deu uma lambida e voltou de novo até Rebecka. Mas Rebecka já havia se posto de pé, assim a cadela colocou o focinho dentro da bolsa de comida.

— Você deve ser Lova, disse Rebecka, acendendo a luz do corredor enquanto com o pé afastava a cadela da bolsa da Konsum. A luz iluminou a menina. Estava envolta em um edredom e Rebecka se deu conta de que na casa fazia frio.

— Quem é você? Perguntou Lova.

— Me chamo Rebecka, respondeu rápida. — Vamos até a cozinha.

Ficou no umbral, em um estado de muda surpresa, olhando a cozinha. As cadeiras estavam viradas e as tapetes feitos de pedaços de tecido da avó, estavam amassados debaixo da mesa da cozinha. Chapi se aproximou correndo com um lençol na boca que, provavelmente, estava sobre um móvel do aposento. Rosnava brincalhona enquanto a sacudia. Cheirava forte a sabão. Quando Rebecka olhou com mais detalhe, viu o chão cheio de detergente.

— Mas o que aconteceu aqui? Exclamou. — Onde estão sua mãe e sua irmã?

— Me lavei, confessou Lova. — E a Chapi também.

Do grande envoltório onde estava envolvida, saiu uma pequena mão que puxou um brilhante botão do casaco de Rebecka. Rebecka afastou impaciente a mão da menina.

— Onde estão sua mãe e a sua irmã? Perguntou de novo.

Lova apontou o sofá. Ali havia uma menina de uns onze anos, vestida com uma longa pele cinza de ovelha, quem sabe de Sana. Afastou os seus pequenos olhos de um exemplar da revista Hemmets Journal e se mostrou com a boca fechada e os lábios apertados. Rebecka sentiu um nó no peito. "Sara", pensou, "Ficou mais velha. E é parecida com Sana. O mesmo cabelo ruivo, mas é macio, como o de Viktor.".

— Olá, cumprimentou Rebecka. — O que andou fazendo a sua irmã? Onde está Sana? Sara encolheu os ombros para demostrar que não era assunto seu saber o que fazia a irmã.

— Mamãe está zangada, disse Lova puxando Rebecka pela manga do casaco. — Está deitada lá dentro, na bolha, disse apontando a porta do dormitório.

— Quem é você? Perguntou Sara, desconfiada.

— Me chamo Rebecka e esta é a minha casa. Em parte, pelo menos. Se voltou para Lova. — O que quer dizer com bolha?

— Quando está na bolha não responde e não olha, esclareceu Lova, voltando a mexer nos botões de Rebecka.

— Oh, Meu Deus! Suspirou Rebecka. Retirou o casaco e o colocou em

um cabide do armário do corredor. Realmente fazia frio na casa. Tinha que acender o fogo. — Conheço a sua mãe, disse Rebecka arrumando as cadeiras. — Meus avôs moravam aqui. Também tem sabão no cabelo?

Olhou os fios pegajosos de Lova. A cadela se sentou tentando lamber o lombo. Rebecka se agachou e chamou a cadela da mesma forma que vira a sua avó fazer.

— Chapi!

A cadela foi imediatamente até ela e, para mostrar submissão, tentou lamber a sua boca. Era uma cadela husky mestiça. Tinha o pelo grosso e negro com uma espécie de marco ao redor de sua feminina e pequena cabeça. Os olhos eram brilhantes, negros e alegres. Rebecka passou as mãos no pelo e em seguida cheirou os dedos. Era detergente.

— Bonita, disse para Sara. — É sua? Sara não respondeu.

— Duas terças partes são de Sara e uma parte é minha, respondeu Lova como uma lição bem aprendida.

— Agora quero falar com Sana, disse Rebecka se levantando.

Lova a segurou pela mão e levou até o quarto. O andar de cima se compunha só de uma grande cozinha e dois aposentos. Aqui havia sido o dormitório das crianças. Os avôs dormiam no quarto. Sana estava deitada em uma das camas, com as pernas recolhidas, de maneira que os joelhos quase tocavam o queixo. Tinha o rosto voltado para a parede e só usava uma camiseta e calcinhas floreadas de algodão. O cabelo longo e ruivo de anjo se espalhava sobre o travesseiro.

— Olá, Sana, disse Rebecka debilmente. A mulher da cama não respondeu, mas respirava.

Lova apanhou uma manta que estava dobrada aos pés da cama e a pôs em cima de sua mãe.

— Está na bolha, sussurrou.

— Entendo, disse Rebecka, se contendo. Cutucou Lova nas costas com

o dedo indicador. —Vamos para lá, disse Rebecka, levando Lova para a cozinha.

Chapi as seguia depois de compreender que não acontecera nada com a sua dona, que estava deitada na cama, quieta e calada.

— Já comeu? Perguntou Rebecka.

— Não, respondeu Lova.

— Você e eu nos conhecemos desde que era pequena, explicou Rebecka a Sara.

— Eu não sou pequena, gritou Lova. — Tenho quatro anos.

— Vamos a fazer uma coisa, decidiu Rebecka. — Vamos limpar a cozinha, vou preparar comida, vamos esquentar água no fogo e vamos dar um banho em Lova e em Chapi.

— E preciso de outra roupa, disse Lova. — Olhe! Abriu o edredom e apareceu uma camiseta cheia de detergente.

— E precisa de outra roupa, suspirou Rebecka cansada.

* * *

Uma hora mais tarde Lova e Sara estavam comendo salsichas com purê de batatas. Lova usava uns jeans dos primos de Rebecka e uma descolorida camiseta vermelha, com Asterix e Obelix na parte dianteira. Chapi estava sentada aos pés das meninas, esperando pacientemente a sua ração. Na cozinha o fogo crepitava. Rebecka deu uma olhada no relógio. Sete horas. Ela e Sana teriam de ir à delegacia. A tensão fazia o seu estômago doer. Sara ria da camiseta de Lova.

— Cheira mal, disse.

— Não é isso, suspirou Rebecka. — A roupa cheira um pouco estranha quando fica dobrada em uma gaveta durante muito tempo. Mas a sua roupa ainda está pior, mas isso é o que temos. Dê para Chapi as salsichas que sobrarem.

Deixou as meninas na cozinha, foi até o quarto e fechou a porta atrás de si.

— Sana, chamou. Sana não se moveu. Estava na mesma postura de antes, com o olhar na parede. Rebecka se aproximou da cama e ficou de pé, com os braços cruzados.

— Sei que me está ouvindo, disse com voz dura. — Não sou a mesma pessoa de antes, Sana. Fiquei pior e mais impaciente. Não penso em me sentar e passar a mão pelo seu cabelo e perguntar o que está acontecendo. Levante-se imediatamente e se vista. Se não, levo as suas filhas ao serviço de urgências da assistência social e lhes digo que, no momento, não pode se encarregar delas. Depois apanho o primeiro avião que me leve de volta a Estocolmo.

Nenhuma resposta. Nenhum movimento.

— Está bem, disse Rebecka ao cabo de um momento.

Respirou fundo, para deixar claro que já esperara bastante. Virou e se dirigiu para a porta que dava à cozinha. "Bom, então isso é tudo", pensou. "Vou a chamar a polícia e dizer onde ela está. Que a levem arrastada". Quando acabava de colocar a mão na maçaneta da porta, ouviu que Sana se sentava na cama.

— Rebecka, disse.

Rebecka demorou um segundo. Em seguida virou e se apoiou na porta. Voltou a cruzar os braços sobre o peito. Como uma mãe, com a expressão de "O que foi?". E Sana permanecia como uma menina pequena, mordendo o lábio inferior, suplicando com os olhos.

— Perdão, murmurou com voz rouca. — Sei que sou a pior mãe do mundo e a pior amiga. Está com raiva de mim?

— Tem três minutos para se vestir e ir para a cozinha comer, ordenou Rebecka, e ultrapassou a porta.

* * *

Sven-Erik Stålnacke havia estacionado o carro diante do serviço de urgências. Ana-Maria se apoiou na porta enquanto ele procurava a chave em

um dos bolsos do seu casaco. Não era fácil respirar profundamente quando o ar picava como agulhas, mas precisava relaxar. O ventre havia ficado duro como uma bola de neve na curta caminhada desde a sala de autópsias até o carro.

— Na Fonte de Nossa Fortaleza existem três pastores, disse Sven-Erik, procurando em outro bolso. — Concordaram em receber a polícia para que os interroguemos. Não poderão ficar mais de uma hora. E não pensam em se deixar interrogar de um em um, mas os três de uma vez. Dizem que querem colaborar, mas…

— … mas não querem colaborar, adicionou Ana-Maria.

— Exato, e o que faremos? Perguntou Sven-Erik. — Vamos ter de ir como policiais duros ou o quê?

— Não, porque toda a congregação se fecharia como uma ostra. Mas me pergunto por que não querem falar conosco de um em um.

— Não imagino o porquê. Ainda que um de eles, Gunar Isaksson, tenha me explicado, mas não entendi nem uma palavra do que disse. Pode perguntar de novo quando vê-lo. Merda, Ana-Maria, nós deveríamos tê-los tirado da cama bem cedo nesta manhã.

— Não, respondeu Ana-Maria sacudindo a cabeça. — Não poderia fazer outra coisa.

A aurora boreal reinava ainda no céu com os seus riscos brancos e verdes.

— É incrível, disse jogando a cabeça para trás. — Houve aurora boreal em todo o inverno. Já havia visto algo assim antes?

— Não. São essas tempestades solares, respondeu Sven-Erik. — É bonito, mas dentro de pouco tempo descobriremos que também dão câncer. Na realidade deveríamos andar por aí com uma sombrinha dessas metalizadas para prevenir a radiação.

— Você ficaria bonito, riu Ana-Maria. Sentaram-se no carro.

— A propósito, continuou Sven-Erik, — Como está Pohjanen?

— Não sei. Não era momento de perguntar.

— Não, claro. “Que ele mesmo pergunte”, pensou Ana-Maria, antipática.

Sven-Erik estacionou próximo da igreja e subiram andando a encosta. Os montes de neve nos lados do caminho haviam desaparecido e por todo o lado se via marcas de pés de gente e de cachorro. Estiveram inspecionando a área em busca da arma assassina. Esperava-se que quem tivesse matado Viktor Strandgård tivesse se desfeito da arma próximo da igreja ou quem sabe que a tivesse enterrado debaixo de um dos montes de neve. Mas não haviam encontrado nada.

— Imagine que ainda não encontramos a arma, disse Sven-Erik diminuindo o passo quando se deu conta de que faltava o alento a Ana-Maria. — Atualmente, pode se julgar alguém por assassinato sem testes técnicos?

— Bom, se lembre de Christer Pettersson, disse Ana-Maria respirando mais fundo. Sven-Erik começou a rir ruidosamente.

— Sim, é um exemplo que serve de consolo.

— Ainda não encontrou a irmã?

— Não. Von Post disse que conseguiu que ela venha para ser interrogada às oito, assim veremos o que vamos conseguir.

Ana-Maria Mela e Sven-Erik Stålnacke entraram na igreja da Fonte de Nossa Fortaleza as cinco e dez da tarde. Os três pastores estavam sentados na primeira fila da igreja olhando para o altar. Haviam outras pessoas na nave. Uma mulher de meia idade utilizava um pesado aspirador que fazia um ruído tremendo ao passar sobre o tapete. Para Ana-Maria parecia que estava muito magra com seus antiquados jeans e uma camiseta de algodão lilás que lhe chegava até quase os joelhos. De vez em quando a mulher precisava se ajoelhar para apanhar algum lixo muito grande e evitar que entrasse no tubo do aspirador. Havia outra mulher de meia idade, com uma elegante e bonita saia, uma blusa muito bem passada e um casaco combinando. Percorria as filas de cadeiras colocando uma folha em cada assento. A terceira pessoa era um homem jovem. Ia de um lugar a outro da nave, aparentemente sem rumo e parecia falar sozinho. Na mão levava uma Bíblia. De vez em quando ficava parado diante de uma cadeira, esticava a mão, como se estivesse conversando com o móvel, mas a sua boca permanecia fechada. Ou ficava parado com a Bíblia levantada até cima, recitando uma serie de frases incompreensíveis para Sven-Erik e Ana-Maria. Quando passaram próximo dele, ele deu uma olhada. O tapete manchado de sangue continuava no corredor da igreja, mas alguém

havia movido as cadeiras, de maneira que se podia passar sem pisar na área onde o corpo estivera.

— Bem, lá está a trindade, disse Sven-Erik em uma tentativa de romper o gelo quando os três pastores se levantaram com expressão séria para cumprimentá-los.

Nenhum dos três sorria. Quando se sentaram, Ana-Maria escreveu seus nomes com alguns dados em seu caderno de notas, de maneira que pudesse se recordar depois quem era quem e o que haviam dito. Usar a gravadora era impensável. Já ia a ser muito difícil conseguir fazê-los falar. Thomas Söderberg, ela escreveu. Moreno, bonito, com óculos modernos. Uns quarenta. Vesa Larsson, uns quarenta, o único que não usa terno nem gravata. Camisa de flanela e casaco de pele. Gunar Isaksson. Gordo, com barba. Uns cinquenta.

Prestou atenção na forma de apertar a mão daqueles homens. Thomas Söderberg apertou-a e se manteve assim um momento enquanto a olhava aos olhos com firmeza. Estava acostumado a inspirar confiança. Perguntou-se como reagiria se a polícia decidisse que fizera algo suspeito. A roupa que usava parecia cara. O aperto de mãos de Vesa Larsson era brando. Não estava acostumado a cumprimentar assim. Quando as suas mãos se encontraram, na realidade ele já havia cumprimentado-a com um discreto gesto de cabeça e seu olhar estava sobre Sven-Erik. Gunar Isaksson quase havia lhe quebrado a mão com o aperto. E não uma força inconsciente, como a que às vezes se observa em alguns homens. "Tem medo de parecer fraco", pensou Ana-Maria.

— Antes de começar gostaria de saber por que querem que entrevistemos os três ao mesmo tempo. Perguntou Ana-Maria como introdução.

— É terrível o que aconteceu, respondeu Vesa Larsson após um momento de silêncio. — Mas sentimos firmemente que a congregação deve permanecer unida neste momento. Principalmente os pastores. Existem forças que tentam semear a discórdia e não pensamos em lhe dar a mínima oportunidade.

— Entendo, respondeu Sven-Erik usando um tom em que claramente

reconhecia que não entendia nada em absoluto.

Ana-Maria olhou para Sven-Erik, que fechou a boca, pensativo, fazendo com que o seu grande bigode parecesse uma escova debaixo do nariz. Vesa Larsson brincava com um botão do casaco de pele, olhando de soslaio para Thomas Söderberg. Este não lhe devolvia o olhar, mas concordava com a cabeça. "É", pensou Ana-Maria. "A resposta de Vesa foi aprovada pelo pastor Söderberg. Não é difícil ver quem é o chefe da manada.".

— Como está organizada a congregação? Perguntou Ana-Maria.

— Acima de tudo está Deus, respondeu Gunar Isaksson levantando a voz e apontando convencido para o teto. — Depois a congregação tem três pastores, nós, e cinco irmãos no Conselho de Anciãos. Se fossemos uma empresa, poderia se dizer que Deus é o proprietário; nós três, os diretores; e o Conselho de Anciãos, o conselho de administração.

— Achava que queriam nos perguntar sobre Viktor Strandgård, interrompeu Thomas Söderberg.

— Já chegaremos lá, já chegaremos, afirmou Sven-Erik quase como em um sussurro.

O jovem da Bíblia havia parado ao lado de uma cadeira e salmodiava em voz alta, esgrimindo uma mão para a cadeira vazia. Sven-Erik parecia assombrado.

— Posso perguntar o que ele está fazendo? Disse realizando um gesto com o polegar em direção ao homem.

— Está rezando pelo encontro desta noite, esclareceu Thomas Söderberg. — Essa forma de orar pode parecer estranha se você não está acostumado, mas não é magia, eu garanto.

— É importante que a sala da igreja esteja preparada espiritualmente, esclareceu o pastor Gunar Isaksson enquanto coçava a sua povoada e bem cortada barba.

— Entendo, respondeu Sven-Erik, procurando o olhar de Ana-Maria. Agora tinha o bigode em um ângulo de quase noventa graus em relação ao rosto.

— Bem, vamos ver se me contam algo de Viktor Strandgård, disse Ana-Maria. — Como era como pessoa? Vesa Larsson, o que parecia a você? O

pastor aparentemente sofreu, e engoliu saliva antes de responder.

— Se entregava, era humilde, querido por toda a congregação. Deixava que Deus o usasse, simplesmente. Pode-se dizer que, apesar de sua elevada posição na comunidade, também servia nas coisas práticas. Estava na lista da limpeza, podia ser visto passando o trapo de pó pelas cadeiras. Pregava cartazes antes dos encontros…

— … cuidava das crianças, completou Gunar Isaksson. — Bom, temos uma escala rotativa, de maneira que os que têm crianças pequenas podem escutar a palavra de Deus de forma direta.

— Sim, como ontem, continuou Vesa Larsson. — Depois do encontro não foi tomar café, mas ficou aqui para voltar a colocar as cadeiras em seu lugar. É muito ruim não ser ter bancos de igreja, por que é preciso colocar as cadeiras em linha reta, se não parece que tudo fica desordenado.

— Deve ser um trabalho tremendo, surpreendeu Ana-Maria. — Existe um monte de cadeiras. Não ficou ninguém para ajudá-lo?

— Não. Disse que queria ficar sozinho, respondeu Vesa Larsson. — Normalmente não se fecha com a chave se ainda tiver alguma pessoa aqui dentro, assim alguém deve… Interrompeu-se e sacudiu a cabeça.

— Parece que Viktor Strandgård era uma alma bondosa, disse Ana-Maria.

— Sim, era, disse Thomas Söderberg, sorrindo tristemente.

— Sabem se tinha inimigos ou estava brigado com alguém? Perguntou Sven-Erik.

— Não, com ninguém, respondeu Vesa Larsson.

— Parecia preocupado por algo? Intranquilo? Continuou Sven-Erik.

— Não, voltou a responder Vesa Larsson.

— Levando em consideração que trabalhava em tempo integral aqui, quais eram as suas obrigações para com a congregação? Perguntou Sven-Erik.

— Trabalhar a serviço de Deus, respondeu Gunar Isaksson pomposamente, colocando ênfase na palavra “Deus”.

— E trabalhando para Deus também fazia a congregação ganhar dinheiro, disse Ana-Maria, tensa. — Aonde ia a parar o dinheiro de seu livro? Para quem irá agora, depois de morto? Gunar Isaksson e Vesa Larsson se voltaram para o seu colega, Thomas Söderberg.

— O que isso pode interessar na investigação do assassinato? Perguntou Thomas Söderberg com voz amável.

— Simplesmente responda a pergunta, exigiu Sven-Erik suavemente,

mas com um rosto que não permitia que fosse contrariado.

— Há tempos que Viktor Strandgård cedeu os direitos do livro para a congregação. Após a sua morte, os valores continuarão indo para o mesmo lugar. Quer dizer, não haverá nenhuma diferença.

— Quantos exemplares do livro já foram vendidos? Perguntou Ana-Maria.

— Mais de um milhão, incluindo as traduções, respondeu o pastor Söderberg. — Mas ainda não entendo…

— Vendem outras coisas? Interrompeu Sven-Erik. — Fotos ou algo assim?

— Isto é uma congregação e não um clube de fãs de Viktor Strandgård, respondeu Thomas Söderberg com aridez. — Não vendemos retratos, mas sim, existem outros valores, por exemplo, da venda de fitas de vídeo.

— Que tipo de fitas? Ana-Maria mudou a postura. Tinha vontade de urinar.

— Gravações de nossos sermões, de Viktor Strandgård ou de pastores convidados. Encontros e missas, respondeu o pastor Söderberg enquanto retirava os óculos e apanhava um pequeno lenço branco do bolso da calça.

— Gravam os encontros em vídeo? Perguntou Ana-Maria voltando a trocar de postura na cadeira.

— Sim, respondeu Vesa Larsson, já que Thomas Söderberg parecia muito ocupado em limpar os óculos para responder.

— Ontem tiveram um encontro, afirmou Ana-Maria, — E Viktor Strandgård esteve presente. Esse encontro está gravado em vídeo?

— Sim, respondeu o pastor Larsson.

— Queremos essa fita, exigiu Sven-Erik. — E se planejam outro encontro esta noite, também gostaria que nos dessem a fita. Bom, todas as gravações dos últimos meses; o que você acha Ana-Maria?

— Sim, é isso, respondeu breve.

Quando parou o ruído do aspirador olharam para cima. A mulher que estava limpando o havia desligado e se dirigira até a dama bem vestida. Sussurraram algo entre elas, olhando para os pastores. O jovem havia se sentado em uma das cadeiras e folheava a Bíblia. Seus lábios se moviam incessantemente. Quando a mulher bem vestida viu que os pastores e a polícia haviam feito uma pausa na conversa, aproveitou a ocasião e se dirigiu até eles.

— Posso interromper? Disse amavelmente e continuou, já que ninguém a impediu. — Para o encontro desta noite, o que vamos fazer com…? Ficou calada fazendo um gesto com a mão direita até o ensanguentado lugar onde estivera o corpo de Viktor Strandgård.

— O chão não está encerado, e também não acho que se consiga apagar todas as impressões… Quem sabe poderia enrolar o tapete e colocar algo por cima até que nos entreguem um novo.

— Está bem, respondeu Gunar Isaksson.

— Não, por favor, interrompeu o pastor Söderberg enquanto olhava rapidamente para Gunar Isaksson. — Eu arrumarei isso dentro de um momento. Deixe-o assim, por agora. A polícia acabará em seguida não é?

A última pergunta fora dirigida para Ana-Maria e Sven-Erik. Ao ver que estes não responderam, Thomas Söderberg sorriu à mulher, com o que parecia dar por acabada a conversa. Ela desapareceu como um espírito serviçal na direção da outra mulher. Ao cabo de um momento voltou a se ouvir o aspirador. Os pastores e a polícia ficaram sentados em silêncio, se observando uns a outros.

"Típico", Ana-Maria pensou, enojada. "Chão de madeira sem tratar, grosso tapete feito à mão, cadeiras soltas em lugar de bancos. É muito bonito, mas estou certa de que não é fácil manter isso limpo. Menos mal que existem tantas mulheres submissas que fazem a limpeza gratuita para agradar a Deus.".

— A verdade é que não temos muito tempo, disse Thomas Söderberg. Sua voz havia perdido toda a amabilidade. — Haverá um encontro esta noite e, como compreenderão, devemos preparar um monte de coisas, adicionou ao ver que nenhum dos policiais respondeu.

— Bem, continuou Sven-Erik, como se tivesse todo o tempo do mundo. — Se Viktor Strandgård não tinha inimigos, então tinha amigos. Quem era mais próximo de Viktor Strandgård?

— Deus, respondeu o pastor Isaksson com um sorriso triunfal.

— Sua família, naturalmente, sua mãe e seu pai, retificou Thomas Söderberg, ignorando o comentário de seu colega. — O pai de Viktor, Olof Strandgård, é o presidente do Partido Democrata Cristão e conselheiro

municipal. A congregação tem muitos representantes no conselho municipal, sobretudo do Partido Democrata Cristão, que é o partido com mais adeptos entre a classe média de Kiruna. Nossa influência no município é cada vez maior e teremos a maioria absoluta nas próximas eleições. Também esperamos que a polícia não faça nada que possa diminuir a confiança que alcançamos entre nossos eleitores. Depois vem a irmã de Viktor, Sana Strandgård. Falaram com ela?

— Não, ainda não, respondeu Sven-Erik.

— Vão com cuidado quando o fizerem; é uma pessoa muito frágil, informou o pastor Söderberg. — Também devo me incluir entre seus parentes.

— Era seu confessor? Perguntou Sven-Erik.

— Bom, respondeu Thomas Söderberg sorrindo de novo. — Não o chamamos assim. É melhor, mentor espiritual.

— Sabem se Viktor Strandgård estava a ponto de descobrir algo antes de morrer? Perguntou Ana-Maria. — Sobre si mesmo, quem sabe? Ou sobre a congregação?

— Não, respondeu Thomas Söderberg após um segundo de silêncio. — O que poderia ser?

— Desculpem-me, disse Ana-Maria se levantando. — Tenho que ir ao banheiro.

Afastou-se dos homens e se dirigiu até o banheiro, no final da igreja. Urinou um pouco, mas continuou sentada, descansando o olhar sobre as brancas paredes azulejadas. Tinha um pensamento que lhe voltava uma e outra vez à cabeça. Durante os anos que havia trabalhado como policial havia aprendido a notar os sinais de tensão. Todos, desde suores a enjoos. Normalmente, a gente fica nervosa quando fala com a polícia. Mas quando começava a se tentar esconder essa tensão, era quando se devia dar mais atenção. E havia um sintoma de tensão que só se apresentava uma vez. Aparecia uma única vez. E ela acabava de notar. Logo depois de ter perguntado se Viktor Strandgård estava a ponto de descobrir algo antes de morrer. Um dos três pastores, não conseguiu se dar conta de quem, havia respirado fundo. Uma única vez. Uma inspiração.

"Bem", disse em voz alta, mas para si mesma, se surpreendendo do bem que lhe fazia soltar gases em segredo dentro da igreja. Pode ser que não

significa nada. A gente respira. O que fica claro é que eles não são trigo limpo. Para ver o que a política dentro de uma organização faz. Nem a polícia está isenta. E com certeza que esta quadrilha tampouco. Mas isso não os transforma em assassinos, continuou Ana-Maria enquanto acionava a válvula do sanitário. Mas havia algo mais. Por exemplo, por que Vesa Larsson respondeu que não havia nada que preocupasse Viktor Strandgård se Thomas Söderberg era o seu "mentor espiritual" e, portanto, quem o conhecia melhor?

Quando Sven-Erik e Ana-Maria saíram da igreja e estavam a caminho do estacionamento, a mulher que estava passando o aspirador saiu correndo após eles. Usava meias esportivas e tamancos, pelo que ia descendo a encosta as vezes correndo e a vezes escorregando.

— Ouvi que perguntavam se ele tinha inimigos. Disse com a respiração ofegante.

— Sim, por quê?

— Por que tinha, disse se aferrando ao braço de Sven-Erik. — E agora que está morto, o inimigo será mais forte. Eu sinto que se aproxima de mim também.

Soltou Sven-Erik e abraçou a si mesma em uma tentativa infrutífera de se proteger do incisivo frio. Não colocara roupa de frio. Dobrou um pouco os joelhos para manter o equilíbrio na encosta. A mínima inclinação dos tamancos para trás fazia-a escorregar.

— Aproximando-se? Perguntou Ana-Maria.

— Os demônios, disse a mulher. — Querem que eu volte a fumar. Antes eu estava possuída pelo demônio do tabaco, mas Viktor Strandgård pôs suas mãos sobre mim e me libertou.

— Tomamos nota, disse a policial, e recomeçou a caminhada até o carro. Sven-Erik ficou ali e apanhou um bloco de notas do bolso interior de seu anoraque.

— Foi ele quem matou Viktor, disse a mulher.

— Quem? Perguntou Sven-Erik.

— O príncipe dos demônios, sussurrou. — Satã. Tenta abrir passagem. Sven-Erik voltou a guardar o bloco de notas e segurou as frias mãos da

mulher entre as suas.

— Obrigado, disse. — Agora será melhor que entre para que não fique congelada.

— Só queria lhes dizer isso, gritou a mulher quando se afastavam.

Dentro da igreja os pastores discutiam em voz alta.

— Não pode fazer dessa maneira, gritou Gunar Isaksson, indignado, enquanto seguia os passos de Thomas Söderberg ao redor da mancha de sangue que estava no chão. Söderberg ia ajeitando as cadeiras para que a escura impressão da morte de Viktor Strandgård ficasse no meio, como no centro de um picadeiro.

— Claro que sim, respondeu Thomas Söderberg, tranquilo. Voltando-se para a mulher bem vestida adicionou: — Retire o tapete do corredor, mas deixe que a mancha de sangue que está embaixo continue. Compre três rosas e as coloque sobre o chão. Mudaremos a disposição. Eu pregarei ao lado do lugar onde morreu. As cadeiras devem ser colocadas ao redor.

— Terá ouvintes por todos os lados, gritou Gunar Isaksson. — Quer que fiquem olhando para as suas costas?

Thomas Söderberg se aproximou do homem baixo e gordo e lhe pôs as mãos sobre os ombros. "Merdinha", pensou. "Não tem conhecimento suficiente para falar. Precisa de um teatro. Uma praça. Precisa ter todo o mundo na frente e um átrio onde se agarrar se as coisas ficarem feias. Mas não posso deixar que a sua incapacidade seja um impedimento para mim.".

— Lembra-se do que conversamos irmão? Perguntou Thomas Söderberg para Gunar Isaksson. — Temos que nos manter unidos. Prometo que isso terminará bem. O povo precisa poder chorar, rezar, gritar a Deus e nós esta noite vamos vencer. Diga a sua mulher que traga uma flor e a coloque no lugar donde estava estendido o corpo.

"Vai ser um ambiente incrível", pensou Thomas Söderberg. Precisava se lembrar de pedir a mais pessoas que levassem flores para colocá-las no chão. Seria como o lugar onde assassinaram Olof Palme. O pastor Vesa Larsson continuava sentado, inclinado para frente, no mesmo lugar onde estava quando falaram com a polícia. Não participava na acalorada discussão, e

tapava o rosto com as mãos. Provavelmente chorava, mas era difícil saber.

* * *

Rebecka e Sana seguiam de carro em direção à cidade. Os pinos carregados de neve passavam depressa à luz dos faróis. O violento silêncio que reinava era como um aposento que ia se encolhendo por momentos. As paredes e o teto se moviam para dentro e para baixo. A cada minuto que passava ficava mais difícil respirar com liberdade. Rebecka dirigia. Seus olhos iam do velocímetro à estrada. O tremendo frio fazia com que o asfalto não ficasse escorregadio, apesar de estar coberto de neve. Sana estava sentada com a face apoiada no vidro da janela, enrodilhando um cacho de cabelo num dedo.

— Não pode falar algo? Perguntou ao cabo de um tempo.

— Não estou acostumada a dirigir na estrada, respondeu Rebecka. — Não posso falar e dirigir ao mesmo tempo.

Ela mesma se deu conta de que sua mentira se notaria tanto quanto a sujeira sob a água. Mas dava no mesmo. Quem sabe era essa a sua intenção. Olhou o relógio. Quinze para as oito. "Não vai brigar agora", se ordenou. "Colocou Sana no barco, assim faça o favor de levá-la a porto.".

— Acha que as meninas ficarão bem?

— Não tenho outra solução, respondeu Sana, se acomodando no assento. — E estaremos de volta rápido, não é? Não me atrevo a pedir ajuda a alguém. Quantas menos pessoas souberem de onde eu estou, melhor.

— Por quê?

— Tenho medo dos jornalistas. Sei como são. E os meus pais… Bem, vamos falar de outra coisa.

— Quer falar de Viktor? Do que aconteceu?

— Não. Dentro de um momento explicarei tudo à polícia. Falemos de você, assim me tranquilizarei. Como vão as coisas? É verdade que fazem sete anos que não nos víamos?

— Mmm, respondeu Rebecka. — Mas falamos por telefone alguma que outra vez.

— E pensar que ainda possui a casa de Kurravaara.

— Sim, meus tios, Affe e Inga-Lili, dizem que não tem dinheiro para comprar a minha parte. Acho que estão chateados porque são os únicos que cuidam e investem nela. Claro que, por outro lado, também são eles os únicos que a utilizam. Eu a venderia. A eles ou a qualquer outro, me dá no mesmo.

Ficou pensando no que acabara de dizer. Ela não possuía a casa da avó ou a cabana de Jiekajärvi? O que importava que nunca fosse ali? Simplesmente se lembrar da cabana, que era um refúgio, longe da civilização, um lugar deserto, bem além dos bosques e dos pântanos, não seria alegria suficiente?

— Agora está tão… Como poderia dizer? Tão encantadora, disse Sana. — E se vê que de alguma maneira ficou mais segura. Sempre achei que era bonita, mas agora parece ter saído de uma série de televisão. E está com o cabelo muito bonito também. O meu eu deixo crescer selvagem até que eu mesma o corto. Com toda a intenção, Sana colocou os dedos entre os seus cabelos encaracolados, grossos e ruivos.

"Eu sei Sana", pensou Rebecka, enojada. "Já sei que você é a mais bonita do mundo. E isso sem necessidade de gastar dinheiro em roupa ou em cabeleireiros.".

— Conte-me algo, pediu Sana, lamentosa. — Me sinto tão tremendamente envergonhada, mas já pedi desculpas. Estou completamente paralisada de medo. Olhe como as minhas mãos estão geladas. Retirou a mão de dentro da pele de ovelha e esticou a mão até Rebecka.

"Ficou maluca", pensou Rebecka enojada, com as mãos apertando o volante.

"Veja a minha mão, Rebecka, está tremendo. Está completamente gelada. Gosto tanto de você, Rebecka. Se fosse homem, me apaixonaria por você, sabe?".

— Tem uma cadela muito bonita, comentou Rebecka se esforçando para manter a voz calma. Sana retirou a mão.

— Sim, respondeu. — Chapi. As meninas a adoram. Quem nos deu foi um garoto que conhecemos. Seu dono não cuidava bem dela. Pelo menos quando bebia, e sempre estava bêbado. É tão alegre e obediente. E a verdade é que adora Sara, notou? Sempre coloca a cabeça nos joelhos dela. É divertido porque as meninas tiveram muito má sorte com as mascotes este último ano.

— Não me diga.

— Ou não é má sorte. As meninas às vezes são muito irresponsáveis. Não sei o que é. Nesta primavera o coelho que tínhamos fugiu porque Sara se esqueceu de fechar bem a porta da jaula. E não houve maneira de reconhecer que havia sido culpa dela. Depois tivemos um gato. Desapareceu no outono. Desta vez Sara não teve culpa. Isso é o que acontece com os gatos que adoram a rua. O atropelaram ou algo assim. Tivemos alguns roedores, que também desapareceram. Não me atrevo a procurar onde estão. Com certeza estão vivendo agora atrás das paredes ou debaixo do chão comendo a casa, lentos, mas firmes. Sara e Lova acham que sou maluca. Como agora que Lova se sujou de detergente, a ela e à cadela. E Sara fica olhando sem fazer nada. Eu não aguento mais. Lova está sempre fazendo imundícies assim. Bem, vamos falar de algo mais divertido.

— Olhe que aurora boreal formidável, disse Rebecka, aproximando a cabeça ao volante para ver melhor o céu.

— Sim, ela foi incrível todo o inverno. Quando tem tempestade no sol, então acontece isto. Não perde alguma coisa estando aqui?

— Não, quem sabe, não sei. Rebecka começou a rir.

Ao longe se via a Igreja de Vidro. Parecia flutuar como uma nave espacial sobre a luz da rua. Cada vez se viam mais casas. A estrada se converteu em uma rua e Rebecka apagou os faróis altos.

— Está gostando de lá? Perguntou Sana.

— Não faço outra coisa a não ser trabalhar, respondeu Rebecka.

— E os colegas?

— Não sei. Não me sinto bem entre eles, se é isso o que quer saber. Sempre sinto que venho de uma família simples. Podem-se aprender as regras de urbanidade, como olhar até onde se pode olhar quando se brinda e agradecer por escrito aos anfitriões quando se foi em uma festa, mas não se pode esconder quem você é na realidade. Assim que sempre se sente um pouco afastada. E acaba se cultivando certo ressentimento. Além disso, não se

sabe que opinião eles tem de você. São agradáveis com todo o mundo, tanto se gostam quanto não. Aqui em casa pelo menos se sabe como é a gente.

— Sabemos? Perguntou Sana.

Ficaram em silêncio, ensimesmadas em seus pensamentos. Passaram adiante do jardim da igreja e se aproximaram do posto de gasolina da Statoil.

— Compramos algo para beber? Perguntou Rebecka. Sana concordou com a cabeça e Rebecka estacionou no posto de gasolina. Ficaram sentadas no carro, sem dizer nada. Nenhuma fez algum movimento para sair do carro e nenhuma olhava para outra.

— Não deveria ter ido embora, disse Sana com voz triste.

— Você sabe por que eu fui, respondeu Rebecka enquanto virava a cabeça para a sua janela, de maneira que Sana não pudesse ver o seu rosto.

— Acho que foi o único amor de Viktor, sabe? Explodiu Sana. — Acho que ele nunca conseguiu esquecê-la. Se tivesse ficado…

Rebecka se virou. Sentiu que a ira a atravessava como a chama de um soldador. Estava tremendo, tiritando, e as palavras que lhe vinham à boca eram confusas e imprecisas. Mas saíram. Não pôde se conter.

— Espere um momento, gritou. — E se cale de uma vez. Vamos esclarecer algumas coisas.

Uma mulher que levava um cachorro labrador com excesso de peso, preso com uma correia, ficou parada quando ouviu o grito de Rebecka e olhou curiosa para o interior do carro.

— Não tenho ideia do que está falando, continuou Rebecka sem baixar a voz. — Viktor nunca me quis, nem sequer esteve apaixonado por mim. Não quero ouvi-la falar mais disso na vida. Não penso em assumir nenhum tipo de culpa por não ter sido o seu par. E na verdade não penso assumir tampouco o fato de que o assassinaram. Merda, você é maluca se é nisso que pensa neste momento. Viva, se quiser, em seu universo paralelo, mas me deixe de fora.

Ficou calada. Primero golpeou a janela com as duas mãos. Depois se

golpeou na cabeça. A mulher do cachorro, assustada, deu um passo para trás e desapareceu. “Meu Deus. Preciso me acalmar”, pensou Rebecka. “Não posso dirigir assim. Vou acabar saindo da estrada.”.

— Não queria dizer isso, se queijou Sana. — Eu não nunca pensei que você tivesse culpa de algo. Se alguém tem a culpa, essa sou eu.

— O que diz? De assassinaram Viktor? Algo apareceu no interior de Rebecka. Aguçou o ouvido.

— De tudo, murmurou Sana. — De que você tivesse ido. De tudo!

— Não penso... Bufou Rebecka, cheia de uma nova ira que acabou com os tremores do seu corpo e converteu seus ossos em ferro e gelo. —... Em ficar aqui a consolando e lhe dizendo que nada foi culpa sua. Já o fiz cem vezes. Eu era uma pessoa adulta, fiz o que me pareceu melhor e aceitei as consequências.

— Sim, concordou Sana, submissa.

Rebecka pôs o carro em movimento e foi oscilando até a Avenida Malm. Sana tapou a boca com as mãos quando um carro que vinha em direção contrária buzinou furiosamente. Da Avenida Hjalmar Lundbohm, viram os escritórios iluminadas da empresa LKAB. Para Rebecka parecia que não eram tão grandes como se lembrava. O edifício sempre parecera enorme quando morava naquela cidade. Passaram adiante da fachada de uma nova obra, com uma curiosa torre de relógio se levantando para o céu como um esqueleto negro de aço.

— O que penso é verdade, disse Rebecka. — Nunca esteve apaixonado por mim, mas posso entender que todos acreditassem que sim. Deixamos que acreditassem, Viktor e eu. Tudo começou no primeiro verão. No curso da igreja, com Thomas Söderberg, em Gälivare.

No final foram onze jovens que começarão o curso de verão da igreja. Durante três semanas trabalharão, viverão e estudarão a Bíblia juntos. O pastor Thomas Söderberg e sua esposa, Maja, são quem os dirigem. Maja está grávida. Tem o cabelo longo e brilhante, e está sempre sem maquiagem. É bonita e alegre. Às vezes, Rebecka vê que se afasta e aperta os rins com as mãos. Às vezes, Thomas a abraça e diz:

— Podemos continuar sem você. Vá se deitar e descansar um pouco. Então ela o olha com alívio e agradecimento. É um trabalho duro ser esposa sem salário de um pastor.

A irmã de Maja, Magdalena, também está ali, ajudando. É de movimentos rápidos, como um ratão alegre. Sabe tocar violão e os ensina a cantar hinos. Viktor e Sana Strandgård estão entre os onze. Chamam a atenção. Se parecem muito. Os dois tem o cabelo longo e ruivo. O de Sana é encaracolado. Seu nariz chato e os grandes olhos fazem com que seu rosto tenha a expressão de uma boneca. Terá rosto de menina ainda que tenha oitenta anos. Com dezessete já tem uma filha pequena, Sara, de três meses.

— Jesus e eu temos uma interessante relação de amor, diz Sana com um sorriso. Sana e Thomas Söderberg têm formas diferentes de sentir a fé. Thomas testa a sua fé em diferentes situações.

— A palavra "fé", diz, — É a mesma coisa que acreditar é estar convencido de algo. Se eu disser: "Acredito em você, Rebecka", quero dizer que estou convencido de que vai confirmar as esperanças que tenho depositado em você.

— Não sei, protesta Sana. — Eu digo que acreditar é precisamente acreditar. Não saber. Duvidar às vezes, mas investir na relação com Deus. Escutar seu sussurro no bosque. Viktor se inclina para frente e alvoroça o cabelo de sua irmã mais velha.

— É na sua cabeça que existem sussurros e murmúrios, Sana, disse rindo.

Ele não tem fé, mas gosta de discutir. Está com o seu cabelo ruivo recolhido em um coque. Tem a pele tão transparente que quase parece azulada. As outras moças o olham, mas em seguida descobrirá uma maneira de mantê-las à distância. Está brincando com Rebecka, mas ela não é boba. Já se deu conta de que seus olhares não significam nada e que ela não responderá às ligeiras carícias que ele faz em seu cabelo ou mão. Aprendeu a ficar quieta, sentada, com a fantasia de ser objeto do seu desejo. Dessa brincadeira não sairá sem prêmio. A admiração que Viktor lhe professa dá certo status entre as outras moças do grupo. Desprezou-as e isso faz com que lhe tenham respeito.

No princípio, Thomas e os estudantes têm opiniões diferentes quando à Bíblia. Os jovens não conseguem entender algumas coisas. Por que a homossexualidade é pecado? Como se pode ter certeza de que a fé cristã é a verdadeira? O que acontecerá com os muçulmanos, por exemplo? Irão para o inferno? Por que não se podem ter relações sexuais antes do casamento? Thomas escuta e dá explicações. "Precisa escolher", diz. "Ou acredita em todo o conteúdo da Bíblia ou escolhe umas quantas coisas e acredita nelas. Mas que tipo de fé é essa? Essa é uma fé diluída e desdentada.".

As claras noites de verão eles passam no cais, ao lado do mar, matando os mosquitos que aterrissam em seus braços e pernas. Discutem e pensam. Sana se sente segura com seu Deus. Rebecka tem a impressão de ir contra a corrente.

— É porque recebeu a chamada, explica Sana. — Ele quer você. Se não o aceitar, a perderá para sempre. Não pode adiar a decisão para o futuro porque nunca mais sentirá este desejo.

Quando se passaram as três semanas, todos os participantes, menos dois, se entregaram a Deus. Entre os novos redimidos estão Viktor e Rebecka.

— E você e Viktor? Perguntou Thomas a Rebecka quando o curso de verão da igreja já quase havia terminado. — O que há entre vocês?

Vão caminhando até o supermercado ICA-Renen para comprar leite. Rebecka aspira o cheiro de asfalto quente. Está contente de que Thomas quisesse acompanhá-la. O normal é ter que dividi-lo com os demais.

— Não sei, responde Rebecka escapando de explicar a verdade. — Acho que está interessado em mim, mas neste momento não tenho tempo para nada além de Deus. Quero me dedicar a Ele cem por cem durante um tempo.

Ao passar por diante de uma bétula, ela quebra um pequeno ramo. As delgadas e verdes folhas fazem a alegria do verão. Coloca uma folha na boca e a mastiga. Thomas apanha também uma folha e a coloca na boca. Sorri.

— Você é uma moça sensata, Rebecka. Deus têm grandes planos para você, eu sei. É uma época muito bonita quando alguém acaba de se apaixonar por Deus. É bom que aproveite este momento.

Ouviu a voz de Sana, primeiro longe e depois mais próxima. Sentiu a mão de Sana na parte superior de seu braço.

— Olhe, gemeu Sana. — Oh, não.

Haviam chegado à delegacia. Rebecka estacionara o carro. Primero não se deu conta do que Sana estava vendo. Depois descobriu uma jornalista que estava correndo para o carro com o microfone em riste. Atrás da repórter vinha um homem. Este levantou a câmara contra elas como se fosse uma escura arma.

* * *

Na Igreja de Vidro, Karin, a mulher do pastor Gunar Isaksson, parecia rezar com os olhos meio fechados. Faltava uma hora para o encontro da noite. Na sua frente, o coro gospel ensaiava. Trinta jovens, mulheres e homens. Calças negras, camisas lilás e, na parte da frente, uma tabuinha amarelo e laranja com a palavra "Júbilo". Gostava tanto daquela nave... A acústica era divina. Como agora. As vogais alongadas serpenteavam até o teto e depois caíam até uma profundidade onde só conseguiam chegar os barítonos. A cálida luz. A noite polar lá fora, os enormes janelões de vidro. Uma bolha da força de Deus em meio da escuridão e do frio. Os guitarristas e o baixista afinavam os instrumentos. Houve um ruído surdo quando o técnico das luzes acendeu-as. Os rapazes que se encarregavam do som estavam lutando com um microfone que não queria funcionar. Falavam através dele sem que se ouvisse nada e, de repente, saiu um som metálico e penetrante.

Coçavam-lhe os braços. Essa manhã a erupção estava inchada e vermelha. Perguntava-se se não seria psoríase. Que Gunar não visse. Não queria ouvi-lo. Haviam modificado a disposição das cadeiras do salão da igreja. Agora estavam postas ao redor do lugar onde estivera o corpo de Viktor. Era como um autêntico picadeiro. Olhou o seu marido, sentado na

primeira fila, sua robusta nuca sobressaía pelo branco pescoço da camisa. A seu lado estava Thomas Söderberg tentando se concentrar no sermão da noite. Ela viu que Gunar se obrigava a fixar a vista na Bíblia, decidido a não atrapalhar. Depois esqueceria o que queria dizer e se perderia em seu discurso. Com a mão direita traçava no ar uns desenhos circulares. Depois do Natal decidira emagrecer. Hoje havia pulado a refeição principal. Enquanto ela, sentada à mesa da cozinha, dava voltas no espaguete do seu prato com o garfo, ele, de pé, comia três peras junto ao fogão. Com suas largas costas, inclinado, mastigava e engolia. Com a mão esquerda apertava a gravata contra o colarinho.

Olhou o relógio. Dentro de um quarto de hora abandonaria o seu lugar ao lado de Thomas Söderberg, se esgueiraria até o carro e iria até o Empes, para comer um hambúrguer às escondidas. Voltaria com a boca cheia de chicletes. "Minta a alguém que se importe", queria gritar.

No princípio ele era outro homem. Substituíra alguém como porteiro da escola de Berga, onde ela trabalhava como professora do segundo grau. Foi uma corte clamorosa. Ele inventava recados para ter o que fazer na sala dos professores, quando ela estava livre. Brincadeiras, risadas e uma série sem fim de piadas ruins. E por trás de tudo aquilo, uma insegurança que comoveu a ela. E os comentários dos colegas, que ficavam fascinados... Como a elogiava quando ela cortava o cabelo ou estreava uma blusa. Viu-o com as crianças no pátio. As crianças o adoravam. Um porteiro que era boa pessoa. O que importava se ele não gostava de ler? Foi depois, ao ficar à sombra de Thomas Söderberg e Vesa Larsson, que se deu conta de que ele não sabia se impor.

Mas já era tarde. Começou a ir com ele à igreja batista. Naquele tempo era uma congregação a ponto de sucumbir. Não, mentira, já havia sucumbido. A gente que ia a missa parecia ir descansar um tempo já a caminho da tumba. Signe Persson, com seu fino e transparente cabelo, penteado com cuidado. O couro cabeludo brilhava por baixo, rosado com manchas marrons. Arvid Kalla, ao mesmo tempo funcionário da LKAB. Agora, meio adormecido no banco da igreja, com seus enormes punhos impotentes sobre os joelhos.

Logicamente, não tinham dinheiro para se permitir um pastor, havia

apenas para aquecer a igreja. Gunar Isaksson cuidava da congregação como um empresário. Consertava e mantinha o que se podia pagar. Suspirava quando não se podia. Por exemplo, a humidade da entrada. A parede parecia como um ventre inchado. O papel descolava constantemente. A ideia era que os fiéis, em rodízio, fariam o sermão, quando se celebrasse a missa, a cada dois domingos. Mas já que ninguém aparecia voluntariamente, era Gunar Isaksson que sempre fazia.

Seu sermão era fácil de seguir. Passava de uma coisa a outra falando da igreja livre, um tema que conhecia desde que era jovem. A base sempre era a mesma, com as obrigadas alusões ao "espírito santo", "minha vida começará de novo" e "a água nos cai diretamente do manancial". O sermão, sempre e sem exceção, terminava com o tema do despertar da fé para uns ouvintes que há tempos já haviam sido despertados. Era um consolo que os sermões não eram muito melhores nas outras igrejas da cidade. O templo de Deus de Kiruna era uma cabana a ponto de cair onde o cheiro de fechado havia ficado para sempre.

Gunar se levantou e foi até a saída. Por respeito, diminuiu a marcha quando passou diante do lugar donde estivera o corpo de Viktor Strandgård. Já havia muitas flores e cartões. Sorriu para ela piscando um olho, um sinal que parecia significar que só ia ao banheiro ou trocar umas palavras com alguém na entrada. Não era idiota. Em absoluto. Se não, não teria chegado até ali. Ao topo da congregação, junto com Thomas Söderberg e Vesa Larsson. Sem ter estudado para pastor. Sem talento para pescador de almas. Havia falta de certa capacidade para isso. Lembrou-se de quando Gunar lhe disse que havia um novo pastor, com a sua mulher, na congregação da Missão. Um casal jovem.

Umas semanas mais tarde, Thomas Söderberg foi a uma missa na igreja batista. Sentou-se na segunda fila e concordou com a cabeça ao sermão de Gunar, com um sorriso de ânimo, pensando seriamente. Sua mulher, Maja, estava ao seu lado, como uma aluna modelo. Depois ficaram para tomar café. Lá fora estava uma escuridão invernal. Nuvens carregadas de neve. Dias que se acabavam antes que lhes desse tempo de chegar. Maja falava alto, lentamente e diretamente ao ouvido de Arvid Kalla. Pediu também a receita dos pães doces a Edit Svoni. Thomas Söderberg e Gunar conversavam com

entusiasmo com dos irmãos mais velhos da igreja. Havia uma troca que ia desde sérios assentimentos de cabeça à grandes gargalhadas, como um baile bem ensaiado. A irmandade.

E a pergunta obrigatória a quem vinha do sul: "Está gostando do frio e da escuridão?" A resposta, como se de só uma boca se tratasse: "Estamos muito bem. Não nos preocupamos com o barro e a chuva. O próximo Natal nós passaremos com a família em Kiruna.". Isso era tudo o necessário. Que não parecesse que haviam sido desterrados para um lugar distante, mais além da fronteira do suportável. Nada de queixas ante a adversidade do vento cortante e da escuridão que modificavam os sentidos. As respostas fizeram com que os rostos dos demais fiéis relaxassem. Quando saíram, Gunar lhe disse:

— Gente agradável. O garoto tem boas ideias.

Foi a última vez que chamou "garoto" a Thomas Söderberg, que tinha dez anos a menos que ele. Duas semanas mais tarde se encontrou com Thomas Söderberg na cidade. Ela ia com o carrinho de bebê, lutando contra o vento e a neve. Andreas tinha dois meses e meio e estava dormindo. Passeavam pelas ruas de Kiruna. Ana, de dois anos, arrastava um trenó, um vulto que se queixava todo o tempo de frio nas mãos e nos pés.

Ela se sentia infeliz. O cansaço ia aumentando, da mesma maneira que cresce a massa do pão. A qualquer momento podia rebentar e vir abaixo. Odiava Gunar. Constantemente perdia a paciência com Ana. Só tinha vontade de chorar. Thomas apareceu por trás. Passou o braço esquerdo pelo ombro dela quando chegou perto. Durante um segundo, ao andarem juntos, sentiu o seu abraço. Foi um meio abraço, um pouco longo. Ela voltou o rosto e o viu sorrindo abertamente. Cumprimentavam-se como se fossem velhos amigos. Cumprimentou Ana, que se agarrou às pernas de sua mãe, se negando a responder. Deu uma olhada em Andreas, que dormia como um anjo envolto em seu edredom.

— Tento convencer Maja a ter filhos, confessou, — Mas… Não acabou a frase. Respirou fundo e deixou que o sorriso desaparecesse. Depois recuperou seu bom humor de sempre. — A verdade é que a compreendo,

disse. — São vocês que tem de fazer todo o trabalho. Será quando Deus quiser.

Andreas se moveu no carrinho. Era a hora de voltar para casa, lhe dar o peito. Queria convidar a Thomas para comer, mas não se atreveu a dizer isso. Ele a acompanhou durante uma parte do caminho. Era fácil falar com ele. Sempre apareciam novos temas de conversa, de maneira espontânea, que se uniam aos antigos como em uma corrente. Sem se dar conta estava no cruzamento donde deviam se separar.

— Queria fazer algo mais por Deus, disse, — Mas com as crianças não tenho nem tempo nem energia para mais nada.

A neve voava a seu ao redor como uma nuvem de afiadas flechas. Fez com que ele piscasse. Um arcanjo de cabelo escuro e encaracolado com um anoraque azul, aparentemente barato, feito de tecido sintético. Os jeans enfiados nas botas altas e pontiagudas. O gorro de lã feito à mão, com desenhos incas. Perguntou-se se era Maja que o fizera, a que não queria ter filhos.

— Mas, Karin, disse, — Não entende que você está fazendo o que Deus quer. Cuidar das crianças. Agora isso é o mais importante. Têm planos para você, mas agora… Agora deve ficar com Ana e com Andreas.

* * *

Meio ano depois, Thomas liderava seu primeiro curso de verão da igreja. Os jovens recém-evangelizados, o seguiam como um grupo de pequenos patinhos se mexendo atrás dele. Com seu selo de pai espiritual. Um deles era Viktor Strandgård. Ela, Gunar, Vesa Larsson e sua mulher, Astrid, foram convidados a dividirem a alegria quando celebraram o batismo. Gunar assistiu engolindo a sua amarga raiva. Deu-se conta de que era melhor jogar com a equipe ganhadora. Ele por sua vez, não fazia outra coisa além de comparar, sempre ambicionando brilhar por si mesmo. Seu olhar tinha um brilho de astúcia. Ela tampouco estava livre de culpa. O certo é que dissera ao seu marido mil vezes:

— Não deixe que Thomas se adiante a você. Não tem por que decidir tudo. Havia convencido a si mesma de que estava apoiando o seu marido, mas, na realidade, não queria que ele fosse o outro?

Thomas Söderberg se levantou e foi até o coro. Usava uma roupa negra. Habitualmente usava gravatas de alegres cores, quase atrevidas. Mas naquela noite usava uma discreta de cor cinza. Parecia um ponto de interrogação sob a camisa. "Usa a riqueza de uma maneira tão desenvolta como antes usava a… não pobreza, não", pensou ela. "… a falta de dinheiro". Duas pessoas com o salário de um pastor. Mas não parecia afetá-los. Nem sequer quando tiveram filhos. Depois as coisas inverteram. Agora estava ali, com aquela bonita roupa de lã, falando com o coro. Explicando que o acontecimento fora horrível. Uma das moças começou a chorar ruidosamente. Os que estavam ao seu lado passaram o braço por seus ombros.

— Pode chorar sim, disse Thomas. — É preciso viver as lutas, mas... E aqui respirou fundo fazendo uma pausa entre cada palavra, —... Não é bom perder, não é bom dar marcha à ré, não é bom retroceder.

— Olá, Karin, onde está Gunar?

Maja, a mulher de Thomas Söderberg, se sentou a seu lado. Cabelo brilhante, cor areia. Uma discreta maquiagem. Nada de batom. Nada de sombra nos olhos. Só um pouco de rímel. Não porque Thomas tivesse algo contra que as mulheres se maquiassem, mas Karin imaginava que ele preferia que a sua mulher não colocasse nada. Há uns anos Maja quis cortar o cabelo bem curto, mas Thomas se opôs.

— Há um momento estava aqui. Voltará em seguida. Maja concordou.

— E onde estão Vesa e Astrid? Perguntou. "Vai controlar esta noite", pensou Karin com uma sobrancelha levantada e sacudindo a cabeça como resposta negativa.

— É tremendamente importante que agora fiquemos unidos, disse Maja a meia voz. Karin ficou olhando a rosa vermelha que Maja tinha sobre os joelhos.

— Vai colocá-la junto das outras? Maja concordou.

— Mas eu vou esperar que comece o encontro. Não posso entender o que aconteceu. É tão irreal.

“Sim, é irreal”, pensou Karin. “Como irá funcionar tudo isso sem Viktor?”.

Viktor, que se negava a cortar o cabelo e a usar terno. Que não aceitava aumento de salário e que fazia com que Thomas mandasse esse dinheiro para os Médicos sem Fronteiras. Lembrava-se de quando assistira a um congresso em Estocolmo há sete anos. Como ficou surpresa quando viu um monte de jovens com o mesmo aspecto de Viktor. No metrô e nas cafeterias. Com gorros horríveis feitos de tricô ou crochê. Com bolsas de tecido no ombro. Jeans que lhes pendiam dos estreitos quadris. Casacos anteriores aos anos sessenta. A forma de andar desdenhosa. Uma espécie de antimoda reservada aos belos e aos com certeza de si mesmos. Viktor fizera parte da corte de Thomas Söderberg, mas nunca fora o espelho de Thomas. Sem propriedades nem ambições. Casto. Ainda que esse último, quem sabe, se devesse a que Rebecka Martinson lhe destruísse o coração com a sua loucura. Era difícil saber. Maja se inclinou até ela. Sussurrou-lhe ao ouvido:

— Bom, lá vem Astrid, mas onde está Vesa?

A esposa do pastor Vesa Larsson, Astrid, cruzou as portas da Igreja de Vidro. No tablado, Thomas Söderberg dirigia o coro para abrir o encontro da noite.

A caminhada rápida pela encosta desde o estacionamento fez com que a blusa se grudasse nas axilas. Menos mal que viera de casaco. Passou rapidamente os dedos indicadores por debaixo dos olhos para ver se havia corrido o rímel. Uma vez havia se visto em uma das gravações de vídeo da congregação. Nevava quando ela entrou na igreja e, no filme, parecia um urso panda domesticado enquanto fazia a coleta. Depois disso sempre se olhava no espelho da entrada, mas naquele momento a igreja estava cheia de gente e ela estava muito nervosa. adiante, no centro de um círculo, havia um monte de flores e de cartões.

“Viktor está morto”, pensou. Tentou imaginar que aquilo era real. “Viktor está morto de verdade.”.

Viu Karin e Maja. Maja cumprimentou-a efusiva com a mão. Não havia nenhuma possibilidade de se livrar dela. Teria de ir para lá. Usavam roupas escuras. Ela estivera procurando no armário e esteve provando roupas durante mais de uma hora. Todas as suas roupas eram vermelhas, rosa ou amarelas. Tinha só uma roupa escura. Azul marinho. Mas não conseguiu subir o zíper. No final, colocou um casaco de ponto longo que a deixava mais magra e dissimulava os músculos e o traseiro. Quando viu Karin e a Maja se sentiu desalinhada. Desalinhada e suada.

— Onde está Vesa? Sussurrou Maja antes que tivesse tempo de sentar. Sorriso amável. Olhos perigosos.

— Doente, respondeu. — Está com gripe.

Deu-se conta de que não acreditaram. Maja fechou de novo a boca e respirou profundamente pelo nariz. Tinham razão. Sentiu em todo seu ser que não queria estar ali, mas afundou o que pôde na cadeira ao lado de Maja. Thomas havia acabado a oração com o coro e se dirigiu até elas. "Agora terei que me desculpar também com ele", pensou.

Irritou-a que Thomas pousasse uma mão sobre o braço de Maja e a ela, como cumprimento, o olhasse rapidamente sorrindo com doçura. Depois ele perguntou por Vesa. Astrid voltou a responder:

— Doente. Gripado. Ele a olhou compassivamente. "Pobre de mim, ter um marido tão fraco", pensou.

— Se está preocupada com ele, vá para casa, disse Thomas. Ela sacudiu a cabeça, submissa.

Disse a palavra para si: "preocupada". Não, deveria ter se angustiado há anos, mas então estava muito preocupada com a construção da casa e as crianças. E quando descobrira que tinha motivos para se preocupar, já era muito tarde e chegara a hora de começar a sentir pena de si mesma. Superar a dor de se ver abandonada em seu próprio casamento. Aprender a viver com a vergonha de não servir para Vesa.

Era aquela vergonha. Era aquilo o que a fazia se sentar ao lado de Maja ainda que não quisesse. O que a fazia se colocar diante da geladeira e comer

bolos congelados quando as crianças estavam na escola. Claro que ainda tinham relações sexuais, mas raras vezes. E na escuridão. Em silêncio. E nesta manhã? As crianças já haviam ido para a escola. Vesa havia dormido na sala. Quando levou o café encontrou-o sentado na borda do sofá com o pijama de flanela. A barba por fazer e os olhos cansados. Uma linha profunda na comissura dos lábios. As bonitas e alongadas mãos de artista descansando sobre os joelhos. O chão ao redor do sofá estava coberto de livros. Caros livros de arte, de grossas e brilhantes páginas. Vários sobre pintura de ícones. Vários livros de bolso de seu próprio editorial. No princípio, Vesa fizera as capas até que, um dia, decidiu que não tinha mais tempo. Colocou a bandeja com o café e as torradas no chão. Depois subiu no sofá e se ajoelhou atrás dele. Os quadris dele entre suas pernas. Deixou cair a camisola e apertou o peito e a face contra as suas costas enquanto as mãos deslizavam por seus ombros.

— Astrid, disse ele.

Irritado e atormentado. Ela terminou com desculpas e sentimentos de culpa. Fugiu para a cozinha. Ligou o rádio e a máquina de lavar louça. Segurou Balú, o pôs sobre os joelhos e chorou sobre o pelo do cachorro.

Thomas Söderberg se inclinou até as três mulheres e baixou a voz.

— Souberam algo de Sana? Perguntou. Astrid, Karin e Maja negaram com o mesmo gesto da cabeça.
— Pergunte a Curt Bäckström, disse Astrid. — Sempre anda atrás dela.

As esposas dos pastores voltaram a cabeça como se se tratasse de um periscópio. Maja foi a primeira que viu Curt. Cumprimentou-o com a mão, fazendo sinais até que ele, pesaroso, se levantou e veio arrastando os pés. Karin olhou-o. Sempre parecia angustiado. Andava lentamente. Quase de lado. Como se se aproximar de frente fosse demasiado agressivo. Olhava pelo rabo do olho e se esquivava se tentassem olhá-lo diretamente.

— Sabe onde está a Sana? Perguntou Thomas Söderberg. Curt negou com a cabeça. Para maior segurança, também disse:
— Não.

Claro que mentia. Via-se o medo em seus olhos enquanto pareciam decididos. Não pensava em contar o seu segredo. “Como um cachorro que encontrou um osso no bosque”, pensou Karin. Curt os olhou por debaixo do topete. Enrugou o nariz. Como se Thomas, de repente, tivesse gritado “larga” enquanto lhe segurava no focinho. Thomas Söderberg parecia irritado. Moveu o corpo como se quisesse retirar de cima as esposas dos pastores.

— Só quero saber se está bem, disse. — Não pode lhe acontecer nada. Curt concordou com a cabeça e passeou o olhar pela nave que começava a encher de gente. Levantou a Bíblia que levava na mão e a apertou contra o peito. — Se encontrar Sana, diga que perguntei por ela, falou. Astrid olhou para Thomas Söderberg.

“E se encontrar Deus”, pensou, “Diga que sempre pergunto por Ele.”.

* * *

O chefe de Rebecka Martinsson, o advogado Måns Wengren, chegou de madrugada em casa. Havia passado a noite no Sophie's, convidando para beber jovens mulheres junto ao representante de um cliente, uma empresa de informática que entrara na Bolsa há pouco, especializada em tecnologias da informação. Era agradável tratar com clientes assim. Agradecidos por cada coroa que conseguissem economizar em impostos. Os clientes que eram denunciados por delitos contábeis ou fiscais poucas vezes tinham vontade de sair para passar o tempo com o seu advogado. Preferiam ficar em casa, se embebedando.

Depois de que saiu do Sophie's, Måns mostrou para uma das jovens, Marika, seu bonito escritório, e mais tarde a colocou em um taxi com o dinheiro na mão e ele subiu noutro. Quando entrou no escuro apartamento da Rua Flora pensou, como era habitual, que deveria mudar para um apartamento menor. Não era estranho que sentisse o mesmo cada vez que entrava em casa. Como diabo ia se sentir quando a casa estava sempre tão deserta? Colocou o casaco de cachemira sobre uma cadeira e acendeu todas as luzes a caminho da sala de estar. Como quase nunca chegava em casa antes das onze da noite, o vídeo estava sempre programado para gravar o noticiário.

Ligou-o e enquanto o equipamento sintonizava o canal TV4 foi até a cozinha e abriu a geladeira.

Ritva fizera compras. Bom. Limpar aquele apartamento deveria de ser o trabalho mais fácil que ela tinha, além de cuidar que sempre tivesse comida fresca em casa. Ele nunca ordenava nada, a não ser nas raras ocasiões em que convidava alguém. A comida que Ritva comprava ficava intacta. Imaginava que ela levava comida para casa, para a família, antes que tivesse tempo de estragar. Havia ordem e isso era o que ele queria. Abriu uma embalagem de leite e bebeu dela diretamente enquanto escutava as notícias que vinham na sala de estar. O assassinato de Viktor Strandgård era a notícia mais importante da noite. "Por isso Rebecka foi para Kiruna", pensou Måns Wengrem voltando à sala. Ficou de pé, diante do televisor, com o leite na mão.

"O conhecido religioso Viktor Strandgård foi achado assassinado madrugada passada na igreja da Fonte de Nossa Fortaleza, de Kiruna", dizia a apresentadora do noticiário. Era uma mulher de meia idade bem vestida que fora casada com um conhecido de Måns.

— Olá, Beata, como está? Disse Måns levando a embalagem de leite até a tela do televisor como se brindasse, e tomou outro gole.

"Segundo fontes policiais, foi a irmã de Viktor Strandgård quem o encontrou na igreja e as mesmas fontes informaram que o assassinato foi brutal", adicionou a locutora.

— Tudo isso eu já sei, Beata. Venha para cá, disse Måns.

De repente se deu conta de como estava bêbado. Tinha a cabeça embotada e decidiu tomar um banho depois das notícias. Passava um vídeo. Uma voz de homem falava enquanto se viam as imagens. Primero uma tomada com o azul claro de inverno ao fundo, da impressionante Igreja de Vidro, acima, na montanha. Depois imagens da polícia retirando neve ao redor da igreja. Também haviam tomadas do encontro da congregação cantando hinos e uma curta apresentação de quem fora Viktor Strandgård.

“Não há dúvida alguma de que o acontecimento despertou profunda comoção em Kiruna”, continuou a voz do jornalista. “Prova disso foram as reações que aconteceram quando a irmã de Viktor Strandgård, Sana Strandgård, foi ser interrogada esta noite na delegacia, na companhia de sua advogada.”.

Na imagem se via agora um estacionamento coberto de neve. Uma jovem repórter ia correndo até duas mulheres que desciam de um Audi vermelho. O cabelo da jornalista saía do gorro como a cauda de uma raposa. Parecia uma versão jovem e enérgica da atriz Clar Wikholm. Era de noite, mas se podia distinguir no fundo a fachada vermelha de uma obra, sem maior interesse. Não podia ser outra coisa do que uma delegacia. Uma das mulheres que saiu do Audi tinha a cabeça baixa e não se via mais do que um longo casaco de pele de ovelha e um gorro da mesma pele, puxado até os olhos. A outra mulher era Rebecka Martinsson. Måns aumentou o volume e se sentou no sofá.

— Merda…

“Rebecka tinha dito que iria lá porque conhecia os familiares”, pensou. Observou o rosto sério de Rebecka quando, a passo rápido, se dirigia para a entrada da delegacia com um braço sobre os ombros da outra mulher, que parecia ser a irmã de Viktor Strandgård. Com o braço que tinha livre tentava afastar a mulher do microfone que corria atrás delas.

— É verdade que retiraram os olhos? Perguntou a jornalista com um claro acento de Luleå. — Como se sente agora, Sana? Continuou quando viu que não respondiam. — É verdade que suas filhas estavam com você quando o encontrou na igreja? Já na porta da delegacia, a do rabo de raposa lhes cortou o passo com decisão.

— Meu Deus, que moça, suspirou Måns. — O que é isto? Jornalismo ao estilo americano na Lapônia?

— Acha que foi um assassinato ritual? Perguntou a repórter.

A câmara focou bem de perto o perfil do rosto avermelhado da outra mulher. Sana Strandgård, assustada, o tapou com as mãos. Os olhos cor cinza areia de Rebecka fulminaram primeiro a câmara e depois à jornalista.

— Afaste-se, disse, áspera.

A ordem e a expressão do rosto de Rebecka trouxeram uma desagradável recordação a Måns. Fora numa festa de Natal da empresa, há dois anos. Tentou conversar e ser agradável, e ela lhe deu um olhar como se ele fosse o que se encontra ao limpar o sanitário. Se não se recordava mal, ela dissera exatamente a mesma coisa com a mesma áspera voz: "Afaste-se." Depois daquilo havia mantido a distância. A última coisa que queria era que se sentisse incomodada e fosse embora. E tampouco queria que imaginasse alguma coisa. Se não queria nada, então não havia mais o que conversar.

De repente, tudo acontecia a muita velocidade na tela. Måns prestou mais atenção com o dedo preparado sobre a tecla de pausa no controle remoto. Rebecka levantou o braço para passar e, no mesmo instante, a jornalista desapareceu da imagem. Rebecka e Sana Strandgård quase passaram por cima dela e continuaram o seu caminho até a delegacia. A câmera continuou focando as costas das duas, e se ouviu a voz da enojada repórter dizendo antes de cortar a conexão:

— Ai o meu braço! Gravou? Ouviu-se de novo a voz do jornalista do canal TV4.

— A advogada trabalha no conhecido escritório Meijer & Ditzinger, mas ninguém dali quis comentar os acontecimentos desta noite.

Måns parecia impressionado. Haviam retirado uma foto de arquivo da fachada do edifício onde se encontrava o escritório. Apertou a tecla de pausa.

— Merda! Berrou. Levantou-se do sofá tão depressa que salpicou de leite a camisa e os sapatos.

"Mas que porra ela está fazendo?", pensou. "Está atuando realmente como a advogada daquela Sana Strandgård sem que saibam no escritório? Deve ser um mal-entendido. É impossível que ela seja tão inconsequente".

Apanhou o celular e discou um número. Sem resposta. Apertou a ponta do nariz com o indicador e o polegar tentando aclarar as ideias. Enquanto se

dirigia até a cômoda para apanhar o notebook, discou outro número de telefone. Também não teve resposta. Estava irritado e suado. Colocou de qualquer maneira o computador em cima da mesa da sala e acionou de novo o vídeo. Na imagem agora estava o promotor-chefe, Carl Von Post, diante da igreja da Fonte de Nossa Fortaleza.

— Maldito seja, se queijou Måns, tentando abrir o computador enquanto segurava o celular entre o ombro e a orelha.

Måns ficou com uma mão livre e conseguiu continuar ligando enquanto digitava no computador. Em todos os números que discou soava o sinal, mas ninguém atendia ao telefone. Com certeza os telefones estavam muito ocupados durante a noite depois das notícias. Com toda a probabilidade os demais acionistas se perguntariam como diabo uma de suas assessoras direitas estava lá em cima brigando com jornalistas. Examinou o telefone e viu que tinha quinze mensagens. Quinze.

* * *

Carl Von Post olhou diretamente para Måns da tela do televisor e informou como ia a investigação. Eram os comentários normais sobre os trabalhos que estavam realizando: bater nas portas, interrogar os membros da congregação e procurar a arma assassina. O promotor estava elegantemente vestido com um casaco cinza de lã, luvas e lenço combinando.

— Pássaro fodido, comentou Måns Wengrem sem se dar conta de que Von Post estava vestido quase exatamente como ele mesmo.

Nesse momento alguém atendeu ao telefone. Era o marido de uma das sócias do escritório, e não estava muito contente. Esta mulher voltara a se casar com um homem muito mais jovem do que ela, e que vivia muito bem às suas costas, enquanto aparentava estudar e não se sabia bem o que diabo fazia. “Merda, pare de se queixar”, pensou Måns. Quando a colega apanhou o fone houve uma conversa muito curta.

— Poderíamos nos encontrar agora? Disse Måns irritado. — O que quer dizer com é de madrugada? Olhou o relógio. Quatro e quinze. — Está

bem, respondeu. — Então nos veremos às sete. Uma reunião cedo para tomar o café-da-manhã? Vamos ver se conseguimos que os demais compareçam.

Quando acabou a conversa enviou um correio para Rebecka Martinsson. Ela tampouco havia atendido ao telefone. Fechou o computador e quando se levantou notou que tinha os calcanhares grudentos. Olhou-os e descobriu o leite que havia salpicado em cima deles.

* * *

Entardecer e Amanhecer: Segundo Dia

A INSPETORA-CHEFE, Ana-Maria Mela, está dormindo intranquila na madrugada. As nuvens se deitaram no céu e no aposento reina a escuridão. É como se Deus tivesse colocado a sua mão em concha sobre a cidade como uma criança faz para prender um inseto voador. Ninguém que entrou na brincadeira poderá sair dela. Ana-Maria balança a cabeça de um lado para outro tentando escapar das vozes e dos rostos de ontem, que entraram em seu sonho. A criança dá chutes em sua barriga. No sonho, o promotor Carl Von Post inclina a cabeça sobre Sana Strandgård tentando obrigá-la a dar respostas que ela não tem. Pressiona e ameaça dizendo que vai interrogar as suas filhas se não responder. E quanto mais pergunta, ela mais se fecha em si mesma. No final parece como se não se lembrasse de nada definitivamente.

— O que fazia na igreja na metade da noite? O que a fez ir até lá? Algo terá de se lembrar. Viu alguém lá? Lembra-se de quando chamou a polícia? Estava com raiva do seu irmão? Sana esconde o rosto entre as mãos.

— Não me lembro. Não sei. Veio me ver à noite. De repente Viktor estava ao lado de minha cama. Parecia triste. Quando a sua imagem se dissolveu, soube que algo acontecera…

— Se dissolveu? Parece como se o promotor não soubesse se deveria rir ou lhe dar um tapa.

— Espere um momento. Recebeu a visita de um fantasma e soube que algo acontecera ao seu irmão?

Ana-Maria lamenta que o seu querido Robert tenha acordado. Este se apoia no cotovelo e lhe acaricia o cabelo.

— Shhh, Mia-Mia, disse para tranquilizá-la. Uma e outra vez repete o

seu nome e lhe acaricia o cabelo de cor palha até que ela, de repente, respira mais fundo e relaxa. Seu rosto suaviza e para de gemer. Quando sua respiração volta a ser tranquila e regular, ele adormece de novo.

Os que conhecem Carl Von Post imaginam que naquela noite dormirá tranquilo, satisfeito com a atenção que recebeu, e que terá felizes sonhos com o que cairá no futuro em seu cálido colo. Com certeza está dormindo em sua cama com um sorriso de satisfação. Mas inclusive Carl Von Post não faz outra coisa não ser dar voltas na cama. Aperta as mandíbulas e os dentes até fazê-los ranger. É sempre assim o seu sono. Os acontecimentos do dia não o melhoraram.

Rebecka Martinsson dorme profundamente no sofá-cama da cozinha, na casa de seus avós paternos. Sua respiração é tranquila e regular. Chapi se deitou a seu lado e Rebecka dorme abraçada ao quente corpo do animal, com o nariz enterrado em seu lanoso pelo negro. Não se escutam ruídos vindos do mundo de fora. Nada de carros nem aviões. Nada dos vociferantes madrugadores e nada das fortes chuvas de inverno batendo nos vidros das janelas. Dentro do aposento, Lova murmura algo sonhando e se aperta contra Sana. A casa range também, e faz algum que outro ruído, como se se virasse também no sonho invernal.

* * *

Terça-feira, 18 de Fevereiro

POUCO ANTES das seis, Chapi acordou Rebecka apertando o focinho contra o seu rosto.

— Olá, pequena, sussurrou Rebecka. — O que quer? Tem vontade de sair para fazer xixi?

Procurou a lâmpada da mesa e a acendeu. A cadela correu para a porta de saída, gemeu um pouco e voltou até Rebecka, apertando de novo o focinho contra o seu rosto.

— Já vou, já vou. Sentou-se na borda da cama e se envolveu no edredom. Na cozinha fazia frio.

"Tudo aqui dentro lembra a minha avó", pensou. É como se acabasse de dormir com ela no sofá da cozinha e pudesse ficar quentinha na cama enquanto ela acendia o fogo e fazia o café. Podia ver Théia Martinsson sentada junto à mesa de lados rebatíveis, enrolando o cigarro da manhã. A avó usava papel de jornal em lugar de papel de fumar, que era caro. De uma página do exemplar do dia anterior do Norrbottenskurirem cortava a margem com muito cuidado. Era larga e não tinha letras, muito adequada para o seu propósito. Colocava um pedaço de tabaco e enrolava um fino cigarro entre o polegar e o indicador. Usava o cabelo prateado recolhido debaixo de um lenço e se vestia com uma bata de tecido sintético de quadradinhos azuis e negros. As vacas a chamavam do estábulo. "Olá, pikku-piika", respondia com um sorriso. "Já estão acordadas?". Pikku-piika, em seu idioma, significava pequena criada. Chapi latiu impaciente.

— Já vou, respondeu Rebecka. — Só vou acender o fogo.

Com as meias de lã com os quais havia dormido e envolta no edredom, foi até a velha cozinha e abriu o fogão. Chapi se sentou junto à porta esperando. De vez em quando gemia ligeiramente para que não esquecesse dela. Rebecka apanhou uma facão típico da área de Mora e com mão hábil dividiu aos meio um tronco que estava ao lado da cozinha. Colocou os dois pedaços por cima de cascas de bétula, e acendeu o fogo, que pegou com rapidez. Pôs um pouco mais de lenha de bétula, que dura mais que a de pinus, e fechou a portinhola.

"Deveria dedicar mais tempo para pensar em minha avó", se disse. Quem decidira que era melhor se concentrar no presente? Tenho muitos rincões na memória onde mora a minha avó, mas não passo nenhum tempo com ela ali. E o que pode me oferecer o presente? Chapi voltou a latir fazendo uma pirueta diante da porta. Rebecka colocou a roupa. Estava gelada e isso fazia com que os seus movimentos fossem rápidos e precipitados. Colocou os pés em um par de botas de inverno que havia na entrada.

— Terá que se apressar, disse a Chapi. Ao sair acendeu a luz de fora e a do estábulo.

Fazia menos frio. O termômetro indicava quinze graus abaixo de zero e o céu junto do chão, não deixava passar a luz dos corpos celestes. Chapi se agachou um pouco afastada e Rebecka olhou ao seu redor. A estrada estava sem neve até a porta do estábulo. Também haviam retirado a que estava ao redor da casa e a haviam colocado contra as paredes para isolá-la do frio. "Quem fez isso?", pensou Rebecka. Será Sivving Fjälborg? Que continua retirando a neve da entrada da minha avó mesmo ela já não esteja mais entre nós? Deve de ter agora uns setenta anos. Tentou olhar através da escuridão, até a casa de Sivving, do outro lado do caminho. Quando ficasse mais claro iria ver se ainda estava escrito "Fjälborg" na caixa de correio.

Foi andando pelo caminho que dava no estábulo. A luz de fora brilhava sobre as rosetas que o gelo formava nos vidros das janelas. No outro lado ficava a estufa da avó. Havia vários vidros quebrados que, com olhar torto, observavam Rebecka como se estivessem se queixando. "Deveria estar aqui", diziam. Deveria cuidar da casa e do jardim. Olhe, caiu o reboco. Imagine

como estão as telhas da casa sob a neve. Quebraram-se. A avó tinha muito cuidado. Era muito trabalhadora. Como se Chapi tivesse lido os seus tristes pensamentos, foi correndo até Rebecka através da escuridão e a cumprimentou com um afetuoso latido.

— Shhh. Vai despertar todo o povoado, disse Rebecka. Imediatamente se ouviram ao longe e como resposta uns latidos. A cadela ficou escutando atentamente. — Nem pense nisso, advertiu Rebecka. Quem sabe deveria ter trazido a correia.

Chapi deu um alegre olhar e decidiu que Rebecka servia como colega de brincadeiras. Colocou o focinho na neve e em seguida sacudiu a cabeça. Depois convidou a Rebecka a brincar, primeiro fincando as patas posteriores no chão e em seguida agachando a parte dianteira do corpo. "Venha, vamos", diziam seus brilhantes olhos negros.

— Vamos ver, gritou Rebecka alegre, correndo até a cadela.

Escorregou imediatamente. Chapi foi correndo até ela, saltou por cima como um cachorro de circo, deu a volta sobre si mesma e meio segundo mais tarde estava com a sua língua rosada pendurada de sua sorridente boca, animando Rebecka para que se levantasse e que tentasse de novo. Rebecka começou a rir e voltou a correr para a cadela. Chapi voou por cima de um monte de neve e Rebecka subiu atrás. Afundaram na capa de um metro de neve virgem que havia ali.

Ao cabo de dez minutos Rebecka se sentou. Ardiam suas faces e estava coberta de neve. Quando retornaram viram que Sana havia se levantado e estava fazendo o café. Rebecka tirou a roupa. O casaco se molhara com a neve quase desfeita e a roupa mais próxima do corpo ficara empapada de suor. Na gaveta de uma cômoda encontrou uma camiseta, uma pólo da marca Hely-Hansen e um par de cuecas longas de seu tio Affe.

— O que bonita! Comentou Sana rindo. — É engraçado ver que agora usa a moda daqui.

— Umas calças autênticas do norte não fazem mal a ninguém, respondeu Rebecka enfiando o traseiro nas grandes cuecas.

— Meu Deus, como você está magra, exclamou Sana. Rebecka terminou de colocar a cueca e se serviu de café, lhe dando as costas. — Até parece que está desidratada, continuou Sana. — Deveria comer e beber melhor. Sua voz era doce e preocupada. — Sim, suspirou ao ver que Rebecka continuava calada. — A maior parte dos rapazes gosta de um pouco de bunda e coxas. Ainda que para mim seja bonito ser assim, reta.

"Que sorte eu tenho", pensou Rebecka, sarcástica. "Que pelo menos pareço a você que sou bonita." Seu silêncio fez que Sana se sentisse insegura em sua conversa.

— Como sou, disse. — Pareço uma matrona. Dentro de pouco perguntarei que vitaminas você está tomando.
— Importa-se que eu olhe as notícias? Disse Rebecka.

Sem esperar resposta foi até o televisor e o ligou. A imagem estava borrada. Provavelmente havia neve sobre a antena. Depois de uma curta notícia sobre uma malversação de fundos da União Europeia, apareceu a do assassinato de Viktor Strandgård. A voz do jornalista explicou como ia o trabalho de busca do assassino e em seguida adicionou que a polícia ainda não tinha nenhum suspeito. As imagens se sucediam umas as outras. Policiais com cachorros revirando a área ao redor da Igreja de Vidro, em busca da arma homicida; o promotor-chefe, Carl Von Post, explicando que estavam batendo nas portas, interrogando os membros da congregação e aos que haviam assistido aos serviços religiosos. Depois se viu na imagem o Audi vermelho que Rebecka havia alugado.

— Oh, não, exclamou Sana, colocando bruscamente a xícara de café sobre a mesa.

"Esta noite também a irmã de Viktor Strandgård, que encontrou o corpo no lugar onde foi assassinado, entrou na delegacia de forma algo dramática para dar um depoimento." Todo o incidente fora gravado, mas na versão do noticiário da manhã praticamente haviam retirado o som, menos a palavra apagada de Rebecka: "Afaste-se." Também disseram que a repórter havia denunciado à advogada por abuso, antes que o jornalista do estúdio mudasse de assunto e dissesse umas palavras sobre o prognóstico do tempo.

— Mas não se viu o que a repórter fez, disse Sana, surpresa. Rebecka sentiu que o estômago queimava. — O que aconteceu? Perguntou Sana.

"O que eu falo?", pensou Rebecka se afundando na cadeira junto à mesa da cozinha. Que tenho medo de perder o trabalho. Que vão fazer com que eu mesma peça demissão. Se ela acaba de perder o seu irmão. Deveria perguntar de novo por Viktor. Perguntar se quer falar disso. A única coisa que eu não quero é me envolver em sua vida e voltar a me carregar com os seus problemas. Quero ir para casa. Quero me sentar diante do computador e escrever relatórios sobre impostos especiais, sobre o beneficio conseguido abaixando os gastos das pensões.

— Na realidade, o que acha que aconteceu, Sana? Perguntou. — Quero dizer, com Viktor. Disse-me que estava completamente mutilado. Quem pode ter feito uma coisa assim? Sana se mexeu na cadeira, incomodada.

— Não sei. Já disse isso à polícia. De verdade que não eu sei.

— Não teve medo quando o encontrou?

— Não pensei nisso.

— Em que pensou?

— Não sei, respondeu Sana, colocando as mãos sobre a cabeça como para se proteger a si mesma. — Acho que gritei, mas tampouco estou certa disso.

— Disse à polícia que Viktor acordou-a e que por isso foi até lá. Sana levantou o olhar para observar diretamente Rebecka.

— Parece-lhe que seja uma coisa estranha? Começou a acreditar que tudo acabou só porque as funções corporais pararam? Ele estava ao lado da minha cama, Rebecka. Parecia tremendamente triste e vi que não era só fisicamente. Soube imediatamente que algo acontecera.

"Não, não me parece que seja tão estranho assim", pensou Rebecka. Sempre viu mais que os outros. Um quarto de hora antes que chegasse uma visita inesperada, Sana ia fazer café. "Viktor está chegando", dizia.

— Mas de qualquer maneira… Continuou Rebecka.

— Por favor, rogou Sana. — Não quero falar disso. Não me atrevo. Ainda não. Tenho que me restabelecer. Por causa das meninas. Agradeço por

ter vindo. E isso por que já tem uma carreira profissional. Você talvez ache que perdemos o contato, mas eu penso em você muito a miúdo. Dá-me força saber que está próxima, onde estiver. Agora foi Rebecka a que se mexeu na cadeira.

"Antes significava muito saber o que ela achava de mim", pensou Rebecka. Que dissesse que eu era importante em sua vida. Mas agora é como se estivesse tecendo uma teia de aranha ao redor de meu corpo.

Chapi foi a primeira em escutar o ruído da moto e as interrompeu com um latido. Levantou as orelhas e dirigiu o olhar para a janela.

— Espera alguém? Perguntou Rebecka.

Não estava certa de onde vinha o ruído, mas parecia que soava como se alguém tivesse parado a moto e a deixasse com o motor ligado, um pouco afastada da casa. Sana inclinou a fronte contra o vidro da janela e colocou as mãos aos lados dos olhos para tentar ver algo mais do que o seu próprio rosto refletido.

— Oh, não, exclamou com um sorriso irritado. — É Curt Bäckström. Foi quem nos trouxe até aqui. Acho que gosto um pouco dele e é muito bonito. Parece com Elvis, de alguma maneira. Quem sabe você poderia se interessar, Rebecka.

— Pare com isso, respondeu Rebecka, tensa.

— O que foi? O que eu disse de errado?

— Desde que a conheço tem sempre feito a mesma coisa. Passa a vida atraindo malucos e depois acha que podem ser para mim. Obrigado, mas não.

— Desculpe, respondeu Sana, ofendida. — Sinto que a gente que eu conheço e com quem saio não tenha a classe ou o nível adequado para você. E como pode chamá-lo de maluco se nem o conhece? Rebecka foi até a janela para poder ver o pátio.

— Lá está ele com a sua moto, quase na metade da noite, tomando conta da casa onde você está, sem entrar, disse. — I rest my case.

— Mas não é minha culpa se certos homens gostem de mim, continuou Sana. — Ou quem sabe você acha, como Thomas, que sou uma puta?

— Não, só quero que faça o favor de não comentar o meu aspecto nem que me ofereça os seus admiradores.

Rebecka apanhou de má vontade a sua mala e foi para o banheiro. Fechou a porta com um golpe de maneira que o pequeno cartaz com o texto "É aqui" ficou balançando.

— Diga que entre, gritou. — Não pode ficar lá fora como um cachorro abandonado com o frio que está fazendo.

"Meu Deus", ela pensou enquanto fechava a porta. Os admiradores malucos de Sana e o libertino estilo de se vestir que ela tem, já não são mais problemas meus. Isso fazia com que Thomas Söderberg se indignasse. E então, quando Sana e eu dividimos o apartamento, de alguma estranha maneira era minha responsabilidade.

— Gostaria que falasse com Sana sobre a sua forma de se vestir, disse Thomas Söderberg um dia para Rebecka.

Está irritado com ela. Nota isso em cada poro de seu corpo e é como se a pressionassem contra o solo. Quando ele sorri, o céu se abre e pode sentir o amor de Deus apesar de não poder ouvir a sua voz. Mas quando Thomas coloca essa expressão de decepção nos olhos é como se tudo se apagasse para ela. Fica como se fosse um armário vazio.

— Já tentei, se defende. — Disse que deve pensar em como se veste. Que não coloque essas blusas tão decotadas. Que use sutiã e saias mais compridas. Ela entende, mas… Bem, é como se pela manhã não prestasse atenção no que veste. E eu não estou ali para vigá-la quando se veste. É como se esquecesse de tudo. Depois alguém se encontra com ela na cidade e parece… Duvida e rechaça a palavra "puta". Thomas não gosta que se diga essa palavra. —… E parece não sei o quê, continua. — Se perguntar o que vestiu, olha para si mesma com surpresa. Não faz de propósito.

— Não me interessa se faz ou não de propósito, responde Thomas Söderberg duramente. — Enquanto não se vestir de forma decente não posso permitir que ela tenha um papel importante em nossa congregação. Como vou deixá-la testemunhar, cantar no coro ou comandar as orações, se eu sei

que noventa por cento dos homens não estarão escutando? Vão ficar olhando os seios que sobressaem da camisa e a única coisa em que estarão pensando é em colocar a mão entre as pernas.

Fica em silêncio, olhando através da janela. Estão sentados na sala de orações, atrás da nave da igreja da Missão. A luz nítida do sol de finais de inverno entra através das janelas, altas e estreitas. A igreja fica em um conjunto de casas projetadas pelo arquiteto Ralph Erskine. Os que moram em Kiruna chamam-na de A Tabaqueira, porque o cimento é de cor marrom. Para Rebecka parece que a nave antes era mais bonita. Mais sóbria e espartana. Como um claustro com paredes e solo de cimento, e duros bancos de madeira. Mas Thomas Söderberg fez retirar o púlpito, que era fixo, e o substituiu por um de madeira que podia se deslocar. Também mandou colocar chão de madeira na parte dianteira. Para que não ficasse tão deprimente. Agora a nave da igreja se parece com qualquer outra igreja livre.

Thomas olha para o teto, onde existe uma grande mancha de humidade. Sempre aparece nos finais do inverno, quando a neve se derrete no telhado. É sua forma de ficar calado e não querer se encontrar com o olhar dela. Thomas Söderberg está irritado com Sana porque também tenta a ele. Ele é um dos homens que quer colocar a mão nas calcinhas dela e… A raiva sai como uma rosa ardente em seu peito. "Maldita Sana", diz para si mesmo. Sabe que não é fácil ser pastor. Thomas se vê tentado de todas as maneiras possíveis. O que o inimigo mais quer é que ele peque. E ele tem uma debilidade quando ao sexo. Explicou abertamente aos jovens do grupo de estudos da Bíblia. Lembra quando contou a eles a visita que recebeu dos dois anjos. Sem poder fazer nada, ele se sentiu atraído por um deles. E ele sabia. "É o pior que pode acontecer", dissera o anjo. "Teria tanta escuridão como eu tenho luz agora.".

Sana bateu com cuidado na porta do banheiro.

— Rebecka, disse. — Vou até lá em baixo pedir a Curt que entre. Suponho que vai sair daí. Não quero ficar sozinha com ele, e as meninas estão dormindo…

Quando Rebecka saiu do banheiro, Curt Bäckström estava sentado junto à mesa. Para beber, segurava a xícara de café com as duas mãos. Com

cuidado, levantava-a da mesa enquanto agachava a cabeça para não ter que levantar muito a xícara. Usava botas e só havia retirado à parte superior do casacão de inverno, que pendia para trás, desde a cintura. Olhou para Rebecka pelo rabo de olho e cumprimentou-a sem procurar o seu olhar. "Como diabos é parecido com Elvis?" Perguntou-se Rebecka. "Dois olhos e o nariz no meio do rosto? Sim, o cabelo. E a expressão triste.". Curt tinha o cabelo escuro e ondulado. O grosso gorro de pele estava tão enfiado que vinha até a testa. Os cantos dos olhos pendiam um pouco para baixo.

— Oh! Exclamou Sana olhando Rebecka de cima em baixo. — Como está bonita. É estranho, porque só colocou uns jeans e uma camiseta, parecendo que foi a primeira coisa que encontrou no armário. De qualquer maneira dá para se ver que é roupa da mais cara. Desculpe, disse em seguida colocando a mão sobre um sorriso envergonhado. — Acabou de dizer que não comentasse o seu aspecto.

— Sim, como eu disse, só queria saber como estava, disse Curt a Sana. Afastou a xícara um pouco para indicar que ia embora.

— Estou bem, respondeu Sana. — Bem, relativamente. Mas Rebecka foi uma ajuda tremenda. Se não viesse e tivesse me acompanhado à delegacia, não sei como conseguiria superar. Sua mão voou para roçar o braço de Rebecka.

Rebecka notou como ficavam rígidos os músculos sob a pele ao redor da boca de Curt. Este puxou a cadeira para trás para se levantar. "Muito bem, Sana", pensou Rebecka. Diga como estou bem vestida. A grande ajuda que foi. E me toque para que ele se dê conta do muito que nos queremos. Dessa maneira se distancia dele e ele se aborrece só comigo. Como se fosse o peão que colocam diante da rainha em perigo no tabuleiro de xadrez. Mas eu não sou o seu fodido rifle. O peão se despede. Rapidamente pôs a mão sobre as costas de Curt.

— Por favor, fique, disse. — Faça companhia a Sana. Pode apanhar pão e algo para picar e assim comerá um pouco. Eu tenho que ir ao carro apanhar o telefone e o computador. Ficarei no andar de baixo para fazer umas ligações e mandar uns quantos correios.

Sana a olhou com uma olhar difícil de decifrar quando ela foi colocar as

botas. Ficavam molhadas, só de ir até o carro e voltar. Notou que Sana e Curt começavam a conversar em voz baixa junto à mesa da cozinha.

— Parece cansado, disse Sana.

— Fiquei acordado toda a noite, rezando na igreja, respondeu Curt. — Iniciamos uma corrente de oração, de maneira que sempre alguém estará rezando. Deveria ter ido. Thomas Söderberg perguntou por você.

— Mas não lhe disse onde eu estou não é?

— Não, claro que não. Na verdade, você não deveria se afastar agora da congregação, mas sim ir até ela. E deveria voltar para casa. Sana suspirou.

— Neste momento não sei em quem confiar. Assim não diga a ninguém onde eu estou.

— Não direi. E se existe alguém em quem possa confiar Sana, este alguém sou eu.

Rebecka colocou no vão da porta justo quando as mãos de Curt, por cima da mesa, procuravam as de Sana.

— Minhas chaves, disse Rebecka. — Não encontro nem as chaves do carro nem as da casa. Devo tê-las perdido na neve quando brincava com Chapi.

Rebecka, Sana e Curt procuravam as chaves na neve com lanternas. Ainda era noite e com a ajuda dos fachos de luz, olharam por todo o lado, após as impressões que havia na espessa capa.

— É impossível, suspirou Sana retirando neve por onde passava. — Se a neve não está aplainada, as chaves podem ter afundado muito.

Chapi se colocou ao lado de Sana procurando como uma possessa. Encontrou um galho e partiu como um foguete.

— E nessa tampouco se pode confiar, disse Sana enquanto seguia Chapi com o olhar, que desapareceu na escuridão ao cabo de uns poucos metros. — Pode tê-las apanhado e deixado cair se encontrou algo mais interessante.

— O melhor será que você e Curt vão para dentro com a cadela, disse Rebecka tentando esconder a sua irritação. — Ver se as meninas já acordaram

porque daqui a pouco não saberei quais são as minhas impressões e quais são as de vocês. Sentia os pés gelados e úmidos.

— Não, eu não quero entrar, se queixou Sana. — Quero ajudá-la a procurar as chaves. As encontraremos. Tem que estar em alguma parte.

Curt era o único que parecia estar de bom humor. Era como se a escuridão o protegesse de sua timidez. Além disso, o movimento e o ar fresco fizeram com que se abrisse.

— Esta noite foi incrível! Disse a Sana de bom humor. — Deus esteve me lembrando do seu poder o tempo todo. Encheu-me por completo. Deveria ir à igreja, Sana. Quando estava rezando, senti como a sua força me invadia. Falava sem parar. Como uma máquina. E dancei espiritualmente. Às vezes me sentava e deixava que a Bíblia se abrisse onde Deus queria que eu lesse. E sempre havia promessas de futuro. Uma e outra vez. Não fazia mais que me animar com as promessas.

— Poderia pedir que encontrássemos as chaves, murmurou Rebecka.

— Foi como se gravasse com laser nos meus olhos uma parte das palavras da Bíblia, continuou Curt. — Para que eu as divulgasse. Isaías 43:19: "Olhe, vou fazer algo novo: já apareceu, não notais? Sim, no deserto traçarei um caminho, caminhos na estepe.".

— Pode pedir você mesma, para ver se encontra as chaves, respondeu Sana a Rebecka. Rebecka começou a rir de forma sarcástica.

— Ou Isaías 48:6, falou Curt: — "Ouviste o conteúdo desta visão e acaso não o contarás? Pois desde agora te conto novidades, segredos que não conhecia.". Sana se levantou e iluminou com a lanterna diretamente os olhos de Rebecka.

— Ouviu o que eu disse? Perguntou séria. — Por que não pede você mesma? Rebecka levantou a mão para se proteger da deslumbrante luz.

— Tá'bom! Disse.

— E acho que Deus me ensinou todos os lugares do Novo Testamento onde diz que não se pode dar vinho novo em odres velhos, disse Curt a Chapi, que estava às seus pés e parecia ser a única que o escutava. — Porque nesse caso, explodem. E todos os lugares onde se diz que não se pode colocar um pedaço de tecido novo em uma roupa velha porque então o tecido novo rompe a velha e aparece um rasgo maior.

— Se quer que rezemos para que encontre as chaves, faremos isso, disse

Sana sem retirar o facho de luz do rosto de Rebecka. — Mas não ache que Deus vá escutar mais as minhas orações ou as de Curt do que as suas. Não pise o sangue de Jesus debaixo de seus pés! Curt ficou calado enquanto observava.

— Curt, disse Rebecka olhando diretamente à luz deslumbrante da lanterna de Sana. — Acha que Deus escuta igualmente as orações de todas as pessoas?

— Claro que sim. Nunca tem problemas de audição, mas pode haver impedimentos para que sua vontade se cumpra e impedimentos para que responda as orações.

— Se, por exemplo, não se cumprir a sua vontade... Nesse caso Deus não pode influir em sua vida da mesma maneira, não é?

— Exato.

— Então seria outra doutrina, exclamou Sana, confusa. — Nessa doutrina, onde está a misericórdia? E mesmo Deus, que achará dessa doutrina de "orações-e-leitura-da-Bíblia-uma-hora-por-dia-para-conseguir-a-fé"? Eu rezo e leio a Bíblia quando sinto a falta Dele. Eu mesma queria ser amada assim. Por que Deus tem de ser diferente? E isso de viver segundo a sua vontade? Esse deveria ser uma das finalidades da vida, não um meio para conseguir um prêmio se rezar. Curt não respondeu.

— Desculpe Sana, disse Rebecka, baixando a lanterna. — Não quero discutir com você pela fé cristã. Consigo não.

— Porque sabe que eu ganho, disse Sana com um sorriso enquanto baixava também a sua lanterna. Ficaram todos calados um momento olhando os fachos de luz sobre a neve.

— Essas chaves estão me deixando louca, exclamou Rebecka depois. — Cachorra idiota. Tudo é culpa sua. Chapi latiu como se estivesse concordando.

— Não faça caso dela, disse Sana, abraçando Chapi. — Não é idiota. Você é a cadela mais bonita e maravilhosa que existe. Voltou a abraçar a Chapi, que devolveu os gestos de carinho tentando lhe lamber a comissura dos lábios. Curt as observava com ciúmes.

— É verdade que é um carro alugado? Perguntou. — Posso ir até a cidade apanhar a chave reserva. Falava com Sana, mas parecia que esta não o ouvia. Estava completamente absorta em Chapi.

— Agradeceria enormemente, disse Rebecka a Curt.

“Como se se preocupasse se o agradeço ou não”, pensou observando os ombros caídos de Sana e esperando enquanto permanecia atrás dela que lhe prestasse atenção. “Sivving Fjälborg tem uma chave da casa. Pelo menos tinha antes. Irei até lá ver.”.

As sete e quinze Rebecka entrou na casa de Sivving Fjälborg sem bater à porta, como tinham por costume ela e sua avó. Através das janelas só se via escuridão, assim com certeza ele estaria dormindo. Acendeu a luz do pequeno hall. Sobre o chão de linóleo marrom havia um tapete de pano no qual secou as botas. Estavam cheias de neve, e não podia ter os pés mais molhados. Uma escada subia até o andar de cima e ao lado havia uma porta de cor verde escuro que descia ao porão, onde ficava a caldeira. A porta que dava para a cozinha estava fechada. Tudo estava às escuras, mas ela chamou para ver se havia alguém no andar de cima.

— Olá! Imediatamente se ouviu um latido surdo vindo do porão seguido da forte voz de Sivving.

— Bela, se cale! Sente! Espere!

Ouviram-se uns passos pela escada, a porta do porão se abriu e apareceu Sivving. Tinha o cabelo completamente branco e quem sabe um pouco menos do que antes, na parte de cima, mas no restante estava o mesmo. As sobrancelhas muito separadas dos olhos, como se estivesse sempre disposto a descobrir algo inesperado ou a ouvir uma boa notícia. Apenas conseguia abotoar a camisa de flanela de quadradinhos brancos e azuis que apertava a enorme barriga, e também vestia umas calças militares. O cinto de pele marrom que segurava as calças brilhava de tão velho.

— Mas se não é a Rebecka! Exclamou com um grande sorriso. — Bela, venha! Gritou virando o rosto. Em dois segundos apareceu uma cadela alemã subindo as escadas à toda velocidade.

— Olá, exclamou Rebecka, cumprimentando a cadela. — Você é quem é a dona desse vozeirão?

— Sim, ladra como um macho, disse Sivving. — Como mantêm os vendedores à distância, não me queixo. Entre! Abriu a porta que dava para a cozinha e acendeu a luz. Estava limpo, raiando a obsessão, e não cheirava a fechado. — Sente-se, disse fazendo um gesto até o banco de madeira.

Rebecka explicou o que acontecera e, enquanto Sivving ia apanhar a chave, deu uma volta pela casa. O recém-lavado tapete de pano, verde riscado, combinava perfeitamente com o chão de madeira. Na mesa não havia borracha nenhuma, mas sim uma toalha de mesa branca muito bem passada, enfeitada por um pequeno vaso de cobre martelado, com flores secas, ranúnculos e sempre-vivas. As janelas se abriam para três lados e através delas, às suas costas, se podia ver a casa de sua avó. Se fosse de dia, claro. Agora só via refletida a imagem da lâmpada engastada em madeira que pendia do teto. Quando Sivving lhe deu a chave, este se sentou do outro lado da mesa. Apesar de que fosse a sua própria cozinha não parecia estar à vontade. Estava sentado quase no canto da cadeira envernizada e pintada de vermelho. Bela tampouco parecia estar tranquila, andando de um lado a outro como uma alma penada.

— Quanto tempo! Disse Sivving sorrindo e olhando Rebecka de cima em baixo. — Estava a ponto de fazer café, quer?

— Sim, quero, respondeu Rebecka enquanto preparava mentalmente um programa de horários. "Fazer a mala não demoraria mais de cinco minutos. Limpar tudo mais uma meia hora. Daria tempo de apanhar o avião das dez e meia, se é que Curt voltasse com a chave.".

— Venha, disse Sivving se levantando.

Saiu da cozinha e desceu a escada que levava ao porão com Bela pegada aos calcanhares. Rebecka desceu atrás. No quarto da caldeira havia um ambiente mais aconchegante. Contra uma das paredes havia uma cama feita. Bela sentou imediatamente em uma cadeira, ao lado da cama. O recipiente para água brilhava de tão limpo que estava. Havia uma cômoda debaixo do aquecedor de água e, sobre uma mesa rebatível, uma placa elétrica. Sivving apanhou uma pequena cafeteira de campanha e duas xícaras de um armário que havia na parede. O aroma do café se misturou com o olor a cachorro, porão e sabão. Em uma corda estavam estendidas umas cuecas, duas camisas de flanela e uma camiseta com o texto "Kiruna Truck".

— Precisa me perdoar, disse Sivving olhando as cuecas, — Mas não sabia que ia ter uma visita tão importante.

— Não entendi, confessou Rebecka, confusa. — Dorme aqui em baixo?

— Bom, se escusou Sivving, passando a mão pela barba incipiente e em seguida se concentrou em contar as colheradas de café que colocava na cafeteira. — Maj-Lis morreu há dois anos.

Rebecka murmurou umas condolências como resposta.

— Câncer de estômago. Abriram-na, mas não puderam fazer mais nada além de voltar a fechar. De qualquer maneira, a casa era muito grande para mim. Meu Deus, as crianças se foram há tempos e, quando Maj-Lis morreu, eu… Bem, primeiro parei de utilizar o andar de cima. Era suficiente para mim a cozinha e o pequeno aposento do andar térreo. Depois Bela e eu descobrimos que só usávamos a cozinha, assim transferi o televisor e comecei a dormir na cama que fica ali, ou seja, nem usava mais o pequeno aposento.

— E ao final passou a viver aqui em baixo.

— Sim, assim tenho menos para limpar. Aqui em baixo tenho lavadora e banheiro, e comprei essa geladeira pequena. É suficiente para mim. Apontou para uma geladeira que estava na quina. Em cima dela havia um escorredor de pratos.

— Mas o que dizem Lena e…? Rebecka não se lembrava do nome do filho de Sivving.

— Mats. Como está bom o café! Bom, Lena briga comigo, faz barulho e acha que seu pai ficou maluco. Quando vem me ver com as crianças, ficam por toda a casa. E, de alguma maneira, é bom, porque se não, poderiam vendê-la. Foi morar em Gälivare e tem três filhos, mas já estão ficando grandes. Gostam de pescar, de maneira que na primavera vem muito aqui para lançar o caniço. Leite e açúcar?

— Não.

— Mats está separado, mas tem dois filhos. Robin e Julia. Também somente vem nas férias. E você, Rebecka? Cadê o marido e as crianças? Rebecka deu um gole no café quente. Caiu bem para os seus pés frios.

— Não, nada.

— Bom, imagino que não se atrevem a se aproximar.

— Por quê? Perguntou Rebecka rindo.

— Seu humor, menina, respondeu Sivving enquanto se levantava para ir ao armário e apanhar um bolo de canela. — Porque sempre teve pouco cinto. Tome, coma um pedaço de bolo. Meu Deus, eu me lembro daquela vez que colocou fogo na vala. Ficou acima dois metros do chão e parecia um agente

de polícia com a mão levantada, quando chegamos correndo, a sua avó e eu. "Parem. Não podem passar", rugia com voz de adulta e, caramba, como se aborreceu quando o apagamos. Tinha pensado em assar peixe naquele fogo.

Sivving começou a rir com aquelas lembranças até que teve que secar as lágrimas. De onde estava deitada, Bela levantou a cabeça e latiu de alegria.

— Ou daquela vez, quando jogou uma pedra na cabeça do Erik porque não a deixou ir na balsa dos rapazes. Sivving continuou rindo tão forte que a barriga balançava.

— Tudo prescrito, disse Rebecka sorrindo e dando a Bela um pedaço de seu bolo. — Foi você quem retirou a neve do pátio?

— É bom para Inga-Lili e Affe poder fazer outras coisas quando vem para cá. E eu preciso fazer exercício, comentou dando umas palmadas no ventre.

— Olá! Ouviu-se a voz de Sana na escada. Bela saiu latindo.

— Estamos aqui em baixo, gritou Rebecka.

— Olá, disse Sana enquanto descia. — Gosto de cachorros. O último comentário fora dirigido a Sivving, que tinha Bela segura pela coleira. Agachou-se e deixou que a cadela se familiarizasse com o novo rosto. Sivving ficou sério.

— Sana Strandgård, disse. — Soube do seu irmão. Horrível. Sinto muito.

— Obrigado, respondeu Sana abraçando à cadela, que estava encantada. — Rebecka, Curt ligou. Vem trazendo a chave. Sivving se levantou.

— Café? Perguntou. Sana concordou com a cabeça e apanhou a xícara que ele oferecia, de louça, com um desenho de flores marrons e amarelas. Sivving animou-a para que molhasse um pedaço de bolo no café.

— Que bolo tão gostoso, exclamou Rebecka. — Quem os fez? Você? Sivving, envergonhado, deu um pequeno resmungo como resposta e esclareceu:

— Não, Mary Kuoppa. Não suporta saber que o armário que não está cheio de bolos para o café. Rebecka sorriu por sua forma de pronunciar "Mary". Disse de tal forma que rimava com Harry.

— Se chama "Maarry", a pobre? Disse Sana começando a rir.

— Sim, é verdade, isso é o que dizia o professor, disse Sivving sacudindo umas migalhas da toalha de mesa, que Bela, imediatamente, comeu. — Mas

Mary se limitava a olhar pela janela como se não entendesse do que ele estava falando com ela quando dizia "Maarry". Esta última palavra a disse como se bailasse uma ovelha. Rebecka e Sana riram como duas meninas. Parecia que de repente as asperezas que acontecerem entre elas tivessem se desvanecido. "De qualquer maneira lhe tenho carinho", pensou Rebecka.

— Não havia alguém no povoado que se chamava Slark? Perguntou. — Que puseram este nome porque o ídolo de seus pais era Slark Gabble?

— Não, aqui não, riu Sivving. — Deve ter sido em outro lugar. Neste povoado nunca houve alguém que se chamasse Slark. Mas a sua avó, na juventude, conheceu uma moça de quem tinha muita pena. Nasceu muito fraca e, já que acreditaram que não sobreviveria, deixaram que o professor da escola a batizasse com toda urgência. O professor se chamava Fredrik não sei o quê. De qualquer forma, a menina sobreviveu e, é claro, foram batizá-la de verdade. O professor só falava sueco, e os pais só finlandês de Tornedal. Quando o padre segurou a menina e perguntou aos pais como a queriam chamar, os pais, que acharam que ele perguntava quem havia batizado a criança, responderam: "Feki se kasti", que queria dizer "Fredrik batizou-a". Muito bem, disse o padre e escreveu "Fekisekasti" no registro da igreja. E já sabem o respeito que se tinha pelos padres naqueles tempos. A menina se chamou Fekisekasti o resto da sua vida.

Rebecka olhou o relógio. Com certeza que Curt já deveria ter chegado. Poderia apanhar o avião, ainda que não lhe sobrasse muito tempo.

— Obrigada pelo café, disse se levantando.

— Já vai? Perguntou Sivving. — Foi uma visita bem curta.

— Cheguei ontem e vou hoje, respondeu Rebecka com um sorriso.

— Já sabe como são as mulheres executivas, explicou Sana a Sivving. — Vão voando. Rebecka colocou as luvas com movimentos bruscos.

— O que acontece é que esta não foi uma viajem de prazer, esclareceu Rebecka. — Deixarei a chave no lugar de sempre, adicionou, olhando para Sivving.

— Precisa voltar na primavera, pediu Sivving. — Vá até a sua cabana em Jiekajärvi. Lembra-se quando íamos todos? Seu avô e eu íamos na moto de neve; e você, a sua avó, Maj-Lis e as crianças iam de esqui.

— Sim bem que gostaria, disse Rebecka, que se deu conta da sinceridade de suas próprias palavras. "A cabana", pensou. Era o único lugar

onde a avó se permitia ficar sem fazer nada. Quando terminavam de limpar a caça que haviam conseguido ao longo do dia, claro.

Viu ante si a sua avó, lendo uma novela em capítulos da revista Hemmets, enquanto Rebecka jogava cartas com o seu avô. E a segurança de adormecer enquanto os mais velhos continuavam falando junto à mesa. Ou quando começava o ruído das panelas sendo esfregadas pela avó; e calor que vinha da lareira...

— Mas foi muito agradável revê-la, disse Sivving. — Muito agradável. Não é verdade, Bela?

Rebecka levou Sana e as meninas para casa, e parou diante da porta. Teria preferido uma curta despedida do carro e depois seguir seu caminho. As despedidas curtas nos carros são muito boas. Sentada nele era difícil de se abraçar, especialmente se já tivesse colocado o cinto de segurança. Assim nada de abraços. E num carro havia sempre algo para falar além do "Nos veremos amanhã" e "Vamos ver se não se passa tanto tempo dessa vez". Umas palavras mais sobre "Não esquecer a mala no banco de trás ou no porta-malas" e o de "Não esqueça nada". Depois, quando a porta trunca o resto das frases não pronunciadas, pode se dizer adeus com a mão e pisar o acelerador sem sabor ruim na boca. Não existe a necessidade de ficar ali como um idiota, enquanto as frases adequadas aparecem como uma confusa nuvem de mosquitos. Não, só queria ficar sentada no carro sem retirar o cinto de segurança.

Mas quando parou o carro, Sana saiu sem dizer uma palavra. Chapi seguiu-a no mesmo instante. Rebecka se sentiu obrigada a sair também. Subiu a gola para tapar as orelhas, mas não a protegeu do frio que imediatamente se filtrou por debaixo do tecido e se fixou como duas pinças em seus lóbulos. Olhou para a casa de Sana. Um pequeno edifício de apartamentos com fachada de madeira de cor verde escuro e telhas de cor vermelha. Há tempo que não retiravam a neve do pátio. Os poucos carros que estavam estacionados haviam deixado profundas impressões na neve. Um velho Dodge hibernava sob um grosso manto branco. Esperava não ficar presa quando saísse dali. O edifício era propriedade da empresa LKAB, mas como a gente que vivia ali era normal, a LKAB economizava dinheiro retirando a neve menos frequentemente do que deveria. Se quisesse sair de

carro pela manhã, teria de retirar a neve você mesmo.

Sara e Lova continuavam sentadas no banco de trás. Suas mãos se juntavam ao som de uma canção que Sara dominava à perfeição e que Lova, com grande esforço, tentava aprender. Quando a pequena errava, começavam a rir e voltavam ao princípio. Chapi dava voltas como um torvelinho enquanto descobria os últimos olores no chão com seu pequeno e negro focinho. Deu uma volta ao redor de dois carros desconhecidos que havia no pátio. Descobriu com interesse um xixi que o cachorro do vizinho havia feito sobre um monte de neve. Seguiu o rastro de um rato que desaparecia dentro do esgoto e por onde ela não conseguiria passar. Sana jogou a cabeça para trás e inalou o ar.

— Cheira a neve. Vai nevar. Muito, disse se voltando até Rebecka.

"Como se parece com Viktor!", pensou Rebecka e inspirou fundo. A pele azul transparente, estirada sobre os pômulos. Ainda que as faces de Sana fossem um pouco mais arredondadas, como de menina. "E o porte", continuou meditando Rebecka. "Como o do Viktor. A cabeça sempre um pouco inclinada, a um lado o ao outro, como se não a pudesse manter reta.".

— Bem, eu já vou, disse Rebecka começando uma despedida, mas Sana havia se agachado para chamar Chapi.

— Venha aqui, menina. Venha aqui. Chapi correu até ela como uma mão negra através da neve.

"É como a imagem de um conto", pensou Rebecka. A bonita cadela negra com pequenas estrelas de neve por todo o pelo. Sana como uma ninfa do bosque com o casaco de pele de ovelha, que lhe chega até os joelhos, e o gorro da mesma pele sobre seu cabelo ruivo encaracolado.

Havia algo em Sana que fazia que parecesse com os animais. De alguma maneira eram iguais, ela e a cadela. Aquela pequena fêmea que crescera sozinha e maltratada durante anos, para onde haveriam ido as suas tristezas? Havia sido substituída pela alegria de poder meter o focinho na neve recém-caída ou latir para um esquilo assustado em uma árvore. E Sana. Acabava de encontrar o seu irmão esquartejado na igreja. E aqui estava ela brincando

com a cadela na neve. “Não vi nem uma lágrima em seus olhos”, pensou Rebecka. Nada a impressiona. Nem as tristezas nem as pessoas. Provavelmente, nem sequer suas próprias filhas. Mas o certo é que já não é mais meu assunto. Não tenho dívidas com ela. Agora vou embora e não voltarei a pensar nunca mais nem nela, nem em suas filhas, nem em seu irmão, nem neste buraco de cidade. Foi até o carro e abriu a porta de trás.

— Precisam descer moças, disse para Sara e a Lova, — Porque preciso pegar o avião. Adeus, gritou quando desapareciam escadas cima.

Lova se virou e a cumprimentou com a mão, mas Sara fez como que não visse. Lutou contra o sentimento de abandono que sentiu quando desapareceu o casaco vermelho de Sara após a porta. Uma brincadeira de imagens do tempo em que morava com Sana e Sara, iluminaram um aposento na escuridão de sua memória. Estava sentada com Sara no colo, lendo uma história, **PEDRINHO E AS QUATRO CABRAS**. A face contra o cabelo suave da menina. O indicador de Sara sobre os desenhos. “Mas assim são as coisas”, pensou Rebecka. Sempre recordarei. Ela já havia esquecido. De repente viu que Sana estava ao seu lado. Em suas faces azuis haviam florescido duas pálidas rosas pelo esforço de brincar com Chapi.

— Terá que subir e comer algo antes de ir.

— Meu avião sai dentro de meia hora, então… Rebecka acabou a frase meneando a cabeça.

— Haverá outros aviões, rogou Sana. — Nem sequer tive a oportunidade de agradecer por ter vindo. Não sei o que faria se…

— Não se preocupe, sorriu Rebecka. — De verdade que preciso ir.

Continuava sorrindo e esticou a mão para se despedir. Era um sinal, e ela mesma se deu conta no momento em que retirava a luva da mão, Sana desceu o olhar e recusou a lhe apertar a mão. “Merda”, pensou Rebecka.

— Você e eu, disse Sana sem levantar a vista, — Éramos como irmãs. E agora perdi o meu irmão e a minha irmã ao mesmo tempo. Deixou sair uma risada curta e sem alegria. Parecia mais um soluço. — O Senhor nos dá e o Senhor nos tira. Abençoado seja o nome do Senhor.

Rebecka fez um enorme esforço contra o impulso de abraçar Sana e consolá-la. "Não tente isso comigo", pensou descendo a mão. "Certas coisas não se podem consertar. Não em três minutos, passando frio enquanto nos despedimos.". Começavam os pés a esfriar. Os sapatos que utilizava em Estocolmo eram muito finos. Há um momento lhe doíam os dedos, agora era como se tivessem desaparecido. Tentou dobrá-los um pouco.

— Ligarei quando chegar, disse se sentando no carro.

— Certo, respondeu Sana sem interesse e fixando a vista em Chapi, que se agachava junto a uma quina da casa para responder a uma mensagem deixada na neve.

"No ano que vem", pensou Rebecka girando a chave. Quando fixou o olhar no retrovisor viu que Sara e Lova saíam do edifício. Havia algo em seus olhos que fez que o chão debaixo do carro estremecesse. "Não, não", pensou. "Tudo corre bem. Não aconteceu nada. Saia correndo daqui." Mas os pés não queriam pisar o acelerador. Olhou as meninas na entrada. Viu seus olhos desesperados, seus lábios se movendo, gritando algo para Sana que Rebecka não ouvia. Viu que levantavam os braços e suas mãos apontavam para o edifício, e depois viu que os desciam rapidamente, enquanto alguém saía da casa. Era um policial uniformizado que, com rápidos passos, chegou até Sana. Não conseguiu escutar o que disse. Rebecka olhou o relógio de pulso. Era absurdo pensar que conseguiria apanhar o avião. Não podia ir agora. Com um profundo suspiro saiu do carro. Seu corpo se moveu lentamente até Sana e o policial. As meninas continuavam na entrada, se inclinando sobre o corrimão coberto de neve. O olhar de Sara estava fixo em Sana e no policial. Sana estava comendo a neve que tinha agarrada à grossa luva de lã.

— Como revista domiciliar? O tom de voz de Sana fez com que Chapi ficasse parada e intranquila, e em seguida fosse até a sua dona. — Não podem entrar em minha casa sem permissão. Podem? A última palavra disse para Rebecka.

Nesse momento saiu o promotor-chefe, Carl Von Post. Após ele, dois polícias a paisana. Rebecka os reconheceu. Era aquela mulher baixinha com cara de cavalo, que se chamava Mela. E o homem com bigode de morsa. Meu Deus, eu achava que aqueles bigodes haviam desaparecido nos anos setenta!

Era como tivesse colado um esquilo morto debaixo do nariz. O promotor se dirigiu a Sana. Trazia uma bolsa na mão e dela tirou uma bolsa de plástico transparente e menor. Dentro havia uma faca. Mediria uns vinte centímetros. O cabo era negro brilhante e tinha a ponta um pouco levantada para cima.

— Sana Strandgård, disse levantando a bolsa com a faca muito próximo do rosto de Sana. — Acabamos de encontrar isso em sua casa. Reconhece?

— Não, respondeu Sana. — Parece uma faca de caça e eu não caço. Sara e Lova foram até Sana. Lova puxou a manga do casaco de pele de ovelha para chamar a atenção de sua mãe.

— Mamãe, se queijou.

— Espere um momento, filha, respondeu Sana, ausente.

Sara, de costas, se apertou contra sua mãe de tal maneira que Sana se viu obrigada a dar um passo para trás para não perder o equilíbrio. A menina de onze anos seguia os movimentos do promotor com os olhos, tentando entender o que acontecia com aqueles adultos tão sérios que rodeavam a sua mãe.

— Está completamente certa disso? Perguntou de novo Von Post. — Olhe bem, disse virando abolsa com a faca. O frio fez que a bolsa de plástico fizesse barulho ao mostrar as duas partes da arma, primeiro a folha e depois o cabo.

— Sim, estou certa, respondeu Sana, se afastando da faca. Evitou olhá-la de novo.

— Quem sabe as perguntas possam esperar, replicou Ana-Maria Mela a Von Post enquanto apontava com a cabeça às duas meninas, que haviam se agarrado a Sana.

— Mamãe, repetia Lova uma e outra vez puxando a manga de Sana. — Mamãe, eu preciso fazer xixí.

— Tenho frio, gemeu Sara. — Quero ir para casa. Chapi se movia intranquila e tentava se meter entre as pernas de Sana.

“Imagem do conto”, Rebecka pensou. “A ninfa do bosque foi presa pela gente do povoado. Rodearam-na e alguns a tem presa pelos braços e a cauda.”.

— Você guarda as toalhas e os lençóis na gaveta da cozinha, não é? Continuou Von Post. — Geralmente guarda as facas entre as toalhas?

— Espere um momento, filha, disse Sana a Sara, que estava puxando o seu casaco.

— Preciso fazer xixí, lamentou Lova. — Vou fazer aqui.

— Vai a responder à pergunta? Pressionou Von Post. Ana-Maria Mela e Sven-Erik Stålnacke trocaram olhares nas costas de Post.

— Não, disse Sana com voz tensa. — Não guardo nenhuma faca na gaveta.

— E isto, o que é? Insistiu Von Post, enquanto apanhava outra bolsa de plástico transparente da bolsa grande. — Reconhece isto?

Dentro da bolsa havia uma Bíblia. Era de capa marrom e estava brilhante pelo uso. Os cantos haviam sido dourados, mas já não restava muito daquela cor e as folhas do livro estavam escuras de tanto passar as páginas com os dedos. Por todos os lados havia marcas de leitura que sobressaíam das páginas, cartões postais, fitas trançadas e recortes de jornais. Gemendo e desvalida, Sana se deixou cair num monte de neve.

— Na parte interior da capa está escrito "Viktor Strandgård", continuou Carl Von Post sem nenhuma misericórdia. — Poderia responder se é a Bíblia dele e por que estava dentro da gaveta de sua cozinha? É verdade que ele a levava a todos os lados e estava com ela na igreja na última noite que esteve com vida?

— Não, sussurrou Sana, — Não. Cobria o rosto com as mãos. Lova quis lhe separar as mãos em uma tentativa de se encontrar o seu olhar. Quando viu que não podia, começou a chorar desesperadamente.

— Mamãe, eu quero ir, disse soluçando.

— Levante-se, ordenou Von Post com dureza. — Está presa como suspeita do assassinato de Viktor Strandgård. Sara se voltou rapidamente para o promotor.

— Deixe-a em paz, gritou.

— Tire as meninas daqui, disse Von Post com impaciência ao agente Tommy Rantakyrö.

Tommy Rantakyrö deu um passo decidido até Sana. Nesse momento Chapi saiu correndo e se colocou diante de sua dona. A cadela agachou a

cabeça, colocou as orelhas para trás e mostrou os seus afiados dentes com um grunhido surdo. Tommy Rantakyrö deu um passo para trás.

— Está bem, já é suficiente, disse Rebecka a Carl Von Post. — Quero fazer uma denúncia. A última disse para Ana-Maria Mela, que estava a seu lado, olhando as casas ao redor. Em todas as janelas a curiosidade movia as cortinas.

— Quer fazer… Disse Von Post, mas se interrompeu com um movimento brusco de cabeça. — Da minha parte não tenho inconveniente em que nos acompanhe à delegacia para interrogá-la a respeito de denuncia por abuso que uma jornalista da redação do Norrbotten da TV4 apresentou. Ana-Maria Mela tocou ligeiramente o braço de Von Post.

— Começamos a ter público, disse. — Não ficaria bem se algum dos vizinhos chamasse a imprensa e começassem a falar da brutalidade da polícia. Quem sabe eu estou errada, mas acho que o velho do andar lá de cima à esquerda está nos filmando com uma câmara de vídeo. Levantou o braço para apontar uma das janelas. — O melhor seria que Sven-Erik e eu saíssemos daqui para que não pareça que mandamos todo o exército, continuou. — Poderíamos chamar os técnicos, porque suponho que precisarão revistar todo o apartamento.

O lábio superior de Von Post se moveu com desagrado. Tentava ver a janela que havia lhe apontado Ana-Maria, mas ela estava completamente às escuras. Assim pensou que quem sabe estivesse olhando diretamente para a objetiva de uma câmara e afastou a vista um momento. A última coisa que queria era que o associassem à brutalidade da polícia e aparecesse na imprensa negativamente.

— Não, eu quero falar pessoalmente com os técnicos, respondeu. — Você e Sven-Erik se encarregarão de Sana Strandgård. Façam com que isolem a área. Voltaremos a nos ver, disse a Sana antes de subir no seu Volvo Cross Country.

Rebecka se deu conta de que Ana-Maria Mela ficou olhando o carro do promotor enquanto desaparecia de sua vista. “Merda”, pensou assombrada. “Cara de Cavalo o enganou. Queria que fosse embora e… Sim, com ela foi esperta.”.

Quando Carl Von Post deixou o lugar se fez silêncio. Tommy Rantakyrö estava perplexo, esperando um comando de Ana-Maria ou de Sven-Erik. Sara e Lova estavam de joelhos na neve; abraçavam a sua mãe, que continuava sentada no chão. Chapi estava deitada a seu lado, comendo um pouco de neve. Quando Rebecka se agachou e lhe acariciou o lombo, começou a mover a cauda como para demostrar que estava tudo bem. Sven-Erik deu um olhar interrogativo para Ana-Maria.

— Tommy, disse Ana-Maria rompendo o silêncio. — Pode subir com Olsson e isolar o apartamento? Coloque uma marca extra na porta da cozinha para que ninguém a utilize antes dos técnicos revistarem-na.

— Eh, disse Sven-Erik cuidadosamente a Sana. — Sentimos profundamente tudo isto, mas a situação é essa. Precisa nos acompanhar a delegacia.

— Há algum lugar aonde possamos levar as meninas? Perguntou Ana-Maria.

— Não, respondeu Sana levantando a cabeça. — Quero falar com minha advogada, Rebecka Martinsson. Rebecka suspirou.

— Sana, eu não sou a sua advogada…

— De qualquer maneira eu quero falar com você. Sven-Erik Stålnacke deu um olhar inseguro para a sua colega.

— Não sei… Disse um pouco indeciso.

— Vamos, bufou Rebecka. — Está em detenção preventiva, então ainda não aconteceu a disposição judicial de restrições. Tem direito a falar comigo. Fique escutando se quiser, não vamos falar segredos. Lova falou algo ao ouvido a Sana.

— O que disse querida?

— Fiz xixí, disse Lova chorando.

Todos os olhares se dirigiram para a pequena. Realmente tinha uma mancha escura nos velhos jeans.

— Teremos que colocar outras calças em Lova, disse Rebecka a Ana-Maria Mela.

— Ouçam-me, meninas, anunciou Ana-Maria para Sara e a Lova. — Vamos fazer o seguinte. Subam comigo e procuraremos umas calças para

Lova e depois voltaremos a descer com a sua mãe. Não vai a parte nenhuma. Eu prometo.

— Venha, façam o que disse a senhora, adicionou Sana. — Tragam alguma roupa para mim também. E comida para Chapi.

— Sinto muito, disse Ana-Maria a Sana. — Roupa, não. E tudo o que estiver usando, o promotor vai querer enviar para Linköping.

— Está bem, respondeu Rebecka rapidamente. — Levarei roupa para você, Sana. Certo?

As meninas desapareceram dentro do edifício com Ana-Maria. Sven-Erik Stålnacke estava de cócoras, um pouco afastado de Sana e de Rebecka, falando com Chapi. Parecia que tinham muito em comum.

— Eu não posso ajudá-la, Sana, disse Rebecka. — Sou especialista em direito fiscal, não em direito penal. Se precisar de um defensor, posso ajudá-la a encontrar um bom.

— Por que não entende? Murmurou Sana. — Precisa ser você. Se você não me ajudar, não quero ninguém. Nesse caso, Deus se encarregará de mim.

— Por favor, pare com isso, suplicou Rebecka.

— Não, pare você, respondeu Sana bruscamente. — Preciso de você, Rebecka. E minhas filhas também. Não me importa o que acha de mim, mas eu lhe suplico. O que quer que eu faça? Que me coloque de joelhos? Pedir que me ajude pelos velhos tempos? Preciso de você.

— O que quer dizer com que as meninas precisam de mim? Sana segurou o casaco de Rebecka com as duas mãos.

— Meus pais me tomarão elas, disse aflita. — E isso eu não posso permitir. Não quero que Sara e Lova fiquem com meus pais nem sequer cinco minutos. E agora eu não posso mais impedir. Mas você sim. Faça por Sara.

Seus pais. As imagens e os pensamentos tentavam sair à superfície do interior de Rebecka. O pai de Sana. Bem vestido. Bom porte. Formas doces e empáticas. Ficara muito popular como político local. Rebecka inclusive o havia visto alguma vez nos meios de comunicação nacionais. Provavelmente seria um dos primeiros candidatos das listas dos democratas-cristãos nas próximas eleições gerais. Mas era uma personalidade dura como pedra, que escondia com a sua cálida fachada. Inclusive o pastor Thomas Söderberg

havia lhe demostrado respeito e submissão em muitas questões da comunidade. E Rebecka recordava com desagrado que Sana, com a voz tranquila, como se tudo tivesse acontecido com outra pessoa, lhe contara como havia matado os seus bichos de estimação. Sempre sem avisar. Cachorros, gatos, passarinhos. Nem sequer pôde ficar com o aquário que a professora lhe dera quando era pequena. Às vezes, sua submissa mãe lhe explicava que era porque Sana era alérgica. Outras vezes, porque não se ocupava o suficiente das tarefas da escola. Mas a miúdo não lhe davam nenhuma explicação. O silêncio não permitia nem sequer que se fizesse a pergunta. E Rebecka se lembrava de Sana às noites, com Sara em seu colo quando a menina não conseguia dormir. "Não penso em ser como eles, havia dito. A mim, me fechavam com chave no quarto.".

— Preciso falar com o meu chefe, disse Rebecka.

— Ficará? Perguntou Sana.

— Uns dias, respondeu Rebecka com um nó na garganta. O rosto de Sana relaxou.

— É tudo o que lhe peço, adicionou. — De quanto tempo estamos falando? Eu sou inocente. Não acredita que eu fiz isso, não é?

A imagem de Sana andando na metade da noite sob a luz da lua, com uma faca ensanguentada em sua mão, tomou forma na mente de Rebecka. "Mas, nesse caso, por que voltou? Por que iria levar Lova e a Sara à igreja para "encontrá-lo"?", pensou.

— Naturalmente que não, respondeu.

Caso número tal, tantas horas. Caso número tal, tantas horas. Caso número tal, tantas horas. Maria Taube estava no escritório de advogados Meijer & Ditzinger preenchendo os formulários de horários da semana. Parecia muito bom, constatou quando somou a quantidade de horas a faturar na última linha. Quarenta e dois. Måns nunca ficava contente, mas pelo menos não ficaria insatisfeito. Havia trabalhado mais de setenta horas na última semana para poder faturar quarenta e duas. Fechou os olhos e se inclinou para trás no respaldo da cadeira. O cós da saia lhe apertava o estômago.

"Preciso começar a fazer exercício", pensou. Não posso ficar aqui com a bunda pregada diante do computador. Estamos na terça-feira de manhã… Terça-feira, quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira. Quatro dias até sábado. Então irei fazer exercício. E dormirei. Desconectarei o telefone e me deitarei. A chuva tamborilava monótona contra os vidros. No mesmo instante em que seu corpo decidia tirar um segundo de descanso e seus músculos relaxaram, tocou o telefone. Foi como despertar de um sonho de um soco na cabeça. Ergueu-se da cadeira com um movimento brusco e apanhou o fone. Era Rebecka Martinsson.

— Olá, exclamou Maria com a sua clara voz. — Espere um momento. Tomou impulso para se separar da mesa e, sentada na cadeira com rodas, chegou até a porta que dava ao corredor e a fechou com o pé. — Por fim ligou, disse quando voltou a apanhar o fone. — Estive tentando falar com você como uma louca.

— Eu sei, respondeu Rebecka. — Tenho mais de cem mensagens no telefone, mas ainda não escutei. Esqueci no carro e… Bem, não vou me queixar mais. Suponho que mais de uma é de Måns, que deve estar irritado como o diabo.

— Mmm, não posso mentir. Os sócios se reuniram na primeira hora depois que se viram nas notícias. Não estão muito contentes de que tenham aparecido imagens do escritório na TV4 e de que tenham falado de nossos coléricos advogados. E hoje isso aqui parece uma colmeia.

Rebecka se inclinou sobre o volante respirando profundamente. Um nó na garganta lhe impedia de falar. No pátio brincavam Chapi, Sara e Lova com um tapete que estava pendurado numa corda diante do edifício. Esperava que fosse de Sana e não de algum vizinho.

— Está bem, disse ao cabo de um instante. — Vale a pena falar com Måns ou só quer que apresente a minha demissão?

— Não! Precisa falar com ele. Segundo ouvi, os demais sócios estavam dispostos a discutir a maneira de despedi-la, mas essa alternativa não estava na lista de Måns. Assim que você ainda tem emprego.

— Limpar os banheiros e servir café?

— E de calcinhas. Não, sério. Måns parece que se pôs do seu lado de verdade; acha que deve ter sido um mal-entendido isso de atuar como a

advogada da irmã do Garoto do Paraíso. Estava com ela como amiga, não?

— Sim, mas é que acaba de acontecer uma coisa, e…

Rebecka limpou com a mão o vapor que havia se formado no vidro de sua janela. Sara e Lova estavam brincando, no alto de um monte de neve. Não se via Chapi. Aonde a cadela teria ido?

— Não tenho muito tempo agora, poderia me passar para Måns?

— Está bem, mas faça como que se não soubesse nada da reunião.

— Certo. Como soube de tudo?

— Sonja me contou. Ela estava lá.

Sonja Berg era uma das secretárias mais antigas de Meijer & Ditzinger. Sua virtude mais apreciada era a capacidade de se calar como uma tumba à respeito aos assuntos do escritório. Eram muitos os que haviam tentado conseguir alguma informação e haviam encontrado a sua mistura especial de falta de vontade, irritação e fingida incapacidade para entender o que a pessoa em questão queria. Em reuniões secretas, por exemplo, antes da fusão de várias empresas, sempre era ela a que redigia a ata.

— Você é incrível, disse Rebecka, impressionada. — É capaz de retirar água de pedra.

— Retirar água das pedras faz parte do curso básico. Fazer com que Sonja fale já é curso avançado. Mas você não me fale de coisas impossíveis. Na realidade, o que fez com Måns? Vodu com um boneco ou o quê? Se eu tivesse saído na televisão empurrando uma jornalista, agora estaria amarrada em sua câmara de torturas, passando as últimas vinte e quatro horas mais dolorosas de minha vida. Rebecka riu sem vontade.

— Algo assim me espera quando voltar ao trabalho. Transfere-me?

— Sim, ainda que lhe avise. É verdade que se colocou ao seu lado, mas contente não está.

Rebecka desceu a janela e chamou Sara e Lova.

— Onde está Chapi? Sara, procure-a, mas sempre onde eu a possa ver. Em seguida vamos embora. E alguma vez ele fica contente? Adicionou ao telefone.

— Quem nunca está contente? A fria voz de Måns se ouviu do outro lado da linha.

— Ah, olá, respondeu Rebecka, tentando se concentrar. — É Rebecka.

— Certo, respondeu ele sem dizer nada mais. Podia sentir a respiração irritada e profunda dele. Não pensava em facilitar as coisas, isso ficava bem claro.

— Queria explicar que foi um mal-entendido acreditarem que eu era a advogada de Sana Strandgård.

— Certo, respondeu Måns ao cabo de um momento. — Isso é tudo?

— Não… "Vamos, Rebecka", pensou se animando. "Não pense. Diga o que tem de dizer e desligue. Nada pode piorar as coisas.". — A polícia encontrou uma faca e a Bíblia de Viktor Strandgård no apartamento de Sana Strandgård, disse. — Deteram Sana como suspeita do assassinato e acabaram de levá-la. Eu neste momento estou diante de sua casa. Vão isolá-la eu levarei uma de suas filhas ao colégio e a outra a creche.

A irritada respiração ao outro lado da linha se interrompeu. Rebecka se permitiu fazer uma pausa antes de continuar:

— Quer que eu seja a sua defensora e se nega a ter outro advogado. Assim ficarei aqui mais uns dias.

— Merda, olha que pouca vergonha, exclamou Måns Wengren. — Está agindo nas minhas costas. Ofende ao escritório diante da imprensa e agora pensa em se encarregar de um caso que não tem nada a ver com o seu trabalho. É atividade desleal, e suficiente para despedi-la, entendeu?

— Måns, eu quero me encarregar do caso, mas sendo um caso do escritório. Disse Rebecka irritada. — Não estou pedindo permissão. Não posso voltar atrás agora. E vou solucioná-lo. Mas qual é o problema? Estarei presente em alguns interrogatórios, que me parece que não serão muitos. Ela não sabe de nada nem tampouco se lembra de nada. Encontraram a arma assassina, se é que foi essa faca, e a Bíblia de Viktor em seu apartamento. Ela estava na igreja justo quando acabava de acontecer. Nem sequer o famoso jornalista Peter Althin conseguiria que a deixassem livre, se for certo que vai passar para a disposição judicial. Se, e contra o que eu desejo existir uma acusação, espero que algum de nossos advogados de direito penal me respalde, Bengt-Olov Falk ou Göran Carlström, por exemplo. Vai haver muita comoção na imprensa e seria benéfico para o escritório um pouco de

publicidade em temas penais, você sabe bem. Ainda que seja o direito mercantil e tributário o que dá dinheiro, os casos penais importantes são os que fazem que um escritório fique famoso através da imprensa e da televisão.

— Obrigado, respondeu Måns, tenso. — Isso de publicidade para o escritório você já começou a trabalhar. Por que diabo não se colocou em contato comigo quando deu o empurrão naquela jornalista?

— Não dei nenhum empurrão nela, se defendeu Rebecka. — Tentei passar e ela escorregou…

— Ainda não acabei! Gritou Måns. — Perdi uma hora e meia da manhã em uma reunião falando sobre você. Se tivesse prevalecido a minha vontade, pediria agora mesmo a sua demissão. Tem sorte de que outros sócios foram mais misericordiosos. Rebecka fez como que não ouvisse o seu comentário e continuou:

— Preciso que me ajude com essa jornalista. Pode se colocar em contato com a redação e pedir que retire a denúncia? Måns começou a rir, surpreso.

— Quem você acha que eu sou? Don Corleone? Rebecka voltou a esfregar a janela.

— Era só uma pergunta, respondeu. — Preciso desligar. Estou cuidando das duas filhas de Sana e a menor está tirando a roupa.

— Deixe que tire, respondeu Måns, irritado. — Ainda não acabamos.

— Ligarei em seguida ou mando um correio eletrônico. As meninas estão na rua e faz um frio tremendo. A última coisa de que preciso neste momento é uma criança de quatro anos apanhando uma pneumonia. Até. Desligou o telefone antes que ele tivesse tempo de dizer alguma coisa mais.

"Não me proibiu", pensou aliviada. "Não me proibiu que continuasse e não me deixou sem trabalho. Como pôde ser assim tão fácil?". Então se lembrou das meninas e pôs o carro em marcha.

— O que estão fazendo? Gritou para Sara e a Lova.

Lova havia retirado o casaco, as luvas e as duas blusas. Estava de pé sobre a neve com o gorro enfiado na cabeça e a parte superior de seu corpo coberta só por uma fina camiseta branca de algodão. Estava chorando. Chapi olhava-a preocupada.

— Sara me disse que pareço uma idiota com a blusa que me vestiu, se

queixou Lova chorando. — Me disse que na delegacia vão me prender.

— Ponha a roupa imediatamente, ordenou Rebecka, impaciente. Segurou Lova pelo braço e começou a recolocar as blusas à força. A menina chorava desconsolada.

— É verdade, respondeu Sara com malícia. — Parece uma louca. Na escola havia uma menina que usava uma blusa dessas. Os rapazes a pegaram, colocaram a cabeça dela no sanitário e deram a descarga. Quase se afogou.

— Não quero! Gritava Lova enquanto Rebecka a vestia à força.

— Entrem no carro, disse Rebecka com a voz tensa. — Vão a creche e ao colégio.

— Não pode nos obrigar, gritou Sara. — Não é nossa mãe.

— Vamos apostar? Resmungou Rebecka. Levantou as duas meninas e as sentou no carro, enquanto elas não paravam de gritar. Chapi entrou com um salto e deu umas voltas, intranquila, antes de se acomodar no assento.

— E tenho fome, continuou gritando Lova.

— Exato, chiou Sara. — Não tomamos o café-da-manhã. Dê-me o celular, que vou ligar para o meu avô, disse, puxando o telefone de Rebecka.

— Que diabos! Rugiu Rebecka, e apanhou o telefone de novo bruscamente. Saiu do carro e abriu a porta de trás.

— Fora! Ordenou. Tirou Sara e a Lova do carro e as deixou na neve.

As duas meninas se calaram de imediato enquanto a olhavam com os olhos como pratos.

— É verdade, disse Rebecka tentando dominar a voz. — Que eu não sou a sua mãe, mas Sana me pediu que cuidasse de ambas, assim nem eu nem vocês podemos escolher. Façamos um trato. Primero iremos à estação de ônibus tomar o café-da-manhã. Depois vamos comprar roupa nova para Lova. E para Sana também. Precisam me ajudar a escolher algo bonito para ela. Vamos, entrem no carro.

Sara ficou calada, olhando os pés. Em seguida, encolheu os ombros e entrou no carro. Lova entrou atrás dela e a irmã maior ajudou a menor a colocar o cinto de segurança. Chapi lambeu as lágrimas salgadas que Lova ainda tinha nas faces. Rebecka Martinsson pôs o carro em movimento e saiu dali.

“Meu Deus”, ela pensou pela primeira vez em muitos anos. “Meu Deus, me ajude”.

As casas residenciais vistas da Avenida Gasel eram como peças de dominó postas em filas, bem ordenadas, ao longo de toda a rua. Havia neve por todo o lado, cobrindo até os jardins. Na janela da cozinha, as cortinas tapavam a parte inferior para proteger a intimidade dos que estavam dentro. “E esta família vai precisar muita intimidade”, pensou Ana-Maria Mela quando ela e Sven-Erik Stålnacke saíam do carro diante do número 35 da Avenida Gasel.

— Sente-se o olhar dos vizinhos na nuca, disse Sven-Erik como tivesse lido o seu pensamento. — O que acha que os pais de Sana e de Viktor Strandgård vão poder nos contar?

— Já veremos. Ontem não quiseram nos receber, mas agora que ouviram que sua filha foi detida nos chamaram para pedir que viéssemos.

Retiraram a neve dos sapatos e tocaram a campainha. Olof Strandgård abriu a porta. Com voz muito bem modulada pediu que entrassem. Apertou a mão, ajudou com os casacos e os pendurou em um cabide. Era um homem de meia idade, mas sem o sobrepeso habitual dos homens dessa idade. “Deve ter um aparelho de remo e pesos no porão”, pensou Ana-Maria.

— Não, não os retire, por favor, pediu Olof Strandgård a Sven-Erik quando este se agachou para retirar os sapatos. Ana-Maria se deu conta de que Olof Strandgård usava um sapato imaculado.

Levou-os até a sala de estar. Um lado da sala era ocupado por uma mesa de jantar no estilo gustaviano. Candelabros de prata e uma obra da artista plástica Ulrika Hydman-Valien se refletiam sobre o tampo de caoba escura da mesa. Do teto pendia uma pequena luminária de cristal com desenho moderno. No outro lado da sala havia um pomposo sofá de pele clara e cadeiras. A mesinha era de vidro temperado com pés de metal. Tudo muito limpo e organizado. No sofá, afundada, se via Kristina Strandgård. De maneira ausente, ela cumprimentou os dois policiais. Tinha o mesmo cabelo grosso e ruivo dos seus filhos. Mas Kristina Strandgård usava-o mais curto, com um corte de pajem.

"Deve ter sido muito bonita", pensou Ana-Maria. "Antes que a idade cravasse as garras. E isso não aconteceu ontem. Deve ter algum tempo." Olof Strandgård se inclinou até sua esposa. Sua voz era doce, mas o sorriso de seus lábios não se refletia nos olhos.

— Quem sabe deveríamos deixar para a inspetora Mela o sofá, que é mais cômodo, disse como uma ordem. Kristina Strandgård se levantou como se a tivessem picado com uma agulha.

— Ah, desculpe, naturalmente.

Sorriu enrubescida para Ana-Maria e por um segundo ficou de pé, como tivesse se esquecido de onde se encontrava e o que deveria fazer. De repente, pareceu retornar ao presente e afundou numa cadeira, ao lado de Sven-Erik. Ana-Maria se sentou com esforços no sofá. Era demasiado fundo e o respaldo era tão inclinado que ela ficou incômoda. Fez um gesto numa tentativa de sorrir agradecida. A criança lhe pressionava o diafragma e notou de imediato uma acidez no estômago e dor nos quadris.

— Querem tomar algo? Perguntou Olof Strandgård. — Café, chá, água? Como se tivesse recebido um sinal, sua mulher se levantou de novo.

— Claro que sim, disse dando um rápido olhar ao seu marido. — Deveria ter perguntado…

Tanto Sven-Erik como Ana-Maria negaram com a mão e Kristina Strandgård voltou a se sentar, mas desta vez no braço do sofá, disposta se pôr de pé no momento que fosse necessário. Ana-Maria ficou observando-a. Não parecia uma mulher que acabara de perder um de seus filhos. Estava com o cabelo recém-lavado e penteado no secador. Vestia um casaco, blusa e calças, de cor areia e bege. Havia pintado os olhos e os lábios. Suas mãos não se entrelaçavam de desespero. Não havia sobre a mesa nem um só lenço de papel amassado à sua frente. Pelo contrário, era como se tivesse se fechado ao mundo. "Não, não é isso", pensou Ana-Maria, se sentindo de repente muito inquieta. "Não se fechou ao mundo. Se fechou em si mesma.".

— Agradecemos que tenham vindo em seguida, disse Olof Strandgård. — Há um momento ouvimos que detiveram Sana. Isso é um erro. Eu e a

minha mulher ficamos muito preocupados.

— Naturalmente, respondeu Sven-Erik. — Mas quem sabe deveríamos ir por partes. Primero as perguntas relativas a Viktor e depois poderemos falar de sua filha.

— Está bem, disse Olof Strandgård sorrindo. "Bem, Sven-Erik", pensou Ana-Maria. "Assuma o comando agora porque, se não, esta visita acabará e não nos dirão nada.".

— Poderiam nos contar coisas de Viktor? Perguntou Sven-Erik. — Que tipo de pessoa ele era?

— Em que sentido essa informação pode ajudar em seu trabalho? Perguntou Olof Strandgård.

— É uma pergunta que sempre é feita, insistiu Sven-Erik sem se deixar provocar. — Precisaremos ter uma ideia de seu filho, já que não o conhecemos em vida.

— Tinha talento, disse o pai, muito sério. — Muito talento. Imagino que todos os pais dizem o mesmo de seus filhos, mas perguntem aos seus antigos professores e confirmarão o que lhes digo. Tinha excelentes notas em todas as matérias e era dotado para a música. Sabia se concentrar. Os deveres do colégio, as lições de guitarra… E depois do acidente se concentrou em Deus cem por cento.

Recostou-se no sofá e ajeitou ligeiramente a perna direita da calça antes de cruzá-la sobre a esquerda.

— Não é uma empresa fácil o que Deus pedira ao rapaz, continuou. — Deixou tudo de lado. Parou os estudos e a música. Pregava e rezava. E estava obcecado pela sua convicção de que a fé voltaria a Kiruna, mas também estava convencido de que era imprescindível que as igrejas livres se unissem. A união faz a força, como se diz. Naqueles tempos não havia nenhuma coesão entre a Igreja de Pentecostes, a da Missão e a Batista, mas ele era teimoso. Só tinha dezessete anos quando recebeu a chamada da fé. Quase que obrigou aos pastores a que se encontrassem e rezassem juntos: Thomas Söderberg, da Igreja da Missão; Vesa Larsson, da de Pentecostes; e Gunar Isaksson, da Batista. Ana-Maria se mexeu no sofá. A criança chutava a sua bexiga.

— Recebeu a chamada da fé quando sofreu o acidente? Perguntou.

— Sim. O garoto ia de bicicleta, era inverno, e o atropelaram. Bem, vocês são de Kiruna, então conhecem o restante. A congregação não parava

de aumentar e conseguimos construir a Igreja de Vidro. É tão conhecida como o nosso rapaz. A popular Carola, da Eurovisão, fez um concerto de Natal lá em dezembro passado.

— Como era a sua relação com ele? Perguntou Sven-Erik. — Se viam a miúdo? Ana-Maria viu que Sven-Erik se esforçava em chamar a atenção de Kristina Strandgård com suas perguntas, mas seu olhar sem vontade se havia fixado no desenho das cortinas.

— Entre os meus familiares são muito boas as relações, respondeu Olof Strandgård.

— Fora da igreja, tinha contato com alguém ou algum outro interesse?

— Não, como já lhe disse, decidiu se afastar de tudo e só trabalhar para Deus.

— Mas nada o inquietava? Quero dizer, que se afastasse das moças e dos outros interesses que tinha?

— Não, o certo é que não. O pai riu como se considerasse que o que Sven-Erik acabava de dizer fosse ridículo.

— Quem eram os seus melhores amigos?

Sven-Erik olhou as fotografias nas paredes. Em cima do televisor havia uma grande fotografia de Sana e Viktor. Duas crianças com os cabelos longos, e ruivos como o sol. Sana com o cabelo longo encaracolado como se fosse um anjo. O cabelo de Viktor liso como uma cascata. Sana parecia estar no princípio da puberdade. Podia se ver que não queria sorrir para o fotógrafo. Havia algo de rebeldia na expressão de sua boca. Viktor também estava sério, mas mais natural. Como se estivesse pensando em outra coisa e tivesse se esquecido de onde se encontrava.

— Sana tinha treze anos e o ele dez, disse Olof, quando notou Sven-Erik olhando a fotografia. — Se vê claramente como adorava a sua irmã. Queria usar o cabelo longo como ela e, desde que era muito pequeno, gritava como um bezerro cada vez que sua mãe se aproximava com a tesoura. No princípio, no colégio, caçoavam dele, mas insistia em usar o cabelo longo.

— E os amigos? Recordou Ana-Maria.

— Eu acho que nós, os familiares éramos os seus melhores amigos. Tinha muita relação conosco e com Sana. E adorava as meninas.

— As filhas de Sana?

— Sim.

— Kristina, disse Sven-Erik. Kristina Strandgård deu um suspiro. — Algo mais que queira adicionar? Sobre Viktor, esclareceu Sven-Erik quando a olhou com gesto interrogador.

— O que posso dizer? Respondeu insegura e olhando de rabo de olho para o seu marido. — Não tenho nada a adicionar. Olof o descreveu muito bem, acho eu.

— Tem algum álbum com recortes de imprensa de Viktor? Perguntou Ana-Maria. — Quero dizer que como saía a miúdo nos jornais…

— Ali, respondeu Kristina Strandgård apontando um móvel. — É o álbum grande e marrom, na prateleira de baixo.

— Podem me emprestar? Perguntou Ana-Maria enquanto se levantava para apanhá-lo da estante. — Devolveremos quando nos for possível.

Segurou o álbum um instante e em seguida o deixou sobre a mesa, diante dela. Gostaria de ter outras imagens de Viktor em sua cabeça do que aquele corpo destroçado e olhos arrancados.

— Precisaríamos que escrevessem os nomes das pessoas que o conheciam, pediu Sven-Erik. — Queremos falar com eles.

— Será uma lista muito longa, respondeu Olof Strandgård. — Toda a Suécia e ainda será pequena.

— Quero dizer os que o conheciam pessoalmente, respondeu Sven-Erik, paciente. — Enviaremos alguém para apanhar a lista esta tarde. Quando foi a última vez que viram o seu filho com vida?

— Domingo à noite, no canto de salmos da igreja.

— Domingo à noite antes que o assassinassem, claro. Falaram com ele? Olof Strandgård moveu a cabeça pesaroso.

— Não, estava com o grupo de oração e totalmente ocupado.

— Quando foi à última vez que se viram e tiveram tempo de conversar?

— Sexta-feira à tarde, dois dias antes que… O pai se interrompeu e olhou para a sua mulher. — Tinha preparado o jantar, não é Kristina? Não foi sexta-feira?

— Sim. A Reunião dos Milagres iria começar então e eu sei que se esquecia até de comer. Assim fomos a sua casa e enchemos a geladeira. Disse que eu era como uma galinha com seus pintinhos.

— Parecia preocupado por algo? Perguntou Sven-Erik. — Havia algo que o deixava intranquilo?

— Não, respondeu Olof.

— Parece que não comera há tempos quando morreu, adicionou Ana-Maria. — Sabem por quê? Pode ter se esquecido?

— Com certeza tomou o café-da-manhã, respondeu o pai. "Vou ter que perguntar onde fica o banheiro", pensou Ana-Maria.

— Café-da-manhã? Perguntou, aguentando a necessidade. — Por quê?

— Bem, respondeu Olof Strandgård. — A Bíblia afirma que Jesus tomou o café-da-manhã quarenta dias no deserto e foi tentado pelo diabo antes que aparecesse na Galileia e conseguisse os seus primeiros discípulos. E coloca que os apóstolos rezaram e tomaram o café-da-manhã quando nomeou os primeiros conselhos de anciões das primeiras congregações e os consagrou a Deus. No Antigo Testamento Moisés e Elias tomaram o café-da-manhã antes que Deus lhes aparecesse. Provavelmente Viktor sentiu que lhe esperava um árduo trabalho durante a Reunião dos Milagres e queria se concentrar com ajuda do café-da-manhã e da oração.

— O que é Reunião dos Milagres? Perguntou Sven-Erik.

— Começou na sexta-feira à noite e acabará no próximo domingo à noite. Durante o dia, cursos; e à noite, reuniões. Trata de milagres. Curas, pedidos, presentes espirituais. Esperem um momento.

Olof Strandgård se levantou e desapareceu em direção ao hall. Ao cabo de um tempo voltou com um cartaz de cor brilhante nas mãos. Deu-o a Sven-Erik. Este se inclinou até Ana-Maria para que ela também pudesse ver do que se tratava. Era um convite dobrado, tamanho A4. Havia uma fotografia de gente feliz com as mãos levantadas. Em outra foto uma mulher rindo levantava o seu filho pequeno. Em outra se via Viktor Strandgård rezando por um homem que estava de joelhos, com as mãos para o céu. Viktor tinha postos os dedos indicador e médio na testa do homem e este fechava os olhos. O texto dizia que os cursos tratariam, entre outros temas, do "Poder da misericórdia", "Deus já venceu a sua doença" e "Deixe sair a sua misericórdia espiritual". E adicionava que nos encontros da noite se poderia dançar, cantar e rir espiritualmente, e ver como Deus faria milagres em você mesmo e nos demais. Tudo pelo preço de quatro mil e duzentas coroas, comida e alojamento à parte.

— Quanta gente participa na reunião? Questionou Sven-Erik.

— Não sei exatamente, respondeu Olof, deixando entrever certo

orgulho, — Mas mais de duas mil. Ana-Maria viu como Sven-Erik contava mentalmente o retorno financeiro que a congregação obteria com a reunião.

— Queremos uma lista dos participantes, disse Ana-Maria. — A quem temos de nos dirigir?

Olof Strandgård disse um nome e ela o escreveu em seu caderno de notas. Sven-Erik tinha que colocar alguém para comparar a lista com o levantamento feito pela polícia.

— Como era a relação com Sana? Perguntou Ana-Maria.

— Desculpe? Respondeu Olof Strandgård.

— Sim, poderiam descrever a sua relação?

— Eram irmãos.

— Mas isso não significa que, por definição, tinham uma boa relação, insistiu Ana-Maria. O pai respirou fundo.

— Eram bons amigos, ainda que Sana seja uma pessoa frágil. Sensível. Tanto eu quanto a minha mulher e nosso filho tivemos que cuidar dela mais de uma vez, dela e das meninas.

— O que quer dizer com "sensível"? Perguntou. Viu que Kristina se remexia em seu assento.

— Não é fácil falar disso, disse Olof. — É que existem períodos em que ela tem dificuldades para se portar como uma pessoa adulta. É-lhe difícil colocar limites nas meninas. E às vezes é difícil cuidar de si mesma e delas. Não é verdade, Kristina?

— Sim, respondeu a esposa, submissa.

— Em mais de uma ocasião ficou deitada em um aposento às escuras durante uma semana inteira, continuou Olof Strandgård. — Sem responder quando falavam com ela. Nesses momentos, cuidamos das meninas, e Viktor dava de comer a Sana com uma colher, como se fosse uma menininha. Fez uma pausa olhando fixamente para Ana-Maria. — Não conseguiria cuidar das meninas se não tivesse sido pela ajuda da família, adicionou.

"Certo", Ana-Maria pensou. "Realmente quer nos convencer de como é frágil e débil. Por quê? Uma família de bem como vocês deveria silenciar nesses temas."

— As meninas não tem pai? Olof Strandgård suspirou.

— Claro que sim, respondeu. — Sana só tinha dezessete anos quando teve Sara. E eu… Sacudiu a cabeça ao se lembrar do passado… Eu insisti para que se casassem, ainda que fossem muito jovens. Mas a promessa ante Deus não impediu o marido de abandonar a esposa e a menina quando Sara só tinha um ano. O pai de Lova foi uma debilidade esporádica.

— Como se chama? Queremos nos colocar em contato com ele. Perguntou Sven-Erik.

— Claro que sim. Rony Björnström, o pai de Sara, mora em Narvik. Achamos. Não tem contato com a sua filha. Sammy Andersson, o pai de Lova, morreu em um trágico acidente de moto há uns dois anos. Estava num lago no final do inverno e o gelo quebrou. Uma história horrível. "Se não quiser fazer neste bonito sofá…", pensou Ana-Maria se levantando trabalhosamente.

— Desculpem, mas preciso ir ao… Disse.

— No hall, à direita, respondeu Olof Strandgård, se levantando enquanto ela deixava a sala.

O banheiro era igualmente limpo como o resto da casa. Havia um aroma artificial de flores. Com certeza seria o perfume que havia em algum dos sprays em cima do armário. Dentro do sanitário havia algo azul que coloria a água quando se puxava o cordão.

— Estamos muito preocupados porque Rebecka Martinsson se encarregou das meninas, disse Olof Strandgård quando ela voltou a se sentar no sofá. — Provavelmente estão impressionadas e assustadas com tudo o que aconteceu. Precisam de segurança e tranquilidade a seu ao redor.

— A polícia não pode fazer nada ao respeito, respondeu Ana-Maria. — Sua filha é sua mãe e se as deixou com Rebecka Martinsson…

— Mas eu digo que Sana não é responsável por seus atos. Se não fosse por mim e por minha esposa, hoje não teria a tutela das meninas.

— Isso tampouco é assunto da polícia, respondeu Ana-Maria de forma neutra. — São os serviços sociais e o tribunal administrativo provincial quem decide retirar a tutela dos pais, se o considerarem procedente. De repente desapareceu a suavidade na voz de Olof Strandgård.

— Então não poderemos esperar alguma ajuda por parte da polícia, disse cortante. — Naturalmente que me colocarei em contato com os serviços sociais se for necessário.

— Não entendem? Exclamou Kristina Strandgård de repente. — Rebecka já tentou antes dividir a família. Fará qualquer coisa para colocar às meninas contra nós. Como fez antes com Sana.

A última frase disse para o seu marido. Olof Strandgård estava sentado, com as mandíbulas apertadas, olhando através da janela da sala de estar. Sua postura era rígida e tinha as mãos entrelaçadas.

— O que quer dizer "antes com Sana"? Perguntou Sven-Erik com suavidade.

— Quando Sara tinha três ou quatro anos Sana e Rebecka Martinsson dividiam o apartamento, continuou Kristina Strandgård com esforço. — Tentou dividir a nossa família. E é uma inimiga da Igreja e do trabalho de Deus na cidade. Não entendem o que sentimos ao saber que as meninas estão a sua mercê?

— Entendo, respondeu Sven-Erik. — De que maneira tentou dividir à família e combater a Igreja?

— Fazendo… Um olhar de seu marido fez que com que mordesse os lábios e não acabasse a frase.

— Fazendo o quê? Perguntou Sven-Erik, mas o rosto de Kristina Strandgård já havia se convertido em pedra, e pousou o olhar sobre a brilhante superfície do vidro da mesa.

— Não é culpa minha, disse com a voz quebrada. Repetiu uma e outra vez com o olhar sobre a mesa, sem se atrever a olhar para Olof Strandgård. — Não é culpa minha, não é culpa minha.

"Se defende ante seu marido ou o está acusando?", pensou Ana-Maria. Olof Strandgård recuperou as suaves maneiras. Havia posto a mão sobre o braço de sua esposa e ela se calou e em seguida se levantou.

— Acho que é mais do que podemos aguentar, disse a Ana-Maria e a Sven-Erik. E com isso a conversa acabou.

Quando Sven-Erik Stålnacke e Ana-Maria Mela saíam da casa, se abriram as portas de dois carros que estavam estacionados na rua. Deles desceram dois jornalistas, um homem e uma mulher, equipados com microfones tapados com grossas capas de lã. Vinha nos calcanhares dela um

câmera.

— Anders Grape, emissora local da Sveriges Rádio, se apresentou quando chegou até eles. — Deteram à irmã do Garoto do Paraíso. Algum comentário?

— Lena Westerberg, da TV3, disse a que estava acompanhada do câmera. — Vocês foram os primeiros a chegar ao lugar do crime. Podem dizer o que viram? Sven-Erik e Ana-Maria não responderam. Entraram no carro e saíram dali.

— Devem ter pedido aos vizinhos que os avisassem quando nós aparecêssemos, disse Ana-Maria vendo no retrovisor como os jornalistas iam até a casa dos pais e batiam à porta.

— Pobre mulher, exclamou Sven-Erik quando entraram pela Avenida Bäver. — É um idiota esse Olof Strandgård.

— Notou de que nunca chamou Viktor pelo seu nome? Sempre dizia "jovem" ou "rapaz", disse Ana-Maria.

— Teremos de falar com ela alguma vez quando ele não estiver em casa, disse Sven-Erik, pensativo.

— Vá você, respondeu Ana-Maria. — Tem boa mão com as mulheres.

— Por que a tantas mulheres bonitas acontece isso? Perguntou Sven-Erik. —Prendem-se a homens que não valem a pena e depois continuam sendo prisioneiras em sua própria casa quando os filhos já se foram.

— Não acontece só com as mulheres bonitas, respondeu Ana-Maria de forma seca. — Mas as mulheres bonitas chamam a atenção de todos.

— O que pensa em fazer agora? Perguntou Sven-Erik.

— Estudar o álbum e as fitas de vídeo da igreja, respondeu Ana-Maria.

Olhou através da janela do carro. O céu estava enevoado. Quando a luz do sol não podia atravessar as nuvens era como se as cores desaparecessem e a cidade se convertesse em uma fotografia em branco e preto.

— Mas isso é inaceitável! Disse Rebecka olhando através da porta da cela quando o agente a abriu e deixou que Sana Strandgård saísse ao corredor.

A cela era estreita e as paredes de pedra eram pintadas de um bege indefinido com pinceladas negras e brancas. Não havia móveis no pequeno aposento, só um simples colchão no chão com um saco de papel. Da janela

de vidro reforçado se via um caminho e uma casa de aluguel com a fachada de taboas verdes. A cela desprendia a acidez típica das bebedeiras e a sujeira. O guarda acompanhou Sana e Rebecka a uma sala para que conversassem. Havia três cadeiras e uma mesa diante de uma janela. Enquanto as mulheres se sentavam, o guarda revistou as bolsas com roupa e outras coisas que Rebecka havia levado.

— Estou contente de que me deixaram ficar aqui, disse Sana. — Espero que não me levem para a cadeia de verdade, em Luleå. Por causa das meninas. Preciso vê-las. Há celas mobiliadas, mas todas estão ocupadas, assim que no momento me colocaram na cela dos bêbados. Ainda que seja prático. Se alguém vomitar, é preciso só colocar a mangueira e abrir a água. Seria bom fazer o mesmo em casa. Apanha a mangueira, abre a água e se faz a limpeza da semana em um minuto. Ana-Maria Mela, a baixinha que está grávida, disse que hoje me transfeririam para uma cela das normais. Tenho bastante luz. Da janela do corredor se pode ver a mina e o monte Kebnekaise. Notou?

— Sim, disse Rebecka. O guarda devolveu as bolsas para Rebecka com um olhar de aprovação e se afastou. Rebecka deu as bolsas a Sana, que começou a remexê-la como uma criança no dia de Natal.

— Mas, que roupa bonita, disse Sana sorrindo e com as faces acesas de alegria. — Olha a blusa! Olhe! Que pena que não tenha um espelho. Levantou uma blusa vermelha decotada com detalhes brilhantes de fio metálico e se voltou para Rebecka.

— Foi Sara quem escolheu, esclareceu Rebecka. Sana voltou a submergir na bolsa.

— E roupa interior, sabonete, xampu e um monte de coisas, disse. — Preciso pagá-la.

— Não, não. É um presente, recusou Rebecka. — Não custou muito. Compramos na Lindex.

— Trouxe livros da biblioteca! E até comprou doces!

— Também comprei uma Bíblia, disse Rebecka apontando um pequeno embrulho. — É uma nova tradução. Já sei que você acha que a tradução de 1917 é a melhor, mas essa você já sabe de cor. Pensei que seria interessante compará-las. Sana apanhou o livro vermelho e apertou uma e outra vez antes de abri-lo ao azar, folheando as delgadas folhas.

— Obrigado, disse. — Quando saiu a tradução do Novo Testamento feita pela Comissão da Bíblia, pensei que toda a beleza desaparecera do

idioma, mas será interessante ler esta. Ainda que seja um pouco estranho ler uma Bíblia completamente nova. Estamos acostumados à nossa, com os sublinhados e as anotações. Mas pode ser muito bom ler as novas formulações e as páginas sem marcar. Estarei menos condicionada.

"Minha velha Bíblia", Rebecka pensou. Deve estar em alguma das caixas que ficou no estábulo da avó. Por que… Não a apanhei? É como um velho diário. Com todas as fotos e os recortes de imprensa que coloquei dentro. E todas as frases incômodas que sublinhei em vermelho. Aquilo queria dizer muitas coisas. "Como o cervo procura o riacho, minha alma procura a você, oh Deus." "Nos dias de necessidade procuro a Deus. Estico minha mão até a noite e não me canso. Minha alma quer consolo.".

— Foi bem com as meninas? Perguntou Sana.

— No final, sim, respondeu Rebecka um pouco seca. — Consegui levá-las ao colégio e a creche. Sana mordeu o lábio inferior e fechou a Bíblia. — O que aconteceu? Perguntou Rebecka.

— Penso em meus pais. Quem sabe vão buscá-las.

— O que aconteceu entre seus pais e você?

— Nada de novo. Só que estou cansada de ser sua propriedade. Com certeza que se lembra do que acontecia quando Sara era pequena. "Lembro-me", pensou Rebecka.

Rebecka subiu correndo as escadas até o apartamento que divide com Sana. Chegou tarde. Tinham que estar no aniversário de uma criança há dez minutos e demorariam vinte em chegar até lá. Com certeza ainda mais agora que nevava. Quem sabe Sana e Sara já foram sem ela. "Tomara", pensa, ao ver que os sapatos de inverno de Sara não estão na escada. "Se já foram não terei remorsos.". Mas as botas de ponta de Sana estão lá. Rebecka abre a porta e respira fundo para que o ar lhe permita dar todas as explicações e desculpas que pensar. Sana está sentada às escuras sobre o chão do hall. Rebecka quase a pisa ali onde está, com os joelhos debaixo do queixo e abraçando as pernas dobradas. E se balança, uma e outra vez. Como para consolar a si mesma. Ou como se esse balançar pudesse manter afastados os horríveis pensamentos que lhe passam pela cabeça. Rebecka demora um momento em chegar até ela. Em fazê-la falar. E então ela começa a chorar.

— Foram os meus pais, diz desconsolada. — Vieram e levaram Sara. Disse-lhes que íamos a uma festa e que pensávamos em fazer um monte de coisas divertidas, mas não me escutaram. Só a levaram. De repente se irrita e golpeia a parede com os punhos. — Minha vontade não conta, grita. —Sou propriedade deles. Minha filha é propriedade deles. Como os meus cachorros. Como quando meu pai se desfez da Laika. Têm tanto medo de ficar sozinhos, ou um com o outro, que… Se interrompe e a ira e o pranto se transformam em um gemido. As mãos deslizam sem força até o solo. —… Levaram-na, diz gemendo. — Íamos fazer biscoitos de gengibre, você, ela e eu.

— Shhh, sussurra Rebecka afastando o cabelo do rosto de Sana. — Já ajeitaremos isso. Prometo. Seca as lágrimas das faces a Sana com o dorso das mãos.

— O que tipo de mãe eu sou, murmura Sana, — Que nem sequer posso defender a minha própria filha?

— Você é uma boa mãe, consola-a Rebecka. — São os seus pais que não agiram bem. Ouve-me? Você não.

— Não quero viver assim. Ele simplesmente entra com a sua chave e apanha o que quer. O que eu podia fazer? Não queria me colocar a gritar diante de Sara. Ela morreria de medo. Minha menina...

A imagem de Olof Strandgård toma forma na cabeça de Rebecka. Sua voz profunda e segura. Não está habituado a que o contrariem. Seu perene sorriso por cima do pescoço engomado da camisa. Sua esposa de papelão. “Vou matá-lo”, pensa. “Vou matá-lo com minhas próprias mãos.”.

— Vamos, disse a Sana com uma voz que não permite protesto nenhum.

E Sana se veste e a segue como uma criança. Dirige o carro até onde lhe indica Rebecka. É Kristina Strandgård quem abre a porta.

— Viemos apanhar a Sara, diz Rebecka. — Vamos a uma festa de criança e já estamos quarenta minutos atrasadas. O medo aparece nos olhos de Kristina. Olha de rabo de olho para o interior da casa, mas não se afasta para que entrem. Rebecka vê que tem convidados.

— Mas havíamos acertado que Sara ficaria conosco neste fim de

semana, disse Kristina, procurando os olhos de Sana. Sana fixa seu olhar insistentemente no chão.

— Pelo que eu sei, não acertaram nada, disse Rebecka.

— Espere um momento, insiste Kristina, mordendo nervosa os lábios.

Desaparece na sala de estar e ao cabo de um momento Olof Strandgård aparece na porta. Não sorri. Com os olhos examina primeiro a Rebecka, depois se volta até a sua filha.

— Que estupidez é esta? Grunhe. — Achava que havíamos acertado Sana. Sara não se sente bem quando a levam de um lugar para outro. A verdade é que me entristece que a faça pagar por todas as suas bobagens.

Sana dá de ombros, mas continua olhando para baixo. A neve está caindo sobre o cabelo dela e parece que tem um capacete de gelo na cabeça.

— Vai responder quando falo com você ou não pode demostrar algum respeito? Inquire Olof com voz controlada. "Tem medo de provocar uma cena quando tem convidados", pensa Rebecka. O coração bate com força, mas dá um passo para adiante. Treme a voz quando fica à altura de Olof.

— Não estamos aqui para discutir, diz. — Ou vai apanhar Sara ou vou com a sua filha diretamente à polícia e o denuncio por sequestro. Juro sobre a Bíblia que faço isso. E antes de fazê-lo, entro em sua sala de estar e digo que o filho de Deus é Cristo. Sara é a filha de Sana e ela a quer. Não tem negociação. Vai trazê-la ou a polícia e que virá para apanhá-la? Kristina Strandgård olha intranquila por atrás do ombro de seu marido. Olof Strandgård sorri sarcástico para Rebecka.

— Sana, exige a sua filha, ele fala, sem deixar de olhar para Rebecka. — Sana. Sana olha até o solo. Quase sem que se note, nega com a cabeça. E então acontece. De repente, Olof troca de carácter. Sua expressão é agora preocupada e ferida.

— Entrem, diz deixando-as passar ao hall. — Se achava que era importante para você, era só falar, disse Olof a Sana, que começou a colocar o macacão de inverno e as botas em Sara. — Não posso ler os seus pensamentos. Achávamos que podia ser bom para você passar um fim de semana sem a menina. Em silêncio, Sana coloca em Sara o gorro e as luvas. Olof fala suavemente, com medo que os convidados o ouçam. — Não

precisava vir ameaçando e agir desta maneira, adiciona.

— Não ensinamos você a se comportar assim, sussurra Kristina olhando com rancor para Rebecka, que está apoiada na porta.

— Amanhã trocaremos a fechadura da porta, disse Rebecka quando se dirigem até o carro.

Sana leva Sara em seus braços e não diz nada. Abraça-a como se nunca imaginasse em deixar de segurá-la assim.

"Meu Deus, como me aborreci", pensa Rebecka. "E nem sequer era coisa minha". Era Sana a que deveria ter se aborrecido. Mas ela, simplesmente, não podia. E trocamos a fechadura, ainda que duas semanas mais tarde ela tenha dado de novo uma chave para o pai. Sana a segurou pelo braço e a trouxe de volta ao presente.

— Vão querer cuidar das meninas quando me colocarem na cadeia.

— Não se preocupe, respondeu Rebecka ausente. — Falarei com a escola.

— Quanto tempo eu terei de ficar aqui? Rebecka encolheu os ombros.

— Não podem retê-la mais de três dias. Depois, o promotor deve pedir que fique a disposição do juiz. Para isso tem que anexar provas até quatro dias depois da detenção. Quer dizer, no máximo no sábado.

— E então me colocarão na cadeia?

— Não sei, respondeu Rebecka se voltando no assento. — Quem sabe. Não foi bom que encontrassem a Bíblia de Viktor e aquela faca em seu sofá.

— Mas qualquer um pode tê-los posto ali quando fui à igreja, gritou Sana. — Sabe que nunca fecho com chave. Ficou calada mexendo na blusa vermelha. — Pensa que fui eu, disse de repente. Rebecka sentiu que lhe custava respirar. Era como se o ar tivesse se acabado naquele aposento.

— O que quer dizer?

— Não sei, gemeu Sana apertando as mãos contra os olhos. — Eu dormia e não sei o que aconteceu. Pensa que fui eu.

— Não entendo o que quer dizer, respondeu Rebecka. — Se estava dorm…

— Mas já sabe como eu sou! Esqueço-me das coisas. Como quando fiquei grávida de Sara. Nem sequer me lembrava de que Rony e eu havíamos nos deitado. Ele teve que me dizer. Mesmo assim não me lembro. E fiquei

grávida.

— Está bem, respondeu Rebecka lentamente. — Não acho que foi você. Ter certas lacunas na memória não significa que possa assassinar alguém. Mas têm que reconsiderar. Sana olhou-a interrogadora. — Se não foi você, disse Rebecka lentamente-, então alguém pôs ali a faca e a Bíblia. Alguém que queria lhe colocar a culpa. Alguém que sabe que nunca fecha nada à chave. Entendeu? Não foi alguém que passava por ali.

— Precisa saber o que aconteceu, rogou Sana. Rebecka sacudiu a cabeça.

— Isso é trabalho da polícia.

As duas ficaram caladas e olharam para a porta quando um guarda colocou a cabeça. Não era o que as havia acompanhado à sala de visitas. Este era alto e de ombros largas, com o cabelo muito curto, estilo militar. No entanto, pareceu a Rebecka que ali, no umbral da porta, tinha aspecto de um garoto perdido. Primero sorriu ruborizado para Rebecka e depois deu uma bolsa de papel para Sana.

— Desculpe a interrupção, disse. — Mas pensei que seria melhor você ter algo para ler. E comprei um pacote de biscoitos.

Sana lhe devolveu o sorriso. Um sorriso aberto com os olhos faiscantes. Em seguida desceu o olhar como se tivesse sido descoberta. As pestanas lhe faziam sombra nas faces.

— Ah, obrigado, respondeu.

— De nada, respondeu o guarda passando o peso de seu corpo de um pé ao outro. — É que pensei que sua estadia aqui seria longa. Ficou calado um momento, mas como nenhuma das duas mulheres disse nada, continuou. — Bem, então vou embora. Quando desapareceu, Sana olhou a bolsa que ele havia lhe dado.

— Seus doces são melhores, disse. Rebecka suspirou rendida.

— Não é necessário que diga que gostou mais dos meus, respondeu.

— Mas é verdade.

Depois de deixar Sana, Rebecka foi ver Ana-Maria Mela. Esta estava sentada em uma sala de reuniões da delegacia de polícia, comendo uma

banana como se alguém fosse roubá-la. Em cima da mesa havia restos de três maçãs. Na quina do fundo da sala se destacava um televisor. Na tela se via a gravação de um dos encontros na Igreja de Vidro. Quando Rebecka entrou, Ana-Maria a cumprimentou com alegria, como se fossem velhas conhecidas.

— Quer café? Perguntou. — Antes fui apanha um, mas não sei para quê. Sou incapaz de tomá-lo desde que… Acabou a frase apontando para a barriga.

Rebecka permaneceu imóvel. Sentiu que o passado criava vida dentro dela ao ver os rostos que apareciam na tela. Procurou o marco da porta para se sustentar em pé. A voz de Ana-Maria chegava de muito longe.

— Tudo bem? Sente-se. Na tela aparecia Thomas Söderberg falando à congregação. Rebecka se deixou cair em uma cadeira. Notou que Ana-Maria tinha o olhar pensativo. — É do encontro da noite do assassinato, disse Ana-Maria. — Quer ver? Rebecka concordou.

Pensou que deveria dizer algo para se justificar. Algo assim como que não comera ainda, ou qualquer coisa do tipo. Mas permaneceu calada. Atrás de Thomas se podia ver o coro. Alguns ratificavam com um grito o que ele ia dizendo. Tanto eles como as pessoas da congregação acompanhavam a mensagem gritando "aleluia" e "amém". "Está diferente", pensou Rebecka. "Antes usava camisa riscada de gola redonda, jeans e casaco de pele, e agora parece um corretor de bolsa com um terno de Oscar Jacobsson e óculos da última moda. Além disso, os da congregação parecem cafonas pretenciosos.".

— É um bom orador, comentou Ana-Maria.

Thomas Söderberg ia alternando brincadeiras com falas mais sérias. O tema era se abrir ao que a religião oferecia. No final do breve sermão convidava a todos os presentes a que se aproximassem e se deixassem preencher pelo Espírito Santo. "Aproxime-se e rezaremos por ti", disse acompanhado de Viktor Strandgård, dos outros dois pastores da igreja e de alguns membros do Conselho de Anciãos. "Shabala shala, amém", exclamou o pastor Gunar Isaksson. Caminhava de um lado a outro agitando as mãos. "Aproxime-se, você também, que padece de doenças e dor. Não é a vontade

do Senhor que permaneças doente. Temos aqui uma pessoa que sofre de enxaqueca. O Senhor te vê. Aproxime-se. O Senhor disse que temos aqui uma irmã que sofre com problemas de úlcera. Agora Deus vai colocar fim em teu tormento. Já não precisas mais de remédios. O Senhor neutralizará o ácido corrosivo de teu corpo. Aproxime-se e receba o presente da cura. Aleluia." Uma multidão se aproximou. Ao cabo de uns minutos o altar estava rodeado de pessoas em êxtase. Algumas estavam estiradas no chão. Rezavam, riam e choravam.

— O que estão fazendo? Perguntou Ana-Maria Mela.

— Se entregam ao poder do espírito santo, respondeu Rebecka. — Cantam, falam e dançam através do espírito santo. De repente haverá alguns que começarão a profetizar. E o coro se porá a cantar algum hino para acompanhá-los.

De fato, o coro entoou um hino ao fundo e cada vez se aproximava mais gente. Muitos dançavam como embriagados. A cada momento a câmera enfocava Viktor Strandgård. Levava a sua Bíblia numa mão enquanto orava com intensidade por um homem obeso que estava de muletas. Às suas costas, Viktor tinha uma mulher que tocava o seu cabelo com as mãos e que também orava, como para se imbuir da força de Deus. Em seguida Viktor se aproximou de um microfone e começou a falar. Começou tal como costumava fazer. "De que vamos falar?", perguntou à congregação. Sempre pregava assim. Preparava-se rezando. Depois a congregação decidia do que queriam que ele falasse. Grande parte do sermão era uma conversa com os ouvintes. Também isso havia lhe trazido fama. "Falemos do céu", gritaram alguns entre a multidão. "O que querem que conte do céu? Disse com um sorriso cansado. "Para isso podem comprar o meu livro e lê-lo". "Vamos"! Outra coisa". "Falemos do êxito!", disse alguém. "O êxito", disse Viktor. "No reino do Senhor não existem atalhos para alcançar o êxito. Pensem em Ananias e Safira. E rezem por mim. Rezem pelo que os meus olhos viram e estão por ver. Rezem para que a força de Deus siga fluindo através das minhas mãos."

— O que disse um pouco antes? Perguntou Ana-Maria. — Ana… Balançou a cabeça antes de continuar, — E Safira, quem são?

— Ananias e Safira. Aparecem nos Apóstolos, respondeu Rebecka sem

afastar a vista do televisor. — Roubaram dinheiro da primeira congregação e Deus os castigou com a morte.

— Pensei que Deus só matava pessoas no Antigo Testamento. Rebecka negou com a cabeça.

Depois que Viktor falou um pouco, recomeçaram as súplicas. Um jovem de uns vinte e cinco anos, vestido de casaco com capuz e jeans ligeiramente desgastados e um pouco folgados, se aproximou de Viktor Strandgård abrindo passagem entre a gente. "É Patrik Mattsson", pensou Rebecka. "De modo que continua enfiado lá." O jovem do casaco foi segurar as mãos de Viktor, mas antes que a câmera trocasse de plano e enfocasse o coro, Rebecka viu que Viktor se virava para trás, se livrando do agarrão de Patrik Mattsson. "O que foi isso?". Pensou. "O que aconteceu?" Olhou de rabo de olho para Ana-Maria Mela, mas ela estava agachada, procurando algo entre um monte de fitas de vídeo em uma caixa de papelão que estava no chão.

— Aqui está a fita de ontem à tarde, disse Ana-Maria, aparecendo pelo outro lado da mesa. — Quer ver um pedaço?

Na fita gravada no dia seguinte do assassinato agora aparecia Thomas Söderberg predicando. Sob seus pés, as tábuas de madeira estavam agora de um tom marrom pelo sangue e havia uma grande quantidade de rosas espalhadas pelo chão. Na congregação se respirava um ambiente grave e fervoroso. Thomas Söderberg animava os membros participantes a que se armassem para uma guerra espiritual. "Agora, mais que nunca, precisamos da Reunião dos Milagres", gritou. "Satanás não tomará as rédeas." A congregação respondeu ao uníssono com um aleluia.

— Isto não pode ser verdade, disse Rebecka, consternada.

"Pensem bem em quem confiais", gritou Thomas Söderberg. "Não esqueçam: O que não está comigo, está contra mim".

— Acaba de dizer às pessoas que não falem com a polícia, disse Rebecka, pensativa. — Quer que a congregação se feche em si mesma.

Ana-Maria olhou surpresa para Rebecka e pensou nos colegas que haviam passado o dia batendo às portas para falar com os membros da congregação. Na reunião posterior, os agentes haviam se queixado de que fora impossível conseguir que as pessoas falassem com eles. Enquanto continuavam as súplicas passaram a fazer a coleta. "Se pensas em doar só uma coroa, envolva-a em uma nota de dez!", exclamou o pastor Gunar Isaksson. Curt Bäckström tomou a palavra. "Do que querem falar?", perguntou à congregação, tal como costumava fazer Viktor Strandgård. "Está louco ou o quê?", pensou Rebecka. Os ouvintes se sentiram incomodados, mas ninguém disse nada e, ao final, Thomas Söderberg salvou a situação. "Falemos da força das súplicas", disse. Ana-Maria fez um gesto com a cabeça até a televisão, onde aparecia Curt instruindo à congregação.

— Estava na igreja rezando quando fomos falar com os pastores, disse. — Sei que você foi membro da congregação. Conhecia os pastores e aos demais membros?

— Sim, disse Rebecka com relutância para demostrar que não queria falar daquilo. "E alguns conheci até no sentido bíblico", pensou. De repente a câmera mudou de plano e Thomas Söderberg olhou diretamente a objetiva, diretamente para ela.

Rebecka está chorando sentada na cadeira para visitas no escritório de Thomas Söderberg. O centro está abarrotado de gente. Há descontos de fim de ano e as vitrines estão cheias de cartazes com cifras vermelhas de percentuais escritas a mão. O ambiente faz com que se sinta vazia.

— Sinto como se ele não me quisesse, se lamenta. Está falando de Deus. — Me sinto como se fosse a sua enteada, diz. — Como se me tivessem trocado na maternidade. Thomas Söderberg sorri ligeiramente e lhe oferece um lenço de papel. Ela se assoa. Já tem dezoito anos e está choramingando como um bebê. — Por que não consigo ouvir a sua voz? Soluça. — Você pode ouvi-lo e falar com ele a cada dia. Sana pode ouvi-lo. Viktor inclusive cruzou com ele…

— O caso de Viktor é especial, comenta Thomas Söderberg.

— Exato, grita Rebecka. — Eu também quero sentir que sou um pouco especial. Thomas Söderberg fica calado um momento, como se estivesse procurando as palavras certas.

— É questão de prática, Rebecka, diz. — Deve acreditar em mim. No princípio, quando eu achava que estava ouvindo a sua voz, o que ouvia na verdade não era mais do que a minha própria imaginação.

Junta as mãos à altura do peito, olha ao teto e disse com voz infantil:

— Deus me quer? E responde ele mesmo com um tom de voz muito grave: — Sim, Thomas, e você sabe disso. Até o infinito.

Rebecka ri entre lágrimas e se sente dominada por aquela risada. Após o choro ficou um vazio que facilmente pode se encher com outra sensação. Thomas se deixa levar e ele também ri. Mas de repente fica sério e fica olhando-a fixamente nos olhos.

— E você é especial, Rebecka. Acredite, é especial.

Então brotam as lágrimas de novo. Deslizam em silêncio por suas faces. Thomas Söderberg alonga o braço e as retira, e com a palma da mão lhe roça os lábios. Rebecka fica imóvel. Para não afugentá-lo, pensará nisso mais tarde. Thomas Söderberg aproxima a outra mão e com o polegar continua secando as lágrimas enquanto que com os demais dedos a segura suavemente pelo cabelo. Agora sente seu alento muito próximo. Flui pelo rosto de Rebecka como água quente. Cheira um pouco forte pelo café, um pouco doce pelos biscoitos de gengibre e também a algo mais que é só ele.

De repente tudo acontece muito depressa. Sua boca está dentro da de Rebecka. Os dedos se enredam em seu cabelo. Ela lhe agarra a nuca com uma mão e com a outra tenta inutilmente desabotoar um botão de sua camisa. Ele passa uma mão por cima dos seus seios e tenta colocar a outra debaixo de sua saia. Tem pressa. Jogam-se um sobre o corpo do outro antes que a razão retorne. Antes que chegue a vergonha. Ela se abraça a seu pescoço e ele a levanta da cadeira e a senta sobre a mesa. Sobe a saia dela com um só movimento. Ela quer entrar dentro dele. Aperta-o contra seu corpo. Quando ele retira o collant, machuca-a no músculo, mas não notará até mais tarde. Não pode retirar as calcinhas. Não tem tempo. Thomas afasta o tecido para um lado e desabotoa a calça. Rebecka olha por cima de seu ombro e vê a chave na fechadura da porta. Pensa que deveriam fechá-la, mas ele já está

dentro dela. Ela tem a boca entreaberta e junto da orelha de Thomas. Respira seguindo o ritmo de cada estocada. Agarra-se a ele como uma criança se agarra a sua mãe. Ele continua em silêncio se contendo para a última convulsão. Inclina-se para frente, de modo que ela tem que buscar apoio na mesa com a mão para não cair para trás. Então ele se afasta. Dá alguns passos para trás, até que topa com a porta. Fica olhando-a inexpressivo e sacode a cabeça com nervosismo. Depois lhe dá as costas e olha pela janela. Rebecka desce da mesa, sobe o collant e arruma a saia. As costas de Thomas Söderberg são como uma parede.

— Sinto muito, disse ela com um fio de voz. — Não era a minha intenção.

— Por favor, vá, diz ele com a voz ronca. — Saia.

Rebecka corre todo o caminho até a sua casa, onde mora com Sana. Cruza as ruas a toda pressa, sem olhar. Sente algo pegajoso no interior do seu corpo.

A porta se abriu com força e apareceu o rosto irritado do promotor Carl Von Post.

— O que está acontecendo aqui? Perguntou. Ao não receber resposta continuou, se dirigindo para Ana-Maria: — O que está fazendo? Está revisando o material da investigação preliminar com ela aqui? Perguntou apontando para Rebecka com a cabeça.

— Isto não é confidencial, respondeu Ana-Maria com calma. — As fitas podem ser compradas na livraria da Fonte de Nossa Fortaleza. Estávamos conversando um pouco. Se é que podemos.

— Ah! Bufou Von Post. — Então agora venha falar comigo! Em minha sala. Cinco minutos, exigiu, e fechou a porta de golpe. As duas mulheres se olharam.

— A jornalista que a denunciou por agressão retirou a queixa, disse Ana-Maria Mela.

Falava com suavidade, como para demostrar que havia trocado de tema e que o que estava lhe dizendo não tinha nada a ver com Carl Von Post. Mas a mensagem chegou sem problemas. “E este ficou uma fera, claro”, pensou

Rebecka.

— Disse que escorregou e que não foi a sua intenção atirá-la ao chão, continuou Ana-Maria, se colocando de pé pouco a pouco. — Preciso ir. Queria algo de mim?

Os pensamentos de Rebecka giravam em sua cabeça: de Måns ter falado com a jornalista, até a Bíblia de Viktor.

— A Bíblia, disse a Ana-Maria. — A Bíblia de Viktor, está aqui?

— Não. Em Linköping ainda não acabaram com ela. Quando tiverem terminado nos mandarão. Por que pergunta?

— Gostaria de dar uma olhada. Poderia fazer umas cópias? Não de todas as páginas, claro, só das que tenham alguma anotação. E cópias de todas as notas em papéis, cartões e outras coisas que possa ter lá dentro.

— Claro, disse Ana-Maria, pensativa. — Não deve haver nenhum problema. Em troca, quem sabe poderia me dar uma mão se aparecer alguma pergunta sobre a congregação.

— Sempre e quando não tiver nada a ver com Sana, disse Rebecka, e olhou para o relógio.

Era a hora de ir apanhar Sara e a Lova. Despediu-se de Ana-Maria, mas antes de apanhar o carro sentou no sofá da recepção, apanhou o computador e o conectou através do celular. Digitou o endereço de correio eletrônico de Maria Taube e escreveu:

Olá, Maria:

É v
erdade que conhece um advogado que
tem
uma queda por você? Pode
ria
pedir que
ele
desse
uma olhada em umas organizações?

Enviou o e-mail e antes que se desconectasse, chegou a resposta.

Olá, querida:

Posso pedir que olhe coisas sempre e quando não
forem
confidenciais.

M

"Mas essa é a questão", pensou Rebecka, desiludida, e se desconectou. "Documentos não confidenciais posso retirar eu mesma." Apenas teve tempo de fechar o computador quando soou o seu celular. Era Maria Taube.

— Não é tão esperta como eu achava, disse.

— O quê? Respondeu Rebecka surpresa.

— Não se dá conta de que podem revisar todos os correios do trabalho? Uma empresa pode entrar no servidor e ler todo o correio de seus funcionários. Quer que os sócios saibam que pediu que olhasse material sigiloso? Acha que eu quero que saibam?

— Não, disse Rebecka, submissa.

— O que quer saber? Rebecka pôs ordem em sua cabeça e disse depressa:

— Diga-lhe que entre no STC e olhe…

— Espere, que eu preciso anotar, disse Maria. — STC, o que é isso?

— O Sistema de Transações Centrais. Peça que olhe a congregação da Fonte de Nossa Fortaleza e os pastores que ela tem sob contrato, Thomas Söderberg, Vesa Larsson e Gunar Isaksson. Peça também que olhe Viktor Strandgård. Quero o balanço e o resultado. E quero saber um pouco mais das contas bancárias dos pastores e de Viktor. Saldo, transferências, de quanto e de quem. Propriedades. Valores. Bens em geral.

— Certo, disse Maria enquanto apontava.

— Uma coisa mais. Pode se conectar ao Registro do Mercado de Valores e procurar o que eles têm sobre a congregação? A conexão é muito lenta quando me conecto através do celular. Olhe para ver se a congregação possui ações em alguma empresa que não esteja em bolsa ou participações em

alguma sociedade limitada ou algo assim. Olhe também o nome dos pastores e de Viktor.

— Posso perguntar por quê?

— Nem eu sei. Desculpou-se Rebecka. — É só uma ideia. Já que estou por aqui, aproveitarei para fazer algo.

— Como se diz em inglês? Perguntou Maria. — "Shake the tree". Vamos ver o que aparece. É algo pelo estilo?

— É, respondeu Rebecka.

Fora já começara a escurecer. Rebecka deixou que Chapi saísse do carro. A cadela disparou até um monte de neve e se agachou. Os postes de luz acabavam de acender e a luz caía sobre algo branco, quadrado, que estava debaixo do limpador de para-brisas do Audi. A primeira coisa que Rebecka pensou foi que lhe deram uma multa de estacionamento, mas depois viu que o seu nome estava escrito com letras grossas e a lápis em um envelope. Deixou que Chapi subisse no lado do acompanhante, se sentou no carro e abriu o envelope. Dentro havia uma mensagem escrita à mão. A letra era torpe e confusa. Como se a pessoa que escrevera tivesse feito com luvas ou de propósito com a mão esquerda.

Se digo ao ímpio: "Precisa Morrer", e você não o adverte nem diz nada sobre o caminho para salvar a sua vida, então ele deverá morrer por seus erros, mas o seu sangue cobrarei de tua mão. Mas se adverte ao ímpio e, apesar disso, ele não retrocede e não se afasta de seu ímpio caminho, nesse caso, sem dúvida morrerá por seus erros, mas você haverá salvado tua alma.

ESTÁ AVISADA!

O estômago de Rebecka começou a se contrair. Eriçou-se o cabelo da nuca e dos braços, mas conseguiu resistir ao impulso de virar a cabeça para ver se alguém a estava observando. Amassou a nota e jogou-a dentro do carro, no chão, diante do assento do acompanhante.

— Mostre o rosto, covarde de merda, disse a si mesma em voz alta quando saiu do estacionamento.

Em todo o trajeto até o centro educativo Bolags, não conseguiu evitar a

sensação de que alguém a estava seguindo.

A diretora da escola que incluía o colégio primário e a creche olhava para Rebecka, sentada atrás de sua mesa, com evidente desagrado. Era uma mulher gorda que rondava os cinquenta anos. Tinha o rosto quadrado e o cabelo grosso tingido de cor tão negra que parecia que usava um capacete. Seus óculos tinham forma de olhos de gato e pendiam do seu pescoço em um cordão enredado num colar de tiras de couro, plumas e peças de cerâmica.

— Não consigo entender o que a escola poderá fazer neste caso, disse, enquanto retirava um fiapo do casaco de tricô.

— Já expliquei, afirmou Rebecka tentando ocultar a sua impaciência. — O pessoal não pode que deixar que Sara e Lova saiam com alguém que não seja eu. A diretora sorriu com indulgência.

— Preferimos não nos envolver em assuntos familiares, e isso eu já tinha explicado à mãe das meninas, Sana Strandgård. Rebecka se colocou de pé e se inclinou por cima da mesa.

— Pouco me importa o que você quer ou deixa de querer, disse levantando a voz. — É sua responsabilidade como diretora da escola, zelar para que as crianças estejam seguras durante a jornada escolar até que os pais passem para apanhá-los ou as pessoas indicadas por eles. Se não fizer o que lhe disse e eu disse claramente ao seu pessoal que só eu posso apanhar as meninas, tenha certeza que seu nome sairá em todos os meios de comunicação como corresponsável de um sequestro de menores. Meu celular está estourando de mensagens de jornalistas que querem falar comigo sobre Sana Strandgård. A diretora apertou as mandíbulas e a pele ao redor da boca.

— É assim que alguém que vive em Estocolmo e trabalha em um escritório de advogados age?

— Não, disse Rebecka se contendo. — Assim é como alguém age quando lida com gente como você. Olharam-se em silêncio até que a diretora se rendeu encolhendo de ombros.

— Bem, a verdade é que não é fácil saber o que precisamos fazer com as meninas, disse. — Primero, poderiam vir apanhá-las tanto os avós quanto o irmão. E em seguida, de repente, na semana passada Sana Strandgård veio como um furacão dizendo que não podíamos deixar as meninas com ninguém mais que não fosse ela, e agora só podemos entregar a você.

— Sana disse a semana passada que só ela podia apanhar as meninas?

Perguntou Rebecka. — Por quê?

— Não imagino por quê. Pelo que eu sei, seus pais são as pessoas mais consideradas que se possa imaginar. Sempre estiveram dispostos a ajudá-la.

— Sim, bom, isso é o que você acha, disse Rebecka irritada. — Agora somente eu poderei apanhas as meninas tanto na creche quanto no colégio.

Às seis horas Rebecka estava sentada na cozinha de sua avó, em Kurravaara. Sivving estava no fogão, enrolando e passando pela frigideira de ferro uns bifes de rena. Quando as batatas estavam cozidas, ligou a batedeira elétrica dentro caçarola de alumínio para fazer um purê, com um pouco de leite, manteiga e duas gemas de ovo. Por último, salpicou pimenta e sal. Chapi e Bela estavam sentadas a seus pés como obedientes cães de circo, hipnotizadas pelos deliciosos aromas que saíam do fogão. Lova e Sara estavam deitadas em um colchão diante da televisão, olhando o programa infantil da tarde.

— Trouxe alguns vídeos se quiserem vê-los, disse Sivving às meninas. — São O Rei Leão e outras, também de desenhos animados. Estão em uma bolsa.

Rebecka, distraída, folheava um antigo exemplar da revista Alers. A cozinha estava aconchegante com Sivving se movendo diante do fogo. Quando Rebecka foi apanhar a chave pela segunda vez no mesmo dia, ele perguntou em seguida se tinham fome e se ofereceu para cozinhar. O fogo da lareira crepitava e o ar sussurrava pelo tubo da ventilação. “Aconteceu algo estranho na família Strandgård”, pensou. “Sana não se vai livrar tão facilmente”. Olhou para Sara. “Preciso deixá-la tranquila.”. Pensou.

— Podem precisar de algo para ocupar o tempo, disse Sivving fazendo um gesto com a cabeça para as meninas. — Ainda que hoje em dia pareça que as crianças não sabem brincar fora de casa por culpa dos filmes e todos esses jogos de videogame. Lembra-se de Manfred, o que mora do outro lado do rio? Contou-me que foi ver os netos neste verão. No final teve que obrigá-los a sair para que brincassem fora. “No verão só se pode ficar dentro de casa se chover a cântaros”, lhes disse. E as crianças saíram. Mas não tinham ideia de como brincar. Ficaram ali, no jardim, totalmente apáticas. Depois de um tempo, Manfred viu que haviam se colocado em círculo de mãos dadas.

Quando saiu e perguntou o era que aquilo, elas disseram que estavam pedindo a Deus para que chovesse a cântaros.

Retirou a frigideira do fogo.

— Vamos, moças, hora de comer.

Colocou a carne, o purê de batata e um recipiente de plástico reciclado cheio de doce de amoras vermelhas sobre a mesa.

— Valha-me Deus, que netos, disse soltando uma gargalhada. — Manfred ficou passado.

Måns Wengrem estava sentado em uma cadeira, em seu apartamento, escutando uma mensagem no correio de voz. Era de Rebecka. Ainda estava com o mesmo casaco e não havia acendido nenhuma luz. Escutou a mensagem três vezes, prestando atenção no tom de voz dela. Estava diferente. Como se não se controlasse. No trabalho o tom de voz se mantinha firme. Nunca deixava que os sentimentos a afetasse e que o tom revelasse o que na verdade sentia. "Obrigado por ajeitar o problema da jornalista", dizia. "Pelo que vi não precisou de muito tempo para encontrar uma cabeça de cavalo e deixar na cama dela, ou resolveu de outra maneira? Tenho o telefone desligado todo o tempo porque está me ligando um monte de jornalistas, mas vou escutando as mensagens e olhando o correio. Obrigado outra vez. Boa noite.".

Perguntou-se se também teria um aspecto diferente. Como naquela vez em que cruzou com ela na recepção às cinco da manhã. Ele estivera fazendo umas negociações noturnas e ela acabava de chegar de uma corrida. Estava com o cabelo alvoroçado e tinha agarrada uma mecha na face. O rosto estava um pouco avermelhado pelo ar frio e os olhos brilhavam de alegria. Lembrou-se da expressão de surpresa que ela mostrou. Quase se ruborizou. Ele tentou conversar um pouco, mas ela deu uma resposta muito breve e foi para a sala dela.

— Boa noite, disse no silêncio do apartamento.

* * *

Entardecer e Amanhecer: Terceiro Dia

AS TRÊS e quinze da manhã começou a nevar. No princípio, com suavidade, e depois com mais força. Por cima das grossas nuvens, a aurora boreal se retorce imprevisível pelo céu. Desliza como uma serpente se estendendo ante o olhar das constelações. Kristina Strandgård está sentada na garagem situada debaixo da casa, dentro do Volvo cinza metalizado de seu marido. A garagem está às escuras. Só está acesa a luz interior do carro. Kristina usa uma camisola acolchoada e pantufas. Tem a mão esquerda sobre os joelhos e com a direita segura com rigidez as chaves do carro. Enrolou vários tapetes velhos e os colocou tapando a fresta da porta da garagem. A porta que dá para a casa está fechada à chave. As frestas entre a porta e o marco estão tapadas com fita adesiva. “Deveria chorar”, pensou. Deveria ser como Raquel: "Ouviu-se um grito em Rama, choro e grandes lamentos; é Raquel que chora por seus filhos sem querer se consolar; porque já não mais existem.". Mas não sinto nada. É como um papel em branco enrugado. Eu sou a doente de nossa família. Pensava que não era assim, mas eu sou a doente. Coloca as chaves no contato. Mas continua sem verter nem uma lágrima.

Sana Strandgård está de pé em sua cela, com a testa apoiada nos ferros postados ante a janela de vidro. Olha para o caminho que passa ao longo da fachada verde da Rua Konduktör. Sob o cone de luz de um poste de iluminação vê Viktor de pé na neve. Está nu e a única coisa que o cobre um pouco são as asas, de cor cinza claro. Os flocos de neve vão caindo em cima dele como uma chuva de estrelas. Forman flashes com a luz. Não se desfazem quando entram em contato com sua pele nua. Levanta a cabeça e olha para Sana.

— Não o posso perdoar, sussurra ela, desenhando algo com o dedo no

vidro da janela. — Mas o perdão é um milagre que tem lugar no coração. Assim que se você perdoar a mim... Fecha os olhos e vê Rebecka. Tem as mãos e os braços cobertos de sangue, até os cotovelos. Estira os braços e coloca um sobre a cabeça de Sara e o outro sobre a de Lova, como proteção. "Sinto tanto, tanto, Rebecka", pensa Sana. "Mas é você quem deve conseguir.".

Quando o relógio da Prefeitura marca cinco horas, Kristina Strandgård retira a chave do contato e desce do carro. Apanha os tapetes da porta da garagem. Arranca a fita adesiva da porta que dá para casa, faz uma bola e a coloca no bolso da camisola. Depois sobe à cozinha e começa a preparar massa para fazer pão. Coloca um pouco de linhaça na farinha, pois Olof está um pouco mal do estômago.

* * *

Quarta-feira, 19 de Fevereiro

O TELEFONE soou na primeira hora da manhã na casa de Ana-Maria Mela.

— Não atenda, disse Robert com voz rouca.

Mas a mão de Ana-Maria já havia se esticado para apanhar o fone num ato reflexo depois de tantos anos de costume. Era Sven-Erik Stålnacke.

— Sou eu, disse. — Aconteceu algo?
— Não, acabo de subir as escadas.
— Viu o tempo que está fazendo?
— Mmm.
— Temos resposta de Linköping, disse Sven-Erik. — Não encontraram impressões digitais na faca. Estava limpa e seca, mas é a arma assassina. Havia restos de sangue de Viktor na base da folha, junto ao cabo. E identificaram sangue de Viktor Strandgård na pia de Sana Strandgård. Ana-Maria, pensativa, estalou a língua. — Von Post está subindo pelas paredes. Evidentemente, gostaria que conseguissem provas técnicas com vinculação direta. Ligou-me às cinco e meia aos gritos no celular. Diz que teremos que encontrar o objeto com o qual bateram na nuca do garoto.
— Bom, ele tem razão, respondeu Ana-Maria.
— Acha que foi ela? Perguntou Sven-Erik.
— É estranho pensar que possa ter sido assim. Mas não sou psicóloga.
— Em qualquer caso, o idiota voltará à carga. Ana-Maria, irritada, suspirou profundamente.
— Como voltará à carga? Perguntou.
— Vai interrogá-la outra vez, claro. E falou em transferi-la para uma prisão preventiva em Luleå.

— Mas, maldito seja… Soltou Ana-Maria. — Ainda não notou de que não serve de nada assustá-la? Deveríamos trazer um profissional para falar com ela. Eu também vou falar pessoalmente com ela, porque os interrogatórios do promotor não servem de nada.

— Olho com o que faz, advertiu Sven-Erik. — Não comece a interrogá-la nas costas do promotor...

— Terei que encontrar uma desculpa. É melhor que eu pule as normas do que você.

— Quando virá? Perguntou Sven-Erik. — Também têm que se ocupar de uma tonelada de faxes que chegaram de Linköping. As moças de administração estão como loucas. Não sabem se devem inclui-los no registro ou não, e estão irritadas porque a copiadora esteve bloqueada toda a manhã.

— São cópias da Bíblia de Viktor. Diga que não precisam registrá-los.

— Então, quando virá? Voltou a perguntar Sven-Erik.

— Demorarei um pouco, disse Ana-Maria sem entrar em detalhes. — Robert tem que retirar a neve do carro e isso vai demorar.

— Certo, certo, disse Sven-Erik. — Nos veremos quando vier. Desligou.

— Onde estávamos? Disse Ana-Maria com um sorriso, descendo o olhar até cruzar com o de Robert.

— Aqui, disse Robert com voz alegre. Estava deitado nu debaixo de Ana-Maria passando as mãos sobre a enorme barriga dela e em seguida levando-as até chegar aos seios. — Estávamos aqui, disse desenhando um círculo por cima das auréolas. — Bem aqui.

Rebecka Martinsson estava no jardim, diante da casa de sua avó, retirando a neve do carro com uma escova de cerdas duras. Havia nevado muito durante a noite e limpar o carro era uma tarefa pesada. Suava debaixo do gorro. Ainda estava escuro e continuava nevando. Havia neblina na estrada e a visão era nula. Não seria agradável dirigir até o centro, se é que conseguiria tirar o carro do estacionamento. Sara e Lova estavam observando-a da janela da cozinha. Não havia motivo para que estivessem fora com a neve caindo em cima, nem dentro do carro brigando com o frio. Chapi correra para trás da casa e ainda não havia voltado. Quando soou o celular, ligou-o com a mão livre e respondeu impaciente:

— Rebecka. Era Maria Taube.

— Oi, disse com alegria. — Então já está atendendo ao telefone. Pensei que teria de deixar outra mensagem no correio de voz.

— Acabo de pedir ao vizinho para que me ajude a retirar o carro do estacionamento, bufou Rebecka. — Preciso levar às meninas à creche e ao colégio, e está nevando tudo o que pode e mais um pouco. Não consigo sair com o carro.

— "Preciso levar às meninas à creche", brincou Maria Taube. — Tem certeza que estou falando com Rebecka Martinsson? Parece mais uma mãe em dificuldades. Um pé na creche, outro no trabalho e graças a Deus que rapidamente chegará sexta-feira e poderá ficar diante da televisão vendo "Operação Triunfo" com um pacote de batatas fritas e um copo de refrigerante.

Rebecka deu uma gargalhada. Chapi e Bela apareceram correndo no meio da nevasca. A neve se levantava à sua passagem. Bela vinha na frente. A profundidade da neve era um inconveniente para Chapi, que tinha as patas mais curtas. Sivving deveria estar próximo.

— Tenho a informação que queria sobre a congregação, disse Maria. — E prometi que iria a um jantar com Johan Dahlström para agradecer, assim agora você me deve uma noite de bebidas ou algo pelo estilo. Quem sabe será bom andar pelo Sturehof para ver se me olham um pouco.

— Parece que esse pacto lhe convém, disse Rebecka com um suspiro enquanto passava a escova pelo capô. — Primero o seu Johan insistiu em convidá-la para um jantar de- agradecimento-pela-ajuda, e depois eu terei que convidá-la para que mostre suas maravilhosas pernas...

— Não é o "meu" Johan. Ou agradece amavelmente, ou fica sem a informação.

— Agradecida e amável, disse Rebecka obediente. — Agora fale.

— Certo. Ele me disse que a congregação, oficialmente, se dedica a atividades sem intenção de lucro.

— Merda, disse Rebecka.

— Eu nunca trabalhei com alguma ONG nem associação nem tampouco alguma fundação. O que significa isso? Perguntou Maria.

— Se é uma associação de utilidade pública e sem intenção de lucro, então não tem que declarar impostos nem sobre valores nem sobre patrimônio. Não faz declaração de renda para a Fazenda nem tampouco tem

que apresentar a contabilidade. Não se pode ter acesso a sua atividade econômica.

— No que respeita a Viktor Strandgård, o salário que a congregação lhe pagava era bastante modesto. Johan olhou os últimos dois anos. Não tem apareceram outros valores nem bens patrimoniais.

Sivving apareceu no jardim. Usava um gorro de pele que quase lhe tapava os olhos e arrastava uma pá. As cadelas foram ao seu encontro e começaram a correr entre os seus pés. Rebecka o cumprimentou com a mão, mas ele olhava para baixo e não a viu.

— Os outros pastores da congregação ganham quarenta e cinco mil coroas por mês.

— Isso é um valor muito alto para um pastor, disse Rebecka.

— Thomas Söderberg tem uma carteira de ações importante, meio milhão, mais ou menos. E agora é proprietário de um prédio ainda em construção em Värmdö.

— Värmdö, Estocolmo? Perguntou Rebecka.

— Sim, avaliado em quatrocentos e vinte mil, mas seu valor autêntico pode alcançar cifras astronômicas. A avaliação estimativa da casa de Vesa Larsson é de um milhão e duzentos mil. É nova. A avaliação foi realizada no ano passado. Tem uma dívida de quase um milhão. Com certeza é a hipoteca da casa.

— E Gunar Isaksson? Perguntou Rebecka.

— Nada em especial. Algumas aplicações no banco.

— Certo, disse Rebecka. — Fora isso, que mais pode me dizer da congregação? São donos de alguma empresa ou algo assim? Sivving apareceu bem atrás de Rebecka.

— Bom dia! Cumprimentou energicamente. — Está falando sozinha?

— Um segundo, disse Rebecka a Maria.

Voltou-se para Sivving. Só via a parte do rosto que não estava tapada pelo cachecol. Em cima do gorro de pele já havia se formado uma capa de neve.

— Estou falando ao telefone, disse apontando o cabo do auricular. — Não consegui retirar o carro. As rodas não agarravam quando tentei sair.

— Fala ao telefone pelo cabo? Perguntou Sivving. — Valha-me Deus, dentro em pouco na maternidade já lhe instalarão um telefone no crânio. Continue falando, que eu trabalho com a pá, disse enquanto começava a retirar a neve que havia diante do carro.

— Continua aí? Perguntou Rebecka por telefone.

— Sim, estou aqui, respondeu Maria. — A congregação não tem propriedades, mas dei uma olhada nos pastores e nas suas famílias. As esposas dos pastores são coproprietárias de uma sociedade comercial, VictoryPrint HB.

— Controlam?

— Não, mas as participações são públicas, assim que terão que passar pela Fazenda. Não queria pedir outro favor a Johan. Não ficou muito satisfeito ter de solicitar documentos fora dos seus processos.

— Muitíssimo obrigado, disse Rebecka. — Preciso ajudar Sivving com a neve. Te ligo.

— Vá com cuidado, disse Maria, e desligou.

Pouco a pouco a noite foi abandonando Sana Strandgård. Retirou-se. Afastou-se da janela de vidro reforçado e da pesada porta de aço, e deu espaço ao implacável dia. Ainda demoraria um pouco para ficar mais claro. Os postes de iluminação desprendiam um suave brilho que entrava pela janela e ficava como uma sombra debaixo do teto. Sana estava totalmente imóvel no beliche.

"Um tempinho mais", pediu, mas o misericordioso sono desaparecera. Sentia o rosto intumescido. Retirou a mão de debaixo da manta e acariciou o lábio. Por um momento a mão se converteu no suave cabelo de Sara. Deixou que o nariz recordasse o olor de Lova. Ainda cheirava a menina pequena, mas já estava ficando maior. Relaxou todo o corpo e começou a recordar. O quarto no apartamento. As quatro na cama. Lova lhe rodeando o pescoço com os braços. Sara enrolada em suas costas, com Chapi deitada nos pés da cama. As patas negras corriam quando sonhava. Tinha todas tatuadas na pele, gravadas nas palmas das mãos e no interior dos lábios. Acontecesse o que acontecesse, seu corpo as recordaria. "Rebecka", pensou. Não vou perdê-las. Rebecka resolverá. Não vou chorar. Não serviria de nada.

Ao fim de uma hora a porta da cela se entreabriu e filtrou um faixo de

luz enquanto alguém sussurrava:

— Está acordada? Era Ana-Maria Mela. A policial da barriga enorme.

Sana respondeu, e o rosto de Ana-Maria se fez visível na porta.

— Passei para ver se queria tomar o café-da-manhã. Chá com torradas?

Sana respondeu que sim, agradecida, e Ana-Maria desapareceu de sua vista. Deixou a porta da cela um pouco aberta. No corredor se ouviu a voz resignada do agente:

— Não me foda, Mela! Depois se ouviu a resposta de Ana-Maria:
— Venha, homem. O que acha que ela vai fazer? Vir até aqui e rebentar a porta de segurança para fugir?

"Deve ser uma boa mãe", pensou Sana. "Uma dessas que deixam a porta entreaberta para que as crianças possam ouvi-la enquanto limpa a cozinha. Que deixa acesa a lâmpada da mesinha-de-cabeceira se a escuridão lhes dá medo."

Ana-Maria voltou ao cabo de um tempo com um pepino e duas torradas com manteiga em uma mão e uma xícara de chá na outra. Sob o braço segurava uma pasta e abriu a porta com o pé. A xícara estava um pouco lascada e em algum momento havia pertencido a "A melhor avó do mundo".

— Obrigada, disse Sana, agradecida, se colocando de pé. — Pensava que na cadeia se vivia a pão e água.
— Isto é pão e água, riu Ana-Maria. — Posso me sentar? Sana a convidou com um gesto a sentar aos pés do beliche e Ana-Maria se sentou. Deixou a pasta no chão.
— Afundou, disse Sana entre goles, apontando a barriga. — Já falta pouco.
— Sim, disse Ana-Maria com um sorriso.

Deixaram que se fizesse o silêncio. Sana comeu as torradas em pequenos pedaços. O mastigar do pepino fazia barulho entre seus dentes. Ana-Maria

olhava pela janela, observando a nevasca que estava caindo.

— A morte de seu irmão foi tão… Como dizer… Religiosa, disse Ana-Maria pensativa. —Ritual, de certo modo.

Sana parou de mastigar. O pedaço ficou imóvel em sua boca.

— Os olhos extirpados, as mãos cortadas, as punhaladas, continuou Ana-Maria. — O lugar onde estava o corpo. No meio do corredor que leva ao altar. E nenhum sinal de briga nem de violência.

— Como um cordeiro sacrificado, disse Sana em voz baixa.

— Exato, concordou Ana-Maria. — E me veio à cabeça um fragmento da Bíblia, o do "olho por olho, dente por dente".

— Está em um dos livros de Moisés, disse Sana esticando o braço para apanhar a Bíblia que estava no chão, ao lado do beliche. Procurou um momento e em seguida leu: — "Mas se continuar a doer, pagarás vida por vida, olho por olho, dente por dente…". Fez uma pausa e leu primeiro em silêncio, antes de continuar: — "… mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe.".

— Quem tinha motivos para se vingar dele? Perguntou Ana-Maria. Sana não respondeu. Pôs-se a folhear a Bíblia sem procurar nada concretamente.

— No Antigo Testamento retiravam os olhos das pessoas muito a miúdo, disse. — Os filisteus retiraram os olhos de Sansão. Os amonitas prometeram a paz aos sitiados em Jabes de Galaad com a condição de retirarem o olho direito de todos.

Calou-se porque a porta se abriu de par em par e apareceu um guarda que acompanhava Rebecka Martinsson. Esta estava com o cabelo molhado que lhe chegava até os ombros. Havia corrido o rímel e parecia que tinha olheiras enormes. Seu nariz era como uma torneira vermelha berrante que não parava de gotejar.

— Bom dia, disse dando uma olhar mal-humorado às duas mulheres que a olhavam sorridentes sentadas no beliche. — Não digam nada! O guarda voltou a seu posto e Rebecka ficou de pé na porta. — Estão orando juntas? Perguntou.

— Estávamos falando das vezes que retiraram os olhos de alguém na Bíblia, disse Sana.

— "Olho por olho, dente por dente", por exemplo, adicionou Ana-Maria.

— Mmm, disse Rebecka. — Também tem passagens dessas em algum dos Evangelhos: "Se teu olho te faz pecar" e não sei o que mais. Onde está isso? Sana voltou a procurar na Bíblia.

— Está em Marcos, disse. — Aqui, Marcos 9:43-48: "E se tua mão te faz pecar, corte-a; é melhor que entres sem ela na nova vida que, com as duas mãos, vá parar no inferno, no fogo que não se apaga. E se teu pé te faz pecar, corte-o. Mais te vale que entre manco na nova vida que, com os dois pés, ser arrojado ao inferno. E se tu olho te faz pecar, retire-o; mais te vale entrar torto no Reino de Deus que, com os dois olhos, ser arrojado ao inferno onde o verme não morre nem o fogo se apaga."

— Valha-me Deus! Disse Ana-Maria afetada.

— Por que começaram a falar disso? Perguntou Rebecka enquanto retirava o casaco. Sana deixou a Bíblia para um lado.

— Ana-Maria disse que o assassinato de Viktor parecia um ritual, respondeu. Na pequena cela se fez um silêncio tenso. Rebecka ficou olhando para Ana-Maria com expressão severa.

— Não quero que se fale do assassinato com Sana se eu não estiver presente, disse com secura.

Ana-Maria se inclinou com dificuldade para frente e apanhou a pasta do solo. Pôs-se de pé e olhou fixamente para Rebecka.

— Não era minha intenção, disse. — Simplesmente, surgiu. Os acompanharei à sala de reuniões para que possam conversar. Rebecka, você pode pedir ao vigilante que acompanhe Sana ao banho quando terminarem. Veremos-nos em seguida no interrogatório, dentro de quarenta minutos.

Deu a pasta a Rebecka.

— Tome, disse com um sorriso conciliador. — As cópias da Bíblia de Viktor que você me pediu. Espero de verdade que possamos colaborar.

"Um a zero para você", pensou Rebecka quando Ana-Maria passou para

lhe indicar o caminho. Uma vez sós, Rebecka aterrissou sobre uma cadeira e olhou séria para Sana, que estava junto à janela observando como a neve caía.

— Quem pode ter colocado a arma em seu apartamento? Perguntou Rebecka.

— Não se me ocorre ninguém, respondeu Sana. — E não sei mais agora do que sabia antes. Estava dormindo. Viktor estava junto à cama. Levei Lova no trenó e Sara pela mão e fomos à igreja. Lá estava ele.

Ficaram caladas. Rebecka abriu a pasta que Ana-Maria havia lhe dado. A primeira página era a fotocópia do verso de um postal. Não tinha selo. Rebecka ficou olhando a letra. Um calafrio percorreu todo o seu corpo. Era a mesma letra que a da nota que haviam deixado no carro. Emaranhada. Como se quem a havia escrito usasse luvas ou escrevesse com a mão esquerda. Leu:

O que fizemos não é feio aos olhos de Deus. Amo-o.

— O que aconteceu? Perguntou Sana assustada quando viu a Rebecka empalidecer. "Não posso dizer nada sobre o bilhete do carro", pensou Rebecka. "Vai se desesperar. Terá medo de que aconteça algo as meninas."

— Nada, respondeu, — Mas escute isto. Leu o postal em voz alta. — Quem o amava, Sana? Perguntou. Sana desceu o olhar.

— Eu não sei, respondeu. — Um monte de gente.

— Você não sabe nada de nada, disse Rebecka, irritada. Estava confusa. Havia algo que não encaixava, mas não sabia o quê. — Estava brigada com Viktor quando morreu? Quis saber. — Por que ele não podia, nem os seus pais apanhar as meninas?

— Já expliquei, disse Sana, incômoda. — Viktor as deixaria com os meus pais. Rebecka ficou em silêncio e olhou pela janela. Pensou em Patrik Mattsson. Na fita da cerimônia havia tentado segurar Viktor pela roupa e Viktor havia dado um pequeno salto para trás.

— Preciso ir tomar banho agora, porque se não, não me dará tempo de tomar antes do interrogatório, disse Sana. Rebecka concordou, ausente.

"Irei falar com Patrik Mattsson", pensou. Sana a arrancou do ensimesmamento acariciando o cabelo dela com certa pressa.

— Amo-a, Rebecka, disse com suavidade. — Minha irmã mais querida.

"Merda, todos me amam", pensou Rebecka. "Mentem, traem e é tudo por puro amor.".

Rebecka e Sana estão sentadas junto à mesa da cozinha. Sara está deitada em um pufe, na sala de estar, escutando Jojje Wadenius. É seu ritual de cada manhã. Mingau e Jojje no pufe. Na cozinha ligaram o rádio e escutam o programa cultural da P1. A estrela de natal de cartolina laranja continua pendurada na janela apesar de já ser fevereiro. É importante deixar alguma decoração e algumas velas porque passa mais rápido o tempo que demora a primavera para chegar. Sana está passando manteiga nas torradas. A cafeteira elétrica faz um último barulho e desliga. Sana serve duas xícaras e as coloca na mesa. Rebecka tem um enjoo repentino. Sai disparada da cozinha e se mete no banheiro. Nem sequer lhe dá tempo de levantar a tampa do sanitário. Quase todo o vômito acaba sobre a tampa e no chão. Sana a seguiu. Para ante a porta do banheiro, com a sua desgastada camisola verde felpuda, e olha para Rebecka nos olhos com preocupação. Rebecka se limpa um fio de baba e vômito da comissura dos lábios com o reverso da mão. Quando volta o olhar para Sana vê que ela já entendeu tudo.

— Com quem? Pergunta Sana. — Viktor? Estão sentadas de novo à mesa da cozinha. —Tenho o direito de saber, diz Sana.
— Por quê? Diz Rebecka com severidade.

Sente-se como encapsulada em vidro grosso. Já está assim há um tempo. Nas manhãs seu corpo acorda bem mais bem cedo do que ela. A boca abre ante a escova de dentes. As pernas a levam até o instituto Hjalmar Lundbohm. Às vezes fica de pé no meio da rua, se perguntando se não é sábado. Perguntando-se se de verdade tem que ir ao instituto. Mas curiosamente, suas pernas sempre tem alguma reação. Chega à aula certa no dia certo e à hora certa. Seu corpo sobrevive bem sem ela. Está evitando a igreja. Desculpou-se dizendo que tem muita coisa para estudar, que pegou gripe ou que foi visitar a sua avó em Kurravaara. E Thomas Söderberg não perguntou por ela nem ligou nem uma só vez.

— Porque é seu filho, diz Sana. — Saberá de qualquer maneira. Quero

dizer, dentro de uns meses se notará.

— Não, diz Rebecka sem força. — Não se notará. Observa como vai penetrando em Sana a importância do que acaba de dizer.

— Não, Rebecka, não, disse negando com a cabeça. Brotam lágrimas e tenta segurar a mão de Rebecka, mas esta se levanta e coloca os sapatos e o anoraque. — Amo-a, Rebecka, suplica Sana. — Não se dá conta de que é um presente? Eu ajudá-la-ei a… Fica calada ao ver o olhar de desprezo que lhe dá Rebecka. — Eu sei, diz muito baixo. — Pensa que nem sequer consigo cuidar de mim e de Sara.

Sana esconde o rosto nas mãos e começa a chorar desconsoladamente. Rebecka fica em pé e sai do apartamento. A raiva a bombeia por dentro. Fecha os punhos no interior das luvas. Sente como se pudesse matar alguém. Não importa quem. Quando Rebecka sai, Sana apanha o telefone e faz uma ligação. Maja, a esposa de Thomas Söderberg, é quem atende do outro lado.

Patrik Mattsson acordou às onze e quinze da manhã com o ruído de uma chave abrindo a porta de seu apartamento. Depois, a voz de sua mãe. Frágil como o gelo no outono. Cheia de preocupação. Chamou-o pelo seu nome e ele a ouviu caminhando pelo corredor, parando de repente diante do banheiro, onde ele estava. Sua mãe bateu na porta e voltou a chamar. Ao cabo de um tempo bateu de novo na porta do banheiro.

— Olá! Patrik! “Deveria atender”, pensou ele.

Moveu-se um pouco e os azulejos lhe refrescaram o rosto. Deve ter adormecido no chão do banheiro, encolhido como um feto. Continuava vestido. A voz da mãe outra vez. Batia persistente na porta.

— Patrik. Abre a porta, filho, por favor. Você está bem?

“Não, não estou bem, pensou. Não voltarei a ficar bem nunca mais.”. Desenhou o nome com os lábios, mas não foi capaz de pronunciá-lo. Viktor. Viktor. Viktor. Sua mãe tentou forçar a maçaneta da porta.

— Patrik, abra a porta agora mesmo o chamo à polícia para que a

joguem abaixo.

"Oh, Meu Deus." Conseguiu se levantar até ficar de joelhos. Sentia como se tivesse uma broca lhe perfurando a cabeça e os quadris doloridos por ter passado a noite deitado sobre os azulejos.

— Já vou, disse com voz afônica. — Não estou bem. Espere. Sua mãe deu um passo atrás para que pudesse abrir a porta.

— Mas que aspecto tem! Exclamou sua mãe. — Está doente?

— Sim, respondeu.

— Quer que ligue para o trabalho e diga que ficará em casa?

— Não, preciso ir. Olhou a hora.

Sua mãe o acompanhou até a sala. Havia jarras quebradas espalhadas pelo chão, o tapete estava embolado em um canto e uma das poltronas, virada.

— O que aconteceu aqui? Perguntou a mãe com voz tímida. Ele se voltou até ela e a segurou pelos ombros.

— Fui eu, Mamãe. Mas não têm por que se preocupar. Já me sinto melhor.

Ela lhe respondeu em silêncio concordando com a cabeça, mas se notava que poderia começar a chorar à qualquer momento. Patrik apertou de novo as costas.

— Preciso ir para o cultivo de cogumelos, disse.

— Ficarei aqui arrumando isso, respondeu sua mãe às suas costas, enquanto se agachava para apanhar um vaso do chão. Patrik Mattsson tentou frear a atenção tão possesiva que ela lhe dedicava.

— Não, mamãe, por favor, não precisa.

— Deixe fazê-lo por mim, sussurrou ela, tentando encontrar o olhar de seu filho. Mordeu ligeiramente o lábio inferior para não começar a chorar. — Sei que não vai me contar nada, continuou, — Mas se pelo menos me deixar arrumar tudo isto, ao menos terei feito algo por você. Patrik relaxou os ombros e se obrigou a lhe dar um abraço rápido.

— Certo, disse. — Você é muito boa. E saiu fugindo pela porta.

Sentou-se no Golf e apertou o contato. Com o pé pisando a embreagem acelerou para revolucionar o motor e calar os pensamentos que lhe acudiam à mente. "Não chore", se ordenou. Torceu o retrovisor e olhou o rosto. Tinha os olhos inchados e o cabelo caía em fios desalinhados. Deu uma risada curta e despojada de qualquer nota de alegria. Parecia mais que tivesse tossido. Em seguida girou o retrovisor com um golpe. "Não voltarei a pensar nele nunca mais", disse. "Nunca mais."

Entrou na Rua Gruv derrapando e acelerou pela baixada, até a Rua Lapp. Precisava dirigir de memória, porque a nevasca não lhe deixava ver nada. Haviam passado as máquinas de manhã, mas continuara nevando e com a neve solta a aderência dos pneus ficava traiçoeira. Pisou o acelerador com mais força. De vez em quando alguma roda patinava e o carro invadia o lado contrário. Não se importava.

No cruzamento com a Rua Lapp não teve opção e o carro a cruzou deslizando. Pelo rabo do olho viu uma mulher empurrando um trenó de madeira com um bebê. Estava tentando avançar com grande esforço pelo barranco de neve que a máquina havia acumulado dos lados da rua, e ao passar o carro levantou o braço. Provavelmente estaria lhe mostrando o dedo. Na altura da capela de Laestadian a superfície mudou de textura. A neve fora se compactando pelo peso dos carros, mas estes haviam formado um sulco e o Golf preferia seguir por seu próprio caminho. Não se lembrava de como havia cruzado a interseção das Ruas Gruv e Hjalmar Lundbohm. Havia parado no sinal?

Ao chegar à mina cumprimentou o vigilante da guarita com a mão. O homem estava absorto na leitura de um jornal e nem sequer levantou os olhos. Parou ao chegar à barreira que havia na entrada do túnel que descia à mina. Tremia todo o corpo. Os dedos apenas lhe obedeceram quando tentou retirar um cigarro do maço. Sentia-se vazio por dentro. Isso era bom. Nos últimos cinco minutos não pensara em Viktor Strandgård nem uma só vez. Deu uma profunda tragada no cigarro. "Calma", sussurrou para se consolar, "Calma.". Quem sabe deveria ter ficado em casa. Mas ficar fechado no apartamento o dia todo… Acabaria se jogando da varanda.

“Vamos, homem”, brincou. “Não se atreveria. Se a única coisa de que é capaz é quebrar copos e jogar jarras no chão.”.

Desceu a janela e esticou o braço para inserir o passe na máquina. Uma mão lhe agarrou o pulso e com o sobressalto caiu um pouco de cinza do cigarro no assento. Não princípio não viu quem era e o estômago doeu de medo. Depois surgiu um rosto conhecido.

— Rebecka Martinsson, disse Patrik. A neve caía sobre o cabelo escuro, os flocos se desmanchavam ao bater no nariz.

— Quero falar com você. Patrik fez um gesto com a cabeça, apontando o assento do acompanhante.

— Suba.

Rebecka duvidou um instante. Pensou no bilhete que havia encontrado no carro. “Precisa morrer”, “Está avisada!”.

— “It’s now or never”, já disse Elvis, advertiu Patrik Mattsson, se inclinando por cima do assento do acompanhante para abrir a porta. Rebecka olhou a entrada da mina. Um buraco negro direto ao subsolo.

— Certo, mas a cadela está no carro, assim preciso voltar no máximo dentro de uma hora.

Rodeou o carro, se sentou e fechou a porta. “Ninguém sabe onde estou”, pensou quando Patrik Mattsson colocou o cartão na máquina e a barreira que fechava a passagem à mina começou a se elevar lentamente. Ele soltou a embreagem e começaram a descer. Adiante viam o brilho dos refletores nas paredes da mina e que, ao ficar para trás, eram engolidos pela escuridão compacta que parecia uma cortina de veludo negro. Rebecka tentou falar. Era como puxar a correia de um cachorro que não se quer mover.

— Meus os ouvidos se taparam, por quê?

— Pela diferença de altura.

— Quanto nós vamos descer?

— Quinhentos e quarenta metros.

— Então passou a cultivar cogumelos. Não conseguiu resposta. —

Shitakes, a verdade é que nunca os provei. Você trabalha sozinho?

— Não.

— Então são vários. Tem mais gente ali agora? Ele não respondeu, iam depressa, sempre para baixo.

Patrik Mattsson estacionou o carro diante de uma oficina subterrânea. Não havia porta, só uma grande abertura na rocha da montanha. Rebecka viu que lá dentro haviam homens usando macacão e capacete. Traziam ferramentas nas mãos. Também viu uma série de perfuradoras enormes da marca Atlas Copco dispostas em fila para serem consertadas.

— Por aqui, disse Patrik Mattsson começando a andar.

Rebecka o seguiu. Olhou aos homens da oficina, desejando que algum se voltasse e a visse. De ambos os lados se elevava a rocha primária negra. Em vários pontos a água saía da rocha e coloria a pedra de verde.

— É o cobre, que fica esverdeado com a água, explicou Patrik quando Rebecka lhe perguntou. Apagou o cigarro com o pé e abriu uma grande porta de ferro que estava fechada a chave.

— Pensava que era proibido fumar aqui em baixo, disse Rebecka.

— Por quê? Perguntou Patrik. — Aqui não tem gases inflamáveis nem nada pelo estilo. Ela soltou uma gargalhada.

— Que bom. Então pode vir para aqui, a quinhentos metros sob a terra, e fumar às escondidas.

Ele segurou a porta e lhe indicou, com a palma da mão para cima, que ela entrasse primeiro.

— Nunca entendi bem essa lista de pecados que existe na igreja livre, disse Rebecka enquanto se voltava para ficar de costas enquanto entrava. — Não fumarás. Não beberás álcool. Não irás à discoteca. De onde retiraram tudo isso?

A porta se fechou. Patrik acendeu a luz. A sala parecia um grande bunker. Do teto pendiam estantes de aço engastadas em trilhos. Em todas elas havia embrulhos de plástico que pareciam salsichas grandes ou troncos de

lenha. Rebecka perguntou o que era aquilo e Patrik Mattsson explicou.

— São embrulhos de serragem de amieiro, disse. — Estão injetados com esporos. Depois de ficarem assim durante algum tempo se retira o plástico e golpeia um pouco a madeira com a mão. Então começam a crescer e em cinco dias já se pode coletar.

Desapareceu por atrás de uma cortina de plástico no outro extremo da cavidade. Ao cabo de um tempo apareceu com uns quantos embrulhos de serragem repletos de shitakes. Os colocou sobre uma mesa e começou a apanhar os cogumelos com a mão. À medida que apanhava ia colocando dentro de uma caixa de papelão. O olor a cogumelo e a madeira húmida inundou o local.

— Aqui em baixo o clima é ótimo, disse. — As lâmpadas acendem e apagam automaticamente simulando dias e noites supercurtos. Bem, acabou a brincadeira Rebecka. O que você queria?

— Quero falar de Viktor.

Patrik olhou-a inexpressivo. Rebecka pensou que deveria ter se vestido um pouco mais simples. Agora estavam ali os dois, cada um em seu planeta, tentando falar. E ela com o seu maldito casaco e as luvas, tão delicados e caros.

— Quando eu morava aqui eram bons amigos.

— Sim.

— Como era ele? Quero dizer, depois de que eu me fui.

O sistema de irrigação iniciou atrás da cortina com um ronco. Começou a cair humidade do teto e ao se acumular deslizava pelo plástico, rígido e transparente.

— Era perfeito. Bonito. Dedicado. Um grande orador. Mas tinha um Deus muito severo. Se vivesse na Idade Média teria se flagelado. Coletou os cogumelos do último embrulho e os dividiu na caixa de papelão nivelando a superfície.

— De que maneira se flagelava? Perguntou Rebecka.

Patrik Mattsson ia pegando os cogumelos e arrumando-os bem. Era como se estivesse falando mais com eles que com Rebecka.

— Já sabe. Ignorando tudo o que não tinha a ver com Deus. Só música cristã, porque se não, se exporia a que os espíritos malignos o invadissem. Durante um tempo esteve pensando em ter um cachorro, mas um cachorro exige tempo e esse tempo pertencia a Deus, assim rechaçou a ideia. Sacudiu a cabeça. — Deveria ter comprado o cachorro.

— Mas como era ele? Perguntou Rebecka.

— Já disse: perfeito. Todo o mundo amava-o.

— E você?

Patrik Mattsson não disse nada. "Não vim até aqui só para aprender sobre o cultivo dos cogumelos", pensou Rebecka. Patrik respirou profundamente pelo nariz, fechou os lábios e fixou o olhar no teto.

— Era uma farsa, disse com raiva. — Agora já nada importa. E me alegro de que esteja morto.

— A que se refere? Como era uma farsa?

— Deixe, disse. — Deixe assim, Rebecka, não se envolva.

— Escreveu um postal para ele dizendo que o amava e que o que faziam não era ruim? Patrik Mattsson tapou o rosto com as mãos e sacudiu a cabeça. — Tinham uma relação ou o quê? Ele se pôs a chorar.

— Pergunte a Vesa Larsson, disse engolindo as lágrimas. — Pergunte a ele sobre a vida sexual de Viktor.

Calou-se de repente e começou a procurar um lenço nos bolsos. Ao não encontrar nenhum secou o nariz com a manga da camisa. Rebecka se aproximou.

— Não me toque! Gritou. Rebecka ficou gelada. — Tem ideia do que está pedindo? Você, que simplesmente se afastou quando tudo se complicou?

— Sim, sussurrou. Patrik levantou as mãos para o teto.

— Se deu conta de que posso jogar abaixo o templo inteiro? Só ficariam as cinzas da congregação, da escola e… de tudo! A Prefeitura poderia fazer uma pista de hockey com a Igreja de Vidro.

— “A verdade os fará livres”, ela coloca. Ele ficou calado um momento. Em seguida exclamou:

— Livres! Cuspiu. — É você é livre?

Olhou a seu ao redor. Parecia que estava procurando algo. “Uma faca”, pensou de repente Rebecka. Patrik fez um movimento com a mão, lhe mostrando a palma, como querendo dizer que esperasse ali. Em seguida desapareceu por uma porta um pouco mais afastada. Ouviu-se um pesado clique quando se fechou e depois silêncio. Só se ouvia o gotejar do cultivo atrás da cortina de plástico e o zumbido elétrico das lâmpadas fluorescentes.

Passou-se um minuto. Veio à mente de Rebecka o homem que desapareceu na mina nos anos sessenta. Desceu e não voltou a subir nunca mais. Seu carro continuava no estacionamento, mas ele não apareceu. Sem rastro. Não se encontrou o corpo. Nada. Nunca o localizaram.

E Chapi, que estava no carro, quanto tempo ficaria quieta se Rebecka não voltasse? Começaria a latir até que alguém a descobrisse por ali? Ou começaria a dormir dentro do carro coberto de neve? Rebecka se aproximou da porta que dava ao corredor da mina para ver se se abria. Com alívio, viu que não estava fechada a chave. Teve que se conter para não sair correndo até a oficina. E quando viu as pessoas, ouviu o barulho das ferramentas e o ruído do ferro ao ser dobrado e retorcido, sentiu que começava a se acalmar. Um homem saiu da oficina. Retirou o capacete e se aproximou de um dos carros que estavam estacionados ali.

— Sobe? Perguntou Rebecka.

— Entre, sorriu ele.

Subiu com o homem da oficina. Rebecka podia sentir o olhar tranquilo e curioso que ele lhe dava. Claro que não se enxergava muito naquela escuridão.

— Bom, bom, disse ele. — Vem sempre por aqui?

Quando Rebecka voltou ao carro no estacionamento da mina era evidente que Chapi estava lhe reprovando todo o tempo que a fizera esperar.

— Sinto muito, pequena, disse Rebecka com remorsos. — Vamos apanhar Sara e Lova, e em seguida iremos dar uma longa caminhada, prometo. Só teremos que passar um momento pela Fazenda e olhar uma coisa nos computadores, certo?

Conduzia em plena nevasca para a escola.

— Espero que isso acabe rápido, disse a Chapi. — Não é que o assunto esteja muito claro, na verdade. Não consigo encaixar todas as peças.

Chapi estava no assento do acompanhante, escutando com atenção. Ladeou a cabeça preocupada e pôs cara de quem entende cada palavra que Rebecka dizia.

"É como Jussi, o cachorro da avó", pensou Rebecka. "O mesmo olhar inteligente.". Lembrou-se de que os homens do povoado gostavam de sentar e conversar com Jussi, que acampava livremente por onde queria. "Só falta falar", comentavam.

— Sua dona não estava muito bem esta manhã quando a interrogaram, continuou Rebecka. — É como se encolhesse e escapasse pela janela quando a pressionam. Fica ausente e fala com indiferença. O promotor ficou nervoso e irritado.

A administração de Fazenda ficava no mesmo edifício de ladrilho que a delegacia de polícia. Rebecka olhou a seu ao redor depois de estacionar diante da porta. Não conseguia se livrar do mal-estar que sentiu ao ler o bilhete que haviam deixado em seu carro no dia anterior.

— Cinco minutos, disse a Chapi trancando o carro.

Dez minutos mais tarde estava de volta. Colocou quatro folhas impressas no banco traseiro e coçou Chapi entre as orelhas.

— Agora vão descobrir, disse triunfal. — É melhor que respondam

quando perguntar. Ainda nos dá tempo de fazer uma coisa mais antes de apanhar as meninas.

Subiu até a Igreja de Vidro, em Sandstensberget, e deixou que Chapi descesse do carro antes que ela. Sentiu o coração acelerado ao subir pela encosta até a cafeteria e livraria. O risco de se encontrar com alguém que a conhecesse era bem alto. Só esperava que não fosse nenhum dos pastores nem alguém do Conselho de Anciãos. "Dá na mesma", disse a si mesma. "Tarde ou cedo acabará acontecendo.". Chapi corria de poste em poste, lendo e respondendo mensagens. Por ali haviam passado uns quantos machos que ela ainda não conhecia. Na livraria não havia ninguém, exceto uma moça do outro lado do balcão. Era a primeira vez que Rebecka a via. Tinha o cabelo curto e do pescoço pendia uma pequena corrente repleta de contas de vidro. Olhou para Rebecka e sorriu.

— Avise-me se puder ajudá-la em alguma coisa, disse com voz débil. Notava-se que Rebecka lhe recordava algo, mas não saberia dizer o quê.

"De sair na televisão", pensou Rebecka balançando a cabeça. Ordenou a Chapi que se deitasse na entrada, retirou a neve do casaco e se aproximou da estante mais próxima.

Nos alto-falantes soava música pop religiosa a um volume muito baixo. Do teto pendiam lâmpadas da Ikea e se viam pequenos focos iluminando as estantes cheias de cd's e livros. Os móveis no meio da sala eram tão baixos que não se podia esconder atrás. Rebecka olhou através das grandes portas de vidro que se comunicava com a cafeteria. O chão de madeira estava quase seco. Por ali não havia passado muita gente com sapatos cheios de neve.

— Como isso está tranquilo, disse à moça.

— Estão todos no curso, respondeu. — Para a Reunião dos Milagres.

— Decidiram seguir adiante apesar de Viktor Strandgård…

— Sim, se apressou a responder a moça. — Ele gostaria assim, e Deus também. Entre ontem e anteontem passaram muitos jornalistas por aqui. Fazendo perguntas e comprando fitas e livros, mas hoje está mais tranquilo.

Era assim. Rebecka havia encontrado a estante com os livros de Viktor.

O CÉU, IDA E VOLTA. Em inglês, alemão e francês. Olhou a contracapa. "Impresso por VictoryPrint HB." Olhou as contracapas de outros livros e textos. Também eram impressos por VictoryPrint HB. Nas fitas de vídeo estava "copyright VictoryPrint HB". Bingo. Nesse momento ouviu alguém bem atrás de si.

— Rebecka Martinsson, disse uma voz excessivamente alta. — Quanto tempo sem vê-la. Ao se virar viu o pastor Gunar Isaksson. Estava quase em cima dela. Havia se aproximado tanto de propósito e quase a roçava com a barriga.

"É uma barriga magnífica e útil", pensou Rebecka. Sobressaía por cima do cinto como uma vanguarda independente e podia invadir o espaço das pessoas enquanto Gunar Isaksson a usava como proteção e para ficar a uma distância adequada. Rebecka venceu o instinto de dar um passo para trás. "Suportei as suas mãos me tocando quando rezava por mim", pensou. Assim que, por meus ovários, posso aguentar tê-lo tão próximo.

— Olá, Gunar, disse tranquila.

— Estive esperando que aparecesse, informou ele. — Pensei que agora que está na cidade poderia vir aos encontros que fazemos à tarde.

Rebecka ficou em silêncio. Viktor Strandgård os observava de um pôster na parede.

— O que achou da livraria? Continuou Gunar Isaksson olhando orgulhoso a seu ao redor. —Reformamos no ano passado. Anexamos à cafeteria para que as pessoas possam estar folheando um livro enquanto bebem algo. Ali dentro pode pendurar o casaco, se quiser. Propus pendurar um cartaz nos cabides dos chapéus que dissesse: "Deixe a razão aqui".

Rebecka olhou-o por um momento. Notava-se a boa vida que levava. A barriga maior, camisa e gravata caras. A barba e o cabelo bem cuidados.

— O que quer que eu diga da livraria? Respondeu. — Acho que a congregação deveria cavar poços para conseguir água e dar escolas às crianças de rua para que não se prostituam. Gunar Isaksson lhe deu um olhar

arrogante.

— Deus não está para irrigações artificiais, disse levantando a voz e enfatizando a palavra "Deus". — Nesta congregação brotou uma fonte fruto de Sua abundância. Com nossas orações, mais fontes correrão por todo o planeta.

Deu uma olhada à moça do mostrador e constatou, para sua satisfação, que conseguira também a sua atenção. Era mais divertido colocar Rebecka em seu lugar com público.

— Isto, disse com um gesto grandioso que parecia compreender a Igreja de Vidro e todo o êxito que tivera a congregação, — Isso é só o princípio.

— Isto é besteira, disse Rebecka com indignação. — Os pobres tem que rezar para alcançar sua própria riqueza, é isso o que quer dizer? Jesus não disse: "Certamente o que você fizer para os mais fracos, você vai ter feito por mim"? E o que dizia que ia acontecer aos que não tivessem ajudado aos mais fracos? "E estes irão ao castigo eterno, e os justos à vida eterna." Gunar Isaksson se ruborizou. Inclinou-se para frente e a sua respiração caiu pesadamente sobre o rosto de Rebecka. Cheirava a mentol e a laranja.

— E você acha que pertence aos justos? Perguntou com sarcasmo.

— Não, disse Rebecka também sussurrando. — Mas você, quem sabe, deveria ir se preparando para me fazer companhia no inferno. Antes que Gunar pudesse responder continuou: — Notei que a VictoryPrint HB edita grande parte do que se vende aqui. Sua mulher é coproprietária dessa empresa, se não estou errada.

— E? Disse Gunar, desconfiado.

— Estive na Fazenda. A sociedade limitada recolheu valores enormes de impostos ao Estado. Não me ocorre outra explicação: alguém precisou fazer grandes inversões na sociedade. De onde apareceu o dinheiro para isso? Sua mulher ganha um bom salário? Antes era professora, não é?

— Não têm nenhum direito a meter o nariz nos assuntos da VictoryPrint, bufou Gunar Isaksson.

— Os lançamentos fiscais são públicos, respondeu Rebecka em voz alta. — Gostaria que respondesse a umas perguntas. De onde saiu o dinheiro que foi investido na VictoryPrint? Viktor estava preocupado com alguma coisa antes de morrer? Tinha uma relação com alguém? Por exemplo, com algum homem da congregação? Gunar Isaksson deu um passo para trás e a olhou

com desprezo. Então levantou o dedo indicador e apontou a porta.

— Fora! Gritou.

A moça do mostrador estremeceu e os olhou apavorada. Chapi se colocou de pé e começou a latir. Gunar Isaksson deu um passo ameaçador até Rebecka e esta teve que retroceder.

— Não venha aqui tentando ameaçar a obra de Deus e as pessoas de Deus! Rugiu. — Em nome de Cristo, condeno todos os seus atos! Ouça o que digo? Fora!

Rebecka girou sobre os calcanhares e saiu da livraria a passos rápidos. O coração cabia em um punho. Chapi a seguia pegada a seus pés.

O entardecer caiu como um manto azul escuro sobre o jardim da avó de Rebecka. Estava sentada em um banco de madeira, olhando Lova e a Chapi enquanto brincavam. Sara estava em cima, lendo na cama. Nem sequer respondeu quando Rebecka lhe perguntou se queria sair. Fechou a porta do aposento e se jogou na cama.

— Olhe Rebecka! Gritou Lova. Havia subido ao topo de uma escadinha que apanhara da despensa, se virara e se deixara cair de costas sobre a neve. Havia muito pouca altura. Ficou deitada e começou a mover os braços e as pernas tentando deixar na neve a silhueta de um anjo.

Brincaram quase uma hora e construíram uma pista de obstáculos. Começava com um túnel através de um monte de neve em direção ao celeiro, depois dava três voltas em torno da bétula grande, subia pela escadinha da despensa, fazia equilíbrios nos degraus, pulava na neve e voltava ao ponto de partida. Lova decidiu que o último pedaço deveria ser feito correndo de costas pela neve, que chegava até ao joelho. Agora estava ocupada em sinalizar a pista com ramos de pinho, mas Chapi estava causando problemas: ia roubando os ramos um a um e os levava para lugares secretos aonde a luz não chegava.

— Pare! Gritou Lova sem alento para Chapi, que imediatamente fugiu, correndo com outro ramo na boca.

— Que tal um chocolate e biscoitos? Tentou Rebecka pela terceira vez.

Havia se cansado ao cavar o túnel. Agora já havia deixado de suar e começava a ter frio. Queria entrar em casa. Ainda continuava nevando. Mas Lova protestava acalorada. Rebecka precisaria marcar o tempo enquanto ela dava uma volta no percurso.

— Então vamos fazer agora, disse Rebecka. — Terá que se ajeitar sem os ramos. Já sabe por onde passa a pista.

Era complicado correr na neve. As voltas na bétula foram reduzidas para duas e a última parte ela não correu de costas. Quando chegou à meta caiu exausta nos braços de Rebecka.

— Recorde mundial! Gritou Rebecka.
— Agora é você.
— Nem sonhe. Amanhã talvez. Agora, para adentro!
— Chapi! Gritou Lova se dirigindo a casa. Mas a cadela não apareceu de nenhum lado.
— Entre, disse Rebecka, que eu fico e procuro Chapi. E coloque o pijama e meias, gritou enquanto ela subia as escadas que levavam ao andar de cima. Fechou a porta da casa e voltou a chamar a cadela. Gritou seu nome na escuridão. — Chapi!

Era como se sua voz não chegasse além de uns poucos metros. A neve diminuía qualquer som e quando ficou escutando na escuridão só notou um silêncio incômodo. Teve de se animar e reunir forças para chamá-la uma vez mais. Era lúgubre estar à luz das escadas da escada gritando para a escuridão do bosque, que a rodeava sem dizer nada.

— Chapi! Venha aqui! Chapi! "Maldita cadela." Desceu as escadas de um salto com a intenção de dar uma volta pelo jardim, mas parou.

"Pare de bobagens", falou consigo mesma, mas ainda assim não atreveu a se afastar da escada da varanda nem voltar a chamar Chapi. Não conseguia esquecer a imagem do bilhete no carro. A palavra **SANGUE** escrita com letras emaranhadas. Pensou em Viktor, e nas meninas, que estavam em casa.

Subiu os degraus de costas, um a um. Não era capaz de dar a costas ao desconhecido que podia estar escondido lá fora. Ao entrar em casa passou o trinco na porta e subiu correndo para o andar de cima. Ficou no corredor e ligou para Sivving. Ao cabo de uns minutos ele já estava ali.

— Deve estar em um local quente, disse. — Não acontecerá nada ruim. Pelo contrário.

— É que faz tanto frio, respondeu Rebecka.

— Se sentir frio, voltará para casa.

— Suponho que têm razão, suspirou Rebecka. — Isto aqui dá um pouco de medo sem ela.

Pensou um instante.

— Quero lhe mostrar algo, disse depois. — Espere aqui um momento, não quero que as meninas vejam. Foi correndo até o carro para apanhar a nota que haviam deixado. Sivving leu-a franzindo a testa.

— Mostrou à polícia? Perguntou.

— Não. O que poderiam fazer?

— Não sei. Vigiá-la, talvez. Rebecka deu uma risada seca.

— Por isto? Não têm recursos. Mas também tem outra coisa. E contou do postal na Bíblia de Viktor. — Imagino que a pessoa que escreveu o postal que estava na Bíblia era alguém que o queria.

— Sim?

— "O que fizemos não é feio aos olhos de Deus.". Não sei, mas Viktor nunca teve namorada. E penso que… Bem, penso que se existisse alguém que o queria, ele não estava permitindo que se aproximasse. E quem sabe, é a pessoa que está me ameaçando agora, porque está se sentindo ameaçada.

— Um homem?

— Exato. E isso nunca seria aceito na congregação. E se Viktor queria manter em segredo, eu não quero ir à polícia com isso sem um propósito. Pode imaginar as manchetes que sairiam nos jornais. Sivving grunhiu e passou a mão pelo cabelo.

— Não gosto disso, disse. — E se estiver acontecendo algo?

— A mim nada acontecerá. Mas estou preocupada com Chapi.

— Quer que Bela e eu passemos esta noite aqui? Rebecka negou com a cabeça. — De repente aparecerá em casa, disse Sivving para tranquilizá-la. —

Vou dar uma caminhada com Bela. Irei chamando para ver se aparece.

Mas Sivving está errado. Chapi não voltará. Está deitada sobre um tapete de porta-malas de carro. Tem o focinho preso com fita adesiva, tal como as patas, tanto as dianteiras como as traseiras. No peito, o coração bate a mil por hora, e passeia os olhos pela escuridão. Tenta se arrastar e esfrega a cabeça contra o chão, tentando desesperadamente se desfazer da fita que lhe prende o focinho. Tem um dente meio partido e nota pedaços de dente e sangue na garganta. Como pôde esta cadela ser uma vítima tão fácil? Uma cadela que fora maltratada por seu dono anterior várias vezes! Por que não reconheceu a maldade quando foi direta até ela? Porque tem a capacidade de esquecer. Igual a sua dona. Esquece. Esconde o focinho sob a neve sedosa e afaga a qualquer um que se agache e lhe aproxime uma mão. E agora está lá deitada.

* * *

Entardecer e Amanhecer: Quarto Dia

O ADVOGADO Måns Wengrem acorda cm um sobressalto. O coração lhe golpeia o peito como um punho. Seus pulmões tentam apanhar ar desesperadamente. Procura a mesinha-de-cabeceira tateando e acende a lâmpada; são três e vinte. Como demônios vai dormir um com um festival de cinema de terror na cabeça? Primero um carro que afundava no lago da casa de verão ao quebrar a capa de gelo. Ele estava na margem, vendo tudo sem poder fazer nada. No retrovisor pôde ver o rosto de Rebecka, pálida pelo pânico. E agora que finalmente conseguira voltar a adormecer Rebecka apareceu outra vez no sonho e o rodeou com seus braços. Quando Måns deslizou as mãos pelas costas delas até tocar o cabelo notou-as molhadas e quentes. Haviam estourado a cabeça dela com um tiro.

Ergueu-se na cama e ficou sentado, apoiado na cabeceira. Antes, era tudo diferente. Os filhos e o trabalho o exigiam. Tinha pouco tempo para dormir, mas no mínimo, dormia de verdade. Agora quase nunca tem esse tipo de sono quando deita, sempre de madrugada. Cai em um estado de inconsciência onde não sonha. E sabe o que acontece quando vai dormir sóbrio. Acorda todo o tempo na borda do pânico e suando como um porco.

No apartamento faz num silêncio sepulcral. A única coisa que se ouve ali dentro é sua respiração e o murmúrio monótono da ventilação. O resto dos sons vem do exterior. O sussurro do relógio da eletricidade, que fica na escada. Os passos do entregador de jornais, que está em plena forma. Os degraus de dois em dois até para cima e de três em três para baixo. Carros e transeuntes noturnos na rua. Quando os filhos eram pequenos o aposento se enchia com seus sons. A respiração curta e rápida de Johan. A respiração forte de Cale, que dormia embaixo de uma pirâmide de bichinhos de pelúcia. E Madeleine, que roncava quando tinha o menor dos resfriados. Depois tudo

foi silenciando pouco a pouco. Os filhos foram para as suas próprias casas. Madeleine permanecia em silêncio total e fingia que estava adormecida quando ele chegava em casa. Não, já é suficiente. “Vou colocar um vídeo de Clint Eastwood e me servir de uma dose de Maclean. E ver se consigo adormecer no sofá.”.

* * *

A nevasca continua caindo no norte. Em Kurravaara, os carros e as casas estão enterrados sob um grosso manto branco. Rebecka está deitada no sofá da cozinha da casa de sua avó, acordada. “Deveria me levantar e olhar para ver se a cadela voltou”, pensa. Talvez esteja lá fora, na neve, tremendo de frio. Não conseguiu dormir mais. Fecha os olhos e troca de postura, se deita de lado. Apesar do cansaço no corpo, tem a mente limpa.

Alguma coisa estranha relacionada com a faca. Por que a haviam enxaguado? Se alguém guardou a faca na gaveta com a intenção de culpar Sana, por que enxaguou a folha antes? Teria sido melhor limpar só o cabo para apagar as possíveis impressões e deixar a folha com as manchas de sangue. Se não, correria o risco de que não se pudesse vincular a arma com o assassinato. Existe algo que Rebecka não consegue ver. Como uma imagem daquelas que são um conjunto de pontos para serem unidos. De repente aparece um desenho. Agora tem a mesma sensação. Todos os pontos estão lá. Só tem que descobrir a figura que os une.

Acende a lâmpada e se levanta lentamente. O sofá responde com um barulho. Rebecka fica quieta para escutar se as meninas acordaram. Mete os pés nos sapatos gelados e vai até a varanda chamar Chapi. Fica observando a nevasca e chamando uma cadela que não aparece.

Quando volta a entrar em casa vê Sara no meio da cozinha. Vira-se com um movimento rígido e fica olhando para Rebecka. Usa calcinhas longas e uma camisa de lã enorme que fazem com que seu corpo pareça diminuto.

— O que está acontecendo? Pergunta Rebecka. — Teve pesadelos?

Antes que acabe a pergunta, Sara começa a chorar. É um choro intenso,

seco e entrecortado. A mandíbula abre e fecha com pequenos espasmos, como se fosse uma boneca de madeira.

— O que aconteceu? Volta a perguntar Rebecka retirando rapidamente os sapatos. — É porque Chapi não está?

Não obtém resposta. Ainda tem no rosto essa tristeza tão estranha. Mas os braços se movem um pouco para frente, como se os quisesse esticar até Rebecka. Rebecka a coloca em seus braços. Sara não oferece nenhuma resistência. Rebecka está abraçando uma menina pequena. Não a uma quase adolescente. Só uma menina. E não pesa quase nada. Rebecka a deita no sofá da cozinha e a envolve em seus braços, rodeando seu corpinho, que se tensa como para compensar as lágrimas que não querem sair. No final ficam as duas adormecidas.

As cinco da madrugada, Rebecka acorda com os passos de Lova, que entra na ponta dos pés na cozinha. Sobe no sofá e se deita contra as costas de Rebecka, coloca com cuidado a mãozinha por debaixo da camisa e adormece. Debaixo de todas as mantas faz calor, mas Rebecka fica ali tal como está, imóvel.

* * *

Quinta-feira, 20 de Fevereiro

ÀS CINCO E MEIA da madrugada o gato Mane decidiu acordar Sven-Erik Stålnacke. Pôs-se a passear daqui para lá por cima do corpo adormecido de Sven-Erik e de vez em quando soltava um miado. Ao ver que não surtia efeito, o gato se aproximou do rosto dele e lhe tocou delicadamente a face com a pata. Mas Sven-Erik estava num sono profundo. Mane moveu a pata até colocá-la na raiz do cabelo e alongou as garras o suficiente para que arranhassem a pele e pudesse tirar um pouco do couro cabeludo de seu dono. Sven-Erik abriu os olhos no mesmo instante e retirou as garras da cabeça. Acariciou carinhosamente o gato ao longo de seu pelo cinza listrado.

— Bom dia, disse bondoso. — Acha que já está na hora de me levantar?

Mane miou acusador e desceu da cama de um salto para em seguida desaparecer pela porta do aposento. Sven-Erik ouviu como ia correndo até a porta da entrada e voltava a miar.

— Já vou, já vou.

Havia adotado Mane quando sua filha e o noivo se mudaram para Luleå. "É que está acostumado à liberdade", dissera ela. Pode imaginar como se aborreceria em um apartamento na cidade. Ele é como você, papai. Precisa ter um bom pedaço de bosque próximo para conseguir viver. Sven-Erik se levantou e abriu a porta ao gato para que saísse. Mas Mane só cheirou um pouco o ar da nevasca e em seguida deu meia volta e se colocou no hall outra vez. E quando Sven-Erik fechou a porta o gato voltou a soltar um prolongado miado.

— Mas o que quer? Perguntou Sven-Erik. — Não tenho culpa de que faça um tempo de cachorro. Ou sai ou fica aqui dentro, caladinho.

Foi à cozinha e apanhou uma lata de comida para gatos. O animal miou com energia e começou a passear entre seus pés até que a comida estivesse servida. Depois Sven-Erik ligou a cafeteira elétrica, que começou a funcionar com um gorgolejo. Quando Ana-Maria Mela ligou ele acabava de dar uma mordida num sanduiche de pão negro.

— Escute, disse inquieta. — Ontem pela manhã estive falando com Sana Strandgård e comentamos que a morte parecia muito ritual e que algumas passagens da Bíblia falam de mãos cortadas e pessoas de quem retiram os olhos e essas coisas.

Sven-Erik emitia sons de assentimento entre pedaço e pedaço enquanto Ana-Maria falava.

— Sana leu em voz alta Marcos 9:43-48: "E se tua mão te faz pecar, corte-a; é melhor que entres sem ela na nova vida que, com as duas mãos, vá parar no inferno, no fogo que não se apaga. E se teu pé te faz pecar, corte-o. Mais te vale que entre manco na nova vida que, com os dois pés, ser arrojado ao inferno. E se tu olho te faz pecar, retire-o; mais te vale entrar torto no Reino de Deus que, com os dois olhos, ser arrojado ao inferno onde o verme não morre nem o fogo se apaga.”.

— E? Disse Sven-Erik, que se sentia um pouco lento.

— Mas não leu o princípio do texto! Continuou Ana-Maria com entusiasmo. — Marcos 9:42 diz isto: “Aquele que perturbe um destes pequenos que acreditam em mim, melhor seria que lhe pendurassem ao pescoço uma roda de moinho de asno e que o jogassem ao mar.”.

Sven-Erik prendeu o fone entre o ombro e a orelha, e levantou Mane, que estava se esfregando entre suas pernas.

— Existem paralelos entre o evangelho segundo São Lucas e o de São Mateus, disse Ana-Maria. — O de Mateus diz que os anjos celestiais das crianças sempre veem o rosto de Deus. E quando estive olhando a minha

Bíblia, encontrei uma anotação que explicava que era uma frase de muitíssima importância porque as crianças estão sob a proteção especial de Deus. Segundo as crenças judaicas de então, todas as pessoas têm um anjo que expõe suas preces ante Deus e se imagina que só os anjos mais elevados têm acesso ao trono de Deus.

— Ou seja, o que quer dizer é que alguém o assassinou porque seduzira uma criança, disse Sven-Erik pensativo. — Está dizendo que Viktor…? Ficou calado um momento e sentiu o peso das palavras antes de continuar falando. —… ou seja, as filhas de Sana?

— Por que ela pulou o princípio? Disse Ana-Maria. — Em qualquer caso, Von Post tem razão. Precisamos falar com as meninas de Sana Strandgård. Pode ser que tivesse um motivo muito bom para odiar o seu irmão. Temos que chamar o serviço de psiquiatria infantil e adolescente para que nos ajudem a falar com as meninas.

Depois de desligar, Sven-Erik ficou sentado à mesa da cozinha com o gato no colo. "Merda", pensou. "Qualquer coisa menos isso.".

* * *

Quando Rebecka ligou para o escritório paroquial da Igreja de Vidro às oito e quinze da manhã quem atendeu foi An-Gul Kyrö, a secretária dos pastores. Rebecka acabara de deixar as meninas e ia de caminho ao carro. Ao perguntar por Thomas Söderberg sentiu que a mulher que estava do outro lado respirou fundo.

— Sinto muito, disse An-Gul. — Ele e Gunar Isaksson estão em reunião e não se pode interromper.

— Onde está Vesa Larsson?

— Hoje está doente e tampouco pode ser incomodado.

— Se não se importa, quero deixar uma mensagem para Thomas Söderberg. Quero que me ligue neste número…

— Sinto muito, cortou An-Gul amavelmente, — Mas durante a Reunião dos Milagres os pastores estão muito ocupados e não tem tempo para ligar para pessoas que perguntam por eles.

— Bom, tentou Rebecka, — O caso é que sou a representante de Sana Strandgård e… A mulher do outro lado voltou a interrompê-la. Agora com

certa severidade no tom.

— Sei muito bem quem você é, Rebecka Martinsson, disse. — Mas como já lhe disse, os pastores não tem tempo durante a reunião. Rebecka fechou os punhos.

— Então pode dizer aos pastores, de minha parte, que não vou desaparecer só porque não me fazem caso, disse colérica. — Vou…

— Não vou dizer nada de sua parte, soltou An Gul Kyrö. — E não têm porque me ameaçar, assim vou cortar a nossa conversa. Adeus.

Rebecka retirou o fone da orelha e o colocou no bolso. Já estava junto ao carro. Olhou para o céu e deixou que os flocos de neve aterrissassem sobre o seu rosto. Em poucos segundos estava molhada e fria. "Idiotas", pensou. Não me retirarei como um cachorro apavorado. Falarão comigo sobre Viktor. Acham que não tenho como ameaçá-los, mas isso nós veremos.

Thomas Söderberg morava com sua esposa Maja e as duas filhas em um apartamento no centro da cidade, por cima da loja de roupas Centrum. Os passos de Rebecka faziam eco na escada enquanto subia ao primeiro andar. Na pedra marrom havia desenhos coloridos em forma de concha. Os cartazes com os nomes dos inquilinos eram de latão e todos gravados com o mesmo tipo de letra cursiva e bem elaborados. Era um desses edifícios silenciosos em que se imaginam os velhos fechados em seus apartamentos com a orelha pegada à porta, se perguntando quem está vindo.

"Vamos", se animou Rebecka. Não vale a pena se perguntar se quer fazer isso ou não. É só uma questão de fazer. Como uma visita ao dentista. Abre a boca e de repente terminou. Colocou o dedo sobre a campainha da porta em que estava escrito **SÖDERBERG**. Durante um segundo pensou que Thomas abriria e teve que frear o impulso de dar meia volta e descer correndo as escadas. Foi Magdalena, a irmã de Maja Söderberg, quem abriu a porta.

— Rebecka, foi a única coisa que disse.

Não parecia surpresa. Rebecka teve a sensação de que estava esperando-a. Quem sabe Thomas pedira a sua cunhada que tirasse o dia livre no trabalho e a colocara ali como um cachorro guardião para proteger a sua

pequena família. Magdalena estava como sempre. Tinha o cabelo curto, com o mesmo prático estilo de há dez anos. Os jeans, fora de moda, estavam metidos dentro de umas longas meias de lã tecidas a mão. "Continua com seu estilo de sempre", pensou Rebecka. Se tiver alguém que nunca cairá em modernidades nem colocará salto alto, essa é Magdalena. Se nascesse no século XIX, andaria sempre com um uniforme engomado de enfermeira e desceria em bote a remos pelos rios até os povoados deixados da mão de Deus, com a maleta cheia de enormes seringas.

— Vim para falar com Maja, disse Rebecka.

— Não acho que tenha ela algo para falar com você, disse Magdalena segurando a maçaneta com uma mão enquanto com a outra procurava rapidamente apoio no marco da porta para que Rebecka não pudesse entrar. Rebecka levantou o tom para que a ouvissem dentro do apartamento.

— Diga a Maja que quero falar com ela sobre a VictoryPrint. Quero lhe dar a oportunidade de me convencer de não ir à polícia.

— Vou a fechar a porta, disse Magdalena, de mal humor. Rebecka pôs a mão no marco.

— Quebrará os meus dedos, disse com suficiente força para que fizesse eco entre as paredes de pedra da escada. — Vamos, Magdalena. Pergunte a Maja se quer falar comigo. Diga que tem a ver com suas ações na sociedade.

— Vou fechá-la, ameaçou Magdalena abrindo a porta um pouco mais, como se fosse fechá-la de golpe. — Se não retirar a mão, será culpa sua. "Não vai fazer isso", pensou Rebecka. "Você é enfermeira.".

Rebecka está folheando uma revista. É do ano passado. Não se importa. De qualquer maneira, não está lendo. Ao fim de um tempo volta a enfermeira que a havia recebido. Fecha a porta atrás de si. Chama-se Rosita.

— Está grávida, Rebecka, diz Rosita. — E se a sua decisão for abortar teremos que reservar hora para a raspagem.

Uma raspagem. Ao sair dali é quando tudo acontece. Antes de deixar a recepção topa com Magdalena. Magdalena fica de pé no meio do corredor e a cumprimenta. Rebecka se detém e a cumprimenta também. Magdalena pergunta se vai ao ensaio do coro na quinta-feira e Rebecka responde esquiva e pede desculpas. Magdalena não pergunta o que está fazendo no hospital.

Rebecka compreende então que Magdalena já sabe. Muito do que não se diz delata uma pessoa.

— Deixe-a passar. Os vizinhos virão perguntar o que está acontecendo.

Maja apareceu por trás de Magdalena. Os últimos anos haviam lhe deixado dois ângulos bem marcados nas comissuras da boca. Acentuavam-se ao olhar para Rebecka.

— Não é preciso que tire o casaco, disse Maja. — Não ficará muito tempo.

Sentaram-se na cozinha. Era espaçosa, tinha armários brancos novos e uma ilhota no centro. Rebecka se perguntou se as meninas estariam na escola. Rakel deveria rondar os catorze e Ana deveria estar acabando o primário. Aqui o tempo também havia passado.

— Sirvo chá? Perguntou Magdalena.
— Não, obrigado, respondeu Maja.

Magdalena desabou na cadeira outra vez. As mãos foram até a toalha da mesa para recolher umas migalhas que não existiam. "Pobrezinha", pensou Rebecka olhando para Magdalena. Deveria ter a sua própria vida em vez de ser um acessório desta família. Maja olhou para Rebecka com severidade.

— O que quer de mim?
— Quero perguntar sobre Viktor, disse Rebecka. — Ele…
— Acaba de nos envergonhar diante dos vizinhos berrando e dizendo não sei o que da VictoryPrint. O que têm que dizer sobre isso? Rebecka respirou fundo.
— Vou dizer o que eu acho e você poderá me dizer se tenho razão ou não. Maja bufou pelo nariz. — Segundo as declarações de renda, que eu vi, a VictoryPrint recuperou dinheiro dos impostos pagos ao Estado, disse Rebecka. — Muito dinheiro. Parece que fizeram grandes inversões na sociedade limitada.
— O que tem de mal nisso? Espetou Maja. Rebecka olhou impassível às duas irmãs.

— A congregação informou a Fazenda que é uma associação sem intenção de lucro e que deve ficar isenta de impostos. Isso será ótimo para a congregação, porque imagino que faturará uma quantidade de dinheiro considerável. Só o valor das vendas de material impresso e fitas de vídeo devem ser enormes. Sem custos de tradução, porque as pessoas o fazem pelo amor a Deus. Sem direitos de autor para ninguém, ao menos não para Viktor, assim todos os ganhos vão para a congregação.

Rebecka fez uma breve pausa. Maja a observava. Tinha o rosto rígido como uma máscara. Magdalena olhava através da janela. Na árvore que havia bem em frente se via um passarinho, picando com fervor um pedaço de casca. Rebecka continuou falando:

— O problema é que, como a congregação está isenta de pagar impostos, não consegue recuperar os gastos que tem. Tampouco receber devolução dos impostos. Então, o que se pode fazer? Bem, um sistema é criar uma empresa e lançar custos e gastos para poder recuperar os impostos. Então quando a congregação se dá conta de como é rentável editar eles mesmos os livros e textos e duplicar eles mesmos as fitas de vídeo, montam uma sociedade limitada. A sociedade compra todo o material que precisa e isso custa muito dinheiro. Vinte por cento do que se investe é devolvido pelo Estado. Isso é muito dinheiro para as famílias dos pastores. A sociedade vende serviços, impressão e outras coisas à congregação a bom preço e tem perdas. Ótimo, porque assim não tem lucros a declarar. E mais um aspecto positivo. Os coproprietários, podem desgravar até dez mil euros cada um nos primeiros cinco anos pelas inversões por serviços. Vi que você, Maja, não pagou nada de impostos no ano passado. As esposas de Vesa Larsson e Gunar Isaksson tiveram salários insignificantes para recolher impostos. Acho que aprovaram as perdas da sociedade para fazer desaparecer os salários e assim não ter que recolher impostos sobre eles.

— E daí? Disse Maja, irritada. — Isso é totalmente legal. Não entendo o que quer Rebecka. Você deveria saber que os impostos…

— Deixe-me acabar, cortou Rebecka. — Acho que a sociedade limitada vendeu serviços à congregação a preços muito baixos, causando assim as perdas. Também me pergunto de onde saiu o dinheiro para investir na sociedade. Pelo que eu sei, nenhum dos coproprietários tem um grande capital. Podem ter conseguido um crédito muito grande, mas não acho. Não

vi déficit em suas retiradas. Acho que o dinheiro para as compras da oficina de impressão e demais vem da congregação, mas não aparecem na contabilidade. E agora já não estamos falando de impostos. Começamos a falar de crime. Se a Fazenda e o promotor para assuntos econômicos começarem a remexer tudo isto, o que sairia à luz seria o seguinte: que vocês, os coproprietários, não podem explicar de onde saiu o dinheiro para as inversões. A congregação paga adiantamentos que deveriam ser lançados como entrada de valores.

Rebecka se inclinou para diante, cravando o olhar em Maja Söderberg.

— Entendeu Maja? Disse. — Mais ou menos da metade do que retiram da congregação precisam pagar impostos. Depois é preciso adicionar gastos sociais e impostos anexos. Entrarão em falência e a Fazenda vigiará a todos o resto da vida. Além disso, passará uma boa temporada na prisão. A sociedade olha com muito maus olhos esse tipo de crime. E se os pastores estão atrás de todo o processo, e a mim parece que sim, Thomas será culpado de fraude e Deus sabe o quê mais. Malversação de dinheiro da congregação para passá-lo à sociedade limitada de sua mulher. Se a ele também condenarem a prisão, quem se ocupará das meninas? Precisarão ir visitá-los na prisão. Uma triste sala de visitas num par de horas a cada fim de semana. E quando saírem, onde irão trabalhar? Maja não afastava os olhos de Rebecka.

— O que quer de mim? Aparece aqui, na minha casa, com essas ideias e ameaçando. Ameaça não só a mim, mas a toda a minha família. As meninas. Ficou calada e levou a mão à boca.

— Se procura vingança, Rebecka, se vingue em mim, disse Magdalena.

— É evidente que lhe tenho um ódio dos diabos, continuou, — Mas não estou aqui por isso.

Rebecka está só em casa quando batem à porta. É Thomas Söderberg. Com ele estão Maja e Magdalena. Agora Rebecka entende por que Sana saíra com tanta pressa. E por que insistia em que Rebecka ficasse em casa estudando. Sana sabia que viriam. Depois Rebecka pensará que não deveria tê-los deixado entrar. Que deveria ter fechado a porta em seus bem-intencionados narizes. Sabe perfeitamente por que estão ali. Vê em seus rostos. No olhar preocupado e sério de Thomas. Nos lábios apertados de Maja. E em Magdalena, que não se sente capaz de olhá-la nos olhos. Primero

não queriam beber nada, mas depois Thomas se arrepende e aceita um copo d'água. Durante a conversa irá fazendo pausas para dar pequenos goles. E quando se sentam na sala de estar, Thomas assume o comando. Pede a Rebecka que se sente na poltrona e insta a sua esposa e a sua cunhada para sentarem cada uma em uma das pontas do sofá de canto. Ele se senta numa cadeira no meio das três. Desta maneira tem contato visual com todas ao mesmo tempo. Rebecka tem que mexer a cabeça todo o tempo para olhar Maja e Magdalena. Thomas Söderberg vai direto ao ponto.

— Magdalena nos contou que a viu no hospital, diz olhando Rebecka aos olhos. — Viemos para persuadi-la a que não prossiga.

Quando vê que Rebecka não responde, continua:

— Entendo que é difícil, mas precisa pensar na criança. Carrega uma nova vida na barriga, Rebecka. Não têm direito a apagá-la. Maja e eu falamos disso e ela a perdoou. Faz uma pausa e deu a Maja um olhar cheio de amor e agradecimento. — Queremos ficar com a criança, diz em seguida. — Adotá-la. Entendeu Rebecka? Em nossa família será como Rakel e Ana. Um irmãozinho. Maja lhe crava o olhar. — Se for um menino, adiciona Thomas. Ao cabo de um momento, pergunta: — O que nos diz Rebecka? Rebecka levanta o olhar da mesa e observa fixamente Magdalena.

— O que eu digo? Responde negando lentamente com a cabeça.

— Eu já sei, diz Magdalena. — Olhei seu prontuário e descobri o segredo. Naturalmente, pode me denunciar à autoridade competente.

— Às vezes é preciso escolher entre seguir a vontade do Imperador ou a de Deus, diz Thomas. — Disse a Magdalena que você entenderia. Não é Rebecka? Ou pensa em denunciá-la?

Rebecka nega com a cabeça. Magdalena parece aliviada. Quase sorri. Maja não o faz. Os olhos escurecem quando olha para Rebecka. Rebecka sente que começa a enjoar. Deveria comer algo porque quando o faz geralmente passa. "Ela se ocuparia de meu filho?", pergunta a si mesma.

— O que diz Rebecka? Insiste Thomas. — Posso sair daqui com a promessa de que desmarcará a visita ao hospital?

Já sente as náuseas. Surgem de repente, de baixo para cima. Rebecka se levanta de um salto da cadeira, batendo o joelho contra a mesa, e sai disparada para o banheiro. O conteúdo do estômago sai com tanta força que dói. Quando escuta que se levantam na sala de estar, fecha a porta com o ferrolho. Em poucos segundos estão os três do outro lado da porta. Batem. Perguntam como está e pedem que abra a porta. Tapou os ouvidos. Não tem força nas pernas e cai sobre o sanitário. No princípio nota que as vozes do outro lado parecem preocupadas e pedem que saia. Inclusive Maja recebe ordens de se aproximar da porta.

— Perdoamos você Rebecka, diz. — Só queremos ajudá-la.

Rebecka não responde. Estica a mão e abre a torneira ao máximo. A água ressoa na banheira, os tubos fazem barulho e afogam as vozes. Primero Thomas se irrita, depois se zanga.

— Abra! Diz gritando e batendo na porta. — É meu filho, Rebecka. Não têm nenhum direito, me ouve? Não permitirei que mate o meu filho. Abra antes que jogue a porta a baixo.

No fundo ouve Maja e Magdalena tentando acalmá-lo. O afastam dali. No final ouve fechar a porta da entrada e passos que se afastam escadas a baixo. Rebecka afunda na banheira e fecha os olhos. Depois de muito tempo volta a abrir a porta da casa. Sana acaba de regressar. A água da banheira está fria há muito tempo. Rebecka se levanta e vai para a cozinha.

— Você sabia, disse a Sana. Sana olha-a com culpa nos olhos.

— Pode me perdoar? Responde. — Fiz isso porque gosto de você.

— Por que está aqui? Perguntou Maja.

— Quero saber por que Viktor morreu, disse Rebecka com severidade. — Sana é suspeita e está detida, e ninguém parece se importar. A congregação segue com seus bailes e seus encontros para cantar hinos, mas se negam a colaborar com a polícia.

— E o que quer que eu diga? Exclamou Maja. — Acha que eu o assassinei? Ou Thomas? Que cortamos as mãos dele e retiramos os olhos? Ficou maluca?

— O que eu sei? Respondeu Rebecka. — Thomas estava em casa na

noite que mataram Viktor?

— Bom, agora já está passando dos limites, respondeu indignada Magdalena.

— Acontecia algo com Viktor há algum um tempo, disse Rebecka. — Parece que estava brigado com Sana. Patrik Mattsson estava irritado com ele e quero saber por quê. Tinha alguma relação com alguém da congregação? Com um homem, quem sabe? Por isso a casa de Deus está tão caladinha? Maja Söderberg se colocou de pé.

— Mas por que não me escuta? Gritou. — Não tenho a menor ideia! Thomas era o mentor espiritual de Viktor. E Thomas nunca revelaria nada do que ele contou em confissão, na sua qualidade de pastor. Nem a mim nem à polícia.

— Mas Viktor está morto! Disse Rebecka. — Assim provavelmente não se importará que Thomas rompa o segredo da confissão. Acho que todos vocês sabem mais do que querem contar. E estou disposta a ir à polícia com o que eu sei, e veremos que outras coisas aparecem se abrirem uma investigação em regra. Maja lhe cravou o olhar.

— Você está doida, exclamou. — Por que me odeia? Achava que ele ia deixar a mim e às meninas por você? É por isso?

— Não a odeio, disse Rebecka se colocando de pé. — Você me dá pena. Nunca achei que ia deixá-la. Nunca acreditei que eu era a única, foi um golpe de má sorte que você soubesse. Sou a única que sabe que existem outras…? Maja tremeu. Levantou o dedo e apontou diretamente para Rebecka.

— Você, disse, colérica. — Você, infanticida! Fora daqui! Magdalena acompanhou a Rebecka até a porta pegada a seus calcanhares.

— Não faça isso, Rebecka, pediu. — Não vá à polícia. De que serviria? Pense nas meninas.

— Então me ajude, cortou Rebecka. — Estão a ponto de colocar Sana na cadeia e ninguém disse nada de nada. E por cima quer que eu colabore? Magdalena saiu com Rebecka à escada e fechou a porta do apartamento.

— Tens razão, sussurrou. — Acontecia algo com Viktor ultimamente. Estava diferente. Mais agressivo.

— A que se refere? Perguntou Rebecka apertando o botão vermelho iluminado para que as luzes acendessem.

— Bem, você sabe. A sua forma de rezar e de se dirigir à congregação. É difícil de explicar. Estava angustiado. A miúdo rezava as noites na igreja e não queria a companhia de ninguém. Antes não era assim. Antes gostava que as

pessoas o acompanhassem nas orações. Jejuava. A mim me dava a sensação de que estava destroçado. Rebecka recordou o aspecto que ele tinha no vídeo. "Abatido. Cansado."

— Por que jejuava? Magdalena encolheu os ombros.

— Não sei, disse. — Só se podem expulsar os demônios com o jejum e as orações. Mas me pergunto se alguém saberia o que acontecia de verdade. Não acho que Thomas soubesse, não estavam em muito boas relações há um algum tempo.

— O que aconteceu? Perguntou Rebecka.

— Bem, nada tão grave para que Thomas matasse o Viktor, disse Magdalena. — Imagino que não estará pensando nisso seriamente… Mas era como se Viktor estivesse evitando todo o mundo. Thomas também. Só peço que deixe em paz esta família. Nem Thomas nem Maja tem nada para contar a você.

— E quem tem? Perguntou Rebecka. Ao ver que Magdalena não respondia continuou: — Vesa Larsson, quem sabe?

Quando Rebecka desceu à rua levou algum tempo pensando que deveria deixar Chapi sair um momento para que pudesse fazer xixi antes de se lembrar de que a cadela desaparecera. Teria acontecido alguma coisa? Por um momento imaginou o pequeno corpo de Chapi congelado na neve. As gralhas ou corvos haviam lhe picado os olhos e uma raposa comera os melhores pedaços de seu ventre. "Preciso contar a Sana", pensou, e o coração se apertou.

Cruzou com um casal que empurrava um carrinho de criança. A moça era jovem. Quem sabe não chegara ainda aos vinte. Chamou a atenção de Rebecka o desejo com que lhe se olhavam. Passou na frente do velho Palladium. Ainda restavam algumas esculturas do Festival de Neve do final de janeiro. No meio da Rua Geolog se via três estatuas de perdiz das neves de meio metro, feitas de cimento. Haviam instalado para interromper o trânsito. As três tinham um capuz para a neve. Se desanimou ao se sentar sozinha no carro. Deu-se conta de que já havia se acostumado às meninas e à cadela. "Pare", exigiu a si mesma.

Olhou a hora. Já eram meio dia e meio. Em duas horas precisaria ir apanhar Sara e Lova. Havia prometido que à tarde iriam à piscina coberta.

Deveria comer algo antes. Pela manhã, havia dado as meninas chocolate e sanduiches, mas ela só havia tomado duas xícaras de café. E queria também falar com Vesa Larsson. Além disso, deveria trabalhar um pouco. O estômago começou a encolher quando pensou que ainda não havia acabado o relatório sobre as novas regras para pequenas empresas.

Parou no Urso Negro e comprou uma barra de chocolate, bananas e uma coca-cola. No cabeçalho de um dos jornais da tarde aparecia a manchete "Viktor Strandgård assassinado por crentes satânicos". Em cima do texto estava em letras quase ininteligíveis: "Membro anônimo da congregação disse que…".

— Caramba, que mão mais fria, disse a mulher a quem deu o dinheiro para pagar. Rebecka sorriu surpresa. "Já não estou mais acostumada a falar com desconhecidos", pensou.

O carro tivera tempo de sobra para congelar. Descascou uma banana e a comeu em grandes pedaços. Os dedos esfriaram ainda mais. Pensou na mulher da loja. Rondaria os sessenta. Braços fortes e seios exuberantes sob um uniforme rosa. Cabelo curto com permanente e um penteado que fora moderno na década de oitenta. Seus olhos eram amáveis. Depois pensou em Sara e em Lova. Como eram quentes quando dormiam. E em Chapi, com seu olhar de veludo e seu pelo negro. De repente lhe invadiu a tristeza. Levantou o rosto para o teto e secou as lágrimas das pestanas com o dedo indicador para que o rímel não escorresse. "Pare com isso", repreendeu a si mesma e ligou o contato.

Chapi está deitada na escuridão. De repente se abre a porta do porta-malas e ela fica meio cega pela luz de uma lanterna. O coração aperta de medo, mas não tenta colocar resistência quando duas mãos duras a agarram e a levantam. A falta de oxigênio a deixara passiva e dócil. Ainda assim, gira o pescoço para olhar o homem que a retirara do carro. Mostra toda a submissão que pode enquanto a fita adesiva lhe segura o focinho e as patas. Em vão mostra o pescoço e esconde a cauda entre as patas de trás. Porque não há lugar para a compaixão.

* * *

A casa de estilo funcional recém-construída do pastor Vesa Larsson ficava atrás dá universidade. Rebecka deixou o carro estacionado na rua e olhou o impressionante edifício. Os blocos geométricos brancos se fundiam com a paisagem branca da nevasca ao seu redor. Com o tempo que fazia era muito fácil passar de carro sem notá-los se não fosse pela união entre eles que brilhavam em vermelho, amarelo e azul. Era evidente que a montanha nevada e as cores dos Samis estiveram presentes na cabeça do arquiteto. Astrid, a esposa de Vesa Larsson, abriu a porta. Atrás dela surgiu um pequeno pastor Shetland que latia enlouquecido para Rebecka. Quando viu quem havia batido à porta, Astrid entornou os olhos e desceu as comissuras da boca em uma expressão de antipatia.

— O que você quer? Perguntou.

Havia engordado pelo menos uns quinze quilos desde a última vez que a vira. Tinha o cabelo mal recolhido com um elástico e vestia uma calça Adidas e uma camiseta desgastada. Em um segundo analisou o aspecto de Rebecka: o casaco longo de cor caramelo, o cachecol suave de Max Mara e o Audi novo que tinha estacionado junto ao meio-fio. Notou um indício de insegurança em seu olhar. "É o que eu havia imaginado", pensou Rebecka com maldade. Quando teve o primeiro filho se descontrolou. Naquela época Astrid já estava um tantinho fora do peso, mas era bonita. Como o desenho de um anjo rechonchudo sobre uma nuvem. E Vesa Larsson era o pastor solteiro pelo qual competiam as moças da igreja de Pentecostes que se matavam para casar. "É um alívio não ter que tentar gostar de todo o mundo", pensou Rebecka. A verdade é que desta nunca gostei.

— Vim a ver Vesa, disse Rebecka entrando antes que Astrid tivesse tempo de responder.

O cachorro recuou acovardado, mas começou a dar uns latidos tão intensos que saíam afônicos pelo esforço. Parecia como se tivesse uma tosse seca.

A casa não tinha hall. Toda a planta baixa era uma superfície diáfana e da porta de entrada Rebecka podia ver a cozinha, a sala de jantar, os sofás

diante dá lareira e os impressionantes janelões que mostravam a nevasca. Com bom tempo se poderia ver Vittangivaara, Luossavaara e a Igreja de Vidro, no alto de Sandstensberget.

— Está em casa? Perguntou Rebecka tentando falar mais alto que o cachorro, mas sem gritar. Astrid respondeu com uma resfolegada.

— Sim, está em casa. Cale-se de uma vez! Berrou irritada ao cachorro.

Colocou a mão no bolso e apanhou alguns biscoitos para cachorro e os jogou no chão. O cachorro se calou e pulou sobre eles. Rebecka colocou o gorro e as luvas nos bolsos do casaco e pendurou-o em um cabide. Quando o colocasse outra vez estaria empapado, mas não tinha jeito. Astrid abriu a boca para protestar, mas em seguida voltou a fechá-la.

— Não sei se vai querer recebê-la, disse raivosa. — Está gripado.

— Bom, eu não sairei daqui até que tenha falado com ele, disse Rebecka em um tom suave. — É importante.

O cachorro, que já comera os biscoitos, foi até onde estava sua dona e começou a montar em sua perna ao mesmo tempo em que começava outra vez a latir enfurecido.

— Pare já, Balú, protestou Astrid sem se mover. — Não sou uma cadela. Tentou afastar o cachorro, mas este apertava com força a sua perna com as patas dianteiras.

— Falo sério, disse Rebecka. — Ficarei no sofá. Terá de chamar a polícia para que me tirem dali. Astrid se rendeu. A combinação do cachorro e Rebecka era mais do que podia suportar.

— Está no estúdio, disse. — Suba as escadas. É na primeira porta à esquerda. Rebecka subiu os degraus em cinco passadas. — Bata antes gritou Astrid de baixo.

Vesa Larsson estava sentado diante da lareira de azulejos em um banco forrado de pele de ovelha. Em um dos azulejos da lareira havia um texto escrito com letras verdes e elegantes que dizia: **O SENHOR É O MEU PASTOR**. Era bonito. Provavelmente o próprio Vesa Larsson escrevera. Não estava vestido, usava um roupão felpudo e debaixo dele um pijama de flanela.

Seus olhos piscavam cansados ante Rebecka, pareciam uns buracos cinza por cima da barba sem fazer. “Sem dúvida que está mal”, pensou Rebecka, Mas não é de gripe.

— Então veio para me ameaçar, disse. — Volte para casa, Rebecka. Não se meta nisto. “Caramba”, pensou Rebecka. Foram rápidos em avisá-lo.

— Bonito estúdio, disse, em lugar de responder.

— Mmm, disse Vesa. — O arquiteto por pouco não teve um ataque quando eu falei que queria parquet sem tratar aqui no chão. Disse que não aguentaria nem quatro dias com a pintura, a tinta e o restante. Mas essa era a ideia. Queria que fosse apanhando uma pátina especial fruto das obras que vou fazendo.

Rebecka olhou ao seu ao redor. O estúdio era grande. Apesar do tempo que fazia lá fora, a luz entrava pelas grandes janelas. Estava bem arrumado. Diante da janela havia um cavalete com um pano cobrindo-o. No chão não viu nem uma só gota de tinta. Diferente de quando trabalhava no porão da igreja de Pentecostes. Então tinha lâminas espalhadas por todo o chão e as pessoas não se atreviam a se movimentar muito, com medo de virar algum dos vários frascos de vidro com aguarrás ou pisar nos pincéis que havia por todo o lado. Ao cabo de um tempo o cheiro à solvente provocava dor de cabeça. Aqui só se notava o olor de fumo da lareira. Vesa Larsson observou o seu olhar escrutador e esboçou um meio sorriso.

— Eu sei, disse. — Quando por fim se consegue o estúdio que todo o mundo sonha… Acabou a frase encolhendo os ombros. — Meu pai pintava a óleo, sabe? Continuou. — A aurora boreal, as paisagens da Lapônia e a casa de campo em Merasjärvi. Nunca se cansava. Negava-se a procurar um trabalho normal e passava as horas com os amigos empinando o cotovelo. Dava-me umas palmadinhas na cabeça e dizia: “O menino acha que vai ser camioneiro ou outra coisa qualquer, mas eu digo: não poderá escapar da arte.” Mas não sei, agora é bem mais patético estar sentado aqui com os meus sonhos de pintor. Não foi tão difícil se esquivar da arte como ele previra.

Olharam-se um momento em silêncio. Sem saber, os dois pensavam no cabelo um do outro. Que antes era mais bonito. Quando o deixavam crescer com mais liberdade e descontrole. Quando era patente que quem manejava

as tesouras eram os amigos.

— Bonita vista, disse Rebecka. — Bem, pode ser que agora não seja muito... A única coisa que se via lá fora era a neve que continuava a cair.

— Por que não? Disse Vesa Larsson. — Pode ser que esta seja a melhor vista. O inverno e a neve são bonitos. Tudo fica mais simples. Menos informação. Menos cores. Menos olores. Dias mais curtos. A cabeça pode descansar.

— O que acontecia com Viktor? Perguntou Rebecka de supetão. Vesa Larsson negou com a cabeça.

— O que Sana lhe contou?

— Nada, respondeu Rebecka.

— Como nada? Disse Vesa Larsson, desconfiado.

— Ninguém me disse nada, disse Rebecka, com raiva. — Mas não acredito que ela o matou. Às vezes vive na lua, sim, mas não pode tê-lo feito.

Vesa Larsson ficou em silêncio olhando a nevasca.

— Por que Patrik Mattsson me disse que perguntasse a você sobre a inclinação sexual de Viktor? Perguntou Rebecka. Ao ver que Vesa não respondia, continuou perguntando: — Tinha uma relação com ele? Escreveu um postal para ele? "E deixou uma nota no carro me ameaçando?", pensou. Vesa Larsson respondeu sem olhá-la nos olhos.

— Não penso em fazer algum comentário a respeito disso.

— Então, disse com dureza. — Começarei a acreditar que foram vocês, os pastores, quem o matou. Porque ele iria revelar as suas manobras econômicas. Ou talvez porque ameaçou contar o caso de vocês para a sua esposa. Vesa Larsson tapou o rosto com as mãos.

— Eu não fiz isso, murmurou. — Eu não o matei.

"Estou saindo do rumo", pensou Rebecka. Vou daqui para ali acusando todo o mundo. Apertou o punho contra a testa, tentando fazer que lhe ocorresse algo sensato.

— Não entendo, disse. — Não entendo por que insiste em não dizer nada. Não compreendo por que alguém escondeu a faca no sofá de Sana. Vesa Larsson se virou de repente e ficou olhando-a, horrorizado.

— O que quer dizer? Perguntou. — Que faca? Rebecka queria ter mordido a língua.

— A polícia não informou a imprensa ainda, disse, — Mas encontrou a arma assassina no apartamento de Sana. Numa gaveta da cozinha. Vesa Larsson continuava olhando-a.

— Oh, Meu Deus, disse. — Meu Deus!

— O que aconteceu? O rosto de Vesa Larsson se converteu em uma máscara inerte.

— Só quebrei o segredo profissional uma vez.

— Que se dane o segredo profissional! Exclamou Rebecka. — Viktor está morto.

— Guardarei o segredo para Sana.

— Genial! Explodiu Rebecka. — E a mim não me diz nada! Mas estou disposta a remover céus e terras para saber o que aconteceu. E começarei com a congregação e os seus assuntos econômicos. Depois descobrirei quem estava apaixonado por Viktor e direi a verdade para Sana nesta mesma tarde. Vesa Larsson olhou-a atormentado.

— Por que não larga disso, Rebecka? Volte para casa. Não se deixe utilizar.

— O que quer dizer com isso? Negou resignado com a cabeça.

— Faça o que achar mais conveniente, disse. — Mas não pode me tirar nada que não esteja perdido já.

— Que se fodam todos, disse Rebecka com as poucas forças que lhe restavam.

— "Quem de vocês está livre de pecado…", disse Vesa Larsson.

"Claro, claro", pensou Rebecka. Eu sou uma assassina. Uma infanticida.

Rebecka está na casa de sua avó cortando lenha. Não, "cortando" não é a palavra correta. Escolheu os troncos maiores e pesados, e os divide em uma espécie de estado febril. Brande o machado e o crava na madeira. Volta a levantá-lo com o tronco cravado na folha e arremata golpeando contra a base com toda a força. O peso e a inércia fazem que o machado penetre como uma cunha. Por fim, o tronco fica dividido em dois. Parte as metades em outros dois pedaços e em seguida coloca outro tronco sobre a base. O suor lhe escorre pelas costas. Doem os ombros e os braços pelo esforço, mas não pensa em parar. Se tiver sorte, a menina sairá. Ninguém disse que não pode

cortar lenha. Então talvez Thomas diga que não era a vontade de Deus que a menina nascesse. “O bebê”, se corrige Rebecka. Não era vontade de Deus que o bebê nascesse. Ainda assim, por dentro sabe que é uma menina. Johana. Quando ouve a voz de Viktor às suas costas se dá conta de que está ali, repetindo seu nome varias vezes sem que ela ouvisse. É estranho para ela vê-lo ali sentado, na cadeira de madeira quebrada que nunca jogam no fogo. Junto de borda de trás do assento só restam os buracos onde ficava preso o encosto. Está há anos esperando que façam lenha dela.

— Quem contou? Pergunta Rebecka.

— Sana, responde ele. — Disse que se aborreceu muitíssimo. Rebecka dá de ombros. Não tem forças para se aborrecer.

— Quem mais sabe? Pergunta.

Agora toca a Viktor encolher os ombros. Isso significa que a notícia já correu. Naturalmente. O que ela pensava? Usa o casaco de pele de segunda mão e um cachecol longo que uma moça lhe fez. Penteou-se com um risco no meio e o cabelo desaparece por baixo do cachecol.

— Case comigo, diz. Rebecka o olha estupefata.

— Está ruim da cabeça?

— Amo-a, diz Viktor. — A você e ao bebê.

Cheira a serragem e a madeira. Fora, se ouvem as gotas que caem do telhado. Tem um nó na garganta.

— Da mesma maneira que ama à todos os seus irmãos e irmãs, amigos e inimigos? Diz Rebecka.

Como o amor de Deus. Igual para todos. Divide-o já empacotado a todos os que queiram se colocar ao seu lado. Quem sabe este é o amor que a espera. Quem sabe deveria apanhar o que tem ao alcance. Viktor parece cansado. “Onde se meteu Viktor?”, pensa. Depois de sua viagem até Deus existe tanta gente fazendo fila para que lhes dê um pedacinho de você.

— Eu nunca a abandonaria, diz. — Sabe disso.

— Não, diz Rebecka, agora já com lágrimas e muco, sem poder evitar.

— Quando dissesse sim, me deixaria desamparada.

* * *

Às seis e meia da tarde Rebecka chegou na delegacia com Sara e Lova. Passaram a tarde na piscina coberta. Sana apareceu na sala de visitas e olhou Rebecka como se esta tivesse lhe roubado algo.

— Caramba, isso é hora de chegar! Disse. — Começava a acreditar que havia esquecido.

As meninas retiraram casaco e subiram em uma cadeira cada uma. Lova ria porque havia formado gelo na parte do cabelo que o gorro não cobria.

— Olhe Mamãe, disse sacudindo a cabeça para que os pedaços de gelo tilintassem.

— Rebecka nos comprou salsichas com purê de batata depois da piscina, continuou Lova. —Ida e eu vamos brincar juntas no sábado. Não é, Rebecka?

Sana deu um olhar estranho para Rebecka e esta passou a explicar que a mãe de Ida era uma antiga colega de turma. "Por que tenho que me desculpar e dar explicações?", pensou irritada. Não fiz nada de mal.

— Me joguei de cabeça do trampolim de três metros, disse Sara trepando no colo de sua mãe. — Rebecka me ensinou.

— Que bom, disse Sana, indiferente.

Já ficara ausente. Era como se um escudo tivesse caído na cadeira. Nem sequer pareceu sentir quando lhe contaram que Chapi desaparecera. As meninas se deram conta e começaram a conversar entre si. Rebecka se sentia incômoda. Ao cabo de um tempo Lova se colocou de pé e começou a saltar na cadeira uma e outra vez, enquanto gritava:

— Ida no sábado, Ida no sábado.

Acima e em baixo, acima e em baixo. Esteve a ponto de cair várias vezes.

Rebecka ficou nervosa. Se ela caísse, podia bater a cabeça no parapeito de cimento. Sana não parecia se dar conta. “Não vou me meter”, pensou Rebecka. No final Sara segurou a irmã pelo braço e lhe deu um grito:

— Pare de fazer isso!

Mas Lova se soltou e continuou pulando.

— Está triste, Mamãe? Perguntou Sara preocupada enquanto abraçava Sana pelo pescoço.

Sana evitou olhar Sara aos olhos enquanto respondia. Acariciou o cabelo dela. Estava muito ruivo e brilhante. Ajeitou o risco e passou o cabelo por trás das orelhas.

— Sim, disse em voz baixa, — Estou triste. Já sabe que vou para a cadeia e não poderei continuar a ser a sua mãe. Estou triste por isso. Sara ficou branca. Abriu os olhos como pratos pelo medo.

— Mas não vai voltar para casa? Sana segurou-a pelo queixo e a olhou nos olhos.

— Se me condenaram, não, Sara. Se pegar prisão perpetua, não sairei até que você já esteja maior e já não precise mais de uma mamãe. Ou posso ficar doente e morrer na cadeia.

A última frase terminou com uma risada que não era tal. Os lábios de Sara se esticaram como dois riscos.

— Mas quem cuidará de nós? Sussurrou. E de repente deu um grito para Lova, que continuava saltando uma e outra vez da cadeira. — Falei para deixar de fazer isso!

Lova parou no mesmo instante e ficou sentada. Colocou meia mão na boca. Rebecka fulminava Sana com o olhar.

— Sana está triste, disse a Lova, que estava sentada sem dizer nada, observando a sua mãe e a sua irmã mais velha. Olhou para Sara e continuou: — Por isso disse essas coisas. Prometo que não a colocarão na cadeia.

Rapidamente estará em casa outra vez. Se arrependeu quando fechou a boca. Como podia prometer algo assim?

Quando chegou a hora de ir, Rebecka pediu às meninas que saíssem e que a esperassem no carro. Rilhava os dentes pela raiva contida.

— Como é capaz? Disse para Sana bufando. — Fomos à piscina e elas ficaram bem durante esse tempo, mas agora você… Negou com a cabeça ao não encontrar as palavras adequadas. — Hoje falei com Maja, Magdalena e Vesa. Soube que acontecia algo com Viktor. E você sabe o que era. Vamos, Sana. Precisa me contar.

Sana ficou calada. Apoiou-se contra a parede de cimento verde e começou a roer a unha do polegar, que já estava roída. Seu rosto tinha uma expressão reservada.

— Conte-me de uma vez, disse Rebecka ameaçadora. — O que acontecia com Viktor? Vesa me disse que não pode quebrar o segredo de confissão que tem com você.

Sana continuava sem dizer nada. Estava destroçando a unha. Mordeu a cutícula até que a arrancou e começou a sangrar. Rebecka suava com o casaco. Tinha vontade de segurar Sana pelo cabelo e bater a cabeça dela contra a parede. Mais ou menos como fazia Rony Björnström, o pai de Sara. Até que no final ele também se cansou de fazer isso e partiu. As meninas já estavam esperando junto ao carro. Rebecka viu que Lova não estava usando luvas.

— Você é uma imbecil, disse finalmente indo para o carro.

Sana já não está mais em sua cela. Ultrapassou o teto de cimento e desapareceu. Abriu passagem entre os átomos e as moléculas, e saiu para o espaço exterior, por cima das nuvens de inverno. Já se esqueceu da visita. Já não tem filhas. Não é mais que uma menina pequena. E Deus é a sua grande mãe, que a segura pelas axilas e a levanta até a luz, fazendo sentir um formigamento no estômago. Mas não a solta. Deus não soltará a sua menina. Sana não tem por que ter medo. Não vai cair.

Curt Bäckström está diante do grande espelho que fica pendurado na sala de estar, examinando cada centímetro de seu corpo nu. A luz que o ilumina vem de lâmpadas que ele cobriu com tecido vermelho transparente e de uma vintena de velas acesas. As janelas estão tapadas com lençóis negros presos com grampos para que ninguém de fora possa ver algo. O aposento tem uma decoração austera. Não tem televisor, nem rádio, nem micro-ondas. Antes ele ficava doente com as radiações e os sinais que emitiam. Acordava na metade da noite escutando vozes que vinham dos aparelhos elétricos, ainda que estivessem desligados. Agora nada disso acontece mais e voltou a ligar a geladeira e o freezer. A televisão e o rádio ele não precisa para nada. Só passam lixo depravado. Mensagens de Satanás dia e noite.

Nota que está diferente. Nas últimas vinte e quatro horas cresceu um decímetro. E o cabelo também cresceu a uma velocidade vertiginosa, e rapidamente poderá prendê-lo com um elástico. Fez um risco no meio do cabelo e se inclina para o espelho. Tem uma parecença lúgubre com Viktor Strandgård. Por um momento tenta verificar se consegue ver a si mesmo no espelho. Seu antigo eu. Quem sabe algo nos olhos, mas desaparece em seguida. A imagem do espelho se desfaz e fica borrada. Já está totalmente transformado. Torce as mãos e as mostra ao espelho. A iluminação vermelha lhe permite ver sangue e aceite escorrendo das feridas que tem nas palmas.

Sana Strandgård deveria estar aqui. Deveria estar nua e de joelhos diante dele, recolhendo em uma vasilha o aceite que lhe cai das mãos. Imagina-a diante dele. Como enrosca lentamente a tampa na vasilha esverdeada. Tem o olhar fixo no seu e os lábios pronunciam a palavra raboni (Mestre em judaico). Sem dúvida, vacilou algumas vezes. Duvidou ser realmente o eleito. Ou de ter em suas mãos a força de Deus. A última comunhão foi quase impossível de suportar. Pessoas ao seu redor cacarejando e dançando como galinhas, enquanto ele ficava ainda mais perto de Deus. As palavras lhe chegavam como tiros de canhão: "Este é o meu **CORPO**. Este é o meu **SANGUE**." Havia voltado ao seu lugar tremendo e com os ouvidos tampados. Não ouvia o coro. Suas mãos acumularam tanta força que as notou mais gordas. A pele dos dedos se repuxou como um globo. Ficou lisa e brilhante. Por um momento temeu que fossem rachar, como as salsichas quando fervem em uma panela.

No dia seguinte comprou luvas do maior tamanho que encontrou. Terá de usá-las também dentro de casa de vez em quando. Até que chegue o momento em que os demais possam ver.

Quando foi pagar as luvas, lhe invadiu de repente uma sensação incômoda. A mulher atrás do balcão sorriu. Há muito tem a capacidade de ver espíritos malignos e, quando recebeu o troco, a mulher se transformou diante de seus olhos. Os dentes amarelaram, os olhos ficaram em branco e nublaram como cristal congelado. As unhas vermelhas dos dedos que davam o troco cresceram até se converterem em garras. Ficou esperando na parte traseira da loja durante horas. Mas depois chegou uma mensagem de que não precisaria matá-la, que deveria guardar forças para algo mais importante.

Agora Curt está no banheiro. Na luz das velas o vapor desliza pela banheira e pousa como o orvalho nos azulejos brancos. O ar está espesso pelo odor de cobre que o sangue desprende e pelo cheiro ácido da lã molhada. No esticador de plástico branco em cima da banheira está pendurado o corpo sem vida de Chapi. Tem as patas traseiras presas às cordas do esticador. O sangue vai caindo gota a gota na água. No chão, ao lado da banheira, está a sua cabeça. Ainda tem o focinho amarrado com fita adesiva. E quando ele entra na água avermelhada sente que as propriedades da cadela entram em seu corpo. As pernas ficam ágeis. Contraem-se sem parar dentro da banheira. Poderia se colocar de pé e bater o recorde mundial dos cem metros. E pode sentir Sana. Seus lábios pegados à orelha da cadela. Agora é a sua orelha que está tocando. Sussurra "Quero você". Já matou um coelho, um gato e dois roedores. E o amor dela por ele sempre aumenta. Bebe a água vermelha da banheira em grandes goles. As mãos começam a tremer. Perde o controle totalmente quando Deus se encarrega dele. Então Deus segura a sua mão e a levanta. Unta os dedos no sangue como se fosse tinta e com letra torta escreve algo nos azulejos da parede. As letras formam um nome. E em seguida:

A PUTA DEVE MORRER

* * *

Entardecer e Amanhecer: Quinto Dia

MAJA SÖDERBERG está sentada à mesa da cozinha na metade da noite. Bem, dizer sentada, quem sabe, é dizer demasiado. Tem os quadris na cadeira, mas o tronco descansa sobre a mesa e as pernas estão enfiadas debaixo da cadeira. Com uma mão segura a cabeça e tem o olhar fixo nos desenhos da toalha de mesa, que aumentam e diminuem, desaparecem e voltam a aparecer. Diante dela está uma garrafa de vodca. Não é fácil para uma bebedora ocasional como ela ingerir tanto álcool. Mas o fez. Primero só chorava. Mas agora, agora está muito melhor.

De repente ouve os passos de Thomas subindo a escada. Os encontros durante a Reunião dos Milagres tomam muito do seu tempo. Primero, os encontros em si acabam tarde. Depois, as pessoas querem conversar na cafeteria. E sempre aparecem algumas almas perdidas que somente tem tempo para rezar de madrugada. É importante que Thomas esteja presente. Ela o entende. Ela entende tudo. Nota como pisa os degraus com cuidado para não perturbar os vizinhos na metade da noite. É tão asquerosamente atento. Com os vizinhos. Só com os vizinhos. Seus passos despertam a ira dela. "Fora", diz. Mas a ira não desparece. Acordou e está se soltando da corrente que a mantém atada. "Solte-me", balbucia. Solte-me e acabarei com ele.

E de repente ele está ali de pé, junto à mesa. Os olhos e a boca bloqueiam, horrorizados pela imagem. Tem um rosto ridículo. Três buracos boquiabertos sob o gorro de pele. Maja esboça uma careta de meio sorriso. Precisa apalpar a boca com a mão. Sim, está com a boca torta. Como chegou até ali?

— O que está fazendo? Pergunta ele.

O que faz? Acaso ele não está vendo? Embebedando-se, claro. Foi até o Systembolaget para comprar bebida e gastou a semanada em álcool. Thomas começa a acusá-la e a fazer perguntas. Onde estão as meninas? Não entende como é pequena esta cidade? Como vai explicar que sua mulher tenha comprado bebida na Systembolaget? Nesse momento Maja abre a boca e começa a berrar. A letargia que lhe invadia a boca e o cérebro desaparece por completo.

— Feche a boca, bastardo! Grita. — Rebecka esteve aqui! Vão me botar na cadeia.

Thomas diz que se acalme. Que pense nos vizinhos. Que são uma equipe, uma família. Que superarão juntos. Mas agora ela não consegue mais parar de gritar. Começam a brotar de sua boca maldições e juramentos que nunca antes pudera pronunciar. Puto bastardo! Hipócrita de merda! Filho da puta! Muito depois, quando conseguiu que Maja dormisse como uma pedra, apanha o telefone e faz uma ligação.

— Rebecka, diz baixo ao fone. — Não vou permitir que continue a fazer o que lhe dê vontade.

* * *

Sexta-feira, 21 de Fevereiro

HAVIA PARADO de nevar e começara a ventar. Um vento rápido, gelado que varria bosques e estradas. Avançava deixando uma estrada de neve em pó e cobria toda a paisagem com um grosso manto uniforme. O trem da manhã para Luleå ficou preso durante várias horas, e nos edifícios montes de neve voltaram a cobrir as rampas dos estacionamentos e bloquear as portas das garagens. O vento dava volta nas quinas das casas à caça de neve virgem e escorria pelo pescoço dos casacos dos entregadores de jornais, que não paravam de resmungar.

Rebecka Martinsson caminhava com esforço para a casa de Sivving. Estava com os ombros inclinados contra o vento e mantinha a cabeça agachada como um touro a ponto de investir. O vento jogava neve em seu rosto e ela não enxergava nada. Em um braço trazia Lova como se fosse um fardo e na outra mão a mochila de cor de rosa da menina.

— Eu posso caminhar, se queijou Lova.

— Eu sei querida, disse Rebecka. — Mas não tenho tempo. Vamos mais depressa se eu a carregar. Abriu a porta de Sivving com o cotovelo e deixou Lova no chão do hall.

— Olá, gritou, e Bela respondeu no mesmo instante com latidos de entusiasmo. Sivving apareceu na porta que descia ao porão.

— Obrigado por ficar com ela, disse Rebecka, procurando alento enquanto em vão tentava retirar os sapatos de Lova sem desatá-los. — Idiotas. Já poderiam ter me dito ontem quando fui apanhá-la.

Ao chegar à creche com Lova, soubera que os funcionários teriam reuniões de planejamento e que as crianças não poderiam ficar ali. Além disso, só faltava uma hora para o tribunal avaliar a prisão preventiva. Agora

tinha pressa de verdade. Dentro de pouco o vento colocaria tanta neve sobre o carro que, quem sabe, não conseguisse retirá-lo. E aí não chegaria a tempo. Tentou desamarrar os cordões de Lova, mas Sara fizera nós duplos quando ajudou a sua irmã a amarrá-los.

— Deixe que eu faça isso, disse Sivving. — Você está com pressa.

Levantou Lova e se sentou com ela no colo, em um banquinho verde de madeira que desapareceu por completo debaixo de seu corpanzil. Com paciência começou a desatar os nós. Rebecka olhou-o agradecida. As corridas da creche ao carro e do carro até a casa de Sivving a haviam feito suar. Sentia que a blusa se agarrava ao corpo, mas não tinha tempo para tomar banho e trocar de roupa. Só faltava meia hora.

— Vai ficar com Sivving e dentro de um tempo venho apanhá-la, certo? Disse a Lova. Lova concordou com a cabeça e levantou o rosto para Sivving até ver o queixo dele por debaixo.

— Por que se chama Sivving? Perguntou. — É um nome estranho.

— Sim, é estranho, disse Sivving rindo. — Na realidade me chamo Erik. Rebecka olhou-o surpresa e se esqueceu de que tinha pressa.

— O quê? Disse. — Não se chama Sivving? E por que o chamam assim?

— Não sabe? Disse Sivving com um sorriso. — Foi minha mãe. Estudei engenharia de estradas, canais e portos na Escola Técnica Superior de Estocolmo. Depois voltei para casa e fui trabalhar na LKAB. Minha mãe não cabia em si mesma de tão orgulhosa que estava, claro. Teve que aguentar muitas piadas de parte dos vizinhos quando me mandou para Estocolmo estudar. Diziam que só as pessoas finas enviavam os seus filhos para estudar fora e que ela não deveria ter esses ares de grandeza.

A recordação lhe desenhou meio sorriso no rosto e em seguida continuou:

— Quando voltei, aluguei um apartamento na Rua Arent Grape e minha mãe conseguiu uma linha de telefone para mim. E cuidou para que aparecesse o meu título em destaque na lista. CIV ING, quer dizer, engenheiro civil. Pode imaginar como soava: “Caramba, é o “CIV ING”. que

está aqui". Mas com o tempo as pessoas foram se esquecendo de onde vinha o nome e no final todo o mundo me chamava Sivving. E eu me acostumei. Até Maj-Lis me chamava de Sivving. Rebecka o olhava estupefata.

— Caramba que surpresa.

— Não tinha pressa? Perguntou Sivving. Rebecka estremeceu e saiu disparada pela porta. — Não vá se matar na estrada, gritou Sivving através do vento.

— Não coloque desejos inconscientes na minha cabeça, ela respondeu, entrando no carro.

"Deus, que aparência eu devo ter", pensou enquanto ia percorrendo as curvas da estrada que levava à cidade. "Se tivesse meia hora para tomar banho e colocar outra roupa…" Já começara a gravar o caminho para a cidade. Não precisava se concentrar mais cem por cento, já podia deixar livres os pensamentos.

Rebecka está deitada na cama, com as mãos apertadas contra o ventre. "Não foi tão ruim", disse a si mesma. "E agora já fiz". Gente desconhecida de bata branca com mãos impessoais. "Rebecka, vou só colocar uma cânula no seu braço". Um pedaço de algodão frio em contato com a pele, os dedos da enfermeira também estão frios. (Deve ter dado uma fugidinha para fumar um cigarro na varando sob o sol da primavera), "Sentirá só uma picada. Pronto, já acabou". Estivera olhando pela janela o sol que degelava a neve e que fazia com que o mundo brilhasse tanto. A felicidade lhe chegava através de um tubinho de plástico direta no braço. Todo o passado triste se desvanecia. Ao fim de um tempo chegaram mais duas pessoas vestidas de branco e a levaram na maca.

Foi ontem pela manhã. Agora está deitada e a dor a queima por dentro. Já tomou vários analgésicos, mas não servem de nada. Tem frio. Se tomar um banho, ficará aquecida. Quem sabe o calor diminua a dor do ventre. Quando está no banho começa a soltar um sangue espesso. Observa assustada como desliza ao longo da perna. Precisará continuar no hospital. Mais picadas no braço e ficar internada durante a noite.

— Não está acontecendo nada de grave, disse uma enfermeira quando vê que Rebecka mantêm os lábios apertados. — Às vezes, com o aborto, pode

ser que aconteça uma infeção posterior. Não se deve à falta de higiene nem a nada que você tenha feito. Os antibióticos que vamos dar agora ajudarão.

Rebecka tenta corresponder amavelmente ao sorriso, mas a única coisa que consegue é uma careta estranha. "Não é um castigo", pensa. "Ele não é assim. Não é um castigo".

* * *

Sana Strandgård passou para prisão preventiva na sexta-feira 21 de fevereiro às 10:25, suspeita do assassinato do seu irmão Viktor Strandgård. Os repórteres dos jornais e televisões receberam o fato como uma manada de raposas esfomeadas. O corredor que dá para a sala do tribunal ficou profusamente iluminado pelos flashes das máquinas e câmeras que enfocavam o promotor-chefe, Carl Von Post, enquanto este falava com os repórteres. Rebecka Martinsson estava junto de Sana em uma sala situada atrás do tribunal. Havia dois agentes esperando para colocar Sana no veículo que a levaria.

— Recorreremos, não duvide, disse Rebecka. Sana, ausente, brincava com uma mecha de cabelo que segurava entre o indicador e o polegar.

— Deus, como aquele jovem que se encarregava de escrever a ata me olhava, disse. — Reparou?

— Quer que recorra, não?

— Olhava-me como se nos conhecêssemos, mas eu nunca o vi. Rebecka fechou a maleta de golpe.

— Sana, você é suspeita de assassinato. Todos os que estavam na sala estavam olhando-a. Quer que recorra por você ou não?

— Claro que sim, disse Sana olhando para os agentes. — Vamos agora?

Depois que saíram, Rebecka ficou olhando a janela que dava para o estacionamento. A porta da sala do tribunal se abriu às suas costas e, ao se virar, encontrou o olhar escrutador de Ana-Maria Mela.

— Como foi?

— Assim, assim, reconheceu Rebecka com uma careta.

Ana-Maria sentou em uma das cadeiras. Desceu o zíper do anoraque deixando a barriga um pouco mais livre. Depois retirou o gorro de lã acinzentado, ajeitando o cabelo em seguida.

— Sinceramente, estou desejando voltar a ser uma pessoa.

— Pessoa? O que quer dizer? Perguntou Rebecka com um sorriso.

— Colocar um cigarro na boca e tomar café como todo o mundo faz, disse Ana-Maria também rindo. Um menino que rondava os vinte anos apareceu na porta com uma livreta na mão.

— Rebecka Martinsson? Perguntou. — Tem um minuto?

— Daqui a pouco, disse Ana-Maria amavelmente. Levantou-se e foi fechar a porta. — Vamos falar com as filhas de Sana, disse Ana-Maria sem rodeios quando voltou à cadeira.

— Mas… Está brincando, não? Queixou-se Rebecka. — Elas não sabem de nada. Estavam dormindo cada uma em sua cama quando assassinaram Viktor... Von Post quer utilizar a sua técnica de interrogatório machista com duas meninas de onze e quatro anos? Quem vai se ocupar depois delas? Você? Ana-Maria se reclinou na cadeira e pressionou a mão direita bem debaixo das costelas.

— Sabia que reagiria assim pela maneira dele falar com Sana…

— Sim, mas sério, você não…?

— … então providenciei para que o interrogatório das meninas se faça da melhor maneira possível. Um psicólogo infantil nos acompanhará.

— Por quê? Perguntou Rebecka. — Por que precisa interrogá-las?

— Com certeza entende que precisamos fazê-lo. Uma das armas assassinas foi encontrada na casa de Sana, mas não temos provas que a liguem a ela. A outra nós ainda não encontramos. Ou seja, só temos provas circunstanciais. Sana nos contou que Sara estava com ela quando encontrou Viktor e que Lova estava dormindo no trenó. Pode ser que as meninas tenham visto algo importante.

— Por exemplo... Talvez a mãe assassinando Viktor?

— Pelo menos devemos poder descartar isso na investigação, disse Ana-Maria.

— Quero estar presente, afirmou Rebecka.

— Claro, respondeu Ana-Maria complacente. — Falarei com Sana, já que preciso passar na delegacia. Parecia estar normal.

— Nem sequer estava consciente do julgamento, respondeu Rebecka

com gravidade.

— Suponho que é difícil imaginar o que ela está passando. Ficar atrás das grades...

— Sim, disse Rebecka.

Reuniram-se na casa de Gunar Isaksson. Os pastores, o Conselho de Anciãos e Rebecka. Esta é a última a chegar, ainda que só dez minutos antes do horário marcado. Nota como as conversas vão diminuindo na sala quando Gunar fecha a porta atrás dela. Nem a mulher de Gunar, Karin, nem as crianças ficaram na casa, mas na cozinha estão duas grandes garrafas térmicas sobre a mesa redonda. Uma com café e a outra com água quente. Em uma bandeja redonda, prateada, bolos e outros doces cobertos com um guardanapo de pano quadriculado branco e amarelo. Karin também deixou xícaras, pratos e colheres. Inclusive colocou leite em uma jarra. Mas tomarão café mais tarde. Primero vão falar.

— Imagino que se pergunta por que pedimos que viesse.

Frans Zachrisson é quem começa. É do Conselho de Anciãos. Normalmente apenas a olha. Não gosta nem de Sana nem de Rebecka. Mas agora tem um olhar preocupado e terno. Sua voz está cheia de calor e consideração, e isso faz com que Rebecka fique aterrorizada. Ela não responde, se limita a sentar quando ele pede. Outros membros do Conselho de Anciãos olham-na com seriedade. Todos são de meia idade ou mais velhos. Vesa Larsson e Thomas Söderberg são os mais jovens. Têm uns trinta anos. Vesa Larsson tem o olhar cravado na mesa. Thomas Söderberg está sentado na cadeira, inclinado para frente, com os cotovelos nos joelhos. As mãos estão juntas e apoia nelas a testa enquanto mantêm os olhos fechados.

— Thomas apresentou a sua demissão, diz Frans Zachrisson. — Depois do que aconteceu não lhe parece que possa continuar sendo pastor na mesma congregação que você, Rebecka.

Os irmãos concordam para corroborar suas palavras e Frans Zachrisson continua a falar:

— Nos parece muito grave o que aconteceu. Mas também acreditamos

no perdão. O perdão tanto de Deus como das pessoas. Sei que Deus perdoou Thomas e de minha parte também o perdoei. Todos nós.

Cala-se. Pensa um segundo sobre como deve falar do perdão de Rebecka. É um assunto complicado. Abortou apesar das súplicas desinteressadas de Thomas Söderberg, e não mostra nenhum sinal de arrependimento. Existirá perdão sem arrependimento? Rebecka tenta forçar a si mesma a levantar o olhar e cruzar com o de Frans Zachrisson. Mas é incapaz. São muitos. Intimidam-na.

— Tentamos convencer Thomas para que retire a sua demissão, mas não o fez. Será difícil que continue aqui, porque lembraria constantemente do erro que cometeu.

Volta a ficar calado e o pastor Gunar Isaksson aproveita a oportunidade para dizer umas palavras. Rebecka dá uma olhada nele. Gunar está reclinado no sofá de pele. Seu olhar é, sim, quase ansioso. Parece como se a qualquer momento fosse esticar a sua rechonchuda mão para agarrá-la e comê-la inteira sem deixar rastro. Rebecka nota que Gunar está gostando que Thomas Söderberg esteja em um aperto. Thomas é demasiado intelectual para o seu gosto. Conhece grego antigo e está sempre falando do que está no texto original. Estudou Teologia. Gunar só fez o primário. Nestes últimos dias deve ter adorado ficar sentado com os outros irmãos para discutir a "fraqueza" de Thomas Söderberg. Gunar Isaksson diz que ele também foi exposto a tentações, e é neste momento a relação com Deus é testada. Conta que, quando os irmãos do Conselho de Anciãos lhe perguntaram se ainda confiava em Thomas Söderberg, pediu um dia para refletir antes de dizer "sim". Queria que a sua decisão fosse afiançada por Deus. Esperava que Rebecka compreendesse que estava.

— Achamos que Deus tem grandes planos para Kiruna, interrompe Alf Hedman, outro irmão do Conselho de Anciãos, — E acreditamos que Thomas tem um papel destacado nesse projeto.

Rebecka entende perfeitamente por que lhe pediram que viesse. Thomas não pode ficar na congregação se ela continuar, porque então o seu pecado será recordado constantemente. E todos querem que Thomas continue ali.

Ela os satisfez de imediato.

— Não é necessário que ele vá embora daqui, diz. — Eu vou pedir a minha saída na congregação porque irei estudar em Uppsala.

Felicitam-na pela decisão. Além disso, Uppsala tem uma congregação muito boa da qual pode fazer parte. Agora querem rezar por ela. Rebecka e Thomas sentam em duas cadeiras juntas e os demais se colocam em círculo a seu ao redor, se dando as mãos. Imediatamente as palavras saem pela janela em direção ao céu.

Suas mãos são como insetos que percorrem o seu corpo. Por todos os lados. São como placas incandescentes perfurando e queimando a roupa e a pele. Escorrendo em torno de sua alma. Está enjoada. Quer vomitar. Mas não pode. Está presa entre todos esses homens que estão com as mãos apoiadas em seu corpo. Só faz uma coisa. Para de fechar os olhos. É preciso mantê-los fechados quando rezam por você. Mas ela fica com os olhos abertos. Aferra-se à realidade fixando o olhar em seu colo, em uma mancha praticamente imperceptível da saia.

— Ficará para o café, imagino, diz Gunar Isaksson quando terminam.

Ela fica, obediente. Os pastores e o Conselho de Anciãos comem com prazer os bolos caseiros que Karin preparou. Exceto Thomas, que desapareceu quando acabaram de rezar. Os demais falam do tempo e das reuniões previstas para a Semana Santa. Ninguém fala com Rebecka. É como se não estivesse ali. Está comendo um biscoito de coco. Está seco e não desmancha na boca, então tem que ir bebendo o chá para poder engoli-lo. Quando termina, deixa a xícara na mesa, murmura algo parecido a um adeus e escapole pela porta de entrada. Como um ladrão.

* * *

Ana-Maria Mela deu os últimos passos pela neve até a sua casa. A rampa do estacionamento estava coberta outra vez e o carro preso. Afastou a neve da porta com um chute e entrou com um grito:

— Robert!

Não teve resposta. No quarto de Marcus se ouvia música à todo volume. Não valia a pena pedir que saísse para ajudá-la. Só conseguiria se envolver em uma discussão de meia hora. Seria mais fácil ela mesma fazê-lo com a pá, mas não tinha forças. Entrara neve no marco da porta e teve que fechá-la com um golpe para que não voltasse a se abrir. Robert teria ido a algum lugar com Jeny e Petter. Podia ser até a casa de sua mãe.

Marcus trouxera amigos para casa. Provavelmente seriam da equipe de hockey. Sua mochila de treino estava no hall, flutuando em um charco de neve derretida que havia entrado agarrada aos sapatos, e mais outras duas que não reconhecia. Pulou os bastões e levou as molhadas mochilas para o banheiro. Apanhou a roupa de Marcus, passou a vassoura no hall e colocou os sapatos e os bastões ao lado da porta. No caminho para a máquina de lavar roupa, com a roupa esportiva húmida debaixo do braço, passou pela cozinha. Na mesa havia uma embalagem de leite e um pote de chocolate instantâneo. Desta manhã? Ou de Marcus e seus amigos? Agitou com cuidado o leite e cheirou a fresta aberta. Estava bom. Guardou-o na geladeira. Deu um olhar cansado para a pia, transbordando de pratos por limpar, e se dirigiu ao porão. Atrás da porta ainda se via duas caixas cheias de motivos natalinos.

Desceu ao porão. Foi empurrando com os pés a roupa suja que a família ia deixando pela escada e ao final a recolheu com um suspiro. Há mil anos que não tinha forças para passar e dobrar roupa. A montanha de roupa limpa, alta como o pico Tolpagorni, estava ao lado do banco de trabalho, e a roupa suja, amontoada no chão, diante da lavadora. Os montinhos de poeira nos cantos ficavam maiores a cada dia e ao redor do ralo havia uma espuma escura e fedorenta. “Quando entrar de licença”, ela pensou. “Então terei tempo”.

Colocou um monte de meias, roupa interior, lençóis e toalhas na máquina. Girou a roda sessenta graus até o programa B. A lavadora se colocou em marcha com um rugido. Ana-Maria ficou esperando o habitual clique, como se fosse um breve código Morse, que se produzia quando começava o programa, acompanhado do som da água enchendo o tambor. Mas não aconteceu nada. O aparelho continuava com seu rugido monótono.

— Vamos! Disse dando um soco no lado esquerdo.

Uma lavadora nova, não! Custaria várias milhares de coroas. A máquina rugia aflita. Ana-Maria desligou-a e a voltou a ligar. Tentou outro programa. No final lhe deu um chute e começou a chorar. Quando Robert desceu, uma hora mais tarde, ela estava sentada junto ao banco de trabalho dobrando roupa, cheia de raiva e chorando copiosamente. Sentiu as mãos suaves de Robert em suas costas e em seu cabelo.

— O que aconteceu, Mia-Mia?
— Deixe-me! Espetou.

Mas depois, quando a abraçou, ela soluçou contra seu ombro e contou da lavadora.

— E além está uma desordem dos diabos, disse continuando a soluçar. — E quando passo uma porta não vejo mais que coisas para fazer. E agora isso…

Pescou uma roupa riscada de branca e azul da montanha de roupa limpa. O azul estava descolorido e o tecido estava gasto de tantas lavagens.

— Pobre criança. Toda a sua vida terá roupa usada. Irão marginá-lo na escola.

Robert sorriu alisando carinhosamente o seu cabelo. Apesar de tudo, desta vez aconteceram poucas tempestades. Quando esperavam Petter fora pior.

— E o trabalho, continuou. — Nos passaram uma lista de todos os que participaram na Reunião dos Milagres. A ideia era falar com cada um deles, mas hoje colocaram Sana Strandgård na prisão preventiva e agora Von Post quer que dediquemos todos os recursos a ela. Assim prometi a Sven-Erik que eu repassaria a lista, porque formalmente eu não trabalho no caso. O que acontece é que não sei quando vou ter tempo.
— Venha, disse Robert. — Vamos à cozinha, que vou lhe preparar um

chá.

Sentaram-se um em frente ao outro na mesa da cozinha. Ana-Maria remexia apática a colher na xícara enquanto observava como se desfazia o mel na maçã. Robert descascara uma maçã, cortara em pedaços e dera a ela. Ela a colocava na boca sem pensar.

— Tudo sairá bem, disse ele.

— Não diga que tudo sairá bem.

— Então nos mudamos. Você, eu e o bebê. Saímos desta casa que está de pernas para o ar. As crianças apanharão por um tempo. E depois os serviços sociais se encarregarão deles e vão encontrar novos pais.

Ana-Maria deu uma gargalhada e em seguida se assoou ruidosamente em um pedaço de papel rugoso de cozinha.

— Podemos pedir a minha mãe que venha morar aqui, disse Robert.

— Jamais.

— Limparia tudo.

— Nunca jamais.

— Esvaziaria a máquina de lavar louça. Passaria as minhas roupas. Dar-lhe-ia bons conselhos. Robert se levantou e jogou o resto da maçã na pia. "Por que ele não consegue jogar diretamente no lixo?", pensou Ana-Maria cansada.

— Vamos, irei com as crianças compra pizza, disse ele. — Podemos deixá-la na delegacia para que possa ir ver essa tal reunião dos milagres desta tarde.

* * *

Quando Sara e Rebecka entraram na cozinha de Sivving na sexta-feira à tarde, ele e Lova estavam em pleno trabalho de encerar esquis. Sivving segurava uma brocha na mão enquanto derretia um bastão de parafina de base branca, deixando que caíssem umas poucas gotas sobre os esquis, que estavam colocados em posições especiais. Depois espalhou a parafina cuidadosamente por todo o esqui com a ajuda da brocha. Em seguida largou-a de lado e esticou a mão para Lova sem olhá-la. Como um cirurgião.

— Espátula, disse. Lova passou a espátula.

— Estamos encerando os esquis, explicou Lova a sua irmã maior enquanto Sivving raspava o excesso de parafina, que ia caindo na forma de encaracoladas fitas.

— Já vi, disse Sara se agachando para acariciar Bela, que estava deitada no tapete, junto à janela. Ao balançar o rabo, repicava no radiador que tinha atrás.

— Caramba, disse Rebecka a Sivving. — Ocupou toda a cozinha.

— Sim, respondeu. — Para isso se precisa de muito espaço. Será melhor que você também cumprimente Bela antes que ela tenha um ataque. Disse que ficasse deitada para que não mexesse nos esquis nem que se colocasse a brincar com as fitas de parafina. Lova, já pode me passar outro bastão de parafina.

Apanhou-o começou a derreter outro bastão de parafina sobre os esquis.

— Bem, querida, já pode apanhar os seus e lhes dar uma capa de cera azul.

Rebecka se inclinou sobre Bela e coçou-a debaixo do queixo.

— Têm fome? Perguntou Sivving. — Fiz bolos e comprei leite.

Rebecka e Sara se sentaram no banco de madeira, cada uma com seu copo de leite esperando que soasse a campainha do micro-ondas.

— Vai esquiar? Perguntou Rebecka.

— Não, disse Sivving. — Eu não, vocês vão. Pelo visto, amanhã não irá ventar. Pensei que poderíamos apanhar a moto de neve e subir pelo lado do rio até a cabana de Jiekajärvi. E ali esquiar um pouco. Há anos que você não vai lá.

Rebecka apanhou os bolos do micro-ondas e os pôs em um monte sobre a mesa de madeira de pinho. Haviam esquentado muito, mas ela e Sara os iam cortando em pedaços e colocando no leite frio. Lova esfregava a cera intensamente sobre os pequenos esquis.

— Gostaria de ir a Jiekajärvi, mas amanhã preciso trabalhar, disse Rebecka revirando os olhos.

A cabeça doía por trás das pálpebras como se estivesse sendo perfurada por um cinzel. Apertou o indicador e o polegar no alto do nariz. Sivving lhe deu uma olhada. Viu o bolo que havia deixado pela metade junto ao copo de leite. Deu a Lova o pano de encerar e mostrou como precisava espalhar a cera.

— Ouça, disse a Rebecka, — Suba e tire um tempo para você. As meninas e eu sairemos com Bela e depois prepararemos algo para comer.

Rebecka subiu ao quarto. A cama dupla de Sivving e Maj-Lis estava perfeitamente feita no silencioso aposento. As grandes maçanetas torneadas das portas haviam ficado escuras e brilhantes de tantos anos de limpeza. Teve vontade de passar a mão por cima. O céu cinza mantinha presa no exterior a maior parte da luz do dia e no quarto só havia escuridão. Deitou e se cobriu com a manta de lã que estava recolhida aos pés da cama. Estava cansada, tinha frio e pontadas na cabeça. Intranquila, apanhou o telefone para escutar as mensagens. A primeira que ouviu era de Måns Wengren.

— Não precisei de nenhuma cabeça de cavalo, disse. — Mas prometi à jornalista que seria a primeira a conhecer a história se retirasse a denúncia por agressão. “Que história?”, pensou Rebecka irritada.

Esperava que Måns dissesse algo mais, mas a mensagem acabou e uma voz sem tonalidade lhe disse a hora exata que havia chegado a seguinte. “O que achava?”. Disse brincando consigo mesma. “Que seria carinhoso e teria vontade de conversar?”. A segunda mensagem era de Sana.

“Olá”, dizia Sana brevemente. “Acabo de saber pela Ana-Maria que vão interrogar as meninas. Com um psicólogo infantil intermediando tudo. Não quero que façam isso e me surpreende que não tenha me dito nada. Tenho muita pena de que não nos entendamos, assim decidi que meus pais se ocuparão das meninas de agora em diante”.

Rebecka desligou o telefone sem escutar o resto das mensagens. Então bateram à porta e apareceu a cabeça de Sivving. Viu-a deitada na cama, observando o celular que tinha na mão.

— Acho que deveríamos trocar isso por um brinquedo de verdade, disse. — Fará bem ir até Jiekajärvi. Ali não tem cobertura, assim pode deixar isso em casa sem mais. Só queria dizer que a comida estará pronta dentro de uma hora. Subirei para acordá-la. Agora durma um pouco. Rebecka olhou-o.

— Não vá, disse. — Conte algo da minha avó.

Sivving se aproximou do armário, apanhou outra manta de lã e a pôs por cima de Rebecka. Depois apanhou o telefone e o deixou sobre a mesinha-de-cabeceira.

— A gente por aqui nunca pensou que Albert, o seu avô, chegasse a casar. Quando ia à casa de alguém sempre ficava calado em um canto e com o gorro na mão. Foi o único de todos os irmãos que ficou na fazenda com o pai. E o pai, o seu bisavô Emil, era um tipo duro de roer. Tínhamos um medo tremendo dele. Merda. Uma vez nos pegou jogando pôquer no canteiro de areia. Achei que ia me arrancar as orelhas. Era um cristão devoto. Albert foi a um enterro em Junosuando e quando voltou tinha acontecido alguma coisa. Continuava calado, como antes, mas era como se estivesse sorrindo para si mesmo, ainda que sem fazer o menor gesto com a boca. Não sei se me entende. Havia conhecido a sua avó. E naquele verão foi várias vezes visitar a família em Kuoksu. Emil ficou uma fúria quando Albert desapareceu em plena temporada de colheita. No final ela veio visitá-lo. E já sabe como Théia era. Quando se tratava de trabalho não havia quem lhe fizesse sombra. Em qualquer caso, não sei como aconteceu a coisa, mas de repente ela e Emil se puseram a colher, cada um no meio do campo onde pastavam as ovelhas, o prado entre o campo de batatas e o rio. Foi como uma espécie de competição. Recordo-me como se fosse hoje. Era o final do verão, os mosquitos já haviam chegado e era na hora do jantar, assim picavam maravilhosamente. Nós fomos olhar. Isak, o irmão de Emil, também estava conosco. Não chegou a conhecê-lo. Uma pena. Emil e Théia iam colhendo em silêncio cada um com seu saco. Nós também estávamos calados. A única coisa que se ouvia eram os insetos e o piar dos passarinhos ao entardecer.

— Ela ganhou? Perguntou Rebecka.

— Não, mas de certo modo Emil também não ganhou. Foi o primeiro a terminar, mas não levava muita vantagem de sua avó. Isak coçou a barba e disse: "Bem, Emil, acho que teremos que dividir o carneiro pela metade." Emil havia cortado como uma fera, mas não havia ficado muito igual. Em troca, a metade de sua avó… Parecia como se tivesse colhido de joelhos e usado cortador de unhas. Bom, agora já sabe como sua avó ganhou o respeito por parte de seu bisavô.

— Conte mais, disse Rebecka.

— Noutra ocasião, respondeu Sivving sorrindo. — Agora durma um pouco. Ao sair, fechou a porta. "Como vou conseguir dormir?", pensou Rebecka.

Tinha a sensação de que Ana-Maria Mela havia lhe mentido. Ou quem sabe, mentido não, mas ocultado algo. E por que Sana se mostrava tão negativa a que interrogassem às meninas? Era porque ela tampouco confiava em Von Post? Ou era porque haveria um psicólogo infantil no meio? Por que alguém havia escrito para Viktor um postal dizendo que não haviam feito nada ruim aos olhos de Deus? Por que a mesma pessoa havia ameaçado Rebecka? Ou quem sabe não fosse uma ameaça, mas um aviso? Tentou lembrar o que estava exatamente na nota. "Deus santo, como vou conseguir dormir assim", pensou com o olhar fixo no teto. Mas logo em seguida caíra num sono profundo.

Acordou com uma ideia que lhe veio à mente, abriu os olhos na escuridão do aposento e ficou totalmente quieta para não afugentá-la. Era algo que Ana-Maria lhe dissera. "Só temos indícios".

— Se só existem indícios, o que está faltando? Sussurrou olhando para o teto. Motivos. E que motivos poderiam descobrir interrogando as filhas de Sana?

De repente uma imagem ficou definida claramente. Viktor e as meninas. Rebecka tentou retirar a ideia da cabeça. Impossível. E ainda assim era terrivelmente possível. Começou a se lembrar de coisas de quando havia chegado a Kurravaara. Lova limpando a si mesma e à cadela com detergente. Sana não dissera que sempre fazia o mesmo? Não parecia a típica atitude que as crianças adotam quando…? Não se atrevia a terminar a frase. Pôs-se a

pensar em Sana. Sua roupa provocante. E seu pai, influente e perigoso. “Como não pude ver?”. Pensou. A família. O segredo de família. Não pode ser, mas deve ser isso. Mas, ainda assim, Sana não matara Viktor. Sana não conseguiria fazê-lo mesmo que quisesse. Veio à memória aquela vez que Sana comprara uma torradeira que não funcionava. “Não se atreveu a devolvê-la”, pensou. Se não fosse eu, jogaria fora sem reclamar.

Sentou-se na cama e ficou pensando um tempo. Se Sana não queria que interrogassem as meninas, provavelmente seus pais já estariam a caminho para levá-las. Sem dúvida já teriam tentado abrir a porta da casa de sua avó. E com certeza voltariam a qualquer momento. Apanhou o celular e ligou para Ana-Maria Mela no seu número do trabalho. Ela atendeu de imediato. Parecia cansada.

— Não posso explicar agora, disse Rebecka. — Mas se de verdade quer interrogar às meninas posso levá-las amanhã de manhã. Mais tarde será muito difícil.

— Bem, foi a única coisa que disse. — Eu remarco.

Marcaram para a manhã seguinte e Rebecka prometeu ir com as meninas. “Uma coisa de menos”, pensou Rebecka se levantando da cama. “Sinto muito, Sana, mas não escutarei o correio de voz até amanhã â tarde, assim não vou saber que você quer que seus pais fiquem com as meninas”. Precisava evitar que a localizassem até o dia seguinte. Não podia ficar ali com as meninas porque Sana já estivera na casa de Sivving.

* * *

Na delegacia, Ana-Maria Mela estava sentada diante do computador repassando uma a uma as fotos dos participantes na reunião. O corredor que dava para o escritório estava às escuras. Na mesa havia metade de uma pizza de atum, fria, dentro da caixa.

Era surpreendente a quantidade de pessoas que apareciam tanto no registro de criminosos quanto no registro de suspeitos e em outros registros pelo estilo. Na maioria se tratava de delitos por drogas combinados com roubos e delitos com violência. “Drogados, canalhas e agora convertidos”,

pensou Ana-Maria. Havia anotado o nome de alguns que havia lhe parecido que valesse a pena controlar. Quando pensou em ligar para Robert viu uma nota sobre um assassinato. O veredicto era do tribunal de Gävle doze anos atrás. Sentença: "Internamento com atenção psiquiátrica". Nenhuma outra anotação desde então. "Caramba", pensou. Está aqui sem permissão ou lhe deram alta? Preciso dar uma olhada neste. Desligou o telefone e ligou para casa. Marcus atendeu. Pareceu decepcionado quando notou que era a mãe e não outra pessoa.

— Diga ao papai que chegarei mais tarde, disse.

Rebecka desceu à cozinha. Sivving estava colocando a mesa para o jantar. Apanhara as mesmas travessas de duralex, cobertas com tampa de baquelite preta e os pratos de porcelana com flores amarelas que se lembrava de quando era pequena. Havia passado muito tempo sentada nessa cozinha falando com Maj-Lis e Sivving.

— Fiz almôndegas.

— Estou a ponto de desmaiar de tanta fome que tenho, disse Rebecka. — Cheira muito bem.

— Dois terços de carne de alce e um terço de carne de porco.

— Onde estão as meninas? Sivving fez um gesto para a sala.

— Ouça, disse Rebecka, — Poderia usar a sua moto e o reboque? Quero ir para Jiekajärvi hoje mesmo com as meninas.

Sivving pousou a frigideira de ferro sobre o fogão. Como toalha de mesa pôs um pano de cozinha dobrado que tinha as iniciais de Maj-Lis bordadas em vermelho, em ponto de cruz.

— Aconteceu algo? Perguntou Sivving. Rebecka concordou com a cabeça.

— Não é nada grave, disse, — Mas não podemos ficar aqui. Se os pais de Sana vierem perguntar, você não sabe onde estamos.

— Certo, disse Sivving. — Tenho macacões de inverno para você e as meninas. E levarão também comida e lenha seca. Bela e eu iremos amanhã de manhã. Mas não deixarei que saiam com o estômago vazio.

Rebecka entrou na sala. Lova e Sara haviam espalhado páginas de jornal por toda a mesa rebatível e estavam concentradas pintando pedras. No meio da mesa havia uma pedra com um desenho já pintado que utilizavam como referência. Era de um tamanho um pouco maior que um punho e representava um gato acocorado com uns olhos grandes de cor turquesa.

— Meus netos fazem isso no verão, disse Sivving da cozinha. — E pensei que Lova e Sara também gostariam. Na cozinha Bela latiu nervosa. — Cale-se, ordenou Sivving. — Não sei o que está acontecendo, disse a Rebecka. — Há meia hora que começou a latir assim. Será uma raposa ou algo assim. Acordou-a? Rebecka negou com a cabeça.

— Olhe Rebecka, estou pintando Chapi! Gritou Lova.

— Mmm, que bonito, respondeu Rebecka, ausente. — Depois precisarão guardar as pedras e as pinturas; vamos com a moto de neve dormir na cabana de minha avó.

* * *

As seis e quinze, Rebecka dirigia pelo caminho de Sivving para o rio. Havia colocado uma balaclava e um gorro de pele, mas ainda assim precisava piscar com força por causa neve que lhe pulava no rosto. Os flocos de neve que estavam caindo refletiam a luz dos faróis da moto e a impediam de enxergar além de um metro. Sara e Lova estavam enfiadas dentro do reboque, cobertas com mantas de viagem e peles de rena junto com o material. Apenas se lhes podia ver a ponta do nariz.

Ao passar pelo jardim da avó parou a moto diante da casa. Na realidade deveria subir para apanhar os pijamas das meninas, mas poderia acontecer dos pais de Sana aparecer nesse momento. Não, o melhor seria que não entrasse. Se conseguisse manter as meninas afastadas até o dia seguinte, seria suficiente para que o psicólogo conseguisse falar com elas. Depois o serviço social se ocuparia do problema. Então já teria feito por elas tudo o que estava em suas mãos. Acelerou e começou a descer até o rio. A escuridão ia ficando às suas costas como uma tela de cinema. E o vento apagava imediatamente as impressões da moto.

Na cozinha da avó Curt Bäckström está aguardando como uma sombra.

Junto à janela, apoiado na parede, observando os faróis da moto enquanto desaparecem no caminho do rio. Na mão direita tem uma faca. Desliza com cuidado o dedo indicador pelo fio para sentir uma vez mais se está afiada. Em um dos bolsos de seu macacão de inverno tem três sacos negros de plástico. No outro as chaves que apanhou do casaco de Rebecka. Está há muito tempo esperando na escuridão. Agora pisca os olhos um momento. É agradável. Tem os olhos secos e o calor lhe queima. As raposas têm tocas e os passarinhos ninhos, mas o filho de Deus não tem onde descansar a cabeça.

Ana-Maria Mela vai pela autoestrada de Österledem até Lombolo. Eram dez e quinze da noite. Dirigia muito depressa. Sven-Erik se segurava de forma automática na parte superior do porta-luvas quando o carro patinava sobre as partes nevadas. A mão enfiada na grossa luva não tinha onde se agarrar. À direita, através do telão de neve, se viam os fracos pontos de luz do supermercado OBS.

Diminuindo antes do retorno, barulho de rodas ao pisar o acelerador.

À esquerda se vê o Museu do Espaço, como se fosse uma nave extraterrestre prateada que encalhou. O letreiro vermelho brilhante. A área de casas unifamiliares, as avenidas Sten, Klipp, Block, com seus caminhos limpos de neve e cheios de comida para os pássaros.

— Chama-se Curt Bäckström, disse Ana-Maria. — Foi julgado por assassinato há doze anos e o colocaram na psiquiatria, como se chamava então. Não temos mais informações.

— De acordo. Quem matou?

— O padrasto. Com varias facadas. Sua mãe viu e testemunhou contra ele. No interrogatório disse que tinha medo do rapaz.

— Do rapaz?

— Só tinha dezenove anos. Agora mora lá em baixo, em Lompis. Talplan, 5B. Uma das minhas colegas de Gävle conhece alguém do escritório do juiz. Foi lá depois de sair do trabalho e me enviou um fax com as sentenças. Às vezes é fácil conseguir que as pessoas ajudem.

Girou para entrar na garagem. Longas filas de estacionamento. Uma casa de casas de dois andares, de madeira, construída nos finais dos sessenta.

Saíram do carro e começaram a andar. Não se via ninguém, apesar de ser a noite de sexta-feira.

— A justiça deixou-o sair há dois anos, continuou Ana-Maria. — Precisava receber atenção médica, assim mantinha contato com Gävle. Com regularidade lhe injetavam um antidepressivo, Depot, e se portava bem no trabalho. No entanto, segundo o patrão veio morar em Kiruna. Janeiro do ano passado. O médico do hospital psiquiátrico de Gälivare disse que em Kiruna não solicitou mais tratamento.

— Assim que…

— Assim que não sei, mas provavelmente há um ano não recebe a medicação de que precisa. E isso não é estranho? Quero dizer, você mesmo viu as fitas da comunidade. "Não use mais remédios! Deus é o seu médico!"

Ficaram de pé um momento diante da porta da escada. Os dois apartamentos estavam às escuras. Sven-Erik segurou a maçaneta da porta. Ana-Maria desceu a voz.

— Perguntei ao médico de plantão o que aconteceria a uma pessoa que deveria tomar Depot e não o faz.

— E…

— Então já sabe o que acontece… Não podem se pronunciar em casos específicos… Varia de indivíduo a indivíduo… Mas ao final deixou sair que quem sabe, eventualmente, provavelmente, era possível que pudesse piorar. Bem, inclusive ficar mal de verdade. Sabe o que disse quando eu expliquei que havia uma igreja onde diziam que deviam parar de tomar os medicamentos?

Sven-Erik negou com a cabeça.

— Disse: "A gente fraca costuma se sentir atraída pela Igreja. E as pessoas que querem ter poder sobre as pessoas fracas, também.". Ficaram calados uns momentos. Ana-Maria viu que o vento preenchia com neve as impressões que haviam deixado na escada da entrada.

— Vamos entrar, disse.

Sven-Erik abriu a porta e entraram no escuro vestíbulo. Ana-Maria

apertou o interruptor da luz. À direita, uma pequena tabuleta informava que Bäckström morava no primeiro apartamento. Subiram andando. Muitas vezes os dois estiveram em edifícios em que os vizinhos haviam ligado por causa de brigas. Aquelas portas cheiravam como era habitual. A detergente e cimento. Bateram, mas ninguém abriu. Escutaram através da porta; mas tudo o que se ouvia era a música do apartamento de frente. Haviam visto de fora que as janelas estavam às escuras. Ana-Maria abriu a fenda do correio insertada na porta para tentar ver algo. O apartamento também estava às escuras.

— Teremos que voltar.

* * *

Entardecer e Amanhecer: Sexto Dia

ÀS QUATRO E VINTE da madrugada. Rebecka está sentada junto à pequena mesa da cozinha na cabana de Jiekajärvi. Vê os seus olhos refletidos no vidro da janela. Lá fora alguém poderia estar olhando-a sem que ela soubesse. De repente aquela pessoa poderia colocar o rosto contra o vidro e a imagem dos seus rostos se misturarem. "Pare já", disse a si mesma. "Não tem ninguém lá fora. Quem vai sair à rua nesta escuridão e nesta tempestade?".

O fogo crepita e no tubo da lareira o ar emite um tom longo e desolado, acompanhado pelo vento, que está aumentando lá fora e o som surdo da lâmpada de querosene. Levanta-se e coloca mais duas achas de lenha. Quando existe tempestade é preciso manter o fogo com vida. Se não, a cabana estará gelada de manhã. O implacável vento busca passagem entre as feridas das paredes e do marco da velha porta ocre. Houve um tempo, antes de Rebecka nascer, que aquela porta era da pocilga. Sua avó havia contado. E antes estivera noutra parte. Era uma porta muito bonita e muito bem feita para a pocilga. Provavelmente primeiro estivera numa casa que teria sido derrubada. E foi então que aproveitaram a porta.

No chão vê os tapetes de retalhos da avó, colocados em várias capas. Isolam e não deixam passar o frio. A neve que se amontoou contra as paredes também isola. E a parede que dá para o norte está mais resguardada por causa de um monte de lenha coberto com um toldo para protegê-lo da neve. Ao lado da lareira se vê a bacia esmaltada para água com uma grande colher de aço inoxidável e um grande cesto para a lenha. Bem ao lado estão as pedras em que Sara e Lova pintaram o gato, em cima de uns números antigos das revistas Alers e Land, para não manchar. Ainda que a pedra de Lova pareça mais um cachorro. Está enroscado com o focinho entre as patas, olhando

para Rebecka. Para maior segurança, Lova escreveu “Chapi” sobre as suas costas pintadas de preto.

As duas meninas estão dormindo na mesma cama, com os dedos manchados de tinta e cobertas até as orelhas com dois edredons. Antes de se deitar, as três estiveram desenrolando os colchões, retirando o ar frio que havia neles. Sara dorme com a boca aberta e Lova se enfiou entre os braços de sua irmã. As duas têm as faces vermelhas. Rebecka apanha um dos edredons e o coloca em cima da cama. “Não é o meu trabalho protegê-las”, convence a si mesma. “A partir de amanhã não haverá mais nada que eu possa fazer por elas.”.

Ana-Maria Mela está sentada na cama com a lâmpada acesa. Robert dorme a seu lado. Tem duas almofadas às costas e se apoia na cabeceira. Nos joelhos está o álbum de Kristina Strandgård com recortes de imprensa e fotografias de Viktor. A criança se move no ventre. Sente um de seus pés.

— Ei, disse massageando o duro vulto que forma o pé. — Não dê chutes em sua mãe.

Olha uma foto de Viktor Strandgård sentado na escada em frente da Igreja de Vidro, em pleno inverno. Na cabeça usa um indescritivelmente feio gorro verde feito de crochê. O cabelo longo cai por sobre o ombro esquerdo. Mostra o seu livro à câmera, **O CÉU, IDA E VOLTA**. Está sorrindo. Parece sincero e relaxado. “Será que ele fez algo às filhas de Sana?”, pensa Ana-Maria. “É só uma criança.”. Começa a se angustiar pelo que vai acontecer no dia seguinte. O interrogatório das filhas de Sana Strandgård. “Seja como for, você terá um bom pai”, pensa se dirigindo à criança que leva no ventre.

De repente se sente muito comovida. Pensa naquela pequena vida. Completamente feita e capaz de viver, com dez dedos nas mãos e nos pés, e uma personalidade própria. Por que sempre começa a chorar e exagerar? Nem sequer pode ver um filme da Disney sem que se ponha a chorar no momento mais triste, antes que no final tudo se acerte. Será verdade que aos catorze anos já estava grávida de Marcus? E a gravidez de Jeny e Petter? Também já estão muito maiores. A vida passa tão depressa... De repente se vê invadida por uma profunda gratidão. “Realmente não tenho do que me queixar”, pensa se dirigindo a algo lá fora, no universo. “Uma família maravilhosa e

uma boa vida. Mais do que teria direito a pedir.”.

— Obrigado, diz Ana-Maria sem se dirigir a alguém em especial. Robert troca de postura, fica de lado e se envolve completamente no edredom.

— De nada, responde Robert dormindo.

* * *

Sábado, 22 de Fevereiro

REBECKA se serve café de uma garrafa térmica e senta junto à mesa da cozinha. “E se Viktor abusou das meninas de Sana?”. Pensa. Será que Sana estava fora de si e o matou? Quem sabe terá ido lá para pedir explicações e… “E o quê?”. Interrompe-se. Que se indignou e por arte de magia apanhou uma faca de caça de algum lado e a cravou até matá-lo? Além de lhe bater na cabeça com algo duro que casualmente levava no bolso? “Não. Não pode ser.”. E quem escreveu para Viktor aquele postal que estava em sua Bíblia? “O que fizemos não é ruim aos olhos de Deus”.

Apanha os frascos com as tintas que as meninas estavam usando e abre um velho jornal sobre a mesa. Desenha Sana. Parece mais uma bruxa de conto de fadas com o cabelo longo e encaracolado. Abaixo desenha Sara e Lova. Ao lado desenha Viktor. Ao redor da cabeça deste desenha uma auréola que fica um tantinho inclinada. Depois une os nomes das meninas e o de Viktor com uma linha. Também desenha uma linha entre Viktor e Sana. “Mas aquela relação agora está quebrada”, pensa separando as linhas que unem Viktor com Sana e as meninas.

Reclina-se na cadeira e deixa correr o olhar sobre o austero mobiliário. A cama verde, feita a mão, a mesa da cozinha com quatro cadeiras, todas diferentes, a bancada com lavatório vermelho de plástico e o banco que fica no canto, atrás da porta. Em outros tempos, quando usavam a cabana como apoio a caça, seu tio Affe costumava colocar a escopeta sobre aquele banco, inclinada contra a parede. Lembrou que o seu avô franzia o cenho porque não gostava que ele fizesse isso. O avô sempre colocava a arma com cuidado em sua proteção e a guardava debaixo da cama. Atualmente sobre o banco se vê o machado e em num gancho, por cima, está pendurada a serra.

"Sana", Rebecka pensa, e volta a olhar para o desenho que fez. Desenha pequenas espirais e estrelas em cima da cabeça de Sana. "Sana-cabeça-de-vento". Que não consegue fazer nada sozinha. Um monte de idiotas lhe fizeram as coisas ao longo de toda a sua vida. Ela mesma é uma maldita idiota. Nem sequer precisou me pedir que viesse. Eu mesma vim como um cachorrinho.

Retira os braços e as mãos de Sana pintando por cima de negro. Agora está impedida. Depois desenha a si mesma e escreve por cima: **IDIOTA**. O desenho a faz compreender. O pincel repassa tremulamente as figuras que pintou sobre o jornal. Sana não consegue fazer nada sozinha. Sem braços e sem mãos. Quando Sana precisa de algo, alguém aparece como um idiota e faz. Rebecka Martinsson é um exemplo desse tipo de idiota. Se Viktor abusou das filhas de Sana… E ela fica tão furiosa que quer matá-lo... O que acontecerá então? Então aparecerá algum idiota e matará Viktor por ela. Pode ter sido assim? Deve ter sido assim. A Bíblia. O assassino pôs a Bíblia de Viktor na gaveta da cozinha de Sana. Naturalmente. Não para que acusassem Sana. Era um presente para ela. A mensagem, o postal com a caligrafia emaranhada, era dirigido a Sana, não a Viktor. "O que fizemos não é ruim aos olhos de Deus." Matar Viktor não seria um pecado aos olhos de Deus.

— Mas quem? Diz Rebecka para si mesma em voz alta, desenhando um coração vazio ao lado da figura de Sana. Dentro do coração desenha uma interrogação.

Escuta atentamente. Tenta ouvir algum som através da tempestade. Um som que não faça parte daquilo. E de repente ouve, o ruído de uma moto de neve. Curt. Curt Bäckström estava sentado em uma moto debaixo da janela olhando para Sana. Rebecka se levanta e olha ao seu redor. "O machado", pensa presa do pânico. Vou apanhar o machado. Mas não ouve mais o ruído do motor. "É imaginação. Calma". Anima a si mesma. Sente-se. Está cansada, nervosa, com medo e escutou mal. lá fora não tem ninguém. Senta, mas não consegue afastar o olhar da maçaneta da porta. Deveria se levantar e fechar à chave. "Não comece outra vez", pensa como fazendo um conjuro. "Lá fora não tem ninguém.".

De repente a maçaneta da porta se movimenta. A porta se abre. O rugir

da tempestade penetra junto com uma torrente de ar frio. Um homem vestido com um macacão de inverno entra rapidamente. Fecha a porta atrás de si. Primero ela não consegue ver quem é. Depois ele retira a capuz e a balaclava. Não é Curt Bäckström. É Vesa Larsson.

* * *

Ana-Maria Mela está sonhando. Sai de um carro de polícia e corre com seus colegas pela estrada E10, entre Kiruna e Gälivare. Vão até os restos de um carro acidentado que está virado dez metros abaixo. Custa-lhe correr. Os colegas já estão ao lado do carro acidentado e chamam-na aos gritos.

— Apresse-se! Você está com a serra. Temos de retirá-los!

Continua correndo com a motosserra na mão. Em alguma parte ouve uma mulher gritando de tal forma que lhe dói o coração. Por fim chega. Liga a motosserra. Corta a lataria do carro. Fixa a vista em uma cadeirinha de crianças que está virada, mas não consegue ver se tem alguma criança sentada nela. A motosserra continua emitindo um ruído metálico, e de repente algo soa penetrante e escandalosamente. Como um telefone. Robert empurra Ana-Maria para o lado e volta a adormecer quando ela levanta o fone. No outro lado da linha se ouve a voz de Sven-Erik.

— Sou eu, diz. — Voltei agora da casa de Curt Bäckström, mas ele não apareceu por lá à noite toda, pelo menos ninguém o viu.

— Mmm, murmura Ana-Maria. A sensação de pesadelo continua. Olha o relógio do rádio, que fica ao lado da cama. Vinte para as cinco. Inclina-se para trás na cama e se senta apoiando as costas contra a cabeceira.

— Não foi lá sozinho, não é? Pergunta.

— Não discutamos agora, Mela. Escute. Como parecia que ele não estava em casa, já que não abria, fui à Igreja de Vidro para ver se teria alguém ali durante a noite, mas não vi ninguém. Então liguei para os pastores, Thomas Söderberg, Vesa Larsson e Gunar Isaksson, nessa ordem. Pensei que possivelmente saberiam aonde andavam as suas ovelhas e onde Curt Bäckström ficaria se não estivesse em casa.

— E?

— Thomas Söderberg e Vesa Larsson não estavam em casa. Suas esposas

me disseram que com certeza estariam ainda na igreja por causa da tal reunião, mas eu afirmo Ana-Maria, que na igreja não tinha ninguém. Bem, claro que poderiam estar ali, escondidos na escuridão, calados como raposas, mas não acho. O pastor Gunar Isaksson estava em casa, atendeu no décimo toque e estava mais adormecido do que acordado. Ana-Maria ficou pensando um momento. Sentia-se aturdida e um pouco indisposta.

— Me pergunto se seria suficiente para fazer uma revista, replicou. — Seria interessante entrar no apartamento de Curt Bäckström e ver o que tem lá. Ligue para Von Post e pergunte. Sven-Erik suspirou do outro lado da linha.

— Ele está convencido de que foi Sana Strandgård, respondeu. — E não temos nada para adicionar, mas de qualquer maneira… Tenho um pressentimento ruim a respeito desse garoto e vou entrar.

— Em sua casa?

— Vou chamar Leny, o serralheiro da Lås & Larm. Esse não faz perguntas. Mandio enviar a fatura para a polícia.

— Que pouca vergonha você tem. Ana-Maria pôs os pés no chão. — Espere-me, adicionou. — Robert terá que retirar a neve para que possamos sair.

* * *

— Calma, Rebecka, diz Vesa Larsson. — Só queremos conversar. Não faça nenhuma bobagem. Sem tirar os olhos de cima dela, apalpa com a mão às suas costas para segurar a maçaneta e descê-la.

"Queremos?" Pergunta. Quem? De repente se dá conta de que ele não viria sozinho. Entrou primeiro para se assegurar de que a situação estava sob controle. Vesa Larsson abre a porta e dois homens entram na cabana. Fecham a porta atrás deles. Estão vestidos com roupa escura. Não se vê nenhuma parte de seu corpo. Usam balaclava e óculos de sol. Rebecka tenta se levantar da cadeira, mas as pernas falham. É como se o corpo não lhe respondesse. Seus pulmões são incapazes de aspirar ar. O sangue que lhe corre pelas veias desde que nasceu parou. Como um rio depois da construção de uma represa. No estômago sente um enorme nó.

"Não, não, merda.".

O último a entrar retira o gorro e deixa à mostra um cabelo escuro e brilhante. É Curt Bäckström. Seu macacão de inverno é preto. Usa botas para moto, com duras proteções. Sobre o ombro carrega uma escopeta, de dois canos. Tem o nariz e as pupilas dilatadas como um cavalo preparado para a guerra. Olha-a fixamente nos olhos, que brilham. "Com este tipo tenho que ir com muito cuidado", pensa. Olha às meninas pelo rabo do olho. Dormem profundamente. Sabe quem é o outro antes que retire o balaclava e os óculos de sol. O que importa o que use? Reconheceria em qualquer parte. Thomas Söderberg. Seus movimentos. A forma de dominar o lugar onde se encontra. É como se tivessem ensaiado. Curt Bäckström e Vesa Larsson ficam de guarda cada um a um lado da porta da cabana.

Vesa Larsson a olha de passagem. Mas quem sabe não tão de passagem. É o mesmo olhar que o pai das pequenas crianças tem no supermercado. Com os músculos do rosto rendidos. Como se já não pudessem ocultar o cansaço. O olhar morto. Levam o carrinho de compras entre as estantes como asnos apalermados, surdos ao choro dos filhos e às conversas ao redor.

Thomas Söderberg dá um passo à frente. Primero não a olha. Com movimentos tensos e alertas baixa a zíper do macacão de inverno e retira os óculos. São novos, pelo menos desde a última vez que o viu, mas isso já faz muito tempo. Observa ao seu ao redor, no aposento, onde estão, como um comando militar em um filme de ficção-científica. Registra tudo, as meninas, o machado e ela, junto à mesa da cozinha. Depois relaxa. Desce os ombros. Seus movimentos ficam mais suaves, como um leão passeando pela savana. E se volta para Rebecka.

— Lembra-se daquela Semana Santa que me convidou a vir aqui com Maja? Pergunta. — É como se fosse outro mundo. Por um momento achei que não a encontraria nesta escuridão e com a tempestade que faz.

Rebecka observa-o. Coloca o gorro e as luvas dentro dos bolsos do macacão. Não tem o cabelo mais ralo. Algumas mechas brancas entre o restante, castanho. No demais está como sempre. Como se o tempo tivesse parado. Talvez tenha aumentado um pouco de peso, mas é difícil de se ver.

Vesa Larsson se apoia no marco da porta. Respira com a boca aberta e

mantém o rosto um pouco levantado, como se estivesse enjoado pela viagem. Vai acompanhando o olhar de Curt para Thomas e depois olha para ela, mas não para as meninas. “Por que não as olha?”. Curt se balança para frente e para trás. Olha às vezes para Rebecka e às vezes para Thomas. O que irá acontecer? Curt apanhará a escopeta que está pendurada no ombro e a matará? Precisa ganhar tempo. “Fale mulher. Pense em Sara e em Lova.” Rebecka apoia as mãos no extremo da mesa e se levanta da cadeira.

— Sente-se! Ordena Thomas, e ela se senta de golpe como um cachorro espancado. Sara geme, mas não acorda. Vira-se na cama e sua respiração volta a ser profunda e tranquila.

— Foi você? Ruge Rebecka. — Por quê?

— Foi o mesmo Deus, Rebecka, responde Thomas, sério.

Ela reconhece o tom sério e a postura. É assim o aspecto e a forma de falar que tem quando quer demostrar aos seus ouvintes, que o que disse é importante. Todo o seu ser se transforma. É como se fosse uma árvore que viesse à superfície. Com as raízes no centro da terra. Completamente sério, forte, poderoso. E humilde ante Deus. “Por que este espetáculo? Não, não é por ela. É Curt. Ele está… manipulando.”.

— E as meninas? Pergunta. Thomas agacha a cabeça. Existe algo frágil em seu tom de voz. Algo quebradiço. Não parece que a voz dele vá aguentar as palavras.

— Não sei… Balbucia… Não sei como vou poder perdoá-la por ter me obrigado a fazer isto, Rebecka. Como se fosse um sinal invisível, Curt retira a luva da mão direita e apanha uma corda de cânhamo de um bolso de seu macacão. Ao se voltar para Curt, Rebecka engole o nó que lhe bloqueia a garganta.

— Sei que ama Sana, diz. — Como pode gostar dela e matar as suas filhas?

Curt fecha os olhos. Continua balançando para frente e para trás, como se não a ouvisse. Depois move os lábios sem dizer nada e em seguida responde:

— São filhas das sombras, declara Curt. — Tem que ser eliminadas. Se

pudesse continuar fazendo-o falar. Ganhar tempo. Preciso pensar. Thomas deixa-o falar, não se atreve a fazer outra coisa. — Filhas das sombras? O que quer dizer?

Inclina a cabeça para um lado deixando descansar a face contra a sua mão, da mesma forma que geralmente Sana faz, se esforçando para que a voz saia tranquila. Curt fala sem se dirigir a alguém, com o olhar fixo na lâmpada de querosene. Como se estivesse sozinho. Ou como se tivesse um ser dentro da luz que o escutasse.

— Tenho o sol nas costas, declara. — Diante de mim está a minha sombra. Vai à frente, mas, quando eu entro, terá de se dobrar. Sana terá mais filhos. Me dará dois filhos varões.

"Estou a ponto de vomitar", pensa Rebecka, sentindo que está lhe subindo pelo corpo o sabor do picadinho de carne de alce misturado com bílis. Se levanta. Tem o rosto branco como a neve. As pernas tremem. Sente o corpo como se pesasse várias toneladas, as pernas como uns delgados palitos. Em um instante, Curt se coloca ao seu lado. Tem o rosto distorcido pela raiva. Grita com tal força que tem que inspirar ar após cada palavra.

— Tem… De… Ficar… Sentada!

Com força lhe dá um soco no estômago e ela se dobra para frente como acionada por uma mola. Suas pernas perdem as poucas forças que restam. O chão vem de encontro ao seu rosto. Sente o tapete da avó na face e uma insuportável dor no estômago. Em cima dela, vozes alarmadas. "Preciso fechar os olhos um momento. Só um momento. Depois voltarei a abri-los. Prometo. Sara e Lova. Sara e Lova. Quem está gritando? É Lova quem grita assim? Só um momento…".

* * *

O serralheiro Leny, de Lås & Larm, abre a porta do apartamento de Curt Bäckström e sai dali. Sven-Erik Stålnacke e Ana-Maria Mela estão às escuras no patamar da escada. Só a luz da rua entra pela janela que dá para o pátio interior. Está tudo em silêncio. Olham-se e concordam com a cabeça.

Ana-Maria puxou a sua pistola, uma Sig Sauer. Sven-Erik entra e Ana-Maria escuta como ele diz debilmente "Alô?". Ela fica fora, de guarda. "Devo estar maluca", pensa. As costas doem pouco, mas de forma contínua. Apoia-se na parede e respira fundo. Imagina que ele está lá dentro, às escuras. Se fazendo de morto. Ou escondido em algum lugar. E quando sai me dá um empurrão e me joga escadas abaixo.

Sven-Erik acende a luz do hall.

Ela olha para dentro. Só um ambiente. Do hall se vê a sala de estar, onde também fica o dormitório. É um apartamento estranho. Será verdade que alguém viva ali? No hall não existe nada móvel. Nenhuma cômoda com gavetas e o correio do dia por cima. Nem tapete. Montado na parede se vê um cabide, mas ali não tem nada pendurado. A sala de estar se encontra também vazia. Quase. Sobre o chão se veem algumas lâmpadas e na parede está pendurado um grande espelho. As janelas estão tapadas com lençóis negros. Tampouco tem alguma coisa nos parapeitos. Nem cortinas. Na outra parede está encostada uma cama individual de pinho. O cobertor é azul claro, acolchoado, sintético.

Sven-Erik sai da cozinha. Nega com a cabeça de forma quase imperceptível. Seus olhares se encontram. Cheios de perguntas e maus pressentimentos. Vai até o banheiro e abre a porta. O interruptor da luz fica no interior. Estica o braço. Ela ouve o clique, mas a lâmpada não acende. Sven-Erik fica de pé no umbral da porta. Ela o vê de lado. Vê a mão apanhando o chaveiro. Carrega ali uma pequena lanterna. O fino facho de luz passa através da porta. Aperta os olhos para ver melhor. Ela faz um movimento que ele vê pelo rabo do olho, porque levanta a mão e faz um gesto para que pare. Ele dá um passo para dentro e mantem um pé no umbral. Em seguida sai do banheiro. Em passos rápidos. A boca aberta. Os olhos como pratos e o rosto desencaixado.

— Ligue, diz, afônico.
— A quem? Ela pergunta.
— A todos! Acorde a todos!

* * *

Rebecka abre os olhos. Quanto tempo ficou desacordado? No alto vê o rosto de Thomas Söderberg. Parece um eclipse do sol. O rosto descansa na sombra e a lâmpada de querosene está inclinada acima de sua cabeça, formando uma coroa ao redor de seus castanhos cabelos. Ainda lhe dói o estômago. Mais do que antes. E além da dor, por fora, nota algo quente e molhado. Sangue. Morta de medo pensa que Curt não lhe batera. Enfiara a faca.

— Isto não é o que planejamos, diz Thomas, se dominando. — Temos que pensar um pouco.

Gira a cabeça. Sara e Lova estão deitadas sobre a cama. Uma aos pés da outra. Têm as mãos amarradas às pernas da cama pela corda de cânhamo. Na boca aparecem pedaços de tecido branco de algodão. Sobre o chão, a seu lado, um lençol rasgado. Foi daí que retiraram os pedaços de tecido que estão em suas bocas. Rebecka pode ouvi-las respirar energicamente para conseguir ar suficiente através do nariz. Lova está resfriada. Mas respira. "Calma, está respirando. Merda.".

— A ideia, diz Thomas Söderberg, pensativo, — A ideia era colocarmos fogo na cabana. E colocaríamos em você a chave da moto de neve. Pensariam que saíra daqui de camisola ou camiseta. Naturalmente, aproveitara a ocasião. Quem não aproveitaria? Mas com a tempestade e o frio açoitando a moto, eu acho que, no máximo, conseguiria se afastar uns cem metros. Depois teria caído, ficando congelada em poucos minutos. Para a investigação policial seria um acidente muito simples. Pegou fogo na cabana, o pânico lhe invadiu, deixou as meninas e saiu quase nua. Tentou sair com a moto e morreu congelada a poucos metros daqui. Uma investigação pouco complicada. Sem perguntas. Agora será mais difícil.

— Pensa em deixar que as meninas queimem aqui dentro? Thomas morde o lábio, como se não a tivesse ouvido.

— Acho que levaremos você conosco, diz. — Ainda que o seu corpo se queimasse, restariam as marcas da facada. Não posso me arriscar.

Interrompe-se e vira a cabeça quando Vesa Larsson entra com um

depósito de gasolina de plástico vermelho na mão.

— Nada de gasolina, diz Thomas, irritado. — Nada de líquido inflamável nem produtos químicos. Tudo isso apareceria na investigação científica. Colocaremos fogo nas cortinas e na roupa de cama com fósforos. Aponta Rebecka com a cabeça. — Levá-la-emos conosco, continua. — Coloquem um toldo no reboque da moto de neve.

Vesa e Curt desaparecem através da porta. A tempestade ruge, mas fica calada quando a porta se fecha de novo. Ficou sozinha com ele. O coração bate acelerado. Precisa se apressar. Se não, o corpo falhará. Curt deixou a escopeta ao lado da porta? Seria complicado colocar o toldo debaixo da tempestade com a arma nas costas. Move-se um pouco até lá.

— Não entendo o que está fazendo, recrimina Rebecka. — Deus não disse "Não matarás"?

Thomas suspira. Está de cócoras ao seu lado.

— No entanto, a Bíblia está cheia de exemplos em que Deus retirou vidas, responde. — Não entende Rebecka? Viu-se obrigado a ir contra as suas próprias regras. E eu não sou assim. Ele me falou e enviou Curt. Foi mais do que um sinal. Tive que obedecê-lo.

Fica calado para retirar o muco que sai do nariz. Está ficando com o rosto vermelho pelo calor da lareira. Deve estar com muito calor usando o macacão de inverno.

— Não tem nenhum direito a se permitir destruir a obra de Deus. Os meios de comunicação armariam um escândalo com o assunto econômico e depois tudo acabaria. O que aconteceu em Kiruna foi muito grande e, ainda assim, Deus me permitiu entender que foi só o princípio.

— Viktor o ameaçou?

— Ao final se convertera em uma ameaça para todos. Inclusive para si mesmo. Mas sei que agora está com Deus.

— Conte-me o que aconteceu. Thomas nega impaciente com a cabeça.

— Não tenho nem tempo nem motivo, Rebecka.

— E as meninas?

— Podem contar coisas de seu tio que… Ainda precisamos de Viktor. Seu nome não vai ser manchado. Sabe quantos dependentes de drogas ajudamos a cada ano? Sabe quantas crianças recuperam os seus pais, que estavam desajustados? Sabe quantos vão recuperar a fé? Trabalho. Uma vida digna. Casamentos unidos. Nas noites Deus me falou disso uma e outra vez.

Interrompe-se e estica a mão até ela. Passa os dedos pela boca e em seguida pelo pescoço.

— Amava-a tanto como amava a minha própria filha. E você…

— Eu sei. Perdoe-me. Aproxima-se um pouco mais. — E agora? Chora. — Me quer agora?

A cara dele fica tensa.

— Matou o meu filho. O homem que só tinha filhas. Que queria ter um filho.

— Eu sei. Penso nisso todos os dias. Mas não…

Vira a cabeça para o lado e tosse. Aperta a mão contra o estômago. Depois se volta até ele de novo. Lá está. Viu-a. A trinta centímetros de sua cabeça. A pedra em que Lova pintara Chapi. Quando ele ficar suficientemente próximo.... Apanhar e bater. Não duvidar. Apanhar e bater.

— Havia alguém mais. Não era…

Sua voz desaparece em um tênue sussurro. Ele se inclina até ela. Como uma raposa tentando ouvir um rato debaixo da neve. Ela, com os lábios, tenta formar palavras que ele não consiga ouvir. Por fim se agacha até ela. “Não duvide, conte até três.”.

— Peça por mim… Sussurra em seu ouvido. Um… —… Não foi o único com quem eu… Dois… —… não era seu filho … Três!

Ele fica gelado durante um segundo, mas é o suficiente. O braço dela se alonga como se fosse uma cobra e apanha a pedra. Fecha os olhos e bate com

todas as forças. Contra a testa. Em sua mente vê a pedra sair como um projétil diretamente contra a cabeça dele e em seguida até a parede. Mas quando abre os olhos vê que ainda tem a pedra na mão. Thomas está deitado de lado, muito próximo dela. Quem sabe as suas mãos fizeram o gesto de proteger a cabeça. Ela não entende bem. Já se pôs de joelhos e volta a bater. Uma e outra vez. Sempre contra a cabeça. É suficiente. Agora é preciso se apressar.

Larga a pedra e tenta se colocar de pé, mas as pernas não a mantêm. Engatinha pelo chão até perto da porta. Ao lado do machado está a escopeta de Curt. Continua se arrastando de joelhos e se apoiando com a mão direita. Com a esquerda pressiona o estômago. Precisa de tempo. Se entrarem antes, acabou tudo. Apanha a arma. Ergue-se ainda de joelhos. Tem as mãos trêmulas. Desarma o gatilho. Abre a escopeta. Está carregada. Fecha a arma. Se arrastra pelo chão para trás, até chegar ao centro. Os tapetes estão manchados de sangue. Manchas como grandes moedas de seu próprio sangue. Impressões borradas da mão direita, onde segurou a pedra.

Se andarem ao redor da casa, poderão vê-la através da janela. Mas não farão isso. Por que fariam? Sente-se mal. "Não vomite." Como vai poder então com a escopeta? Continua se arrastando para trás, meio sentada, com uma mão apertada contra o estômago. Estica a mão até a mesa e a puxa pela perna. Aperta a escopeta contra si. Senta-se apoiando as costas em uma das pernas da mesa. Encolhe um pouco as pernas. Coloca a escopeta sobre o músculo de maneira que aponte para a porta. E começa a esperar.

— Fiquem calmas, disse para Lova e Sara sem tirar os olhos da porta. — Fechem os olhos e fiquem calmas.

Curt é o primeiro a entrar. Atrás dele vem Vesa. Curt tem tempo de vê-la com a escopeta. Nota os dois buracos negros apontando para ele. Em uma fração de segundo a expressão de seu rosto muda. Da irritação pelo frio, do vento e do rígido toldo, não passa ao medo, mas sim a algo diferente. Primero ao se dar conta de que não vai chegar a tempo até ela. Depois o olhar fica apático. Rebecka não afasta a arma o suficiente e recebe o retorno dela numa costela quando perfura o ventre de Curt. Este cai para trás, na porta. A neve entra velozmente através dela. Vesa está paralisado.

— Para dentro! Grita Rebecka apontando a arma para ele. — Ele também. Sente-se! Vesa faz o que ela disse e se deixa cair de cócoras diante da porta. — Sente-se no chão! Ela ordena.

Ele cai sentado. Com o macacão de inverno seus movimentos são lentos. Não poderá se colocar em pé de novo se não fizer um grande esforço. Sem que ela diga algo, cruza as mãos atrás da nuca. Curt está deitado entre os dois. No silêncio que surge quando fecharam a porta, deixando a tempestade lá fora, se ouve a respiração de Curt. Como suspiros curtos. Joga a cabeça para trás. "Estou cansada. Muito cansada.".

— E agora vai me explicar tudo, disse a Vesa Larsson. — Se disser a verdade, continuará vivo.

— Sana Strandgård veio me procurar, diz Vesa quase sem voz. — Estava… Desfeita em lágrimas. Sim, já sei que é uma expressão absurda, mas deveria tê-la visto. "Posso imaginar perfeitamente", pensa Rebecka. — Disse que Viktor havia abusado de suas filhas.

Rebecka olha para meninas. Ainda estão amarradas à cama com pedaços de pano dentro da boca. Tem medo de desmaiar se for se arrastando até lá. E se disser a Vesa que as solte, pode tirar a arma de suas mãos com um chute. Precisa esperar um pouco. Respiram. Depois pensará no que fazer.

— O que quer dizer com "abusar"?

— Não sei, foi algo que Sara me disse quando se deu conta do que acontecia. A mim tampouco ficou claro. Mas prometi que falaria com Viktor. Eu… Interrompe-se, confuso.

"Sana faz com que as pessoas fiquem confusas", pensa. Leva ao bosque e depois rouba a bússola.

— E?

— Sou um idiota, geme. — Pedi que não falasse com a polícia nem com mais ninguém. Ela já tinha falado com Patrik Mattsson, mas eu o chamei em seguida para dizer que Sana havia se equivocado. Ameacei-o se contasse algo.

— Continue, ordenou Rebecka, impaciente. — Falou com Viktor? A arma em cima das pernas pesa cada vez mais.

— Não quis me escutar. Na realidade não foi conversa. Inclinou-se sobre a minha mesa e me ameaçou. Disse-me que eu tinha os dias contados como pastor da comunidade. Que não toleraria que os pastores retirassem dinheiro de nossas atividades.

— A sociedade limitada?

— Sim. Quando iniciamos a VictoryPress eu achava que tudo seria legal. Bom, parei de pensar nela, foi isso o que aconteceu. Deu-nos a ideia um da congregação que era autônoma. Disse-nos que tudo estava certo. Declarávamos os gastos da sociedade e a Fazenda nos devolveria o imposto. Claro que a congregação nos dava o dinheiro para as inversões por baixo da mesa, mas considerávamos que todas as propriedades eram da Fonte de Nossa Fortaleza. Como eu via, não enganávamos ninguém. Mas quando Viktor me ameaçou e eu quebrei o sigilo profissional e contei para Thomas as suspeitas de Sana, eu compreendi que estávamos numa situação delicada. Thomas teve medo. Entendeu? Em três horas o mundo começou a cair. Viktor estava agressivo e perigoso com as crianças. Ele, que sempre as amara. Havia ajudado na escola dominical e essas coisas… Fiquei doente! E Thomas tinha medo. Logo ele, que parecia ter nervos de aço. E eu havia me convertido em um criminoso. Posso descer as mãos? Doem-me os ombros e a cabeça.

Ela concordou.

— Decidimos que falaríamos todos juntos com ele, continuou. — Thomas disse que Viktor precisava de ajuda e que receberia essa ajuda da comunidade. Assim naquela noite…

Fica calado e os dois se voltam para Curt, deitado no chão entre eles. O tapete que está debaixo dele está manchado de vermelho. A respiração passa para um assovio apenas perceptível. De repente para de respirar. Fica calado. Vesa Larsson olha-o. As pupilas se dilatam pelo medo. Depois olha para Rebecka e a escopeta que ela tem sobre os joelhos. Rebecka pisca. Começa a se sentir fraca. Era como se a história de Vesa já não mais lhe interessasse. Já não precisa ordenar que continue falando porque ele fala sem parar.

— Viktor não queria nos escutar. Disse-nos que estivera jejuando e rezando. Depois decidiu que havia chegado a hora de fazer uma limpeza à fundo na comunidade. De repente era ele que nos acusava. Disse que nós

éramos os mercadores que precisavam ser expulsos do templo. Que aquilo era a obra de Deus e que estávamos dispostos a entregá-la ao deus do dinheiro. E depois… Meu Deus… Curt apareceu. Não sei se havia escutado tudo ou se acabara de entrar na igreja…

Vesa cerra os olhos e faz uma careta com a boca.

— Viktor apontou para Thomas com o dedo e gritou, não lembro o quê. Curt trazia na mão uma garrafa de vinho sem abrir. Tínhamos celebrado a comunhão durante o encontro. Bateu com ela na parte de trás da cabeça de Viktor. Viktor caiu de joelhos. Curt usava um anoraque muito grande. Colocou a garrafa no bolso e depois apanhou uma faca do cinto e cravou-a. Duas ou três facadas. Viktor caiu para trás e ficou deitado de costas.

— E vocês olhando, sussurrou Rebecka.

— Eu tentei interceder, mas Thomas me impediu. Vesa pressionou os olhos com os punhos. — Não, não é verdade, continuou. — Acho que dei um passo. Mas Thomas só fez um pequeno movimento com a mão e eu fiquei paralisado. Como um cachorro bem adestrado. Depois, Curt se virou e veio até nós. De repente tive medo ao pensar que ele também poderia me matar. Thomas estava completamente quieto com o rosto inexpressivo. Lembro que olhei e pensei que tinha lido isso em algum lugar, o que se deveria fazer se cachorros que haviam ficado raivosos o atacavam. Não correr, não falar, ficar calmo e quieto. Ficamos mais ou menos assim. Curt também não disse nada. Olhava-nos com a faca na mão. Depois se virou e foi outra vez até Viktor...

Vesa gemeu novamente, entre dentes.

— … Esfaqueou-o várias vezes. E retirou os olhos dele com a faca. Depois colocou os dedos nos buracos e pintou com sangue os seus próprios olhos. "Tudo o que ele viu agora eu verei", exclamou. Lambeu a faca como um… Animal! Acho que cortou a língua porque saía sangue pelas comissuras dos lábios. E depois cortou as mãos dele. Esticando e retorcendo. Uma colocou no bolso do anoraque, mas a outra não coube e caiu no chão e… Bem, o depois já não lembro bem. Thomas me levou em seu carro. Saí ao frio na metade e vomitei sobre a neve. Thomas estava falando sem parar. Sobre as nossas famílias. Sobre a comunidade. Que o melhor que podíamos

fazer era ficar em silêncio. Depois me perguntei se saberia que Curt estava lá. Ou, quem sabe, providenciara para que estivesse lá.

— E Gunar Isaksson?

— Ele não sabia de nada. É um inútil.

— Covarde de merda, disse Rebecka, exausta.

— Tenho filhos, gemeu. — Com filhos tudo é diferente.

— Não me convenceu, respondeu. — Quando Sana foi vê-lo, deveria ter ido à polícia e aos serviços sociais. Mas você… Você não queria um escândalo. Não queria ficar sem a bonita casa e o trabalho bem remunerado.

Falta pouco para que não consiga mais manter dobrada a perna direita. Se deixar a escopeta no chão, ele terá tempo de se levantar e chutar a sua cabeça antes que possa reagir. Não enxerga bem. Em sua vista estão aparecendo manchas negras. Como se alguém tivesse disparado bolas de tinta contra uma vitrine. Vai desmaiar. Tem pressa. Aponta para ele com a escopeta.

— Não faça isso, Rebecka, diz. — Se arrependerá pelo resto da vida. Eu não queria isto, Rebecka, mas agora está feito.

Ela deseja que ele tente algo. Um movimento para se levantar. Ou esticar a mão para apanhar o machado. Quem sabe possa confiar nele. Quem sabe leve ela e às meninas no trenó de volta à cidade e se entregue à polícia. Ou quem sabe não. E então: O fogo! As meninas mortas de medo, com os olhos como pratos tentando se desamarrar das fitas com as quais prenderam suas mãos e os pés à cama. As chamas que soltam a carne dos ossos. Se Vesa colocar fogo na casa não haverá ninguém para contar a história. Thomas e Curt levarão a culpa e ele sairá livre. “Ele veio para nos matar”, disse a si mesma. “Lembre-se disso.”.

Está chorando. Vesa Larsson. Há um momento, Rebecka tinha dezesseis anos e estava no porão da igreja de Pentecostes, entre os trastes de pintura falando de Deus, da Vida, do Amor e da Arte.

— Pense em meus filhos, Rebecka. É ele ou as meninas.

Fecha os olhos quando o dedo aperta o gatilho. A detonação é

ensurdecedora. Quando ela abre os olhos, ele continua sentado na mesma posição. Mas já não tem rosto. Passa-se um segundo e o corpo cai para o lado. “Não olhe. Não pense. Sara e Lova.”. Solta a arma e fica de gatinhas. Quando se arrasta lentamente até a cama o corpo inteiro treme pelo esforço. Nos ouvidos tem ruídos e zumbidos. Uma mão de Sara. Uma mão é suficiente. Se puder tocar uma mão… Chega até o corpo sem vida de Curt. Toca o cinto do anoraque. Passa a mão por baixo de seu corpo. Ali está a faca. Apanha-a. É como se tivesse molhado a mão naquele sangue todo. Consegue chegar até a cama. “Agora mão firme. Não machuque Sara.”. Corta a corda e a solta do pulso de Sara. Poe a faca na mão livre dela e vê como seus dedos seguram o cabo.

“Agora. Descanse.”. Afunda no chão. Ao cabo de um momento está com os rostos de Lova e de Sara em cima. Segura a manga da camisa de Sara.

— Lembre-se, diz com voz rouca. — Fiquem na cabana. Mantenham a porta fechada, coloquem os macacões de inverno e se cubram com os edredons. Sivving e Bela vir estarão aqui amanhã. Esperem-no. Escutou, Sara? Só vou descansar um pouco.

Já não lhe dói nada, tem as mãos geladas. Solta a manga da camisa de Sara. Vê os seus rostos como se estivessem flutuando. Ela afunda em um poço e as meninas estão em cima, na luz do sol, olhando para baixo. Tudo fica cada vez mais escuro e mais frio.

Sara e Lova estão de cócoras, cada uma a um lado de Rebecka. Lova se volta para a sua irmã.

— O que ela disse? Pergunta.
— Parece que dizia “Virá me apanhar”, respondeu Sara.

* * *

O vento de inverno balança furioso as esquálidas bétulas diante do hospital de Kiruna. Puxa seus ossudos braços, que se alçam até o céu azulado. Rompe seus dedos abertos e gelados.

Måns Wengrem passa veloz pela recepção da unidade de terapia intensiva. A fria luz das lâmpadas fluorescentes do teto se espalha pela brilhante superfície do chão e sobre a suave cor creme das paredes de cimento do corredor, com seus indescritivelmente feios detalhes em vinho. Todo o seu ser se defende do efeito que lhe causa aquele ambiente. O cheiro de desinfetante e detergente misturados com o ácido olor dos corpos. O constante barulho dos carros metálicos no corredor com refeições, testes ou só Deus sabe o que mais.

"Pelo menos não estamos no Natal", pensou. Seu pai tivera o último infarto no dia de Natal. Há muitos anos, mas Måns ainda pode ver na sua frente a tentativa impotente e falida do pessoal do hospital em criar um ambiente natalino no departamento. Grandes pacotes de biscoitos baratos para o café da tarde, com guardanapos de papel com motivos natalinos. E no fundo do corredor, um abeto de plástico. As agulhas colocadas ao contrário e amassadas após o longo ano na caixa. Bolas desiguais penduradas de fios de sutura dos ramos. Sob os ramos mais baixos, embrulhos onde se sabia que não havia nada. Afastou a lembrança de sua mente. Voltou-se sem parar de andar. O casaco de lã desabotoado parece mais uma capa.

— Estou procurando Rebecka Martinsson! Rugiu. — Há alguém que trabalhe aqui?

O telefone o havia despertado de manhã. A polícia de Kiruna perguntava se ele realmente era o chefe de Rebecka Martinsson. Sim, era sim. Não haviam encontrado nenhum parente em nenhum registro. Quem sabe o escritório sabia se morava com alguém. Não, o escritório não sabia. Perguntou o que acontecera. No final, o policial disse que haviam operado Rebecka, mas depois não deu mais nenhuma explicação. Måns ligou para o hospital de Kiruna. Nem sequer admitiram que estivesse internada. "Confidencial" foi a única palavra que havia conseguido. Depois ligou para uma das sócias do escritório.

— Sinto muito, Måns, mas não posso fazer nada, havia dito. — Rebecka é sua ajudante. Finalmente resolveu apanhar um taxi até o aeroporto de Arlanda.

Uma enfermeira o alcançou na metade do corredor. Seguia-o falando sem cessar enquanto ele abria as portas das salas e olhava dentro. Só entendia a parte legal da conversa dela: "Confidencial… Não autorizado… Chamei a segurança.".

— Moro com ela, adicionou enquanto continuava abrindo portas e olhando dentro.

Encontrou Rebecka sozinha em um quarto com quatro camas. Ao lado da cama havia uma armação com uma bolsa de plástico pendurada, meio cheia de um líquido transparente. Tinha os olhos fechados. O rosto branco, pálido, inclusive os lábios. Aproximou uma cadeira da cama, mas não se sentou. Pelo contrário, se virou irritado para a pequena mulher que o perseguia. Esta desapareceu imediatamente. Seus sapatos de trabalho batiam apressados pelo corredor. Uns minutos depois apareceu outra mulher com bata e calças brancas. Em duas passadas Måns ficou quase em cima dela para ler a pequena identificação que trazia no bolso à altura do peito.

— Muito bem, senhorita Frida, disse de forma agressiva antes que ela tivesse tempo de abrir a boca. Apontou para as mãos de Rebecka. Estavam atadas com gaze aos lados da cama. A enfermeira Frida piscou surpresa antes de atender.

— Acompanhe-me até lá fora, disse docemente. — Vamos ver se nos acalmamos e conseguimos conversar. Måns moveu a mão como se a enfermeira fosse uma mosca.

— Vá procurar o médico que a está tratando, disse irritado.

A enfermeira Frida era atraente. Ruiva natural. Tinha os pômulos altos e os lábios delicadamente pintados em um tom rosa transparente. Estava acostumada a que as pessoas obedecessem ao seu suave tom de voz. Era conhecida por isso. Nunca fora covarde. Pensou se deveria chamar a segurança. Ou quem sabe à polícia, levando em consideração as circunstâncias especiais da paciente. Mas olhou de novo para Måns Wengrem. Passeou o olhar pelo incrivelmente bem passado colarinho da camisa, depois pela gravata cinza listada, até finalizar no discreto terno negro e nos brilhantes sapatos.

— Então me siga e falará com o médico, disse, dando a volta e saindo com Måns atrás dela.

O médico era um homem baixo de cabelo grosso e grisalho. Tinha o rosto moreno e o nariz um pouco descascado. Provavelmente acabara de voltar de férias do estrangeiro. Usava a bata desabotoada e debaixo se via uma camisa turquesa e jeans. No bolso da bata se apertavam umas tantas esferográficas e os óculos. "Angustiado pela idade, com síndrome de hippie", Måns pensou se colocando um pouco mais próximo quando se cumprimentaram, de modo que o médico teve que olhar para cima como um espectador do firmamento. Entraram na sala dos médicos.

— É para o seu bem, explicou o médico a Måns. — Quando acordou arrancou a cânula do braço. Agora lhe demos algo para que durma, mas…

— Está presa? Perguntou Måns. — Ou em detenção preventiva?

— Não, que eu saiba.

— Tomaram alguma decisão com respeito aos cuidados forçados? Alguma ordem judicial dispondo sobre os cuidados?

— Não.

— Caramba, então estamos no Velho Oeste, exclamou Måns, desdenhoso. — Prenderam-na à cama sem ordem da polícia, nem do promotor nem do chefe médico. É privação ilegal da liberdade. Denúncia, multa e sanção por parte da Comissão de Responsabilidades. Mas não estou aqui para criar problemas. Explique o que aconteceu. A polícia deve tê-lo informado. Primero desamarre-a e me traga um café. Em troco disso, serei um cara legal e me sentarei no seu quarto, vigiando para que não faça nenhuma bobagem quando acordar. Não armarei nenhum barulho no hospital.

— A informação que a polícia me deu é confidencial, disse o médico sem convicção.

— Give some, get some, respondeu Måns sem interesse.

Pouco depois Måns estava sentado em uma incômoda cadeira, inclinado para trás, ao lado da cama de Rebecka. A mão esquerda estava entrelaçada nos dedos dela e na outra mão segurava um copinho de plástico num suporte marrom com café muito quente.

— Menina fodida, murmurou. — Quando acordar vai me ouvir.

* * *

Escuridão. Depois dor. Rebecka abre os olhos com cuidado. Na parede, em cima da porta, tem um grande relógio. O ponteiro treme cada vez que salta para a linha seguinte. Olha com os olhos entreabertos, mas não sabe que horas são, ou se é de dia ou de noite. A luz entra por seus olhos como uma faca. A cabeça dói como se estivesse pegando fogo. Tudo salta em pedaços. A cada respiração sente a dor e a contração. A língua agarra no céu da boca. Volta a fechar os olhos e vê o rosto assustado de Vesa Larsson diante dela. "Não faça isso, Rebecka. Se arrependerá pelo resto da sua vida.". Volta a escuridão. Mais profunda. A dor vai deixando de martelar. E sonha.

É verão. O sol esquenta o céu azul. As abelhas voam como bêbadas entre as flores do verão. Sua avó está de joelhos no cais, junto à praia que o rio forma, limpando os tapetes de pano. Foi ela mesma quem fez o sabão com lichia e gordura. A escova de raízes sobe e desce sobre as listras do tapete. A suave brisa do rio não deixa que os mosquitos se aproximem. Na borda do cais se vê uma menina sentada com os pés na água. Prendeu um inseto em um pote de marmelada com buracos na tampa. Fascinada, observa a caminhada do bicho dentro do pote. Rebecka começa a afundar na água. Curiosamente é consciente de que está sonhando e murmura algo para si mesma: "Deixe-me ver o seu rosto. Deixe-me ver como é.". Depois Johana se volta e a vê. Agarra triunfante o pote de marmelada, mostrando-o a Rebecka enquanto seus lábios formam a palavra "Mamãe".

Parecia um postal de Natal. Mas, desta vez, não era. Três reis magos olhando para a criança que dormia. Mas a criança era Rebecka Martinsson e os reis o promotor-chefe Carl Von Post, o advogado Måns Wengrem e o inspetor de polícia Sven-Erik Stålnacke.

— Matou três pessoas, dizia Von Post. — Não posso deixá-la sair assim.

— É um exemplo básico de legítima defesa, disse Måns Wengrem. — Se deu conta, não é? Além disso, é a heroína do dia. Acredite. Os jornais já estão cozinhando uma história tipo Modesty Blaise. Salvou duas meninas, matou os maus… Assim deveria se perguntar que papel quer representar. O

tio de merda que vai à sua caça e tenta colocá-la na cadeia ou uma boa pessoa que quer estar à altura e participar do êxito.

O promotor-chefe passeou o olhar por seu redor. Pousou em Sven-Erik, de onde não deveria esperar nada, nem o mínimo apoio. Fixou o olhar então na manta acolchoada amarela do hospital, que fora remetida para o lado da cama por Rebecka.

— Havíamos pensado em deixar os meios de comunicação afastados, disse. — Os pastores mortos tinham família. Certa consideração… Por baixo do bigode e entre os dentes, Sven-Erik aspirou ar.

— Será difícil manter a imprensa e a televisão afastadas, disse Måns, tranquilo. — De alguma maneira a verdade sempre aparece. Von Post apertou o casaco.

— Certo, mas será interrogada. Antes que vá à para algum lugar.

— Naturalmente. Quando os médicos disserem que pode. Algo mais?

— Ligue quando puder depor, insistiu Von Post para Sven-Erik e desapareceu através da porta. Sven-Erik Stålnacke retirou o anoraque.

— Me sentarei lá fora, no corredor, informou. — Avise-me quando acordar. Gostaria de falar algo com ela. Ia apanhar um café da máquina. Quer um?

* * *

Rebecka despertou. Ao cabo de meio minuto havia um médico inclinado sobre ela. Tinha o nariz e as mãos grandes. Largo de ombros. Parecia um ferreiro bem vestido, com bata branca. Perguntou como estava. Ela não respondeu. Atrás dele havia uma enfermeira com um sorriso compreensivo ainda que não exagerado. Måns estava junto à janela. Olhava para fora, ainda que fosse impossível que pudesse ver algo mais que o reflexo de si mesmo e do quarto atrás dele. Brincava com a persiana. Abria e fechava. Fechava e abria.

— Passou um mau momento, disse o médico. — Tanto física como psicologicamente. A irmã Marie lhe dará um tranquilizante e um pouco mais de analgésico, se algo estiver doendo.

A última coisa falou como que perguntando, mas ela continuou sem responder. O médico fez um sinal com a cabeça para a enfermeira. A injeção surtiu efeito em poucos momentos. Conseguiu começar a respirar normalmente sem que algo doesse. Måns estava sentado ao lado da cama olhando-a em silêncio.

— Sede, disse num sussurro.

— Ainda não pode beber. Com o gota a gota eles dão o que precisa, mas espere um momento. Se levantou. Ela lhe roçou a mão.

— Não fique aborrecido, disse com a voz rouca.

— Isso nós veremos, ele respondeu se dirigindo para a porta. — Estou uma fúria.

Voltou ao cabo de um momento. Trazia consigo dos copos brancos de plástico. Num havia água para que enxaguasse a boca. No outro, dois cubos de gelo.

— Pode chupá-los, disse fazendo ruído com os cubos. — Tem um policial aqui que quer falar com você. Pode entrar? Ela concordou. Måns fez um sinal para Sven-Erik e este entrou e se sentou ao lado da cama.

— E as meninas?

— Estão bem, respondeu Sven-Erik. — Chegamos à cabana depois que… De que tudo já tinha acabado.

— Como descobriu?

— Entramos no apartamento de Curt Bäckström e nos demos conta de que tínhamos de encontrá-la. Bem, falaremos disso depois, mas encontramos um monte de coisas desagradáveis. Na geladeira e no congelador, entre outros lugares. Assim fomos à casa de Kurravaara, ao endereço que deu à polícia. Mas não havia ninguém. O certo é que entramos sem permissão. Depois recorremos ao vizinho mais próximo.

— Sivving.

— Nos levou até a cabana. A menina mais velha nos contou o que acontecera.

— Mas as meninas, estão bem?

— Sim, sim. Sara machucou um pouco o rosto. Esteve tentando ligar a moto. Rebecka se lamentou.

— Eu avisei.

— Mas não é nada sério. Estão no hospital, com a mãe. Rebecka fechou os olhos.

— Gostaria de ver as meninas. Sven-Erik esfregou o queixo olhando para Måns. Este encolheu os ombros e disse:

— Salvou-lhes a vida.

— Bem, bem, respondeu Sven-Erik, se levantando. — Vou falar com o médico, mas não com o promotor, e veremos o que acontecerá.

Sven-Erik empurrava a cama de Rebecka pelos corredores. Måns ia um passo atrasado arrastando o desconjuntado gotejador.

— A jornalista que retirou a denúncia por abuso está me perseguindo, disse Måns a Rebecka.

O corredor onde ficava o quarto de Sana e das meninas dava arrepios de como estava deserto. Eram dez e meia da noite. Havia uma sala de estar um pouco afastada, da qual se via a luz azulada de um televisor, mas não se ouvia nada. Sven-Erik bateu à porta e ficou para trás uns metros, junto a Måns. Olof Strandgård foi quem abriu a porta. Fez um gesto de mal-estar com o rosto quando viu a Rebecka. Atrás dele se via Kristina e Sana. Não se via as meninas. Quem sabe estivessem dormindo.

— Está bem, papai, disse Sana saindo pela porta. — Fique aí dentro com mamãe e as meninas. Fechou a porta atrás de si e se colocou ao lado de Rebecka. Através da porta se ouviu a voz de Olof Strandgård dizendo:

— Foi ela quem pôs em perigo a vida das meninas, disse. — E agora se converteu em heroína? Em seguida se ouviu a voz de Kristina Strandgård, mas não palavras de desculpa, só um murmúrio tranquilizador. Sana fez uma careta para Rebecka.

— Não se preocupe com ele. Todos nós estamos muito afetados e cansados.

— Sara, disse Rebecka. — E Lova.

— Estão dormindo e não quero acordá-las. Direi que veio vê-las.

"Não me deixará vê-las", pensou Rebecka mordendo os lábios. Sana esticou a mão e lhe acariciou a face.

— Não estou com raiva com você, disse docemente. — Entendo que fez o que pareceu melhor para elas. A mão de Rebecka se fechou debaixo da manta. De repente colocou-a para fora agarrando o pulso de Sana como uma marta segura um rato pela nuca.

— Ouça…! Disse Rebecka com um grito contido. Sana tentou se libertar da mão, mas Rebecka a tinha bem presa.

— O que aconteceu? Perguntou Sana. — O que eu fiz?

Måns e Sven-Erik Stålnacke estavam conversando um pouco afastados, mas parecia que haviam perdido a concentração na conversa. Estavam atentos ao que acontecia entre Rebecka e Sana. Sana se recolheu em si mesma.

— O que fiz? Disse de novo gemendo.

— Não sei, respondeu Rebecka segurando o pulso de Sana tão forte quanto podia. — Explique você mesma o que fez. Curt a amava, não? À sua maneira maluca. Quem sabe lhe contou que suspeitava de Viktor? Quem sabe brincou com todo o seu desamparo até que não soube mais o que fazer? Quem sabe chorou um pouco e disse que desejava que Viktor desaparecesse de sua vida?

Sana estremeceu como se alguém tivesse lhe batido. Por um momento algo escuro e estranho apareceu em seus olhos. Ira. Parecia como se desejasse que crescessem as unhas até se converterem em garras de ferro para poder fincá-las em Rebecka. Aquele momento passou e seu lábio inferior começou a tremer enquanto saltaram umas lagrimas no canto dos olhos.

— Eu não sabia… Tartamudeou. — Como ia saber o que Curt ia fazer…? Como pôde acreditar que…?

— Nem sequer estou certa de que foi Viktor, disse Rebecka. — Quem sabe foi Olof. Desde o princípio. Mas deste você não fala. E agora lhes devolve as meninas. Vou fazer uma denúncia. Os serviços sociais terão que abrir uma investigação.

Estavam sobre uma fina capa de gelo. A última placa, o fim de algo que não existia mais. Agora se quebrava entre elas. Cada uma iria para um lado sem poder fazer nada. Rebecka voltou a cabeça e soltou Sana, quase lhe quebrando a mão.

— Estou cansada, disse.

Em um segundo Måns e Sven-Erik estavam ao lado da cama. Os dos cumprimentaram Sana sem dizer palavra. Måns sacudindo a cabeça. Sven-Erik tinha um gesto de triunfo nos olhos. Os homens trocaram as funções. Måns empurrava a cama e Sven-Erik o gotejador. Sem palavras levaram Rebecka dali. Sana Strandgård ficou olhando-os até que desapareceram por outro corredor. Apoiou-se na porta fechada. "No verão", pensou Sana. "Levarei as meninas de férias na bicicleta. Pedirei emprestado um reboque para levar Lova. Iremos a Tornedalen. Com certeza elas gostarão.".

Sven-Erik se despediu e saiu dali. Måns apertou o botão do elevador e a porta se abriu, deslizando para o lado enquanto soava um clique. Maldisse quando a cama se chocou contra a parede do elevador. Quando se esticou para apanhar o gotejador, pôs uma perna diante do sensor para que a porta não se fechasse. Toda aquela ginástica lhe fez perder o alento. Queria um whisky. Olhou para Rebecka. Tinha os olhos fechados. Quem sabe tinha adormecido.

— Vai permitir, perguntou Måns com um sorriso, — Que um velho a leve rodando de um lado para outro?

De um alto-falante instalado no teto se ouviu uma voz mecânica que dizia: "Terceiro andar", e as portas do elevador se abriram. Rebecka manteve os olhos fechados. "Vai continuar empurrando", pensou. Não posso ser muito exigente. Aproveito o que tenho.

* * *

Entardecer e Amanhecer: Sétimo Dia

ANA-MARIA MELA está de joelhos na sala de partos. Agarra-se às pernas da cama de aço e seus punhos empalidecem. Aperta o nariz contra a máscara e respira fundo. Robert lhe acaricia o cabelo, empapado de suor.

— Vamos, grita. — Está saindo.

A dor da contração chega como uma avalancha de neve que desce pela ladeira da montanha. É questão de segui-la. Pressiona, aperta e empurra. Atrás dela duas mulheres. Gritam e incentivam como se fosse o cavalo pelo que apostaram na corrida.

— Vamos, Ana-Maria! Outra vez!

Ao sair a cabeça da criança tudo queima como se tivesse fogo dentro. E agora, quando por fim a cabeça já está fora, a criança desliza para o exterior como uma esquiva truta de rio. Não tem forças para se voltar. Mas ouve o grito exigente e colérico da criatura. Robert lhe segura a cabeça com as duas mãos e a beija no rosto. Está chorando.

— É um menino! E ri entre lágrimas.

Fim